

BRENO EITERER DE OLIVEIRA

**ASSIM FALAVA JÂNIO QUADROS:
OS DISCURSOS DO CANDIDATO À PRESIDÊNCIA (1959-1960)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de pós-graduação em História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito para a obtenção do título de mestre em história

Orientador: Prof^o. Dr^o. Rodrigo Christofolletti

JUIZ DE FORA/ MG

2021

BRENO EITERER DE OLIVEIRA

ASSIM FALAVA JÂNIO QUADROS: OS DISCURSOS DO CANDIDATO A PRESIDÊNCIA (1959-1960)

DISSERTAÇÃO apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de MESTRE EM HISTÓRIA.

Juiz de Fora, 30/08/2021.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Rodrigo Christofolletti - Orientador

Prof. Dr. Leandro Pereira Gonçalves (UFJF)

Prof. Dr. Renato Alencar Dotta (USCS)

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Oliveira, Breno Eiterer de.

Assim falava Jânio Quadros : Os discursos do candidato à presidência (1959-1960) / Breno Eiterer de Oliveira. -- 2021.
165 f. : il.

Orientador: Rodrigo Christofolletti

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, 2021.

1. Jânio Quadros. 2. Eleições. 3. Discurso. 4. História política. 5. Conceitos históricos. I. Christofolletti, Rodrigo, orient. II. Título.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO
DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU**

NºPROPP:407.30082021.24-M NºPPG:M-2021.54

Ata da sessão pública referente à defesa da dissertação intitulada **ASSIM FALAVA JÂNIO QUADROS: OS DISCURSOS DO CANDIDATO À PRESIDÊNCIA (1959-1960)**, para fins de obtenção do título de mestre em História, área de concentração História, Cultura e Poder, pelo(a) discente BRENO EITERER DE OLIVEIRA (matrícula: 102130298-início do curso em 1/3/19), sob orientação do(a) Prof.^(a) Dr.^(a) Rodrigo Christofolletti. Aos 30 dias do mês de agosto do ano de 2021, às 09:00 horas, no(a) / por webconferência, conforme Resolução nº 001/2020-C SPP da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), reuniu-se a Banca Examinadora da Dissertação em epígrafe, aprovada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação conforme a seguinte composição:

Prof.(a) Dr.(a) Rodrigo Christofolletti- Orientador(a) e Presidente da Banca
Prof. (a) Dr.(a) Leandro Pereira Gonçalves-Membro titular interno
Prof.(a) Dr.(a) Renato Alencar Dotta- Membro titular externo
Prof.(a) Dr.(a) Fernando Perlatto Bom Jardim- Suplente interno
Prof.(a) Dr.(a) Leandro Alonso-Suplente externo-

Tendo o(a) senhor(a) Presidente declarado aberta a sessão, mediante o prévio exame do referido trabalho por parte de cada membro da Banca, o(a) discente procedeu a apresentação de seu Trabalho de Conclusão de Curso de Pós- graduação stricto sensu e foi submetido(a) à arguição pela Banca Examinadora que, em seguida, deliberou sobre o seguinte resultado:

- APROVADO (Conceito A).**
- APROVADO CONDICIONALMENTE (Conceito B)**, mediante o atendimento das alterações sugeridas pela Banca Examinadora, constantes do campo Observações desta Ata e/ou do parecer em anexo.
- REPROVADO (Conceito C)**, conforme parecer circunstanciado, registrado no campo Observações desta Ata e/ou em documento anexo, elaborado pela Banca Examinadora.

Observações da Banca Examinadora (caso inexistantem, anular o campo):

Nada mais havendo a tratar,o(a) senhor(a) Presidente declarou encerrada a sessão de Defesa,sendo a presente Ata lavrada e assinada pelos(as) senhores(as) membros da Banca Examinadora e pelo(a)discente,atestando ciência do que nela consta.

INFORMAÇÕES:

- Para fazer jus ao título de mestre(a)/doutor(a), a versão final da dissertação/tese, considerada Aprovada, devidamente conferida pela Secretaria do Programa de Pós-Graduação,deverá ser tramitada para a PROPP,em Processo de Homologação de Dissertação/Tese, dentro do prazo regulamentar de 90 dias a partir da data da defesa. Após a entrega dos dois exemplares definitivos,o processo deverá receber homologação e,então,ser encaminhado à CDARA.
- Esta Ata de Defesa é um documento padronizado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa. Observações excepcionais feitas pela Banca Examinadora poderão ser registradas no campo disponível acima ou em documento anexo, desde que assinadas pelo(a) Presidente.
- Esta Ata de Defesa somente poderá ser utilizada como comprovante de titulação se apresentada junto à Certidão da Coordenadoria de Assuntos e Registros Acadêmicos da UFJF (CDARA) atestando que o processo de confecção e registro do diploma está em andamento.



Prof.(a)Dr.(a) Rodrigo Christofolletti



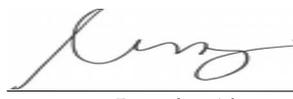
Prof.(a) Dr.(a) Leandro Pereira



Prof.(a)Dr.(a) Renato Alencar Dotta



Prof.(a) Dr.(a) Fernando Perlatto Bom Jardim



Prof.(a)Dr.(a)Leandro Alonso

Prof.(a)Dr.(a)

Prof.(a)Dr.(a)

Prof.(a)Dr.(a)

Prof.(a)Dr.(a)

Prof.(a)Dr.(a)



Breno Eiterer de Oliveira
Discente

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus.

Agradeço e dedico a minha família esse trabalho.

Agradeço ao meu orientador pela oportunidade, pelo apoio e empenho ao longo dessa jornada.

Agradeço aos professores responsáveis pela composição da minha banca de qualificação e defesa por suas valiosas contribuições.

Agradeço a todos os professores que contribuíram com a minha formação.

Agradeço a coordenação do programa por todo o trabalho realizado em defesa dos pesquisadores.

Rendo meus sinceros agradecimentos a todos que contribuíram de alguma forma para que esse trabalho visse a luz.

Resumo

Este trabalho se propõe através de uma leitura ancorada nos discursos de Jânio Quadros, enquanto candidato a presidência da república entre os anos de 1959 e 1960, avaliar as premissas, estratégias e imposição do político no interior do debate eleitoral daquele período, observando a incidência do meio de expressão analisado em relação as perspectivas adotadas por seus interlocutores e detratores, como também em função de fatores contextuais que abrangeram a organização das campanhas. Neste sentido foi realizado um recorte que abrangeu seus principais pronunciamentos públicos, através de uma pesquisa ancorada pelos jornais “Correio da Manhã”, “Tribuna da Imprensa”, “Ultima Hora” e “O Globo”. Envolvendo também as intervenções realizadas por outros atores, como o jornalista e político Carlos Lacerda, o então presidente Juscelino Kubitschek e principalmente o candidato situacionista Marechal Henrique Lott. Através da contextualização de seus discursos em referência a linguagem, aos acontecimentos e noções intermediadas pela atuação de seus pares, buscou-se realizar uma releitura sobre a construção de imagens públicas, manipulação de conceitos, redação de narrativas e contestação de prerrogativas adversárias empreendidas pelo candidato em campanha. Conseqüentemente se almejou trazer novas luzes sobre o político e seus discursos, (popularmente classificados pela adoção de um vocabulário excêntrico) bem como sua atividade e pertinência histórica.

Abstract

This work proposes through a reading anchored in the speeches of Jânio Quadros, as a candidate for the presidency of the republic between the years 1959 and 1960, to evaluate the premises, strategies and imposition of the politician within the electoral debate of that period in relation to the perspectives adopted by their interlocutors and detractors due to contextual factors that encompassed the organization of campaigns. In this sense, a clipping was made that covered his main public pronouncements, through a research supported by the newspapers “Correio da Manhã”, “Tribuna da Imprensa”, “Ultima Hora” and “O Globo”. Involving interventions made by other actors, such as the journalist and politician Carlos Lacerda, the president Juscelino Kubitschek and especially the situationist candidate Marshal Henrique Lott. Through the contextualization of his speeches in reference to language, events, imaginaries and notions mediated by the performance of interlocutors, we sought to carry out a reinterpretation of the functions of the medium in relation to the construction of public images, manipulation of concepts, development of narratives and contestation of opposing prerogatives. Consequently, the aim had a perspective to bring new lights

to the instrument (popularly classified by the adoption of an eccentric vocabulary by the politician), along to his performance and historical relevance.

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1: JÂNIO QUADROS: ENTRE A MÁSCARA E O DISCURSO.....	18
1.1 A fisionomia, psicologia e o discurso: a formação da imagem de Jânio Quadros.....	20
1.2 O discurso: parâmetros de abordagem.....	31
CAPÍTULO 2: REGRESSO, “RENÚNCIA” E RETORNO: O PRELÚDIO TUMULTUADO DA CAMPANHA DE JÂNIO QUADROS.....	40
2.1 Regresso: o Brasil de Cacareco.....	41
2.2 A “União nacional”: amadurecimento ou degenerescência da democracia brasileira.....	61
2.3 Renúncia: ascensão e desistência.....	67
2.4 Retorno: o paradoxal fortalecimento e enfraquecimento de Jânio Quadros.....	77
3 A VASSOURA CONTRA A ESPADA: A CORRIDA PRESIDENCIAL DE 1960.....	82
3.1 Pela humanização da política nacional: o início da caminhada de Jânio Quadros.....	85
3.2 A candidatura Lott e o contexto internacional: aspectos imperativos a campanha oposicionista.....	101
3.3 Propostas, interpretações e acusações: o andamento da disputa.....	112
3.4 A infiltração comunista e a memória de Getúlio Vargas: discurso e controvérsias que marcaram o desfecho das eleições de 1960.....	122
3.5 Um olhar retrospectivo: o governo e a renúncia.....	137
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	142
FONTES.....	144
REFERÊNCIAS.....	145
ANEXO.....	147

INTRODUÇÃO

Sessenta anos após a renúncia, a memória de Jânio Quadros voltou a ser pautada pelos meios de comunicação, apesar do destaque relativo à data sua imagem não se ausentou como vem sendo abordada com relativa frequência no debate público e político recente em função de referências e alusões a atividade exercida pelo atual mandatário do país. Ocorrências que trazem à tona a desqualificação de sua imagem histórica ao englobar um conjunto de significados negativos a sua persona qualificada pelo “erro” de uma escolha “infeliz” do eleitorado, o “desequilíbrio” de ações políticas permeadas pela contradição e a “loucura” manifestada por um indivíduo cujas atitudes não inspiravam confiança. Quadros através de menções populares contemporâneas se constitui como “aquele político excêntrico e desvairado que se tornou presidente”. Caracterização que se furta não só de sua aparência desalinhada como evoca uma memória histórica que frequentemente recorda de maneira jocosa sobre a condecoração do ministro cubano Ernesto Chê Guevara, seus planos de invasão as Guianas e as medidas tidas como “estapafúrdias”, sem qualquer pertinência ao contexto de tribulações que sofria país, como a proibição da rinha de galos e do lança-perfume, completando com a sua “esdrúxula” renúncia ao cargo.

O uso de uma concepção sobre o ex-presidente que em via da associação mencionada vem a ser utilizada em referência a casos públicos de descomedimento político, se significando através de uma relação que prevê desequilíbrio e ineptidão como fatores culminantes a renúncia ou esvaziamento de um cargo político. Uma visão “otimista” que via a oportunidade dos fatos ocorridos em 1961 se repetirem sobre a atual gestão. Exemplos podem ser encontrados em numerosas comparações veiculadas em meios digitais que não raro incluem uma narrativa histórica que acrescenta o também ex-presidente Fernando Collor de Mello¹.

“Jânio Quadros” atualmente se tornou uma palavra, ou mesmo um conceito, e se incorporou ao léxico como um novo signo dotado de um significado próprio a ser utilizado como ferramenta a discursos que visam desqualificar a imagem de determinados políticos. Sua fundamentação não é somente fruto de uma interpretação equivocada sobre fatos históricos como usualmente veicula desacertos sobre a própria conceituação de história, orientada pelo eixo da *História Magistra Vitae* detentora de ensinamentos por sua passibilidade a repetições.

Uma figura controversa que se tornou o objeto de análise dessa dissertação, inserido nos discursos contemporâneos, suas próprias palavras não tiveram a atenção primária de uma obra historiográfica. Lacuna que essa pesquisa se propôs auxiliar a preencher através do suporte de jornais circulantes do estado que deixaria de ser a capital do país durante o período abordado.

¹Referência circulante também em meios físicos, a revista “Veja”, edição 2617, publicou como capa uma montagem da famosa fotografia de Erno Schneider, que retrata no lugar da face de Jânio Quadros, Jair Bolsonaro sem direção com os pés tortos.

Digitalizados e disponibilizados por meio da internet, essas fontes tornaram possível a realização da abordagem defendida, bem como a transformou diante dos desafios e surpresas de sua conseqüente interpelação.

Em sua última herança ao ofício Marc Bloch (2001, p. 83) defendeu a abordagem dessa etapa decisiva de elaboração durante a redação da escrita historiográfica. Segundo o autor seria essencial abordar o âmbito da pesquisa e o percurso pelo qual se desenvolveu e tomou forma o produto final do trabalho. Segundo pontuava, não bastaria simplesmente listar os arquivos vasculhados ou mencionar as fontes utilizadas, isto é, a pesquisa que conferiu materialidade as conclusões concebidas deveria obter o destaque de um capítulo ou, pelo menos, ser exposta ao longo da redação.

Na falta de um capítulo independente, talvez seja a introdução o espaço mais conveniente para cumprir o objetivo proposto pelo insigne historiador. A felicidade e a angústia, caminhos e descaminhos da pesquisa se perdem em meio a exposição dos resultados. Relatar o percurso realizado, conforme incitava Bloch, auxilia a quebrar a frieza que exprime os resultados e conclusões apresentados pelo texto que antes de ser redigido sofreu junto a reveses e se enriqueceu em função de descobertas.

No intuito de abordar a pesquisa empírica é importante compreender o surgimento da proposta temática. Neste sentido vale recordar alguns anos, mais especificamente o início de 2017, enquanto antes de se tornar material de uma dissertação, ideias pouco formuladas vieram a se tornar um projeto de monografia e subsequentemente foram lapidadas em direção a um trabalho de conclusão de curso. Uma empreitada inicial que através de erros e acertos serviu como o ponto de partida para o adensamento das questões exploradas neste trabalho.

Entre o paradoxal vazio e universo de possibilidades atinente a escolha de um tema para redação de uma monografia, a perspectiva abordar Jânio Quadros veio de um interesse antigo por figuras históricas que me incomodavam desde os tempos de escola, entre as quais o próprio ex-presidente e o monarca português Dom João VI. Personagens que tiveram um papel histórico importante, tomaram atitudes audaciosas em seus devidos contextos e mesmo assim um ficou marcado como “louco”, “desarticulado”, um “erro histórico” de uma população suscetível e outro se tornou um glutão ocioso que não tinha nada além do despreparo como referencial. Cada qual foi marcado por estigmas repulsivos, precisavam ser esquecidos pela vergonha que trouxeram a seus respectivos países ou lembrados por motivos de escárnio como meio de puni-los por seus erros e ações deploráveis.

Quanto ao líder português a graduação não havia deixado dúvidas, a historiografia portuguesa ressentida pelo “abandono” tratou de desqualificá-lo a forma que suas ações capazes de ludibriar Napoleão Bonaparte se converteriam em covardia e um apetite insaciável por coxinhas de

frango bem temperadas. Jânio Quadros tinha seus sanduíches de queijo mofado (BOSI, 2003, p. 144), mas esse era o menor dos detalhes. O presidente “louco”, por coincidência o vigésimo segundo, em plena guerra fria tinha a seu favor uma política externa independente ativa e insubmissa aos interesses internacionais, mas ficou marcado por medidas no âmbito dos costumes. Como o legado da mesma figura que colocou o país sob os eixos da PEI, ficou marcado pela proibição da rinha de galos e uma renúncia “sem motivos” que “parafraseava” Getúlio Vargas? Essa talvez fosse uma das perguntas que um aluno se fazia quando era apresentado a Jânio Quadros através da concepção adotada pelos colégios de minha época, ou mesmo os de antes e certamente ainda os de hoje.

No ensino superior a velha incógnita felizmente foi reapresentada durante o período de escolha do tema para a monografia. Através da obra de Thomas Skidmore, Jânio Quadros permanecia descolado dos compromissos políticos, desarticulado, expressava dúvidas, porém se tornava mais inteligível quanto a sua pertinência histórica. Pela produção do historiador norte-americano me deparei com um conceito importante para explicar o comportamento daquele personagem. Uma noção por coincidência em voga no cenário recente através da posição de políticos a nível nacional como João Doria, Marcelo Crivella, ou mesmo Jair Bolsonaro, e no âmbito internacional se manifestava em forte expressividade pela persona de Donald Trump.

Os sentidos compreendidos pelos conceitos de “*outsider*” e “*antipolítico*” foram a chave para um primeiro esboço acerca da abordagem que eu poderia aplicar rumo a problematização do personagem histórico. Pautado por uma visão presentista, anacrônica e pretensiosa sem qualquer reparo ou adensamento observei Quadros como a referência daquela postura política, talvez o progenitor da propaganda ao combate a corrupção no meio político brasileiro. Neste sentido me propus a perguntar como a contestação da corrupção, ou mesmo os desvios administrativos do país se tornaram signos do debate político até chegarem à expressão antipolítica manifestada no contexto mencionado. Hoje sei que caso tivesse levado a ideia adiante sem maiores cuidados, incorreria a “mitologia da prolepse” (SKINNER, 1969, p.22) denunciada por Quentin Skinner e dificilmente teria resultados verossímeis.

Uma pergunta sem recorte temporal, qualquer mensuração das fontes ou enquadramento do objeto de análise, que naquele momento de incertezas parecia ser adequada. Felizmente o orientador mudou os rumos da abordagem através de valiosas intervenções que auxiliaram o desenvolvimento daquele e deste trabalho. Sob a orientação do professor Rodrigo Christofolletti, as minhas premissas pouco estruturadas se tornaram um projeto, para isso o mesmo me indicou um aprofundamento sobre a historiografia relacionada ao tema e mais importante, sugeriu um recorte circunscrito a abordagem do discurso político para aquela monografia através de um escopo reduzido ancorado sob a interpretação do discurso proferido em Juiz de Fora durante as eleições presidenciais de 1960.

Junto as leituras surgiram novas questões como a propaganda política, o personalismo, a participação dos populares, o carisma e o histrionismo de Jânio Quadros, o aprofundamento de seu papel histórico e aceitação de sua imagem pela produção acadêmica conforme construída por detratores. Analisar a trajetória do ex-presidente inevitavelmente passaria a requerer uma avaliação para além da caricatura, um trabalho de desconstrução dos significados que permeiam a sua imagem nos parâmetros populares e reconstruí-la através da pertinência e incidência de seus discursos. Sob a orientação foi realizado um primeiro contato com a metodologia de análise dos discursos no âmbito interdisciplinar, medida de fundamental importância para a realização daquela empreitada. O aprimoramento deste aspecto através de pesquisas sobre o campo da “análise de discurso” e consequente integração do viés proveniente a semiolinguística de Patrick Charaudeau, somadas a associação de novas luzes como a “História dos Conceitos” posteriormente indicada pelo orientador foi fundamental para o amadurecimento das questões que foram direcionadas as fontes durante a presente dissertação.

Realizada, a monografia através de um objeto diminuto buscou relacionar a incidência das posições externadas por Jânio Quadros sob os jornais avaliados, através de colunas e cartas enviadas pelos leitores. Procurou, sem aprofundar-se, identificar aspectos da identidade política do mesmo através de notícias e pronunciamentos externados ao longo de sua carreira, corroborando com a noção já compreendida pela historiografia (MAGALHÃES, 1998) (QUELER, 2011) de que o ex-presidente era uma espécie de “camaleão político”, um homem de diversas faces, aspecto que forneceu o título ao trabalho. E concluiu, através do pronunciamento em Juiz de Fora, defendendo a pertinência de suas palavras ao notar que expressavam sentidos articulados e não estavam a parte das preocupações circunscritas a seu tempo, pelo contrário seguiam em firme sintonia com valores favoráveis no debate político, como a posição pela soberania nacional que naquele momento se identificava com a defesa da Petrobras.

Finalizada, foi avaliada e além da inserção ao período histórico, deixou como heranças para essa dissertação a necessidade da colocação de dois parâmetros imanentes a própria temática que não somente se satisfaz pela leitura e interpretação da atividade de Jânio Quadros como também pelas demandas impostas pelo próprio discurso. Neste sentido foi articulado o primeiro capítulo: “Jânio Quadros: Entre a máscara e o discurso”, que inicialmente se propõe em discutir questões colocadas pela produção acadêmica acerca da imagem e atividade política do ex-presidente, para em seguida abordar o meio de expressão pelo viés de sua interpretação e incidência.

Em direção ao mestrado, seguindo as ponderações do orientador, o recorte de análise se ampliou sem exageros que pudessem comprometer a factibilidade dos trabalhos. Desta forma se optou por continuar no âmbito das eleições, mas desta vez sem recortes. A disputa mais importante da carreira política de Jânio Quadros, a última eleição democrática antes da deflagração do golpe

civil militar de 1964. Um momento significativo que justifica elaboração de um trabalho desse porte. Relatado o processo embrionário e esclarecidas as premissas iniciais que fundamentaram essa dissertação, é possível continuar e abordar o ímpeto da pesquisa, conforme indicou o “pai do ofício”.

Em função dessa nova problemática, era necessário acolher uma abordagem diferente, não se tratava mais de um único discurso, mas de um universo de outros que se inter-relacionaram. A pesquisa se iniciou pela leitura do jornal “Correio da Manhã”, utilizado para a confecção do anterior, uma fonte notável a qual resguardou muitos discursos, integrais e recortados, correspondentes a Jânio Quadros, seus aliados e adversários, mas não só. O próprio meio de comunicação exprimia o próprio discurso a contestar ou corroborar junto a outros que circulavam naquele período.

Atividade desempenhada em maior grau pela segunda fonte abordada, o “Tribuna da Imprensa” que através da voz de seu fundador, charges e imagens cuidadosamente colocadas expressava um viés muito autoral quanto aos acontecimentos do mundo político. Além da perspectiva expressada por esses meios, que fazem circular pronunciamentos políticos no interior de discursos, observou-se a manifestação de outros atores como a Igreja católica, o exército e o Movimento Popular Jânio Quadros (MPJQ). Se o fundamento do trabalho, pela proposta inicial do projeto, era analisar os discursos de um político isoladamente a riqueza das fontes abriu novas oportunidades e perspectivas. Uma abertura corroborada pela leitura teórica de autores como o já mencionado Skinner, seu companheiro de Cambridge John Pocock, o historiador alemão Reinhart Koselleck, entre outras figuras relativas à área compreendida pela linguística em especial Patrick Charaudeau. A potencialidade das fontes oportunizou a capacidade de expandir a leitura daquele contexto para os múltiplos discursos que o permeavam, neste sentido foi redigida a primeira versão do primeiro capítulo encaminhado a qualificação, caracterizado por um conteúdo excessivamente teórico que eclipsou o personagem principal da dissertação.

Mas antes de abordar as críticas do exame, que alteraram profundamente o modo pelo qual a escrita foi concebida. Vale mencionar os entendimentos promovidos pela leitura inicial das fontes. Os dois jornais mencionados estavam longe de dialogarem. O primeiro, por via de colunas e recortes não evidenciados no segundo, mostrava uma relação conturbada entre Jânio Quadros e o maior partido a apoiá-lo. Segundo suas colocações, se entendia que a UDN ao escolhê-lo não o fez pela correspondência de posições, mas pela oportunidade de apoiar um candidato com chances verdadeiras de conquistar a cadeira presidencial. Jânio Quadros, era mais forte que o partido, enquanto este buscava utilizá-lo e dobrá-lo as suas posições foi o primeiro que provocou transformações em sua organização.

Enfim, a relação constituía um mal necessário para realizar as premissas políticas de ambos. Jânio sofria imposições alterando sua forma de expressar-se publicamente, se tornando uma figura

mais formal aos moldes dos “caciques udenistas”, no entanto, não se subordinaria ou abriria mão de sua valorizada independência gerando situações inconvenientes ao partido.

Segundo as páginas do “Tribuna da Imprensa” a relação entre o candidato e seu partido era saudável e apesar das crises os ideais eram compatíveis, no entanto ao contrário do que se esperava ao início da pesquisa a campanha de Jânio Quadros embora acompanhada pelo meio, carecia de discursos apresentados pelo primeiro jornal. Algo que poderia ser visto como uma censura velada as ideias expostas pelo candidato em campanha, ou um processo de escolhas e recortes em via as intencionalidades do discurso veiculado pelo meio, ou ainda uma combinação das alternativas.

Se ambos os jornais expressores de um viés predominantemente janista apresentavam divergências, era necessário recorrer a outras vertentes da imprensa para compreender com profundidade as noções alinhadas a Jânio Quadros como também as adversarias que circulavam naquele contexto. Desta forma se recorreu aos jornais “Ultima Hora”, “Diário da Noite”, “Folha de São Paulo”, a revista “Cruzeiro” e se vislumbrou a oportunidade de vasculhar arquivos em busca da revista publicada pelo clube da lanterna, a “Maquis”. No entanto, por motivos adversos, como a má digitalização, falta de expressividade, ou mesmo a dificuldade de encontrar remanescentes, bem como sobre uma orientação expressada pelos avaliadores da qualificação acerca da dificuldade em trabalhar por tantas vias, somente o “Ultima Hora” entrou para corpus final das fontes.

Contrário a Jânio Quadros e escancaradamente lottista, este jornal trouxe uma nova ótica ao trabalho bem como proporcionou a leitura de discursos inéditos aos outros dois. Se entendia através de suas posições que o candidato pela oposição não tinha chances, era um sujeito desprezível, um peso para a UDN e estava a milhas de distância do situacionista o Marechal Henrique Teixeira Lott o sucessor ideal de Juscelino Kubitschek. Assim como Lott se tornava notícia pelo “Tribuna da Imprensa” em momentos adversos, Jânio Quadros o fazia neste através da abordagem de “comícios fracassados”, “momentos de bebedeira”, intrigas com seu partido e declarações polêmicas, mas a despeito do jornal de Lacerda, excluindo questões que causavam danos severos a campanha situacionista, Lott foi cuidadosamente acompanhado, fornecendo uma fonte potencial para a análise de seus discursos. Abordados esses três jornais e observadas suas potencialidades em alinhamento as reflexões sobre o discurso, se encaminhou para a qualificação um planejamento que expandia os horizontes de análise, deixaria questões relativas ao discurso de Jânio Quadros para o final, e avaliaria as campanhas, situacionista, adhemarista, o discurso de vertentes políticas importantes daquele período como os comunistas e integralistas, além do posicionamento de entidades sociais e a própria imprensa.

Uma perspectiva, no mínimo, ambiciosa que foi criticada pelos relatores que reclamaram pela falta de protagonismo de Jânio Quadros, que como dito havia se perdido no interior de um primeiro capítulo demasiadamente teórico, estava presente no que se planejava como o segundo,

mas por via de terceiros e surgiria por sua voz somente durante o capítulo final. Entre as críticas, questionou-se também a perspectiva de analisar tantos discursos durante o breve espaço de tempo para a conclusão do trabalho. As aspirações que surgiram com as possibilidades apresentadas pelas fontes haviam provocado uma reconfiguração dos propósitos iniciais pelos quais o projeto se fundamentava, tirando-o dos eixos numa prerrogativa frustrada que tomava as eleições como o fato principal a ser analisado.

Após os apontamentos manifestados, o trabalho voltou aos trilhos, Jânio Quadros passou a estar presente do início ao fim, mas a presença de terceiros, essenciais a formação dos sentidos incutidos pelo discurso oposicionista dificilmente poderia ser abandonada. A leitura das fontes e o aprofundamento teórico correspondiam a um importante entendimento, nenhum discurso se significa sozinho, a medida em que não está isento de contestações ou referências a outros. Por sua essência os significados de uma enunciação sempre estarão imersos em um contexto que é histórico, social e intertextual. Através desse fato dificilmente haveria uma maneira de analisar os pronunciamentos do candidato oposicionista isoladamente a emergência de significações concebidas e alteradas pelo momento de expressão ou mesmo por outros discursos. Abraçar esse universo em sua complexidade e multiplicidade seria inviável, porém isolar Jânio Quadros a uma análise restritiva seria inexecutável.

Como encontrar um meio termo? Após reflexões sobre as possibilidades de escrita a solução mais viável foi ceder a narratividade da escrita histórica, se nem mesmo Fernand Braudel conseguiu desvinculá-la da ciência, o que este trabalho poderia senão explorar suas potencialidades. Uma opção viável que não carece de justificativa, já que a escrita de uma história dos discursos inevitavelmente se sobrepõe ao curto prazo, se delineando pela perspectiva dos acontecimentos em função das demandas de seu objeto.

Além das reformulações sobre a escrita e abordagem, o recorte de pesquisa também teve que se adequar, nesse quesito foram dispensados jornais e revistas que ainda não haviam se estabelecido no horizonte de pesquisa. Sob o auxílio dos três que sobraram se fez possível a observação de contrastes juntamente a sobreposição e comparação das fontes, porém outro jornal fecharia a lista. “O GLOBO” o último meio a ser abordado se tornou a fonte principal a compor a escrita, através do mesmo se evidenciavam discursos em maior integralidade e apesar de pender para o viés oposicionista das eleições contava também com uma abordagem cuidadosa sobre a campanha situacionista.

Unidos os quatro jornais, para além da localização dos discursos daquele período, foram também o meio natural para a evidência do contexto global pelo qual se inseriam as eleições e a atividade política daquele tempo. Imerso em uma dupla lógica de esperança, provocada pelos avanços tecnológicos, e temor, sobre a iminência de um conflito bélico sem antecedentes, o

contexto da Guerra fria foi mais que um simples pano de fundo para as eleições presidenciais brasileiras, uma força tangível que interferiu diretamente sobre a formulação dos discursos e rumos das campanhas. No referencial nacional, os nomeados anos dourados não reluziam a glória das narrativas que glorificam o progresso manifestado pelos “50 anos em 5” e a decorrente construção de Brasília. Apesar da popularidade que se tornou marca da imagem pública de Kubitschek, o Brasil testemunhado pelos jornais, aquém de suas orientações editoriais, se caracterizava também pelas contradições do desenvolvimento acelerado.

Em referência ao fluxo dos acontecimentos que marcaram a época, o segundo capítulo “Retorno, “renúncia” e regresso: o prelúdio tumultuado da campanha de Jânio Quadros” se dedicou aos três últimos meses de 1959, um período que pode ser considerado como o marco inicial da disputa eleitoral de 1960. Momento em que Jânio Quadros retornou de uma longa viagem pelo mundo, que teve início nos primeiros meses daquele ano, e começou a disputar o apoio dos partidos para o pleito. Um período marcado pela efervescência de atividades que haveria consequências durante o ano eleitoral. Dividido em três atos principais, “Retorno”, “Renúncia” e “Regresso”, o capítulo abordou as principais movimentações de Jânio Quadros em um período expressivo e conturbado, discutindo suas prerrogativas quanto a sua candidatura, imagem pública e respostas as imposições do contexto sob seus discursos.

O terceiro e último capítulo “A vassoura contra a espada: a corrida presidencial de 1960”, ao partir para o ano eleitoral se propôs a abordar os discursos de Jânio Quadros sob o parâmetro da disputa com seu maior adversário, o Marechal Lott, através de um recorte sobre sentidos concorrentes que foram amplamente repetidos, reforçados e se chocaram em um confronto permeado por fatores de ordem nacional e internacional que moldaram aquele ano.

Enfim, espero que essa breve introdução, através da abordagem da emergência, das decisões e caminhos que foram tomados ao longo da pesquisa e escrita tenha sido capaz de esboçar a problemática decorrente da elaboração dessa dissertação. Sem maiores detalhes a mencionar segue o primeiro capítulo que antes de mais nada se propõe a expor de forma breve e concisa as reflexões que guiaram a construção desse trabalho, servindo como um arcabouço para a leitura dos próximos capítulos.

1. JÂNIO QUADROS: ENTRE A MÁSCARA E O DISCURSO

Marcada pela renúncia, a trajetória de Jânio Quadros não se resume ou se encerrou no fato, e se iniciou na assim adjetivada pelo mesmo “*bruxuleante Campo Grande (...) no imenso e ignoto Mato Grosso*” (O GLOBO, 19 de outubro de 1959), onde nasceu no ano de 1917. Filho do médico e político Gabriel Quadros e Leonor da Silva Quadros, o futuro presidente apesar de demonstrar apreço por suas origens pouco tempo passou em sua terra natal. Acompanhando o trabalho do patriarca, logo após seu nascimento, sua família se mudou para Curitiba onde o mato-grossense cresceu e iniciou sua formação escolar sendo colega do também futuro político Ney Braga no internato do Ginásio Paranaense².

Em sua adolescência realizaria mais um deslocamento, o mais importante de sua vida. Como consequência do triunfo do movimento de 1930 sua família teve que se exilar na capital de São Paulo devido a contraposição de seu pai, alinhado ao Partido Republicano Paulista (PRP), aos revolucionários e consequente demissão do cargo que o fizera inicialmente se deslocar para o Paraná (MAGALHÃES, 2007, p.272). Em São Paulo terminou os últimos anos de estudo, tendo uma formação católica através do colégio Arquidiocesano de São Joaquim de Lorena. Logo em seguida entrou para a faculdade de direito de São Paulo, período em que começou a lecionar português e geografia em colégios da região da Lapa e conheceu sua futura esposa Eloá do Valle. Formado se tornou professor nos colégios Dante Alighieri e Vera Cruz, se casou e através do apoio de seus alunos decidiu ingressar na política se candidatando a vereador pelo Partido Democrata Cristão (PDC) no ano de 1947.

Após uma campanha que contou com o empenho de seus estudantes e articulou as bandeiras de combate a corrupção e moralização da máquina pública, que viriam a ser tornar o cerne de sua identidade política, foi eleito ocupando a segunda vaga reservada a seu partido. Ao início de sua atuação, se apresentou como um político empenhado, sendo recordista no número de proposições. Crítico a política nacional, através de sua atuação impôs a imagem de um “homem sério”, “honesto” e “trabalhador”, manipulando sentidos correspondentes as demandas da sociedade em observância as fragilidades do sistema político vigente (MAGALHÃES, 2007, p.273-277).

O sentido inovador de sua atuação obteve capilaridade e aceitação social promovendo uma adesão cada vez maior do eleitorado paulista que em poucos anos lhe concederia os cargos de deputado estadual em 1951, prefeito em 1953 e governador 1955, período em que sustentaria uma nova qualidade acerca de sua imagem: a eficiência administrativa.

Em sequência, foi indicado e eleito pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) a uma vaga no congresso nacional como representante do Paraná em 1959. Sua rápida ascensão e proeminência

²Quase em sua totalidade esse breve retrospecto bibliográfico foi amparado pelo relato do próprio político a revista Pasquim em 1977.

nacional promoveram o inevitável e durante o mesmo ano foi lançado como candidato a presidência da república pelo Partido Trabalhista Nacional (PTN). Após uma campanha complexa e conturbada, venceu o candidato situacionista Marechal Henrique Teixeira Lott se tornando o vigésimo segundo presidente brasileiro.

Sua atuação como presidente ao contrário do que se esperava, ofuscou o brilho de uma trajetória que parecia em inexorável ascensão, deixando como legado para o país além da política externa independente (PEI), um plano de ações econômicas malsucedido em combater a inflação, medidas no âmbito dos costumes que marcaram a memória popular e um mistério que até hoje gera discussões, sua malfadada renúncia. Após abandonar o cargo se prestou a primeira derrota eleitoral de sua vida pública, sob a fracassada tentativa de retomar o governo de São Paulo perdendo para seu maior adversário político, Ademar de Barros em 1962.

Poucos anos se passaram e sob o governo militar teve seus direitos políticos cassados, declinou participar da frente ampla articulada por Lacerda, Kubitschek e Goulart permanecendo longe dos holofotes até 1985, ano em que realizou sua última participação política, concorrendo e se elegendo a prefeitura de São Paulo até que finalmente “pendurou suas chuteiras” ao fim do mandato³.

É possível que para um leitor pouco familiarizado com a discussão acadêmica, a trajetória conforme foi abordada, por elencar a evocação de qualidades como a “renovação”, “seriedade”, “competência” e “compromisso” a despeito de termos naturalizados a sua identidade, como “louco”, “desequilibrado” e “demagogo”, pode soar incoerente em relação aos seus conhecimentos e até mesmo ser intrigante. Isso tende a ocorrer devido aos sentidos que se popularizaram pela memória de seu governo marcada pela lembrança de políticas “lastimáveis” e sua personalidade rememorada como “abjeta” e “repulsiva”.

Dito isso vale salientar que além do trauma proporcionado pela renúncia, as ciências humanas ao adotar indiscriminadamente um viés opositivo e personalista na análise de sua atuação política, tiveram um importante papel para a simplificação e solidificação desse personagem caricato marcado por sentidos negativos que perdura ainda hoje. Uma memória contrastante ao breve resumo bibliográfico redigido, sendo condizente a apenas uma parcela da realidade, a qual a historiografia recente, através de olhares mais críticos, busca desconstruir no intuito de compreender o conjunto de sentidos atribuídos ao candidato e político que em seu período foi um fenômeno eleitoral.

Finalmente, seria Jânio Quadros mera caricatura? Ou um indivíduo mais complexo? Essas são posições que o meio acadêmico buscou embasar e questionar ao longo dos anos. Por sua constituição histórica marcada por vícios vinculados as imputações da oposição, a problematização

³Ao final de seu mandato pendurou literalmente um par de chuteiras em frente a porta de seu gabinete.

da imagem de Jânio Quadros é um fator determinante da problematização acadêmica que será abordada durante esse capítulo, o qual será responsável por discorrer criticamente sobre os pontos elencados pelo debate científico no intuito de defender e posicionar a proposta desenvolvida por essa dissertação que observa nos discursos a possibilidade de contribuir com uma nova perspectiva sobre o ator e a mentalidade política de seu período.

1.1 A fisionomia, psicologia e o discurso: a formação da imagem de Jânio Quadros

Segundo entusiastas de sua candidatura, um homem altruísta movido apenas por fé e esperança, sem qualquer compromisso pessoal. Detentor da aptidão e confiabilidade necessárias para reivindicar o clamor de toda a nação e tomar para si o grande fardo de liderá-la diante de um período sombrio da história, ao qual os feixes de luz irradiados pela “experiência” eram absorvidos por um enorme véu de escuridão. Refratados por uma cortina de ferro, antes que pudessem iluminar qualquer “horizonte”. Expressor de uma credibilidade “inquestionável”, o político resguardava sua ligação junto às classes populares ao escolher a vassoura como símbolo, um instrumento cotidiano de limpeza e renovação, e erguer como bandeira a moralidade junto ao compromisso de lutar destemidamente pelos oprimidos contra inimigos interiores e exteriores que ameaçavam a soberania e a ordem nacional.

Não tinha tempo para cuidar da aparência, mas o que lhe faltava em apelo estético era compensado por sua notória inteligência e capacidade de arguição, embebido de carisma, fez de suas palavras armas poderosas. Através de seus discursos era capaz de recrutar uma massa de apoiadores em torno de um ideal capaz de promover soluções aos graves problemas que ameaçavam a sobrevivência e ultrajavam a dignidade de um povo abandonado.

Ou então segundo opositores, seria o completo oposto, um representante do “entreguismo”, aliado a mesma corja “reacionária” e “golpista” da política nacional que a anos rodeava o país como hienas espreitam sua presa, esperando o momento certo para atacá-lo e dilacerar suas entranhas. Sua campanha financiada e por consequência compromissada com os grandes monopólios e trustes estrangeiros, serviria à efetivação de um processo de desmanche do patrimônio nacional em favor das forças imperialistas através de uma política guiada por interesses antinacionais.

Um manipulador sem qualquer caráter que ludibriava o povo através de jogadas demagógicas sem qualquer apelo racional se aproveitando de seus sentimentos e desespero por meio de um pseudomoralismo enquanto às escuras confraternizava com banqueiros e latifundiários, um político corrupto que usava a honestidade como máscara. Enfim, não passava de um louco descabelado e desequilibrado sem qualquer mérito que teve sua imagem construída em conluio com a grande imprensa. Caso eleito sua falta de perícia e comedimento irromperia uma guerra civil e levaria o país irremediavelmente ao caos.

Esse “era” Jânio da Silva Quadros, candidato à presidência do Brasil, segundo algumas das qualificações que o próprio, seus aliados, opositores ou até mesmo setores da imprensa buscaram difundir a respeito de sua imagem ao decorrer da campanha eleitoral de 1960. Classificado através de uma disputa de caracterizações antagônicas, como médico que receitaria o remédio definitivo as enfermidades do país e louco instável incapaz de inspirar qualquer confiança; salvador capaz de resgatar uma nação que definhava e carrasco que agravaria a situação do país executando-o às ordens de outrem; mártir que por seu próprio sacrifício poderia resguardar o bem-estar de todos e sicofanta, um enganador cujos objetivos visavam apenas o auto enriquecimento. Elevado e condenado, Quadros se constituiu através de discursos como um homem de diversas “máscaras” que depois das eleições, com a renúncia, se fundou na memória junto às linhas negativas que o desqualificavam (QUELER, 2011).

A imagem de um personagem histórico complexo que despertava em seu tempo os extremos entre a admiração e a repulsão, embora não extensivamente foi avaliada de forma contínua por pesquisas científicas. Historiográficos ou não, estes trabalhos imprimiram interpretações sobre múltiplos pontos concernentes a sua atividade política.

Vale iniciar a abordagem do tema pela interpretação do historiador norte-americano Thomas Skidmore que através de um recorte mais amplo, envolvendo os governos Vargas até o regime militar sob a presidência de Castelo Branco, reservou algumas páginas para analisar a eleição e o governo Jânio Quadros através de um capítulo nomeado “Entreato agonizante” (SKIDMORE, 2007, p.231), um tratamento muito diferente do período relativo ao governo Kubitschek caracterizado como “Anos de confiança” (SKIDMORE, 2007, p.203). Títulos que apesar de corresponderem a sentimentos evocados pelas ocorrências do período não exprimem a complexidade de fatores que o caracterizavam, demonstrando a adoção de um viés por parte do escritor.

Ao problematizar a imagem pública de Jânio Quadros, Skidmore avaliou suas posições como *outsider* e “antipolítico”, noções que compreendiam a imanência de um político diferente dos moldes tradicionais que trazia consigo a crítica junto a premissa de renovação política. Um “corpo estranho” dotado de uma fundamentação antissistema, sistema este, conforme caracterizado pelo autor, vinculado ao legado getulista em sua vertente paternalista e populista. Apesar deste aspecto combativo, segundo Skidmore, Quadros em sua caracterização como “amador honesto” e representante de um movimento de transformação, em outra via se esforçava em desvincular sua imagem de forças antigetulistas (SKIDMORE, 2007, p.233).

Em sua análise pontuou que a figura em ascensão utilizava um vestuário simples, por vezes mal passado juntamente a cabelos despenteados em função da aproximação com a classe trabalhadora (SKIDMORE, 2007, p.233). Sendo esse o traço mais marcante da formação do personagem de olhos vinhosos sob óculos grossos, cabelo caspento e desgrelhado, barba por fazer e

vestes remendadas que foi abordado em charges e ridicularizado por opositores sob a figura do “louco” e “bufão” (QUELER, 2011). Destacou ainda, que conforme ascendia, Jânio Quadros se deixou levar por sua personalidade, conduzindo um viés político personalista (SKIDMORE, 2007, p.233) ancorado em seu carisma (SKIDMORE, 2007, p.237), abandonando o peso dos fatores “inovadores” que o destacaram durante o início de sua trajetória.

Se ao início de sua jornada Jânio se portou como uma alternativa a perene noção de “velha política” e durante sua escalada ao poder se deixou levar pelo personalismo, como presidente se tornou um exemplo de líder bonapartista conforme a argumentação do historiador norte-americano. Pela força de sua personalidade impôs seu domínio sob as estruturas políticas, porém despendeu esforços em assuntos sem relevância no âmbito dos costumes (SKIDMORE, 2007, p.243)

Segundo se apreende pela leitura de Skidmore, talvez fosse o carisma a maior arma do político, uma qualidade que reverberava em uma personalidade forte e impositiva que se sobrepôs a projetos e partidos. Esse atributo “mal utilizado” por seu detentor se tornaria um vício através da leitura da cientista política e social Maria Victória Benevides, que atribuiu o “falso carisma” como a marca de Quadros. Uma caricatura do adjetivo que se manifestava através do “histrionismo”, o talento para chamar atenção das massas em expressão da pior qualidade do populismo: o engodo, a dissimulação e a encenação (BENEVIDES, 1982, p.7).

Jânio Quadros segundo a leitura de Benevides (que infelizmente alerta sobre os riscos de uma análise condenatória, mas não obtém sucesso em se desvencilhar de uma observação enviesada (BENEVIDES, 1982, p.9)) seria um exemplo negativo do populismo na história nacional, sendo um candidato “quase confesso a ditador”, de direita, extremamente personalista, antiparlamentarista, militarista e associado as forças do grande capital (BENEVIDES, 1982, p.9). Segundo o parecer da socióloga, o autoritarismo e desprezo às instituições emanado pela persona do ex-presidente culminaram em uma crise democrática que se adensaria com a renúncia cuja consequência mais impactante se reverteria nos movimentos que se desencadearam em 1964 (BENEVIDES, 1982, p.11). Ainda segundo a autora, a expressão do bonapartismo janista, “antidemocrático” e “autoritário” estranhamente se afigurava na figura de um líder, a exemplo das considerações de Skidmore, catatônico que unia “*Lênin e Carlitos*” sob o radicalismo e o *Kitsch* popularesco de um sujeito dotado de um discurso violento e um visual desleixado (BENEVIDES, 1982, p.16).

O enfoque sobre o homem autoritário que se furtava de gestos histriônicos e efeitos teatrais se fez presente em obras sem maior profundidade sobre o tema, como o livro de Caio Toledo relativo ao governo Jango e o golpe militar que conferiu, em breve trecho sobre a renúncia, a concepção de que a carta de remissão ao cargo parodiava Getúlio Vargas e que o ato sem qualquer razão aparente seria um “golpe teatral” para que voltasse nos “braços do povo” (TOLEDO, 1982, p.3). Mesma perspectiva tomada sem questionamentos pelo historiador Carlos Fico que em breve

menção ao vigésimo segundo presidente, “um político excêntrico”, o configurou pelo histrionismo e a tentativa malsucedida de golpe através da renúncia (FICO, 2000, p.179).

Mesmo a emissão dos famigerados “bilhetinhos” se tornou motivo de desqualificação (BENEVIDES, 1982, p.31). Um fato curioso, à medida que o artifício na época era visto como sinal de eficiência administrativa, sendo inclusive adotado por seu sucessor ao governo de São Paulo, Carvalho Pinto, para agilizar trâmites burocráticos (CORREIO DA MANHÃ, 29 de junho de 1960), sendo uma forma semelhante do instrumento utilizada em momentos anteriores da história nacional por outra figura de peso, o imperador Dom Pedro II (CORREIA, 2014, p.353), todavia, apenas Quadros é lembrado e ridicularizado pela atitude.

Jânio Quadros através de perspectivas pouco embasadas, seria uma figura sem profundidade, condenável, um político que não detinha nenhum atributo senão a “máscara” junto a capacidade de manipular o público, ao contrário de Getúlio Vargas um “verdadeiro líder” (BENEVIDES, 1982, p.8). Enquanto o “pai dos pobres” encerrou sua vida pública através de um gesto comovente e louvável, deixando uma carta igualmente tocante. O “histrião” não deixou a política pela “fraude” de sua carta renúncia pouco inspirada, mas entrou para a história por esse motivo. A sombra de Vargas, Quadros nunca foi político, mas um “bom ator” capaz de cair nas graças de seu público (BENEVIDES, 1982, p.8), segundo a crítica de Benevides que prestava a relevância do político ao uso eficaz da “máscara”.

Uma crítica desprovida de fundamentos, se tomados por base os pressupostos de Patrick Charaudeau (2018, p.12) sobre a ação e o próprio discurso político, caracterizados pelo linguista como formas de “encenação”. A uma primeira vista esse entendimento tende a remeter a características negativas como a concebida pela socióloga, todavia o autor recorda que nem sempre a máscara esteve vinculada a práticas enganadoras. Um olhar retrospecto para os teatros gregos atribui outra lente para o objeto, não servia para esconder, mas justamente para diferenciar os atores que através de “carrancas” e “caretas” encenavam suas identidades (CHARAUDEAU, 2018, p.9). O ator e sua máscara se uniam em função de um único indivíduo, duas faces de um mesmo personagem que quando bem associadas se tornavam indistinguíveis para o público que observava a encenação. A prática política como o palco de um espetáculo comporta personagens, máscaras e dramaturgias, os políticos encenam os dramas da vida, as grandes soluções e interpretam os heróis capazes de salvar a nação, bem como constroem inimigos que devem ser vencidos para o reestabelecimento de um estado ideal já presenciado ou que ainda há de ser construído.



Figura 1 : O espetáculo político (CORREIO DA MANHÃ, 4 de fevereiro de 1960)

Na charge publicada pelo Jornal Correio da Manhã, Juscelino Kubitschek e Jânio Quadros encarnam Hamlet, personagem principal da célebre obra de Shakespeare. No intuito de satirizar o candidato favorito a presidência a peça expõe o contraste entre seu porte “desajeitado” e a postura “imponente” do atual presidente da república. Ao encarná-los no personagem, o chargista incorre a analogia proposta pelo linguista francês, expressando justamente o caráter dramático da política que envolve a capacidade de encenação e adequação dos políticos a papéis variados a depender das necessidades que se impõem.

Pelos padrões que visam ser evidenciados pelo cartunista, Kubitschek em seu porte impecável seria o candidato perfeito para o papel do protagonista, enquanto Jânio Quadros em sua forma risível o oposto daquilo que se esperaria de um bom Hamlet ou presidente. No espetáculo político, essas caracterizações, padrões e expectativas não são atrelados a fatos ou a normas resolutas e incontestáveis, mas se encontram nos esforços de construção empreendidos pelos discursos, materializados por palavras ou imagens, como a charge em questão, capazes de evidenciar virtudes de forma a solidificar determinado alguém como valoroso e desmoralizar outrem como alvo de chacota, imprimindo imagens que vem, ou não, ser adotadas pelo público.

Enfim, independentemente daquilo que possa ou venha a ser julgado ou caracterizado como “bons” ou “maus” políticos, a “máscara” e a “encenação” são inextricáveis a diferenciação e assemelhação entre os pares, bem como a formação e apresentação de identidades ao público. Não é somente pela espontaneidade ou naturalidade de sua personalidade que um político corrobora para a estruturação de sua imagem pública, a ênfase em determinadas características faz parte de esforços em torno da consolidação de um “ethos” que há de se preocupar com fatores de aproximação do público em consonância ao contexto que busca agir. Sendo assim é necessário compreender que mesmo aqueles que dizem não pertencer ao meio e se portam como externos a política, acusam o uso de narrativas e encenação por parte de seus opositores estão manipulando sentidos em torno de uma “máscara” que é essencialmente política.

Nesta perspectiva, Jânio Quadros foi criticado por Benevides justamente por agir politicamente, mas pelo motivo errado. Como a imagem de um “bobo da corte”, sem quaisquer atrativos senão a risível dramaticidade seduziu o povo brasileiro a ponto de elegê-lo ao cargo mais elevado da república. O resultado das eleições pode ser interpretado como expressão de protesto? Descrença? Ou o povo foi ludibriado pelos artifícios demagógicos de um “*showman*” desvairado? Reconhecê-lo através desse paradigma, concomitantemente expressa uma visão sobre a racionalidade do povo brasileiro daquele período. Ou os brasileiros eram imaturos e bestializados, ou os sentidos evocados por Jânio Quadros não se resumiam a caricatura que a memória se prestou a cristalizar.

A exemplo das percepções abordadas que por um longo período foram predominantes na literatura construída acerca do político, Jefferson Queler (2011, p.67) avaliou que a historiografia absorveu e endossou sem resistências a difamação que o ex-presidente sofreu por opositores em seu período de atividade, o “louco” movido pelo histrionismo e pela teatralidade, longe de expressar a realidade, era apenas uma das faces do personagem, aquela que os discursos produzidos por seus detratores visavam identificá-lo.

Em sua tese de doutorado, como também mais especificamente em artigo direcionado a imagem pública do candidato, defendeu que a utilização de uma indumentária popular e o recurso de gestos exaltados ao início de sua trajetória não servia apenas como um meio de aproximação do eleitorado simples, mas como uma forma de canalizar as paixões e revolta popular, uma imagem que era contrabalanceada por sua identificação como administrador eficiente (QUELER, 2010, p.67). Todavia o autor nota um descompasso entre a articulação desses sentidos junto aos instrumentos utilizados pelo político no âmbito das eleições presidenciais. Segundo Queler, durante a disputa Jânio Quadros incorreu a uma mudança de postura, se apresentaria publicamente com a aparência mais formal e alinhada deixando para trás o característico desmazelo pessoal, no intuito de invocar novas qualidades a sua imagem segundo parâmetros de responsabilidade e confiabilidade. Outra transformação na vestimenta ocorreria no momento posterior com a adoção dos *slacks*, segundo o autor uma forma de expressar a política externa independente que pregava, traje que rapidamente se tornou motivo de escárnio por opositores que o apelidaram de “pijânio”.

Em resumo, aquém de representar a totalidade de sentidos engendrados por Quadros, as percepções comuns ao âmbito popular sobre o personagem reforçadas pelas obras mencionadas, se constituíram fortemente, através da maneira jocosa pela qual as características visuais de Quadros foram significadas pelos discursos de seus opositores, no intento de influir negativamente sobre a consolidação de sua imagem pública. Enfim, a aparência física conforme significada, foi capaz de fornecer e provocar a atribuição de valores que perduram ainda hoje, mas o que dizer sobre a imagem instituída pelo próprio através de ações e palavras, objeto de interesse desse trabalho.

Felipe Magalhães (1998), através de uma análise sobre os anos iniciais da carreira de Jânio, observou que o ingressante soube interpretar o contexto político daquele tempo de forma a consolidar sua imagem através de um trabalho empenhado, proposições relevantes e oposição ao espectro político vinculado a Ademar de Barros, conquistando o eleitorado paulistano e paulista que o recebeu como um político diferenciado, talvez a resposta que ansiavam para a renovação política. Construindo uma imagem marcada pela “honestidade”, “trabalho”, “seriedade”, “combatividade” e “capacidade administrativa”.

Sobre o discurso do candidato à presidência, Miriam Cardoso (CARDOSO apud QUELER, 2009, p.67) destaca a ação de Jânio Quadros como um “educador”, a medida em que seus pronunciamentos visavam não somente convencer a população sobre seu projeto político, mas esclarecê-la e politizá-la. Em decorrência dessa avaliação, pode ser dito que Jânio Quadros se comportava como uma espécie de “Zaratustra político”, fornecia o conhecimento, instruía o eleitorado, mas não pedia votos, à medida que a adesão a sua candidatura viria pelo efetivo esclarecimento que provia através de seu discurso.

Essa perspectiva, por mais laudatória que possa parecer, é corroborada pelo testemunho do Sr. Amadeu Bovi, estampador que teve a oportunidade de trabalhar na confecção de materiais de campanha para Jânio Quadros. Entrevistado no auge da terceira idade por Ecléa Bosi (2003) sobre sua memória laboral, recordou:

O Jânio esteve na oficina. Eu estive com ele na estamperia. Ele veio encomendar o tostãozinho com o slogan: "O Tostão contra o Milhão". Mandou fazer um pedido de 200 mil distintivos. Foi quando ele ganhou do Adhemar. A oficina toda votou no Jânio. Parece que nós votamos também no Jango: era o JJ. Para o Carvalho Pinto nós fizemos 2 milhões de pintinhos.

O Jânio era um tipo atlético, quando novo. Depois entrou na política. Nessa época ele veio com o general Porfírio da Paz, candidato a vice-prefeito dele. Conseguiu entrar. Depois fez a campanha para governador, conseguiu entrar e apontou o Carvalho Pinto para seu sucessor no governo.

Aí voltou na oficina com ele e teve a ideia de lançar o distintivo do pintinho, propaganda que foi uma consagração. Ele veio até nós porque teve aquela ideia da campanha do “Tostão contra o Milhão”. E teve a satisfação de estampar a primeira moeda na máquina de estampo. De um lado estava escrito Tostão, do Outro contra o Milhão. Ele falou: “Este tostãozinho aqui é vocês. O milhão é a sociedade que nós devemos fazer reconhecer a necessidade daquele que precisa, do operário, do trabalhador”.

Quando o Jânio vinha na oficina ele se sentava numa cadeira e em volta dele ficavam os operários perguntando: se ele ia ser presidente, o que faria no governo... Ele respondeu que a primeira coisa que ia fazer era trabalhar pela gente mais

necessitada. Ia ajudar os cobradores de ônibus, motorneiros, condutores, ia favorecer essa classe. Quando o Jânio mandou os operários falar, eu falei: “Escute, sr. Jânio, o senhor está protegendo muito os cobradores de ônibus, por quê?”. “Boa pergunta: eles são trabalhadores como vocês. Eles ganham um salário de fome. E essa gente aí é responsável. São como vocês. Nós temos que olhar por todos.”

Ele fez uma exposição daquilo que ele ia fazer pros operários. Depois, ele trouxe o Carvalho Pinto: “Vocês têm que conhecer os candidatos”. O pessoal em geral votava nele. “Vocês têm que se sindicalizar. Vocês têm que ajudar o sindicato a ajudar vocês. Quem sobe lá em cima tem muito o que fazer.” Ele ensinava o operário. (...)” (BOSI, 2003, p.96-97)

Não foram as vestes ou os traços histriônicos, mas o potencial educativo de seu discurso, vivamente recordado, bem como a capacidade na elaboração de propagandas, que marcaram a memória individual do octogenário sobre o personagem que não lhe foi apresentado por terceiros, mas pelo contato direto e pessoal. Os pontos levantados pelo relato, trazem à tona duas questões para a discussão.

Primeiramente é necessário problematizar a prerrogativa educativa concernente ao discurso. Sem negar que havia o potencial ou mesmo a prerrogativa de levar esclarecimento as massas através dos discursos, tendo em vista a conscientização do trabalhador exemplificado sobre sua condição, é importante reconhecer que o movimento ao mesmo tempo que corrobora a esse admirável objetivo, auxilia a estruturação de uma imagem para o candidato⁴.

“Honesto” e “abnegado”, Jânio Quadros em via dessa articulação há de ser recebido por seu público como um político raro, aquele que se doa a população, age em prol do desenvolvimento cidadão do povo sem cobrar qualquer retribuição. A crença nesse modelo político nobre há de atrair apoiadores como revelado pelo próprio entrevistado, uma prerrogativa que gera efeitos paralelos as noções de *outsider* concernentes a leitura de Skidmore.

Na urgência de buscar contrapor a imagem de escárnio atribuída a Jânio Quadros, a apreensão de significados inculcados pelo próprio e seus apoiadores, não pode ser realizada sem criticidade absorvendo e endossando as enunciações. Nesse sentido é importante compreender que os discursos não estão isentos de intencionalidades, percorrem uma dimensão explícita expressa sem atritos pela linguagem, como também imprimem sentidos implícitos que podem ser

⁴ Estava longe de ser marxista, no entanto através de suas palavras forneceu o substrato intelectual propício a auxiliar o desenvolvimento da consciência de classe pelos trabalhadores daquela fábrica.

compreendidos através de sua interpelação mediante a parâmetros contextuais e intertextuais (CHARAUDEAU, 2019, p.24)⁵.

O segundo aspecto a ser abordado pela experiência de Amadeu é a propaganda, um artifício que esteve intrincado a sua relação de trabalho junto ao político. Juntamente ao discurso, a qualidade de criar peças de campanha pertinentes capazes de cair no gosto popular foi o principal aspecto a caracterizar Jânio Quadros pela memória do idoso.

A “vassoura”, o “tostão contra o milhão”, *dingles* e frases de efeito, foram artifícios que se associavam a uma nova forma de encarar o processo eleitoral, segundo a leitura da cientista social e política Vera Chaia (1996) que intitulou o ex-presidente como “mago do marketing político”, através de uma interpretação escorada pela ótica mercadológica da escolha política, que relaciona o candidato e sua ideologia como produtos imateriais emitidos ao público por meio de estratégias cuidadosas, que visam a “educação” ou mesmo “autoeducação” segundo noções e pressupostos meticulosamente construídos e corroborados por uma máquina organizada de partidários.

Ao contrário do “esclarecimento” pontuado por Cardoso, a “manobra” de “educar” o eleitorado conforme empreendida em campanha, segundo os parâmetros relacionados por Chaia, visam outra concepção do conceito: “condicionar”. Como produto de marketing, a campanha política de Jânio Quadros não se pautava sobre um conteúdo programático mas um conjunto de ideias gerais que agiam em função de um personagem “embalado” por uma roupagem persuasiva que agregava do traje ao histrionismo, para enfim ser enviado ao público através de um conjunto de instrumentos, desde a propaganda até discursos sedutores cujo o intuito estava entre outros aspectos transparecer intelectualidade e trazer à tona os sentimentos da população (CHAIA, 1996, p.13),.

Sobre os pronunciamentos do político a cientista levanta a interpretação de João Mellão Neto, segundo a qual as palavras perdem significância para a população, tendo em vista o repertório “elitista” do vocabulário empregado, sendo sobrepostas por outros meios de expressão (CHAIA, 1996, p.13). Isto é, o discurso não teve relevância significativa, sendo um instrumento puramente demagógico servido a uma população “iletrada” que apesar de não reconhecer seu sentido era tomada por aspectos paralelos como as vestes, gestos e entonação.

A leitura de Chaia, apesar se aprofundar com maior empenho e não tomar o mesmo juízo de valor, é muito semelhante à de Benevides ao posicionar o *modus operandi* político de Jânio Quadros, mas enquanto a segunda caracteriza negativamente suas capacidades de “atuação”, a primeira as eleva e as sobrepõe sobre qualquer outro ângulo que o agente histórico apresentava. Ambas

⁵A despeito das impressões negativas que o termo “intencionalidade” possa causar, vale salientar que a intenção inquestionavelmente perpassa o movimento de construção dos discursos, no entanto sua plena apreensão não deve ser um imperativo em via das barreiras impostas por seu caráter subjetivo. Desprendido desse papel, cabe ao analista verificar os “possíveis interpretativos” que surgem através de sua leitura que deve se ater aos processos de produção e interpretação dos discursos mediante as estruturas sociais e históricas que regem sua formulação e recepção (CHARAUDEAU, 2019, p.63).

corroboram para o esvaziamento dos significados políticos emanados pelo ator histórico em seu contexto em função da emergência de uma concepção que implica não somente o uso da máscara por Jânio Quadros, mas sua supremacia, o próprio indivíduo em sua qualidade política nunca esteve presente ou a vista do público, apenas o “personagem”, suas caricaturas agiram em seu nome.

Como produto Jânio Quadros era o próprio engodo, a personificação da dissimulação no aspecto demagógico da política, vazio e sem direção. Patrick Charaudeau (2018, p.34) em seu trabalho sobre o discurso político menciona essa interpretação vinculada a ciência política em sua expressão francesa. Segundo o autor a adoção da concepção de “marketing político” foi desacreditada cientificamente em seu país, pois pela busca de modos de expressão, como gestos, vestuários, entonação, além do emprego de palavras contundentes em oposição aos adversários e pela sedução do público, os trabalhos ancorados sobre a perspectiva nada mais fizeram que encontrar traços do discurso político das personalidades históricas (CHARAUDEAU, 2018, p.35). Além disso, influenciados pelo prisma do marketing, pesquisadores dessa linha conceberam interpretações, por vezes, desprovidas de contextualização promovendo uma equivocada essencialização das ideias políticas (CHARAUDEAU, 2018, p.36).

Em relação a este erro é necessário destacar que a imagem ou mesmo o discurso de Jânio Quadros não pode ser visto por óticas totalizantes e essencialistas. Em cada contexto que agiu, o político imprimiu uma ou mais imagens, lançou mão de significados diferentes e proferiu discursos pertinentes a cada momento específico. Em meio a toda discussão é primordial tomar por base que Jânio Quadros em início de carreira, durante as eleições presidências e ao fim das participações públicas interpretou variações de um personagem e defendeu questões cujo a incidência é relativa a cada momento de expressão.

Através dessas considerações pode ser dito que a tomada do “marketing político” como parâmetro de leitura além de sofrer o risco de incorrer a um modo de “mitologia da doutrina” (SKINNER, 1969, 15) trivializando os sentidos imanentes ao contexto junto a adequação de aspectos específicos e não correlatos no interior de um quadro maior. Se comporta como uma questão mal colocada à medida que a percepção de ideias, estratégias e a formação identitária do político conforme abordado não necessariamente correspondem a adoção de técnicas e trunfos de viés mercadológicos, mas a fatores correspondentes ao potencial de um instrumento que não é exterior ou estranho a política.

Indissociável ao agir político, o discurso não deve ser banalizado ou visto como um componente acessório, pelo contrário, é o próprio que intermedeia a articulação dos sentidos desenvolvidos pelo político através dos vetores de expressão que vem a recorrer, como a propaganda, a roupa e exibições públicas. Presente, mas sem o amparo teórico e metodológico necessário para sua compreensão o meio foi pouco problematizado, ou mesmo mal interpretado,

fato que corroborou para a consolidação das visões apresentadas que segundo a crítica de Queler se fundamentaram excessivamente no personalismo para explicar o sucesso de Jânio Quadros. Através de sua pesquisa que abordou discursos e expressões populares, o historiador percebeu que havia correspondências de ideais entre as premissas externadas pelo candidato e manifestações populares a seu favor. Em contrariedade a presença de uma máquina de marketing organizada, o autor defendeu através de suas fontes que boa parte da propaganda janista decorreu da espontaneidade de eleitores e apoiadores que a despeito de seguir instruções ou uma lógica unívoca, ressignificavam os discursos do político e apoiavam à sua maneira o projeto prometido pela crença em suas promessas e ideais.

Se é problemático tomar partido pelo marketing, não é difícil reconhecer Jânio como “mestre da propaganda política”, a medida em que não somente elaborou campanhas de adesão como estimulou os populares a produzirem propagandas em seu nome. No entanto, entre o meio de propagação e o sucesso do candidato é necessário perceber que existia um discurso que lhe provia uma substância convincente, sendo capaz de persuadir a converter eleitores em apoiadores empenhados em auxiliá-lo.

Finalmente, a despeito dos equívocos cometidos pelos primeiros autores a avaliarem o personagem, a historiografia mais recente a exemplo de Magalhães e Queler vem tomando a posição de avaliar outros parâmetros que auxiliam a explicar o fenômeno político do século XX para além da caricatura e da força de sua personalidade. Entre os quais se apresenta a avaliação no viés econômico realizada por Felipe Loureiro (2009) que busca relativizar o personalismo das atitudes políticas de Jânio Quadros, no que concerne à esfera durante seu mandato à presidência. Segundo sua avaliação, baseada em documentos e emissões transmitidas pelo empresariado nacional e seus representantes como a FIESP, Quadros e sua equipe foram pressionados a tomar posições consoantes as demandas levantadas pelos empresários brasileiros, criando projetos, revertendo posições e sofrendo percalços diante da contrariedade dos grupos econômicos a medidas desenvolvidas pelo governo.

Seguindo essa nova geração de trabalhos surge também a tese de Eduardo Silva Alves (2012), que analisa as representações da revista estadunidense TIME sobre Jânio Quadros no contexto das eleições e presidência do país. Através de sua pesquisa, Silva, percebeu que a revista partilhava da perspectiva da oposição de Jânio e trazia em seu escopo o conjunto de desqualificações a aparência e estado psicológico do candidato, tendo em vista que o “homem da vassoura” poderia apresentar mais um obstáculo a soberania norte-americana sobre a América no contexto de guerra fria devido a suas visões quanto a política externa do Brasil.

Por último, vale destacar a dissertação de Marcelo Azevedo Botelho (2016), a qual buscou problematizar o contexto da elaboração das medidas vistas como folclóricas em seu governo.

Através uma pesquisa junto a imprensa católica o autor pontuou que as medidas moralizantes faziam parte de um conjunto de demandas relativas a grupos conservadores da sociedade os quais mostravam insatisfação ao rumo em que sua política internacional caminhava, sendo assim mais que medidas morais pelo bem dos bons costumes serviriam como uma forma de neutralização dessas forças.

Visto através das perspectivas de grupos econômicos, internacionais e sociais o papel desempenhado pelo ex-presidente adquire novos contornos que possibilitam a compreensão de sua atividade e expressividade política, no entanto, por terceiros Jânio é pintado em outro Quadro diverso aquele que visava construir em relação a sociedade. Nesse sentido defende-se que para compreender os esforços e a complexidade de sentidos relativos ao político é necessário recorrer aos seus discursos, aspecto até então secundário na formulação das análises pautadas.

Efetivas conforme demonstrado por Queler, ao abordar a repercussão social da campanha presidencial, as palavras de Jânio Quadros dificilmente podem ser vistas como um parâmetro marginal, ou sem significância. Como objeto de análise historiográfica podem propiciar a emersão de sentidos pouco explorados sobre o personagem que por meio da interpretação de ciências plurais foi qualificado de “manipulador” a “mago”, mas ficou marcado popularmente como o “louco” em função do desenrolar de um governo brevíssimo que corroborou para o fortalecimento do discurso adversário.

Através da consciência do papel dos discursos opositivos para a cristalização de uma memória social acerca do personagem, a leitura histórica necessita reconstruir e problematizar as narrativas dos discursos aliados que não vingaram e trazer à tona aspectos que se perderam pela falta de ressoamento que, no entanto, exerceram influência em seu tempo convencendo e marcando memórias individuais de eleitores como Amadeu Bovi.

1.2 O discurso: uma breve reflexão sobre a abordagem do objeto

Antes de iniciar as discussões sobre a análise do discurso político e suas variáveis, é necessário pontuar esclarecimentos sobre as fontes que possibilitam sua análise. A imprensa como escopo de pesquisa é uma fonte profícua capaz de intermediar o contato do historiador com o passado, detendo não apenas os discursos, matéria-prima da perspectiva histórica que visa ser implementada, como também o meio de entrar em contato com seu contexto já que sob os jornais se encontram detalhes sobre a sociedade, a cultura, a política e sobretudo, a linguagem partilhada pelos agentes históricos (CAPELATO, 1988, 20).

Apesar das potencialidades apresentadas pelo meio, é necessário problematizar sua estrutura ao longo da leitura, já que assim como as palavras políticas o material jornalístico também compõe

uma forma de discurso e conseqüentemente detêm intenções para com o seu público. Como arma e força política, a imprensa adota vieses e reverbera o pensamento e posições de determinados grupos, sendo capaz de inflar certas ocorrências enquanto obscurece outras, além de fornecer visões de mundo particulares de maneira atrativa conclamando os leitores através de títulos, manchetes e polêmicas.

Em poucas linhas, embora o discurso jornalístico não seja o objeto de análise ou venha a ser pautado ao longo da escrita, é importante pensar em seu conteúdo como também sobre a maneira que é exposto, em outras palavras é fundamental evidenciar durante a leitura as orientações do layout das páginas tendo em vista que cada detalhe é pensado no intuito de servir a uma retórica⁶.

1.2.1 Linguagem e contexto

Conforme defendido previamente, sem se comprometer em redimir o personagem histórico de seus atos ou mesmo atribuir uma explicação geral a sua ascensão meteórica e sucesso eleitoral, a análise dos discursos vinculados as eleições presidenciais podem corroborar para a elucidação da significância de suas ações e posições em referência àquele contexto, bem como deve auxiliar a efetivação de uma abordagem apropriada acerca das acepções que auxiliaram o candidato a ser eleito.

No intuito de abordar os discursos eleitorais de 1960, é primordial refletir brevemente sobre as questões evocadas pelo próprio objeto e a problemática decorrente de sua análise, na prerrogativa de responder a um questionamento ao qual todo historiador deve ter em vista ao realizar uma investida rumo a contextos de comunicação pretéritos: Quais são os procedimentos apropriados para a compreensão dos sentidos inculcados por um discurso? (SKINNER, 1969, p.3).

Seria uma leitura empenhada o suficiente para compreendê-lo? Se correto, como interpretar as críticas de Jânio Quadros sobre a situação? A manipulação de conceitos em campanha? Ou mesmo suas promessas ao eleitorado? Ainda que inconsistente, a noção de autossuficiência dos discursos era tida como um dogma pelo ramo da “História das ideias” décadas atrás. Perspectiva que promoveu conclusões anacrônicas de compreensão sobre o arcabouço teórico que fundamentava os esforços de análise do discurso pela historiografia (SKINNER, 1969). Embora não houvesse naquele período, após o desenvolvimento de teorias e o engendramento de metodologias de abordagem do discurso no interior da disciplina como a “História dos Conceitos” e o “Enfoque Colingwoodiano”, hoje há um consenso de maior respaldo científico sobre a questão⁷.

⁶Nesse sentido se enquadram as manchetes, as imagens, os títulos, a sequência e disposição do conteúdo.

⁷Segundo as noções anacrônicas compreendidas pela “velha história das ideias políticas”, ao reavaliar “obras clássicas” o historiador deveria resgatar em suas páginas respostas a perguntas perenes, naturais e por isso, em tese, independentes de qualquer influência heterogeneizante das sociedades no tempo, uma compreensão que reverberaria no método a tomada de uma atitude contrária à inclusão de uma leitura para além do texto (SKINNER, 1969, p.5).

O caminho a ser percorrido em função da compreensão e crítica dos discursos, antes de abordar ideias, estratégias ou narrativas deve passar pela linguagem. Sem o auxílio do sistema lógico que significa e codifica a realidade, os indivíduos dificilmente saberiam como estabelecer vínculos psicológicos e sociais complexos junto a seus semelhantes. E mais importante, sem a mesma não haveria os objetos que se visa analisar, pois o ser humano careceria da característica que lhe confere a capacidade de pensar e agir (CHARAUDEAU, 2019, p.7).

Ao refletir sobre a linguagem a historiografia alemã percebeu que assim como a humanidade se transforma e altera suas percepções sobre a realidade ao longo da história, o seu principal instrumento de representação das categorias materiais e abstratas do mundo também se ressignifica durante o processo. Em constante construção os sentidos linguísticos sofrem alterações em decorrência de seus usos ao longo do tempo, conforme corroborado pelas constatações que possibilitaram o surgimento da categoria de análise referente a “História dos conceitos”. Uma perspectiva de abordagem histórica capaz de observar processos de transformação mental da humanidade através de rupturas e permanências que se materializam na linguagem, pela forma de conceitos performados ao decorrer do processo histórico (KOSELLECK, 2013, p.48).

Ou seja, apesar da permanência dos signos, com o passar do tempo juntamente as peculiaridades do percurso tomado pelas sociedades, os significados aos quais se referem são alterados e se tornam ininteligíveis a um leitor de outra temporalidade. Sendo assim o historiador dotado de um conjunto díspar de significações em relação ao mundo e a própria linguagem, deve encontrar um meio para tornar compreensíveis as operações linguísticas realizadas no passado.

Somada a noção de que as alternâncias temporais provocam mudanças cognitivas no pensamento e conseqüentemente afetam a formação dos discursos, vale salientar que o sistema linguístico não se configura como um fenômeno transparente. Em mesma medida que as palavras abrigam uma estrutura relativamente inteligível e clara que remete a sentidos diretos, se vale da maleabilidade de significações passíveis de expressão. Fator que abre brechas a particularização de suas prerrogativas a depender do efeito almejado através de seu uso (CHARAUDEAU, 2019, p.34).

Um exemplo claro dessa característica pode ser visto pelo uso das palavras “vassoura” e “espada” durante a eleição que será abordada. Através de um olhar direto não expressam dúvidas quanto a seus objetos de referência, no entanto, como conceitos abstratos da disputa de 1960, agregaram uma reunião de sentidos correspondentes aos discursos dos candidatos que se enfrentaram, através de significações adjacentes como a “limpeza” ou o “cavalheirismo”.

Em resumo, além de fatores relacionados a passagem de tempo, as palavras não realizam uma codificação direta de permuta a um objeto de referência, isto é, não apontam a significações inequívocas ou mesmo constantes em uma relação clara entre “signo” e “significado”. Pelo

contrário, sofrem alterações em decorrência da ocasião e dos usos intencionados pelo orador em seu discurso (CHARAUDEAU, 2019, p.34).

A compreensão da instabilidade dos movimentos de significação da linguagem promoveu uma compreensão comum a perspectivas historiográficas e a linguística: Para compreender as significações incutidas por um enunciado não há outra maneira senão pela justaposição de uma mensagem a seu contexto de emergência (CHARAUDEAU, 2019, p. 25). Imanentes a um momento histórico as expressões abrigadas pelas formas de discurso não são perenes e se reportam a relações subjetivas decorrentes de um contexto de enunciação. Fator que demanda uma leitura extra das minúcias que compõem sua emergência na curta temporalidade (SKINNER, 1969).

No âmbito da abordagem historiográfica, a necessidade de uma leitura contextual, remete a prerrogativa de treinar o olhar do pesquisador para que possa desnaturalizá-lo em função de expectativas e aparentes correspondências, resguardando seu trabalho de possíveis equívocos e anacronismos. Como também para que a escrita possa chegar a conclusões factíveis, concernentes a compreensão correta do sentido das emissões, tendo em vista que suas visadas e significados linguísticos aludem a uma conjuntura histórica particular (SKINNER, 1969, p.40).

Ao observar o contexto que permeia os discursos, o historiador deve notá-lo como um plano restritivo em que se enquadram os elementos linguísticos específicos disponíveis a um discursante. Sendo o mesmo portador de uma identidade sociocultural bem definida que influencia a estrutura argumentativa presente nas manifestações linguísticas. Em função da necessidade de incutir suas ideias à sociedade escritores em geral e mais ativamente os políticos devem lançar mão de instrumentos específicos para persuadi-la. Isto é, compreender a sociedade se faz justo, por que é simultaneamente o local de produção e ação de um discurso (SKINNER, 1969, p.48).

No entanto, é necessário advertir que o contexto não pode ser visto como um agente impositivo das ideias desenvolvidas por um discurso, se fosse não seria importante interpretá-lo bastaria abordar seu momento de emergência. Menor que a supremacia sobre as obras, os fatores contextuais se comportam como influenciadores sobre a maneira como os sentidos são transmitidos já que abriga a identidade do público que recebe e interpreta o discurso (CHARAUDEAU, 2019, p.46), além de uma estrutura linguística de reconhecimento social, base fundamentadora de como qualquer indivíduo possa concatenar suas ideias (SKINNER, 1969, p.49).

Finalmente, o contexto provê a substância intelectual responsável pela articulação dos sentidos correspondentes as palavras, impondo disposições as significações passíveis de interpretação sobre determinado discurso. Neste sentido a leitura dos fatores que envolvem a construção de um discurso político requerem antes a apreensão dos significados imanentes a linguagem partilhada durante o período abordado, bem como a ciência das ocorrências relativas à conjuntura de emergência do discurso.

1.2.2 A interdiscursividade e os conceitos

A mesma medida em que o contexto corrobora para a dotação de sentidos de uma enunciação, é necessário pautar outro parâmetro. O discurso também é agente transformador da linguagem sendo capaz de formar novos significados. Ou seja, a linguagem que estrutura o discurso pode ser objeto de mudança através dos sentidos expressados pelo mesmo (POCOCK, 2003, p.72). Desta forma é importante ter atenção não só para as origens de determinado discurso como para seu conteúdo e efeitos (SKINNER, 1969, p.48).

Desenhado pela linguagem, um fenômeno social, o discurso não é singular, sendo incapaz de se auto significar está sempre a remeter a outros. Para além do contexto que o influencia, outras unidades discursivas podem influenciá-lo em uma relação de interdiscursividade que é responsável por abrigar no interior da linguagem sentidos passíveis de menção e repetição, disponíveis a qualquer agente comunicativo. Ou seja, além do contexto a chave para a compreensão de determinados sentidos de um discurso pode residir em sua relação a significações expressadas por outros⁸.

Central a formação dos discursos, a interdiscursividade por dizer respeito a relação de interdependência entre os discursos, no sentido da cunhagem dos significados linguísticos, é indissociável as promoções de sentido exprimidas por uma emissão. Quentin Skinner em leitura sobre o décimo oitavo capítulo do “Príncipe” de Maquiavel fez uso da noção ao apontar que o filósofo renascentista responde e satiriza a concepção de moral defendida por Cicero, a qual compreende que um ser humano deveria se abster da “bestialidade” expressa no “cordeiro” pela força e na “raposa” pela destreza e a trapaça pois ambas seriam indignas para o homem, ao dizer que um príncipe virtuoso deveria ser como um “leão” para espantar os “lobos” e uma “raposa” para identificar “armadilhas”, resguardar características humanas mas abraçar a bestialidade quando necessário. Nesse sentido os sentidos implícitos da sentença de Maquiavel não são de virtude contextual, mas intertextual, Skinner em sua explicação diz que o pai do filósofo o presenteou com a obra de Cicero durante a juventude, no entanto esse conhecimento, apesar de corroborar com o argumento, não é indispensável para perceber a relação entre os textos, pois as marcas linguísticas perceptíveis quanto a equivalência do tópic e metáfora utilizada deixam claras as intenções do autor⁹.

⁸Um bom exemplo dessa relação de permuta e transformação de sentidos realizada pela linguagem (embora em um escopo ampliado temporalmente) pode ser visto no próprio método de análise empreendido pela *Begriffsgeschichte*, que faz uso da execução de conceitos por interlocutores ao longo do tempo para verificar as transformações de sentido ocorridas. Nesse sentido se observa a linguagem como meio construído interdiscursivamente, no sentido em que seu escopo é moldado pelos usos e significações atribuídas pelos discursantes.

⁹A análise realizada por Skinner é decorrente de uma contribuição a um projeto multimídia sobre Nicolau Maquiavel organizado pela Universidade de Brunel em Londres. O vídeo em questão, assim como outros, pode ser acessado por meio do link: https://www.youtube.com/watch?v=c1OTKPi_GhA

É possível utilizar um exemplo retórico para pensar minimamente a relação interdiscursiva no âmbito do discurso eleitoral. Suponha-se que um candidato opositorista na atribuição de suas prerrogativas declame um discurso inflamado de ampla repercussão contra os governos anteriores. A atitude provocará o candidato situacionista, que o rebaterá invocando argumentos contestadores através de outro discurso contundente. Cria-se uma discussão que envolve outros atores entre os quais um candidato centrista que discursa em função de consolidar uma terceira via através outro discurso crítico aos anteriores. Neste movimento o primeiro se defende e parte em ofensiva aos opositores, acompanhado de correligionários seu discurso é ecoado por vozes diferentes que somam novos sentidos, o que reverbera em novas reações e a depender dos elementos que são instrumentalizados em seus argumentos membros da sociedade passam a integrar a discussão.

Por meio do exemplo se busca enfatizar que um discurso eleitoral nunca está ileso ou estático em relação a outros, pois sequências de unidades enunciativas se colocam em questão sendo que a frequência de produção do político deve ser um ponto de destaque a se considerar. Nesse sentido, se indica que enquanto o primeiro discurso mencionado pode ser compreendido através da contextualização de suas críticas, as intervenções posteriores só podem ser elucidadas em função deste e do próprio debate que se instaurou.

A interdiscursividade alusiva aos discursos políticos, ao contrário das obras literárias, intelectuais e filosóficas pelas quais a discussão teórica da historiografia buscou se ater, tende a ser mais maleável, bem como tem uma maior incidência sob o imediato, à medida que suas significações são intermediadas pelo contexto de contínua disputa. Alinhado a essa questão o recorte eleitoral é singular pois integra uma efervescência de manifestações que interagem em torno do momento, qualidade que favorece a compreensão da linguagem e instância interdiscursiva que significa os discursos¹⁰.

Entender o discurso eleitoral de Jânio Quadros, nesse sentido requer a apreensão de significações relativas aos discursos de outros atores como Marechal Teixeira Lott, Juscelino Kubitschek ou Carlos Lacerda, já que os mesmos participam ativamente na construção e ressignificação de signos intermediadores da discussão política.

Além das referências diretas, a interreferenciação entre os componentes do debate corresponde a uma esfera significacional importante dos discursos em direção a conquista de

¹⁰Produções intelectuais ou literárias por sua frequência reduzida além de tratarem de ideias mais “espinhosas” no âmbito “intelectual” e “brutas” no sentido de sua mutabilidade histórica, muitas vezes requerem um tempo maior para serem assimiladas e produzirem seus efeitos. “Moby Dick” de Herman Melville uma obra que durante o século XVII abrigava perspectivas relativistas sobre a religião e a cultura é um exemplo claro dessa premissa. Rejeitada, levando seu autor ao descrédito, demorou um século para ser resgatada e discutida se tornando um dos clássicos da literatura norte-americana. Os discursos políticos por outro lado, são regidos pela ordem inversa, não se prestam a lapidar, quebrar paradigmas ou provocar reflexões acentuadas, mas a pautar ideias de escopo simplificado para a compreensão e imediata discussão de um público ampliado.

valores inseridos na linguagem conforme apropriada e partilhada no contexto, não só pela classe em permanente contestação, mas principalmente pela população em geral.

No campo de ação do político as conceituações situadas em interdiscursividade, conforme mencionado, agem de forma mais intensa e dinâmica, surgem e desaparecem e podem provocar fortes efeitos no jogo político. Sendo que a longa duração abordada pela “História dos conceitos” para a leitura das transformações cognitivas humanas pode na análise do âmbito eleitoral se converter a uma focalização no curto prazo em uma forma de abordagem que no âmbito dos acontecimentos do político se observa uma “aceleração do tempo” sobre as alternâncias dos conceitos que passam a ser politizados e ressignificados pelos discursos¹¹.

Se os conceitos relativos à esfera das mentalidades requerem a longa duração para se transformarem, no interior da linguagem correspondente aos discursos políticos, são engendradas significações em maior frequência, as quais dificilmente se instalam no longo prazo e se vinculam a uma esfera momentânea se esvaindo conforme as regras do jogo político se alteram e são moldadas pelas circunstâncias.

No interior do período eleitoral uma interpretação focalizada nas apropriações conceituais exercidas pelos competidores pode ser reveladora, sendo capaz de proporcionar o entendimento dos valores que permeavam a mentalidade política do contexto evidenciado, bem como provê uma imersão as ações efetuadas por espectros, partidos e atores políticos em função da instrumentalização de noções e ideais. Um fator crucial para compreender as estratégias e os sentidos evocados pelas partes em relação as demandas impostas pelo processo.

No centro das atenções, conceitos linguísticos passam a ser politizados e se inserem na formação lógica do pensar e falar político, por meio dos discursos são colocados em circulação e se sujeitam ao debate público agindo pela forma de “lances” (POCOCK, 2008) sucedidos ou não disponibilizam elementos “novos” para a linguagem política. Seja em concordância ou crítica interlocutores podem “manusear” os conceitos mesmo em sua forma alterada pelos discursos. Em resumo, o conceito como ferramenta do discurso político, não resguarda apenas um significado, mas múltiplos que tendem a se transformar e adquirir contornos em decorrência de seu uso.

Finalmente, analisar um discurso conforme as prerrogativas abordadas não é um movimento direto, estruturado pela linguagem sofre influências externas que permeiam sua construção de sentido, concomitantemente é importante observar sua atividade sobre o contexto de emergência. Pela prerrogativa de engendrar sentidos o discurso deve elencar artifícios capazes de gerar a correspondência e identificação do público.

¹¹A aceleração tende a ser maior como já dito no momento eleitoral, mas também em momentos de crise ou com a eclosão de escândalos que provocam uma maior frequência de discursos proferidos, efeitos e reações em espaços menores de tempo.

1.2.3 A retórica do discurso

Em concordância ao parâmetro estabelecido pelo conjunto de saberes integrados a linguagem, os discursos como agentes de transformação atribuem significados ao mundo concebendo imagens sobre o próprio discursante, seus interlocutores, detratores e mais importante sobre a realidade e seu público. Para isso lança mão de estratégias persuasivas ancoradas sobre paixões de forma a sensibilizar seus ouvintes, bem como as coordena logicamente pela articulação de argumentos e narrativas.

O filósofo grego Aristóteles foi um dos primeiros a problematizar o papel persuasivo dos modos de arguição pela linguagem através de sua obra “Retórica”, pela qual destacou que razão e emoção seriam elementos inextricáveis que fundamentam os discursos através de três funções. O *ethos*, característica concernente a adoção e exibição de qualidades pelo discursante no intuito de corroborar a consolidação de uma imagem capaz de promover identificação e transparecer credibilidade diante do público. O *pathos*, fator concernente a utilização de artifícios de natureza passional capazes sensibilizar ou exaltar o público em função das prerrogativas ambicionadas pelos discursos. E o *logos* que fundamenta não só o aspecto argumentativo como também a própria constituição lógica do discurso, permeando a estruturação dos aspectos anteriores (CHARAUDEAU, 2018, p.81)¹².

No âmbito político e mais incisivamente no escopo eleitoral, os discursos lançam mão da construção de uma imagem persuasiva, recorrem a artifícios patêmicos, bem como a coordenação lógica dos argumentos na premissa de gerar correspondência e transparecer veracidade ao público sobre seu conteúdo que diferente da verdade em sua forma resoluta, trabalha com fragmentos que são significados de forma a construir interpretações e versões articuladas em parâmetros verossimilhantes que almejam ser tomados como reais¹³.

Pela conquista do apoio dos destinatários o orador concebe as estratégias mencionadas através de uma imagem que configura sobre os mesmos, lançando artifícios propícios a estimularem sua adesão a projetos defendidos ou ação em acordo as premissas suscitadas pelo discurso. No entanto, suas concepções sobre o auditório podem não corresponder e provocar efeitos não previstos, já que o mesmo assim como o discursante se pauta através de determinados valores e não apenas recebe o discurso como também o interpreta e ressignifica.

¹²Ao problematizar a estrutura é necessário compreender que o recurso a paixão não deve ser antagonizado como meio de seduzir e enganar, ou premissas lógicas exaltadas por seus esforços de convencer pela elucidação. Conforme indicado, permeados pela encenação os discursos podem inclusive reclamar a “racionalidade” e fazer uso de “argumentos” pseudocientíficos no intuito de corromper o discernimento do público, bem como pode transmitir emoções e sensibilizar seu público para comovê-lo e promover o exercício da alteridade.

¹³No âmbito da lógica se inscreve o universo de conhecimentos e crenças que permeiam as relações humanas, como noções religiosas ou ideológicas, que podem não apenas estruturar a coerência do discurso como se tornarem instrumento de identificação junto a amostragens do público.

Em decorrência desses aspectos o linguista Patrick Charaudeau incita que um ato de linguagem tende a ser uma “expedição” em sua produção e uma “aventura” em sua execução. Uma expedição quanto ao planejamento gestado pelo comunicante que visa estratégias e encena suas intenções para que seu discurso seja sucedido na identificação de seu alvo (CHARAUDEAU, 2019, p.56). E aventura, porque todo o planejamento é colocado a prova diante da recepção cujos efeitos são imprevisíveis, devendo os interpretantes aderir, negar, corromper, transformar ou mesmo não compreender a enunciação. (CHARAUDEAU, 2019, p.56).

Por fim, constituídos pelas especificidades da linguagem circulante daquele período e imbuídos de estratégias próprias, os discursos eleitorais de 1960 competiram pela primazia de posições, identidades e sobretudo pela conquista do eleitorado. Ao longo do ano buscaram corresponder às expectativas relativas as contingências do contexto e forneceram propostas e respostas a população em meio a uma disputa que não se delineou somente pelo debate racional de ideais, mas pela evocação de emoções, simbolismos e narrativas que visavam influenciar os rumos do processo de escolha democrático.

2. REGRESSO, “RENÚNCIA” E RETORNO: O PRELÚDIO TUMULTUADO DA CAMPANHA DE JÂNIO QUADROS

Ao tomar os discursos concernentes ao processo eleitoral como objeto de análise historiográfica, uma importante questão se impõe a abordagem empreendida pelo pesquisador: Como delimitar o recorte temporal a ser avaliado?

Observando um extremo a resposta é simples, o final das eleições se encerra pela escolha efetiva dos candidatos pela população. No entanto, o mesmo não pode ser dito para seu início, como delinear um marco inaugural para o processo de debates e disputas? Dificilmente pode ser encontrada uma resposta definitiva para o problema.

Basta tomar como referência o ano de vigência das eleições? O início oficial das campanhas? Ou, tendo em vista a perenidade da disputa política, o recorte deve ser alargado por meses ou anos a fio? Se por um lado o reducionismo pode reverberar em análises incompletas ou equivocadas, expandi-lo sem critérios promove a inaplicabilidade dos esforços interpretativos.

Em observância a essa primeira imposição do objeto é necessário perceber suas particularidades, tendo em vista que cada eleição se constitui através de processos únicos relativos ao percurso tomado pelos atores envolvidos e logicamente pelas ocorrências relativas aos seus devidos contextos de emergência.

Em decorrência desse aspecto não é possível tomar decisões arbitrárias ou fornecer uma resposta universal, é necessário observar as articulações do período e constatar marcos, atitudes e discursos cuja incidência promoveu impactos sobre a esfera social e política influenciando sobre os contornos da dinâmica de disputas promovida pelo ambiente eleitoral.

Nesse sentido se observa que no caso específico das eleições de 1960, não seria útil iniciar a análise pela oficialização da primeira candidatura à presidência, já que o postulante em questão não estava nem mesmo no país. Ou durante o ano de vigência das eleições, já que durante os meses finais do ano anterior, com o retorno do candidato em questão, movimentações mais acentuadas em direção ao pleito começaram a ocorrer e delinear as pautas do debate que ocorreria.

Nesse contexto se observa que entre articulações e debates a dinâmica eleitoral de 1960 começou a se desenhar com maior solidez ao longo dos últimos meses de 1959. Acompanhando o regresso de um de seus protagonistas, o momento ficou marcado pela definição dos partidos em função do pleito; pela ascensão e queda de figuras públicas que se destacaram em âmbito nacional; movimentações que promoveram o enfrentamento e evidentemente o pronunciamento de discursos capazes de construir imagens, narrativas e realidades pela adoção do público e contraposição dos candidatos.

Entre atos bem articulados e reviravoltas dramáticas a política nacional no limiar de 1959, através da atuação convincente de seus atores, conclamou o público para o espetáculo eleitoral alimentando paixões e sustentando racionalmente a expectativa do eleitorado em retóricas e ações de ampla repercussão que moldariam a dinâmica do imane pleito.

2.1 Regresso: o Brasil de Cacareco

O prelúdio da campanha presidencial de 1960 como convencionado pela pesquisa realizada foi delineado pelo limiar de setembro e início do mês de outubro de 1959, por motivos que remontam ao engendramento de atividades mais concretas pelos atores políticos em referência às eleições, bem como pelo desenrolar de acontecimentos junto a efetivação de movimentos e discursos que em processo começaram a moldar as tônicas da iminente disputa. Fundamentos alinhados a uma questão mais simples, o período além de atribulado se destaca pelo retorno do aspirante a presidência da república, Jânio da Silva Quadros, ao país após uma longa viagem internacional que se iniciou em março e se estendeu por meses até seu retorno no dia 22 de setembro.

Antes de partir para este período e cobrir seu regresso, vale pontuar que a despeito da viagem sua candidatura foi lançada pelo “Movimento Popular Jânio Quadros” em 20 de abril sendo oficializada já no dia posterior pela adoção de seu nome durante a convenção do Partido Trabalhista Nacional (PTN). Nessa ocasião o ex-governador de São Paulo e então deputado federal pelo Paraná se tornava o primeiro candidato a pleitear a vaga no mais alto cargo político do país. Ausente não proferiu qualquer discurso, no entanto ao líder do diretório paulista daquele partido, o então deputado federal Chaves do Amarante que foi secretário do trabalho durante seu governo no estado, coube a tarefa de apresentá-lo e discursar em seu lugar.

Em seu breve discurso, Amarante, exaltou as qualidades administrativas do aliado enfatizando seus feitos no governo de São Paulo, dessa forma lançou mão do “*ethos de competência*” (CHARAUDEAU, 2018, p. 125) para qualificá-lo, uma forma de caracterização que seria comumente atribuída ao candidato pelos discursos de sua campanha. Decorrente da exaltação das capacidades de realização de um político, o uso desse *ethos* se vincula a configuração de uma figura detentora de conhecimentos e a capacidade de convertê-los ao exercício eficiente da administração pública. Ao configurar sua imagem em torno destes parâmetros, o político exalta um histórico que envolve formação, experiência e realizações que incidem no destaque de uma trajetória de feitos notáveis os quais devem encontrar respaldo no real, caso contrário a tentativa é mitigada ou facilmente nulificada.

No caso de Jânio Quadros era comum exaltar sua ascensão meteórica e larga experiência em cargos executivos, além de sua formação superior e desempenho político. A estratégia apesar de apresentar modos e funções diferenciadas em meio a profusão de discursos da base apoiadora de Quadros, foi um importante pilar para a construção de sua imagem em predileção a discursos alinhados a moralidade pública e apatia para com os “desmandos” da classe política.

Além de destacar este aspecto, Amarante, evocou outra qualificação que seria comum a pronunciamentos proferidos pelo candidato e seus partidários perante a sua candidatura. Jânio Quadros naquele momento poderia ser escolhido como o candidato daquele partido, no entanto, como disse na época “*Ele é e nunca será exclusivamente nosso. Pertence ao povo.*” (O GLOBO, 22 de abril de 1959). Através desta frase destacava o compromisso de Quadros ao povo, um político de origem popular que serviria o “povo” como “porta-voz” de seus “clamores”. Um movimento referente aos discursos que permearam a consolidação da campanha política oposicionista, os quais qualificavam a candidatura e ação de Quadros como a resposta popular ao sofrimento, miséria e angústia que sentiam (O GLOBO, 28 de outubro de 1959). Envolto a essa origem antes das eleições já havia sido eleito pelo “povo” como seu “legítimo representante”.

Dessa forma era categorizado como mais que um candidato, mas a própria “personificação” da multiplicidade de sentimentos da população brasileira, ao mesmo passo em que se consolidava nos discursos como um “brasileiro comum” que emergiu do povo e se interpôs no debate político devido as insatisfações de uma sociedade injuriada com a política e os políticos, medida capaz de promover a identificação e admiração do eleitorado.

Proveniente deste escopo a sua trajetória política se afirmava pela “moralização da administração pública” e rumo ao ano eleitoral se subscrevia à substituição de um governo que levava o país a “penúria”, no propósito de um cumprir um digno ideal: “*devolver o Brasil aos brasileiros*”¹⁴. Nessas linhas se construía uma “trama épica” protagonizada por um personagem altruísta nascido de um contexto desolador que se insurge contra um grande inimigo: a corrupção. Caberia aos discursos colocá-la em circulação e a “boa atuação” dos atores fazer a população identificá-la com a sua realidade.

No sentido de vincular Jânio Quadros ao status de “candidato do povo”, os discursos alinhados a sua campanha buscaram se apropriar de sentidos relativos à premissa “popular” e promoveram ideias que além reforçar a legitimidade da candidatura defendida, atribuíam a mesma a expressão de uma “vontade maior”. Enquanto sua campanha e eleição se portavam como “a resposta definitiva” às indignações populares, todo o conjunto de noções conforme articulado buscava, em mesmo grau, antagonizar o governo causador do “suplício” imposto aos brasileiros.

¹⁴ Expressão de autoria do próprio candidato, que ainda será apresentada em seu devido contexto.

A ideia pode ser ilustrada pela afirmação a seguir, externada por Carlos Lacerda em artigo ao Tribuna da imprensa: *“O povo escolheu Jânio, dentro e fora da UDN. E o povo está vendo faltar feijão e sobrar intriga. O povo não está revoltado porque ainda tem esperança: o dia 3 de outubro do ano que vem. Mas o povo está enojado.”* (TRIBUNA DA IMPRENSA, 2 de outubro de 1959). Segundo a expressão, o “candidato popular” também era o “último bastião de esperança” capaz de manter a fé do povo no presente e futuro do país. Eleito ou não pela vindoura convenção da UDN, Jânio era o legítimo representante dos interesses da população no embate eleitoral, segundo a adjetivação do jornalista e seus correligionários que através da prerrogativa assimilaram o “povo” sob a forma de sua candidatura. Partindo desta lógica, ao defendê-lo, os oposicionistas buscavam transparecer que não agiam em função da elevação do então deputado federal, mas ecoavam as reivindicações populares por intermédio deste, buscando cimentar um argumento de autoridade ao jogo democrático.

O mesmo, naturalmente, era contestado e convertido por seus opositores frente as outras candidaturas que visavam se instaurar. A disputa pela preferência e representatividade do povo no âmbito dos discursos incide em um confronto linguístico, à medida que a conquista de conceitos é colocada em jogo e qualificações exercidas por campanhas e candidatos visam não só se apropriarem de ideias e valores benquistos, mas também agregar a seus adversários parâmetros contrários.

No cenário eleitoral Lott era qualificado pelos discursos que o apoiavam como um homem “honrado” e “nacionalista”, um soldado de “conduta imaculada” cujo único papel era servir e defender a democracia e a independência da nação brasileira. Ademar de Barros, “era” o “homem dínamo” que apesar dos escândalos, afigurava como um político notavelmente “eficiente” e “capaz”, um dos poucos a realizar tão grande número de obras que necessitavam a população. E, como amplamente conhecido, o discurso de Jânio Quadros ficou marcado pelas bandeiras da “anticorrupção” e “moralidade”. Noções que reverberavam em meio a um discurso oposicionista, que se valia de um cenário de descrença para construir narrativas, como a expressada, que culminavam na prerrogativa de dissociar os termos “política” de “povo”.

Em paralelo a proposição de desqualificação da política, marcada pelo estigma da “corrupção”, coube a Jânio Quadros se embeber de “povo”. Para se firmar como o “candidato popular” as noções mencionadas foram expressadas e longamente reforçadas pelos discursos no intuito do adjetivo veiculado ser amplamente aceito pela sociedade e naturalizado em meio a linguagem.

Enfim, desde a oficialização de sua candidatura circularam outras especulações quanto a candidatura governista que deveria permanecer pela reeleição de Juscelino Kubitschek (para isso deveria ser votada uma emenda à constituição) ou então se apoiaria sobre o nome do ministro da

guerra Marechal Henrique Duffles Teixeira Lott. Bem como sobre o apoio da União Democrática Nacional ao próprio ou ao governador do estado da Bahia Juraci Magalhães. Entre outras questões naturais ao campo e ao processo como a seleção dos candidatos a vice-presidência. Todavia, todas essas conjecturas só deixariam as páginas de jornal e se tornariam realidade junto ao já mencionado retorno de Quadros.

Há exatos seis meses da oficialização de sua candidatura, Jânio Quadros finalmente voltava ao país. Recebido na capital por populares, alguns com vassouras empunhadas, correligionários, bem como pela própria imprensa que detalhou sua chegada, companhias, a roupa que trajava e mais importante o inquiriu sobre sua jornada e futuro de campanha através de uma série de questionamentos televisionados que, apesar de uma restrição jurídica, contaram com a participação de Carlos Lacerda¹⁵¹⁶¹⁷.

Antes de responder aos jornalistas o candidato fez questão de saudar o governador udenista Carvalho Pinto, além do próprio “povo” paulista ao afirmar ser nada mais que uma “*simples expressão*” advinda da “*vontade política*” dos bandeirantes. Não só veio do povo conforme sugeriam seus aliados, como era “*sua simples expressão*”, apontamento que além de reforçar a ideia anteriormente relacionada, conforme adjetivado, agregava humildade a sua imagem.

Logo em seguida ao ser questionado, destacou a solidez de sua candidatura, em suas palavras “*inarredável*”, dissertou sobre sua confiança quanto ao pleito e suas expectativas para a realização de uma campanha limpa em alto nível a maneira em que propostas se sobrepusessem acusações e o eleitorado brasileiro fosse esclarecido sobre a realidade do país e conscientizado quanto ao teor dos caminhos oferecidos pelos candidatos¹⁸.

Adiante por requisição da imprensa comentou sobre seu provável concorrente: “*Desejo externar o meu respeito pelo Marechal Lott. É um homem honrado, que têm todas condições para alcançar a chefia da Nação, que é dele, minha e de todos nós.*” (O GLOBO, 23 de setembro de 1959). Partindo dos preceitos do cenário político atual, é estranho pensar que tal elogio possa ser manifestado, no entanto é devido salientar as diferenças contextuais bem como uma característica própria dos pronunciamentos de Jânio Quadros durante ao início da campanha¹⁹²⁰²¹.

¹⁵Segundo o jornal o Globo trajava “*calça esporte de brim azul-claro, camisa branca de malha manga curta, tênis marrom de sola fina, sem meia. O cabelo, trazia-o ‘penteado’ com os dedos. De preço no corpo, só tinha o relógio, de ouro, assim como sua pulseira. E os óculos, bons, pretos.*”. Além de estar “*queimado e magro.*”

¹⁶Segundo “O Globo”, milhares de apoiadores se reuniram para recebê-lo, “Tribuna da Imprensa” trinta mil, “Ultima hora” meia centena. Nesta diferença numérica é possível perceber a parcialidade dos veículos e o desafio imposto ao historiador que a todo momento deve cruzar suas informações ou então será tomado por seus discursos.

¹⁷Na época proibido pela justiça de aparecer na TV, Lacerda pode apenas levantar uma questão a Jânio Quadros: Sua posição quanto a censura de políticos udenistas no meio, fato que o candidato prestou lamento e indignação.

¹⁸A palavra inarredável, pouco usual hoje, mas comum ao período, após este uso de Jânio Quadros passou a resguardar, como será visto, novos contornos na linguagem política em referência ao candidato.

¹⁹A menção a honradez de Lott como presente no trecho divulgado, curiosamente remete a uma qualidade que seus apoiadores visavam atrelar a sua imagem pública.

O mesmo político que discursava inflamadamente contra a própria classe e o governo, dissociava seus discursos dos atores e buscava referir-se com consideração não só a correligionários como também a adversários²². Dessa maneira buscava manter boas relações, enquanto evitava expressar publicamente contraposições claras a grandes nomes da política nacional. Assim foi com Lott durante a ocasião, como também seria em diversas outras oportunidades junto a políticos como Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek.

Ao prosseguir começou a comentar sobre as suas viagens abordando os países visitados a começar pela Rússia. Elogiou a “*riqueza científica, técnica e política*” do país e negou qualquer confabulação em direção a uma invasão comunista no Brasil. Na premissa de reforçar suas posições quanto a pertinência de uma política externa independente (PEI), defendeu a importância da construção de relações comerciais diretas com o país “*livre de intermediários*”, medida que deveria ser ampliada em direção a todos os integrantes do bloco soviético (O GLOBO, 23 de setembro de 1959). Uma postura que já era externada por representantes da associação comercial brasileira durante aquele ano (ULTIMA HORA, 8 de janeiro de 1959) e discutida pelo governo federal (ULTIMA HORA, 7 de agosto de 1959) que em outubro enviaria uma missão diplomática a Moscou para tratar do tema (ULTIMA HORA, 20 de outubro de 1959).

Sobre a África do Sul também destacou as oportunidades comerciais, porém adotou um tom mais crítico e categorizou a situação do país como “*trágica*”, ao mencionar o *apartheid* reforçou: “*Divididas pelo ódio racial lá existem duas Nações a branca e a negra inconciliáveis. A Bíblia diz que uma casa dividida em si mesma não pode subsistir. A África do Sul não subsistirá*” (O GLOBO, 23 de setembro de 1959). Nesse trecho da entrevista Jânio Quadros se portou pela igualdade racial, a qual sublinhava de maneira pontual em discursos ao longo da campanha, uma questão que resguardava sua importância sendo abordada e discutida pela imprensa e a classe política do período em virtude de acontecimentos e situações de discriminação. Apesar de o racismo estar imbricado na sociedade, a nenhuma figura pública valia se apresentar como racista sem macular sua reputação.

Vale destacar também sua menção a Bíblia, fator que deve ser visto a luz da pertinência relativa à religiosidade junto a estruturação do conjunto de crenças e valores inculcados a política daquele período. Nota-se através dos discursos abordados que entre os atributos essenciais a

²⁰O trecho é colocado de maneira semelhante em “Correio da Manhã”, parcialmente suprimido em “Tribuna da Imprensa” e inflado no “Última Hora”.

²¹Diante dessa frase surgiram boatos sobre uma suposta disposição do opositor em abrir mão de sua candidatura e apoiar Lott, algo que seria desmentido pelo próprio publicamente dias depois, afirmando: “*Não me passa pela cabeça apoiar a candidatura Lott tentando assim manter o status quo no temor da aparição de uma outra candidatura perigosa. Isso é calúnia. O que quero como tenho afirmado. É deixar bem claro que respeito o Marechal Lott desejo uma campanha eleitoral em alto nível*” (TRIBUNA DA IMPRENSA, 6 de outubro de 1959)

²²Uma exceção pode ser vista no tratamento de Ademar de Barros, o político que passou a representar a celebre frase do “rouba, mas faz”, não poderia ser tratado com a mesma cordialidade. Tendo em vista que a trajetória e discurso político de Quadros se prestavam em destacá-lo em um campo oposto ao então prefeito de São Paulo. Durante a ocasião foi questionado, sobre o político e afirmou “*Estou a bordo de um navio estrangeiro, portanto, no estrangeiro. E no estrangeiro não costumo falar de políticos nacionais.*”

construção de uma imagem pública, era primordial ao político demonstrar firme compromisso com a fé católica. Em meio ao ano eleitoral Lott afirmaria que para ser eleito a presidência o político necessitava “*ser temente a Deus ou então o país se perderia*” (ULTIMA HORA, 7 de setembro de 1960), premissa que Jânio Quadros partilhava na formulação e pronúncia de seus discursos e ao longo da campanha reforçou mais ativamente ao comparecer a residência dos arcebispos de cada capital que visitava.

Em decorrência de uma população expressivamente católica, a Igreja resguardava prestígio sobre a sociedade, exercia poder sobre a política e não se isentava do debate público na manifestação de críticas ou suporte a medidas políticas. Diante de sua influência os políticos a respeitavam no âmbito da elaboração de projetos, assim como o eleitorado poderia votar de “consciência tranquila” no candidato de sua escolha mediante a autorização do clero (ULTIMA HORA, 30 de setembro de 1960)²³²⁴²⁵.

Em prosseguimento a entrevista, Jânio Quadros dissertou brevemente sobre o Japão e Singapura, sem destaques maiores defendeu a presença do país junto ao continente asiático. Frente ao tópico internacional é importante ressaltar seu peso, bem como a pertinência das discussões decorrentes da atuação brasileira no contexto mundial daquele período.

Lapidado em meio ao desenrolar da disputa entre as potências capitalista e comunista, o pensar e fazer político se alinhavam a tomada de posturas e valores próprios, quanto a um presente que aspirava pelo futuro sob a égide do desenvolvimento tecnológico e científico, que todavia, era incapaz de suprimir as memórias sombrias do passado recente. Uma conjuntura que preanunciava, para o bem ou para o mal, o limiar de uma “nova era” quanto ao rumo das nações e da própria humanidade. Ao contexto contraditório permeado pelo clima esperançoso dos empreendimentos espaciais em paralelo ao temor disseminado pelo desenvolvimentismo bélico, pode ser conferida uma distensão nos parâmetros de abordagem concebidos por Koselleck (2006, p. 305), a experiência em nada poderia ajudar a prever o amanhã, ilegível, em aberto. Se “inaugurava” um período de avanços que servia para a construção do futuro, livre para ser preenchido pelas lideranças mundiais, se traçariam um horizonte de desenvolvimento humano e tecnológico ou obscureceriam toda a esperança a imanência de um novo conflito bélico, era resguardado a cada nação o dever de contribuir em seu desenho.

²³Segundo censo demográfico realizado naquele ano 65.329.520 do total de 70.191.370 de brasileiros se consideravam católicos, ou seja, o número de devotos da Igreja somava um total de 93% dos habitantes do país.

²⁴Durante o ano de 1960 foi elaborado um projeto de lei para o divórcio, e como esperado a Igreja atuou incansavelmente contra sua aprovação, seus autores, no entanto diziam que o projeto teria a benção do Bispo da capital (ULTIMA HORA, 2 de fevereiro de 1960) e esperavam a compreensão e apoio da instituição para aprová-lo, o que não ocorreu. Um projeto reconhecendo a prerrogativa só seria aprovado em 1977 pelo mesmo autor Nelson Carneiro.

²⁵Ao fim de setembro de 1960, já as vésperas das eleições, o jornal “Última Hora” evidenciou junto a um discurso de Lott uma “autorização” do então arcebispo de Fortaleza Dom Antônio Almeida Lustosa, que elogiou o compromisso do militar a fé negando que a instituição havia proibido os eleitores católicos de apoiarem sua candidatura. Uma manifestação em reação a um pronunciamento de forte repercussão no momento, que ainda será abordado.

Apesar da disparidade entre o potencial dos atores internacionais, o caminho a ser trilhado pela humanidade começava a ser traçado naquele momento. O desenvolvimento tecnológico reestabelecia a fé no potencial humano, o ascendente progresso no ramo da engenharia aeroespacial preenchia o horizonte dos contemporâneos que em outubro de 1959 testemunhavam a missão soviética *LUNIK III* destinada a explorar o lado oculto da lua. A expectativa apontava que todos os mistérios do universo deixariam de habitar somente a imaginação e enfim poderiam ser explorados de perto por uma humanidade fascinada pela utopia tecnológica que poderia se concretizar em poucos anos.

Enquanto se sonhava com o universo, as relações político-sociais da terra remetiam a expectativas pouco otimistas. Desde a explosão da bomba atômica a humanidade não sabia o que esperar, parecia não haver limites a capacidade de destruição das potências, que apesar de se demonstrarem cada vez menos suscetíveis a um conflito direto, resguardavam mistérios que arrefeciam sonhos e a esperança no futuro. Em decorrência do desenvolvimento nuclear, surgia o temor quanto a novas doenças relacionadas a radiação, corriqueiramente circulavam notícias sobre deformidades e mutações inexplicáveis, o fim estaria próximo?

Fruto deste conjunto de imaginários, surge a inflamação do temor acerca do comunismo. Jânio Quadros ao relatar sobre sua visita a Rússia, apesar dos elogios, fez questão de dissociar qualquer pretensão de aproximação política, sua proposta era estritamente econômica. Afinal o partido comunista permanecia sob a ilegalidade e se alinhar ao comunismo era arriscado e renderia a qualquer candidato rejeição da sociedade. O “comunismo” e seus relativos se tornaram conceitos negativos, no interior da linguagem partilhada pelos políticos daquele contexto, se instituindo como armas que visavam desqualificar qualquer agente em atividade.

Em contraposição a negatividade expressada pelo comunismo, a integração de valores relativos a premissas “nacionalistas” era um aspecto chave aos discursos que disputaram pela representatividade do conceito como forma de legitimar suas posições. Sobre a importância relativa ao molde político permeado pelo “nacionalismo” se compreende a próxima questão direcionada a Jânio Quadros, sobre sua relação com a Petrobras.

Antes de mais nada é necessário deixar claro que distingo “nacionalistas” de nacionalistas. Os que forem de tonalidade rósea ou avermelhada dificilmente conversarão comigo. É preciso ficar claro de que, antes mesmo de a Petrobras tomar corpo. A ideia de sua criação já contava com meu apoio. Esse apoio a nossa empresa de petróleo nunca faltou durante todo o meu governo. Porque já disse e repito. Petróleo é soberania! (O GLOBO, 23 de setembro 1959)

Antagônico ao status do “comunismo” em meio aos debates da época, o “nacionalismo” se portava como um imperativo, uma regra pela qual todo político deveria delinear sua ação. Diverso ao modelo alemão, fascista, ou de noções contemporâneas, naquele momento o conceito representava um modo de fazer política, alinhado a nações emergentes, que se portava pela soberania e elevação dos países. Conforme salientado, a cada nação caberia o papel de participar do processo político internacional e moldagem do contexto que definiria o futuro da humanidade. Para cumprir sua missão histórica um *novo* Brasil começava a nascer liderado por Juscelino Kubitschek, o *presidente bossa-nova*, cujo plano de governo faria da nação um país do *futuro* que trilharia *50 anos em 5* deixando para trás seu passado como emergente. Junto ao auxílio da intelectualidade do país, pela atuação do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), redigiria as páginas de uma *nova* história para o país estruturada nas linhas do *progresso e desenvolvimento*. Por fim, consolidaria todo esse processo de transformação através de um símbolo material, a transição para os *novos tempos* tomaria forma sob a construção de uma *nova* capital Brasília, a cidade do *futuro* conforme expressa a celebre frase de Kubitschek gravada em granito na capital: “*Tudo se transforma em alvorada nesta cidade que se abre para o amanhã*”.

Na afirmação da soberania do país sobre o contexto internacional, a esfera de enunciação do político encontrou um forte resguardo sob o conceito. Tomado como *ethos* pela situação que o reclamava como fruto e propriedade de sua forma de pensar e agir politicamente, o “nacionalismo” nas linhas desenvolvidas por seus discursos se pautou como uma ideologia que se materializava em associação ao implementado desenvolvimentismo cujo intuito maior seria a elevação do país a um *status* de paridade com as potências, preservando sua independência apoiado pela “resiliência dos brasileiros” em conjunto com o “trabalhismo” de ascendência varguista²⁶.

Apesar de apresentar uma gradação adversa ao conceito, o “comunismo” não era seu oposto, mas o assim nomeado “entreguismo”, sendo Jânio Quadros e seus correligionários os maiores expressores de viés político, segundo o discurso situacionista. “Entreguistas” porque se “dedicavam” a uma política de “submissão” ao capital estrangeiro a qual durante as últimas eleições sob a bandeira do candidato derrotado, Juarez Távora, almejavam “entregar” o Petróleo brasileiro as “forças do imperialismo norte-americano”. A defesa da Petrobras nesse sentido passava a ser norma a qualquer candidatura política que caso incorresse ao contrário seria taxada como “entreguista”, contraria aos interesses brasileiros em favor do capitalismo internacional. Nesse sentido se contextualizam os pronunciamentos de Jânio Quadros em defesa da estatal brasileira, como também suas posições políticas externas a favor da independência do país em inter-relação ampla junto as potências.

²⁶Além das diversas ocasiões que se usou do conceito Lott, afirmaria em campanha “*O nacionalismo é meu plano de governo.*” (ULTIMA HORA, 12 de agosto de 1960)

E quanto ao comunismo? Se Jânio poderia ser atrelado ao mesmo devido a sua visita a Rússia, suas expressões visavam corroborar pelo contrário. Se furtando do apoio comunista a situação, o envaidecido “nacionalismo” passava a ser questionado por esconder cores “*rósea*” ou “*vermelhas*”. “Nacionalistas”, entre aspas, foi uma das formas pelas quais a oposição e Jânio Quadros se referiam aos adeptos da doutrina, dessa maneira lhes negavam a qualidade de “verdadeiros nacionalistas”, identificação que as instâncias competiam pela primazia. Nada mais eram que “*falsos nacionalistas*”, cuja política escusa abrigava propósitos alinhados ao comunismo internacional segundo a desqualificação encarnada pelas palavras de Lacerda: “*O “nacionalismo” é para muitos uma chantagem, atrás da qual se esconde, com o rabo rubro de fora, o interesse da Rússia em colocar o Brasil à mercê de suas infiltrantes propostas*” (TRIBUNA DA IMPRENSA, 4 de abril de 1960).

Retomando a entrevista, Jânio Quadros foi questionado sobre o projeto de reforma parlamentarista colocado em discussão no congresso nacional²⁷.

Tenho profundo respeito por homens como Raul Pita, Otavio Mangabeira, e outros parlamentaristas nossos, que dão bem uma ideia do conteúdo moral dos que desejam a implantação desse sistema de governo no Brasil. Mas o que vem se delineando, agora, no congresso é altamente suspeito. Traduz antes, uma tentativa de subtrair do povo o direito sagrado de escolher seus dirigentes. Esse “parlamentarismo” de última hora parece, antes de mais nada, uma burla a vontade popular. Tal movimento, portanto, só pode ter a minha inteira reprovação. E esta é a opinião da maioria. Estou com a maioria do meu povo. E é coisa perigosa contrariar a vontade da maioria popular. (O GLOBO, 23 de setembro de 1959)

Nesta questão Jânio Quadros, novamente fez uso de seu tom conciliador e antes de criticar o projeto dissociou os políticos filiados a UDN, partido ao qual buscava o apoio nas eleições. Através de uma argumentação ancorada novamente na premissa de “soberania popular”, visava demonstrar que estava junto à opinião pública na defesa dos “direitos democráticos” que estavam sendo colocados em risco pela implantação do sistema político no país. Em torno de sua caracterização como “candidato popular” e “expressão da vontade do povo” não poderia tomar outra posição²⁸. Mesmo que sua rejeição ao projeto se devesse ao esvaziamento do cargo que pleiteava, converteu através de suas palavras qualquer “ambição” que poderia interiorizar a retórica do pleno dever para com ideais democráticos, mascarando uma posição potencialmente pessoal sob o viés do interesse público.

²⁷Votada e rejeitada no dia 17 de novembro daquele ano.

²⁸Partilhada também pelo então presidente (ULTIMA HORA, 18 de setembro de 1959) e seu ministro da guerra (ULTIMA HORA, 23 de setembro de 1960) que mais de uma vez ameaçou retirar sua candidatura caso a proposta fosse aprovada.

Sobre o fato de maior relevância no contexto nacional afirmou:

Antes de iniciar a construção de Brasília eu já a aprovava, numa conferência de governadores em Goiânia fui favorável a interiorização de nossa capital. Considero a interiorização da capital um grande passo para a incorporação do interior do país a comunidade nacional. Mas faço restrições ao ritmo de sua construção, e as circunstâncias que vem envolvendo a ereção de Brasília, claro se eleito prosseguirei as obras da capital. (O GLOBO, 23 de setembro de 1959)

Enquanto integrante da oposição não poderia apoiar a atuação do governo, seu papel demandava uma postura diferente, mas ao contrário dos extremos que condenavam veementemente a construção de Brasília, Jânio Quadros era mais pragmático em relação a nova capital. Apoiava sua edificação, mas dizia se afastar das “pretensões futuristas” que delinearão seu projeto (o arcabouço de suas críticas) e observava em sua fundação uma “oportunidade de integrar os estados” até então “isolados da comunidade nacional”.

Fazia transparecer em suas palavras que pelo povo brasileiro “sem voz” foi favorável a nova capital, mesmo motivo pelo qual tecia sua crítica à medida que a velocidade de sua construção indissociavelmente remetia a crise econômica que trouxe infortúnios a vivência nacional. Segundo as ideias que permeavam não só essa reposta como o discurso oposicionista ao longo das eleições, pelo alcance do futuro, o governo federal através das obras de Brasília esmagava o presente e a dignidade do povo brasileiro, noção que contestava a presença do fator humano no escopo do plano desenvolvimentista e impunha uma “revolução” pelo voto como um imperativo para o fim da crise.

Ao fim da entrevista perto de regressar ao navio, um emissário do ministro da guerra chegou para prestar cortesia e desejar boas-vindas ao candidato em nome do governo, ato que seria retribuído futuramente através de uma visita ao presidente e seu ministro, durante o dia 07 de outubro. Conforme narrado pelo “Ultima Hora”, Jânio Quadros afirmou durante a ocasião: *“Estamos diante de um dos maiores presidente que o Brasil já teve. O Presidente Juscelino bem merece ser considerado um grande presidente.”*, frase que pode ser vista dentro dos parâmetros de bom convívio previamente abordados, no entanto, não pode ser tomada como uma transcrição exata, tendo em vista o posicionamento do referido jornal e ausência do trecho em outros meios, para fins de comparação.

Além disso enfatizou sua expectativa por uma campanha em “alto nível”: *“Vim ver o Presidente retribuindo a visita que me fez a bordo do navio de forma cavalheiresca e democrática, quando passei pelo Rio, de regresso ao Brasil, vim com especial satisfação porque sempre mantive relações de cordialidade e respeito recíproco que desejo manter se possível durante a campanha.”*. E externou premissas quanto a campanha que ainda não havia começado:

Tratarei de questões e problemas nacionais oferecendo sugestões que são minhas, dos partidos e dos companheiros que defendem a minha candidatura. Acredito aliás, no trabalho de grupos. Essa vai ser a minha orientação sem embargo das injúrias e provocações que já começaram. A minha campanha será eminentemente educativa quero transformá-la em instrumento de esclarecimento do Povo. (ULTIMA HORA, 08 de outubro de 1959)

Neste sentido reforçou sua coesão junto aos apoiadores na prerrogativa de afastar informações sobre desentendimentos disseminadas por opositores, e para os partidos aos quais ainda não havia conquistado o apoio formal, demonstrava sua disposição em cooperar apesar de sua postura orientada pela independência política. Já para o eleitorado recorreu a sua antiga profissão e sinalizou para uma campanha de “conscientização”, que visa o “esclarecimento” da população. Dessa forma afastou sua imagem do “demagogo” que persuade através de embustes e corroborou junto a já mencionada imagem de “educador” que visa esclarecer o eleitorado sobre a realidade e seus problemas, oferecendo sugestões que podem ser aceitas ou rechaçadas pelo público que após os esforços de sua campanha teria o “conhecimento” necessário para sustentar suas decisões.

Sua chegada ao país em setembro deveria representar o início de movimentos mais expressivos já que estava finalmente imbuído da experiência e aprendizado adquirido por sua peregrinação pelo mundo, segundo o próprio, em busca de “*ideias e soluções*”. Esperava-se que ao final, os frutos da jornada serviriam para apresentação de propostas aos brasileiros. No entanto, durante o início de outubro, como visto nesta visita ao presidente, haviam apenas planos e durante o breve período de sua chegada até o referido mês, Jânio Quadros passou a se esquivar dos “holofotes” e apesar de se reunir com lideranças de diversos partidos, como Fernando Ferrari que era especulado como seu futuro companheiro de chapa, terceirizou a questão da vice-presidência — intensamente levantada pela imprensa durante as suas entrevistas — aos partidos que o apoiavam e durante as semanas finais de setembro se ausentou dos debates afirmando buscar um tempo de descanso para sua família.

Enquanto Jânio repousava em sua terra natal, Campo Grande, as atividades políticas seguiram em pleno funcionamento. Pouco tempo se passou desde sua chegada e logo se iniciava o mês de outubro marcado pelas eleições legislativas que resultaram no que a imprensa destacou como a “derrota de Ademar de Barros”, já que seus associados não obtiveram êxito sendo a oposição exitosa ao conquistar um grande número de prefeituras no estado de São Paulo (TRIBUNA DA IMPRENSA, 07 de outubro de 1959)²⁹. A ocasião segundo coluna do jornal “O

²⁹Exceto o Última Hora que em função da eleição de uma maioria de vereadores “anti-Jânio” pela capital, noticiou uma derrota do “vencível homem da vassoura” (ULTIMA HORA, 9 de outubro de 1959).

Globo” simbolizava a mudança organizacional do estado que passava a caminhar “sobre a orientação de homens novos, deixando para trás antigos clãs facciosos, que durante tão longo tempo exploraram o interesse público, sobrepondo o privado”, além de uma vitória de Jânio Quadros que poderia contar com o voto do eleitor paulista, ainda segundo o jornal o reestabelecimento da “confiança que, no caso, é vizinha da esperança quase perdido nos dias mais tranquilos”(O GLOBO, 09 de outubro de 1959).

Além da “derrota” dos candidatos apoiados por seu rival político, as eleições trouxeram outro destaque em São Paulo, o sucesso eleitoral da rinoceronte “carioca” Cacareco, que estava emprestada ao zoológico paulista desde o mês de março de 1958. Lançada por iniciativa do jornalista Itaboraí Martins, sua candidatura foi abraçada pela população que fez até um jingle de “campanha”: “Cansados de tanto sofrer / E de levar peteleco / Vamos agora responder / Votando no Cacareco” (G1, 04 de outubro de 2019). Um voto de protesto que marcou o período e foi capaz de catalisar a insatisfação e revolta do eleitorado que a “elegeu” vereadora pelo partido “passa fome” (TRIBUNA DA IMPRENSA, 6 de outubro de 1959).

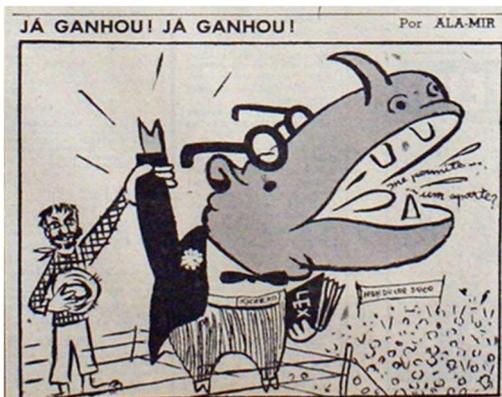


Figura 2: Aclamada pelo povo: Cacareco (A MARCHA, 16 de outubro de 1959, apud, CHRISTOFOLETTI, p. 151, 2021)

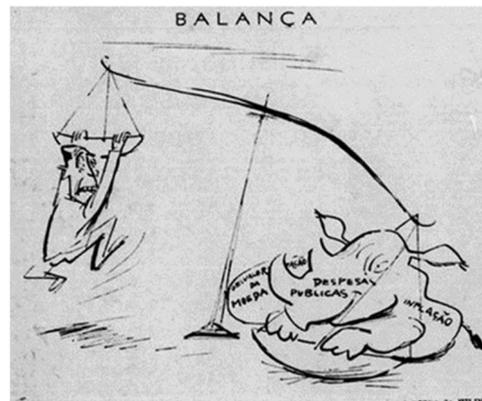


Figura 3: Cacareco: O peso do desenvolvimentismo (TRIBUNA DA IMPRENSA, 6 de janeiro de 1960)

Cientes dessa insatisfação a UDN, por via de folhetim logo fez uso da rinoceronte para estimular o voto em seus candidatos e acusar o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) juntamente ao governo pela promoção de causas antinacionais, bem como os responsabilizou pela crise que atravessava o país (TRIBUNA DA IMPRENSA, 05 de outubro de 1959). Sendo o mesmo discurso firmado pela figura 3 de autoria da chargista Hilde Weber para o Tribuna da Imprensa, a qual corresponde na “balança da justiça” a resposta popular encarnada em cacareco ao peso da inflação, das despesas públicas e desvalorização do câmbio. Versões não faltaram sobre as causas do sucesso eleitoral de cacareco, “malícia de um povo que estava cansado de ser subdesenvolvido” (O GLOBO, 14 de outubro de 1959), ou mesmo uma expressão de “desrespeito ao sistema

democrático” (ULTIMA HORA, 13 de outubro de 1959). O fato correu o mundo, sendo amplamente noticiado por meios de imprensa internacionais, e Jânio Quadros, que já havia começado a retomar suas atividades, se pronunciou afirmando que o caso demonstrava um “*sinal dos tempos, o repúdio do povo aos políticos e a política uma afirmação de descrença*”(TRIBUNA DA IMPRENSA, 09 de outubro de 1959)

A descrença popular encarnada em Cacareco pesava sobre a classe política, responsabilizada pelo aumento da inflação e escassez de gêneros alimentícios. No Distrito Federal faltava carne, dia após dia os jornais noticiavam a mesma situação de carestia que impulsionou além do desalento da população, manifestações grevistas. Vale lembrar que o direito de greve, apesar do reconhecimento constitucional através do Decreto-Lei nº 9070/46 tinha sua exequibilidade prejudicada pela rigidez de seus artigos que entre outros pontos não abrangia determinados serviços tidos como essenciais, sendo reservado ao ministro do trabalho o papel de definir e incluir mais profissões a lista.

Em meio a uma legislação cinzenta, aos órgãos de Estado era tão legítimo quanto atender ou negociar junto as demandas dos grevistas, encará-las como ilegais ou formas de “desorganização” se valendo da prática de decretos de intervenção militar, para contenção do avanço de manifestações urbanas e reestabelecimento da “paz” e da “ordem”. Maior expressão da suposta culpa de Jânio Quadros para o agravamento da crise política que culminaria no golpe civil-militar, era o sintoma pouco democrático demonstrado por uma república que utilizava as forças armadas para silenciar greves e intervir no ordenamento social. Frente a esta função, o exército se portava como aparelho “regulador da ordem” e as intervenções eram observadas como “naturais”, fenômenos corriqueiros, tanto para esfera administrativa quanto para o entendimento social.

A estrutura resguardava um expressivo privilégio social e político, exercendo um papel fundamental para a manutenção da democracia durante as últimas eleições. Sob a recusa dos resultados e ameaça de golpe pelas forças derrotadas, o exército interveio e garantiu que o candidato eleito ocupasse seu lugar de direito, protagonista do movimento o Marechal Henrique Duffles Teixeira Lott foi escolhido como ministro da guerra pelo governo Kubitschek e seu nome ascendeu politicamente.

Em vista a esse cenário, frequentemente, Jânio Quadros era questionado pela imprensa sobre quem seria seu “homem no exército”, quem garantiria que caso eleito governaria, entre as inúmeras vezes que se deparava com a questão prestava respeito e admiração as forças armadas, mas reforçava ter fé no cumprimento da constituição. Ao decorrer dos meses abordados, circularam boatos sobre o descontentamento e conseqüente prerrogativas de um golpe pela instituição, seus adversários, entre os quais Juraci Magalhães que disputava a indicação pela UDN, imputavam uma suposta animosidade do exército para com a candidatura Quadros na prerrogativa de esvaziá-la.

Suas respostas, frente ao contexto, não poderiam ser diferentes de quando comentou à imprensa sobre rumores quanto a possíveis articulações militares em direção a um golpe de Estado: *“Isso é uma especulação impatriótica, uma injúria a nação, não conheço militar, nesse país, que deseje o golpe. Mas desgraçadamente, sim, civis que o pregam.”* (TRIBUNA DA IMPRENSA, 25 de outubro de 1959). Além de ser “cristão” e “nacionalista”, era necessário ser afável com um exército cuja função transbordava o papel da defesa das fronteiras nacionais e exercia tal influência que poderia ser classificado como um quarto poder da república.

Como órgão de defesa da ordem e manutenção do “interesse coletivo”, diante da crise alimentícia, o exército era impulsionado a necessidade de agir, mas não partilhava da escassez que “angustiava os brasileiros” conforme apontavam reportagens sobre o recebimento de carne pelos quartéis. Fato utilizado pelo “Tribuna da Imprensa” para politizar as remessas enviadas ao Ministério da Guerra, na premissa de desqualificar o futuro candidato governista (TRIBUNA DA IMPRENSA, 20 de outubro de 1959). O assunto repercutiu e provocou uma resposta do ministro: *“Recebo realmente em casa duas vezes por semana 4 kg de carne. Mas não só eu apenas, por ser ministro da Guerra, mas todos os oficiais e sargentos.”* (ÚLTIMA HORA, 20 de outubro de 1959).

Sobre o problema, Jânio Quadros colocou em evidência sua fama como bom administrador e receitou a solução, caso eleito: *“Muita coisa poderá ser feita durante um ano de austeridade, de contenção, economia, concessão de crédito fácil barato, transportes rápidos estocagem a preços mínimos, vantagem em intermediários e combate à inflação”* (TRIBUNA DA IMPRENSA 08 de outubro de 1959). Mas competia ao governo enfrentá-lo, entre a possibilidade de ocupação militar dos frigoríficos na prerrogativa de “nacionalizá-los” para suprir a demanda (O GLOBO, 10 de outubro de 1959), alternativa reprovada pelo próprio presidente, Lott e outros ministros de governo que viam na atitude um impulso negativo para os produtores (O GLOBO, 14 de outubro de 1959), havia outras alternativas intervencionistas em discussão. Requisição? Desapropriação? Ao final a solução encontrada foi a importação de carne argentina (ULTIMA HORA, 17 de outubro de 1959) que ajudou a acalmar os ânimos, mas não trouxe a resolução total do problema. Sem resposta definitiva cresceu a insatisfação popular sobre o papel desempenhado pela “Comissão Federal de Abastecimento e Preços” (COFAP), o que culminou em um atentado a sua sede (TRIBUNA DA IMPRENSA, 10 de novembro de 1959).

Servindo-se da crise Quadros teceu novas críticas e denunciou a falta de ação efetiva pelo governo federal *“Se portarias e decretos resolvessem, o Brasil seria o país mais bem abastecido do mundo”* e reforçou as soluções anteriormente mencionadas além de advertir *“ainda teremos crise de carne de feijão de arroz de trigo e outras mais separadamente ou coincidentemente.”* (O GLOBO, 06 de novembro de 1959)

Em virtude desse contexto, a oposição apontava para o descompasso entre o “otimismo” do governo desenvolvimentista e a realidade econômica (O GLOBO, 14 de outubro de 1959). Em manifestações públicas, buscavam se portar como “verdadeiros porta-vozes” das aflições do povo e denunciavam a “inércia” do governo. O momento era oportuno para a união em torno de um grande nome para fazer frente a situação, no entanto, apoiado por Lacerda, Jânio Quadros não era unanimidade pela UDN, que ainda não havia escolhido seu candidato. Além do “candidato popular”, durante o início do mês de outubro, Juraci Magalhães governador da Bahia foi oficialmente indicado pela UDN nordestina à disputa pela indicação do partido. Determinado a participar do pleito se pronunciou sobre o ocorrido:

Recolho com humildade a decisão dos bravos correligionários udenistas que me fizeram candidato para a próxima convenção partidária. Tenho o hábito de não procurar a luta mas sei enfrentá-la, quando atendo as aspirações do civismo e os impulsos da minha consciência. Os dias que nos separam da convenção nacional devem ser aproveitados pelos partidários da minha candidatura para um trabalho mais profundo junto à opinião pública e para disputa de apoios substanciais em outras áreas políticas que possam influir eventualmente na decisão dos convencionais. Com a ajuda de Deus esperamos sair vitoriosos (TRIBUNA DA IMPRENSA, 5 de outubro de 1959).

Em seu pronunciamento como aspirante, Magalhães sinaliza sua intenção de “lutar” pela indicação atendendo aos impulsos de sua “consciência” e como regra conta com a “ajuda de Deus”. Jânio Quadros e seus apoiadores se depararam com um adversário obstinado, que a despeito de notícias veiculadas pela imprensa sobre o vislumbre de um entendimento no interior do partido (O GLOBO, 5 de outubro de 1960), em cada pronunciamento posterior demonstrava que sua posição pela preferência udenista era também “inarredável”.

Diante da confirmação da disputa e o pronunciamento de Magalhães, Jânio Quadros afirmou:

Somos amigos há muito tempo não apresento nenhum reparo ao gesto do grande governador da Bahia. Ele tem todo direito de disputar a preferência da UDN. Quero crer que, ao candidatar-se, o senhor excelentíssimo tenha obedecido ao impulso dos seus melhores e mais generosos sentimentos democráticos. (TRIBUNA DA IMPRENSA, 5 de outubro de 1959)

Uma resposta que demonstra o habitual tom adulator, mas incorre a uma referência direta as palavras do governador nordestino, a medida em que faz uma consideração sobre seus mencionados “impulsos” de consciência. Intervenção que resguarda sentido na expressão “*quero crer*”, vale notar

que não diz “creio” forma que demonstraria convicção, pelo contrário expressa dúvida. Impossível abordar as ideias que ocupavam a mente do postulante no intuito de afirmar o que pensava diante da situação, sendo inapropriado inferir que apresentava qualquer preocupação através desse breve pronunciamento, no entanto a desconfiança que suas palavras indicavam encontrariam fundamento em vista ao surgimento de uma proposta formulada entre o governador nordestino e o marechal, dias após sua adesão a disputa.

Antes de prosseguir para o fato, é devido abordar outros acontecimentos importantes como a participação de Jânio Quadros na “TV Tupi” durante o programa “Falando francamente” apresentado pelo político udenista Arnaldo Nogueira. Ocasão em que foi submetido a perguntas enviadas pelos telespectadores e durante quase duas horas discorreu sobre os mais diversos assuntos concernentes a política nacional, entre os quais se notabilizaram determinadas respostas, a começar por sua posição acerca de um questionamento sobre os já elucidados conceitos de “nacionalismo” e “entreguismo”.

Entendo nacionalismo como patriotismo, é patriota todo aquele que preza, dignifica e Honra sua Pátria. Como minha vida em São Paulo, Mato Grosso aqui tem sido pautada dentro desses princípios, considero-me bom patriota. Causa-me grande mal-estar, homens dignos serem tachados de impatriotas. (TRIBUNA DA IMPRENSA, 09 de outubro de 1959).

Jânio analisa o conceito de “nacionalismo”, já naturalizado e significado pela linguagem como o modo de ação político da situação, de forma a enquadrá-lo a uma significação comum ao discurso oposicionista que o associa a uma expressão de “patriotismo”. Diz respeito ao orgulho e dever do cidadão para com seu país, uma qualificação que apesar de se assemelhar no conjunto de valores inscritos a postura política vinculada a situação, surgem na prerrogativa de despolitizar o conceito circunscrito a ideologia, ao neutralizar sua gradação política e convertê-lo para uma postura do indivíduo. Faz isso e exalta suas próprias qualidades, ao citar sua trajetória como exemplo, se afirma um “patriota” e por isso também seria um “nacionalista”. Todo movimento visa ir de encontro a significação já enraizada na linguagem, já que por sua vez remetia diretamente a seu oposto o “entreguismo” que assolava sua base de apoio.

Em seguida respondeu a uma pergunta pessoal, sendo questionado se ainda seria político caso pudesse voltar no tempo, sua resposta aparentemente imprevisível é dotada de significância: *“Se voltasse ao ano de 1953 antes de me tornar político, iria recuar e escolher outro caminho não tomaria o da vida pública ou política cuidaria de minha vida junto à minha família. Mas já que abracei a política, continuarei até esgotar meu cálice de amargura”* (TRIBUNA DA IMPRENSA, 09 de outubro de 1959).

À primeira vista parece ser improvável que um político em vez de valorizar seus feitos, seu currículo, a importância dos cargos que ocupou e suas obras, revele arrependimento e dote de “*amargura*” o ofício que lhe foi concedido pela “vontade soberana do povo”. Todavia se tratando de Jânio Quadros, tal como já abordado, a resposta é conveniente e remete a posição crítica e a imagem que visava empreender sobre o sistema e a classe política. A maneira externada ainda serviu para humanizá-lo e promover a identificação e simpatia do eleitorado. Sua resposta apesar de antipolítica não deixava de ser política.

Por fim, Jânio Quadros prestou uma última colocação importante sobre o contexto, ao responder como via o Brasil naquele ano e no futuro próximo de 1970

Pergunta realmente conveniente. Não há dúvida que nesse instante o nosso país está progredindo, está prosperando. Herdamos-lo por um milagre do gênio português, que soube manter sua unidade de língua, costumes, religião, tradições e território. O nosso petróleo converteu-se em realidade, usinas elétricas são erguidas, estradas se abrem, construímos um parque industrial. Agora o congresso estuda a reforma da nossa educação que assim parece caminhar por caminhos seguros. As gerações presentes já pressentem, entretanto que o ônus do progresso nacional é pesado, mas que terá de ser suportado para o bem dos nossos filhos. Vejo, então o Brasil mais adiante, já estabilizado, integrado, com o Nordeste útil produtivo e forte para alegria dos seus milhões de filhos. Vejo o Amazonas deixando de ser apenas expressão geográfica para ser o gigante que realmente é. Vejo Oeste sendo maior celeiro do Brasil e talvez do mundo. Vejo nossa indústria a nivelar-se com a dos países que atualmente marcham na Vanguarda. Vejo nossa moeda estabilizada e consagrada. Me considero otimista. Considero ser um privilégio nascer no Brasil (TRIBUNA DA IMPRENSA, 09 de outubro de 1959)

Em sua resposta Jânio Quadros não crítica seus adversários nem mesmo aponta para o cenário de crise pelo qual o país passava, constrói um presente e um futuro em palavras que poderiam ser confundidas com as de um candidato da situação, no entanto não servem ao propósito de valorizar a atuação do governo. A pergunta enviada por um espectador, eleitor, é respondida diretamente a tal receptor. Para o eleitorado que acompanhava o programa, não abordou a crise que fazia parte da vivência comum, ou se insurgiu contra culpados na prerrogativa de executar um estímulo negativo, inibindo o apoio do público ao governo. Pelo contrário desenhou um país “brilhante” em “inexorável ascensão” lançando mão de um estímulo positivo de forma a reconfortá-lo, induzindo-o a crer e apoiar um Brasil inerente a sua eleição. Sua visão de futuro, trazia uma carga positiva a sua persona, que através das linhas proferidas se enquadrava a virtudes “patrióticas” e “nacionalistas”. “Otimista” e “esperançosa” se instituiu como um instrumento patêmico, que se prestava em converter sentimentos em expectativas quanto a sua campanha política. Visando o

telespectador “desiludido” com o país, mas não só, acionou emoções na prerrogativa de que esses se sensibilizariam a sua causa e se juntariam a suas fileiras³⁰³¹.

Desde que voltou Jânio Quadros apenas trocou cortesias com seus interlocutores, semanas se passaram e o processo de organização do ano eleitoral prosseguia em plena normalidade, a campanha de alto nível que o candidato afirmava esperar, apesar do atraso, parecia se encaminhar sem entraves maiores, o próprio presidente da república garantia (O GLOBO, 9 de outubro de 1959) durante mais de uma ocasião, frente a sucessivos boatos de golpe, que o cargo seria ocupado pelo candidato eleito sem qualquer manobra política.

Candidato pelo PTN, Jânio Quadros foi também escolhido pelo Partido Democrata Cristão (PDC) durante convenção ocorrida no dia 17 de outubro, junto a Fernando Ferrari como vice, desta vez estava presente e assim proferiu o primeiro discurso formal desde que chegara ao país³².

(...)Quando recuo em uma vida que não se desenrola muito longa, pergunto-me porque, e faço humildemente, o altíssimo em seus desígnios supremos, houve por bem lançar sobre os meus ombros esta tarefa. (...) esta carreira nas lides políticas que, ao invés de me envaidecer me põe temeroso, cômico que estou das responsabilidades em que elas implicam. (...) A alguém precisava caber a tarefa. Ainda ontem o general nordestino, intendente de cabelos brancos cruzou por mim e me fez o aceno para que o seguisse, não hesitei. Representava ele então a mesma inconformidade que o todo-poderoso houve por bem fazer-me encanar. (...) o mato-grossense de Campo Grande, governador de São Paulo, o deputado pelo Paraná, vende suas mais sentidas homenagens a figura de Juarez do Nascimento Távora. (...)

Quero declarar com esses e que chegando à presidência da república, intérprete da insatisfação e da angústia que se apossaram do nosso povo, reproduzir o máximo que em mim esteja, para que este programa do PDC se concretize plenamente.

Haveremos de repor a ordem nesta nação. Haveremos de provar ao mundo que a nossa democracia não é o governo da irresponsabilidade. Iremos ater-nos a rigorosas normas de moral administrativa. Queremos deitar a mão no processo inflacionário antes que ele destrua a nação. Iremos encorajar o trabalho nos campos e nas fábricas e nos campos para o homem que cumpre valorizar. Não o faremos com acenos para a Pátria do futuro, mas comovidos pela tragédia que alcança a pátria no presente.

³⁰Vale pontuar o teor da reforma educacional mencionada que dispunha entre outros aspectos “A educação se inspira nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana. A garantia da família direito de educar, sendo este assegurado a todos pela obrigação do poder público e pela liberdade de iniciativa particular de restituição de todos os graus. É garantida a liberdade ensinar, proibido o monopólio. (...) descentralizar a educação a união os estados e distrito federal (...) autonomia das Universidades e institutos (...) e ajuda da iniciativa privada.”. A possível “privatização” das escolas ou “mercantilização” do ensino, era a grande polêmica que envolvia a proposta liderada por Carlos Lacerda.

³¹É digno de nota que sua menção sobre o ônus do progresso sobre a população — apesar de não ser possível apontar contradições acerca de um argumento que ainda não existia — é completamente destoante do teor dos discursos da oposição durante o ano eleitoral, sendo pelo contrário, compatível ao que viria a ser um argumento central do discurso situacionista.

³²Assim como outros discursos, este foi recortado por sua longa extensão, estando disponível em sua integralidade através do anexo.

Iremos desenvolver as nossas riquezas e pô-las ao serviço dos brasileiros, que assim agindo estaremos aprestando a causa democrática na América e no mundo um dos maiores serviços. Iremos cogitar do que reputo uma das nossas mais graves deficiências no despreparo que pode conduzir-nos a penas terríveis; a inadequação das condições que se registram na educação da juventude da nossa terra.

(...) E eu não tenho dúvida de que nesse governo o PDC tira o lugar que seus ideais e seu passado autorizam. Receba essa demonstração que alcança ainda outro homem de bem o honrado deputado pelo PTB, Fernando Ferrari.

Recebo essa indicação para dizer aos senhores convencionais que eu não faltarei. Podem estar seguros de que nessa cruzada que é a renovação, com forças ainda maiores, e outra que acabamos de fazer, encontrar-me-hão por toda a vasta nação com todas as minhas energias e toda minha fé, convencido que estou de quê, interpretar e converter em realidade os sentimentos coletivos em favor da democracia(...)

Vamos Unidos pela grande pátria. Creiam que no terminar a jornada, conosco estarão as nossas gentes, na Vitória almejada, e conosco abrir-se-á uma nova era, presente no Triunfo aquela mesma Cruz que chegou com os primeiros Navegantes: a cruz dos pedecistas.

Despeço-me levando para minha casa o mais raro prêmio que me podem conferir o de tornar alguém um conterrâneo, um irmão de berço candidato a suprema magistratura da nação. Conduza este prêmio para o recesso do meu lar e fico esperando dos nossos primeiros passos; serenos e firmes, quem hão de construir o regime do povo, pelo povo e para o povo, que ainda nos falece: a verdadeira democracia, livre, igualitária e justa e por isso cristã. (O GLOBO, 19 de outubro de 1959)

Para além das cordialidades necessárias a ocasião, em seu discurso se encontram trechos de fundamental importância sobre a construção de sua imagem pública para as eleições. Em sua entrevista à TV, foi possível perceber sua prerrogativa de caracterizar-se como “homem comum” que o destino encaminhou a política, um “cidadão simples” encarregado de um “grande fardo”. Jânio Quadros, ao contrário de seus apoiadores, dificilmente exaltava suas qualidades abertamente, todavia, durante a maioria de seus discursos reforçava sua trajetória política indiretamente em trechos descolados através de palavras cuidadosamente organizadas, sem transparecer qualquer presunção que poderia destacar orgulho ou arrogância, contribuindo para a solidificação de valores relativos ao *ethos* de competência e credibilidade (CHARAUDEAU, 2018, p.118).

Para promover confiabilidade a sua imagem, discursava ao encontro de noções atinentes ao “*ethos de virtude*” (CHARAUDEAU, 2018, p.122), um dos principais a afigurarem os esforços em torno da consolidação de sua imagem pública. O qual decorre de uma postura de honestidade, sinceridade e fidelidade de um político ao longo de sua trajetória. Devendo agir em coerência a seus discursos ao longo do tempo, o político há de se manter firme a ideais e convicções mesmo que requeiram um sacrifício pessoal. Não fazer somente promessas como também cumpri-las, manter-se

na vida pública e pessoal como exemplo de honestidade e retidão, ser transparente e mostrar que não têm nada a esconder.

Já em direção ao movimento de identificação pelo público, através deste e outros discursos sintetizou noções referentes a dois *ethé* em torno de uma configuração maior. Entre o *ethos* de chefe (CHARAUDEAU, 2018, p.153) que se vincula a capacidade de um político fundamentar sua imagem sobre a uma figura de liderança capaz de inspirar e coordenar as massas através de suas virtudes. Um *ethos* incomum que em maior ou menor grau demanda carisma, uma qualidade pela qual indivíduos particulares são agraciados. E o *ethos* de humanidade (CHARAUDEAU, 2018, p. 148) que advém da capacidade de sensibilizar o público através da expressão de sentimentos e qualidades humanas como a compaixão e admitir fraquezas, abrir as barreiras da vida pessoal e demonstrar seus sentimentos. Jânio Quadros cunhou o que pode ser nomeado como um *ethos* de mártir, que apesar de inspirar liderança trata a política como uma “cruz”, segundo suas palavras ser político e estar atento a prerrogativa de transformar o país não foi obra de escolha ou vontade própria, mas a designação de uma força maior, “Deus” quis que fosse assim. Dessa maneira em seu discurso se comporta como um “messias” destinado à missão de resgatar o país e guiá-lo, sem qualquer poder divino, mas patentemente humano, ciente de seu dever se “sacrificava” pelo bem maior sem se envaidecer pela missão que lhe foi dada, mas “temendo a responsabilidade incumbida”.

“Iluminado”, porém, “humano”, se qualificou como um homem cujo as virtudes estavam a “serviço do povo” e em clara referência ao desenvolvimentismo afirmou renunciar ao “reconhecimento da história” e da pretensão de “governar para o futuro”. Direcionado ao eleitor prometeu dedicar sua atuação para o presente enfatizando redigir seu plano de ação através da “patente” insatisfação popular, dedicação que convocava o apoio da sociedade a sua causa.

Como presidente para o “hoje”, se imbuíu de tratar das questões que afligiam a população e tratar com mão de ferro a inflação, gerir o crescimento e desenvolvimento do país para o benefício dos brasileiros, “nãos a suas custas”, e elevar o país para que pudesse assumir posição de destaque no âmbito internacional³³. De forma a atingir o governo pelo estigma do abandono, buscou sensibilizar o eleitorado junto ao levantamento de problemas contemporâneos além de fazer uso de sentimentos positivos para reuni-los em torno de suas propostas. Enfim, instrumentalizando a crença religiosa se qualificou como um eleito pela “providência”, repetindo os esforços já mencionados se afigurou como o candidato das massas, unindo a religião e o povo em função de

³³Dias depois reforçou, em reunião com lideranças políticas, suas críticas quanto a política voltada a pretensões de longo prazo defendida em meio ao contexto, ao afirmar sua preocupação em “*construir um Brasil que possa ser aproveitado por cada um de nós que vivemos agora*” além de repetir a lógica empregada na entrevista anteriormente mencionada “*Pensarei mais no presente pois o futuro do nosso país já está garantido*”. (TRIBUNA DA IMPRENSA, 22 de outubro de 1959)

uma causa nacional “serviria” aos brasileiros e estabeleceria a implantação de um regime “verdadeiramente democrático” amparado em “valores cristãos”.

Ser eleito pelo PDC foi uma conquista importante, mas não houve tempo para celebrações, o momento precedeu a realização de uma das articulações políticas mais importantes que ocorreriam durante todo o contexto pré-eleitoral. Uma proposta que mobilizaria os atores como um todo ao enfrentamento político e definiria a entrada de elementos importantes ao debate até então transcorrido. A relativa “calmaria” até então observada, cedia lugar a uma “tempestade”, a proposta de “União nacional” demoveu as cordialidades que se converteriam em acusações. A “racionalidade” cedeu lugar à “emoção” e o debate que surgiu em torno da proposição promoveu o adensamento do embate entre as forças que pleiteavam a candidatura à presidência.

2.2 A “União nacional”: amadurecimento ou degenerescência da democracia brasileira

Enquanto Jânio Quadros caminhava rumo a coesão das forças oposicionistas em torno de sua candidatura, seus adversários começavam a discutir o projeto de “Aliança nacional” para o próximo pleito. Uma proposta que enquadraria amplos espectros e expressões da política nacional em comum acordo sob uma única candidatura, sem a necessidade da disputa ou dissociação entre forças de “oposição” ou “situação”. Um acordo “histórico”, segundo os envolvidos, que previa “cooperação” e “estabilidade” pelo “bem dos brasileiros”. O grande protagonista e candidato pela proposta, como já indicado, seria o governador baiano Juraci Magalhães apoiado pelo integralismo, partidos vinculados a Ademar de Barros e as forças governistas, que renunciariam à candidatura de Lott em favor de um entendimento maior.

Uma grave intempérie para Jânio Quadros e seus apoiadores. Apesar dos esforços e do progresso obtido, uma coalizão dessa magnitude formada em torno de tão “nobre objetivo” poderia esvaecer os propósitos e impactos de sua candidatura. Medidas precisavam ser tomadas, o primeiro a agir foi Carlos Lacerda que protocolou por meio de carta aos dirigentes do partido, um pedido de renúncia a presidência da UDN fluminense, em seu conteúdo se destaca o trecho que segue:

(..) Estou por isso moralmente obrigado a emitir até que os convencionais da UDN se decidam para onde querem levar o partido: para uma aliança com as forças da corrupção ou para uma candidatura popular com seus aliados naturais este, não outro, será o significado do voto na convenção da UDN.

Os que desejarem que a UDN colabore com o atual govêrno, em troca do apoio deste a um nome udenista, para assegurar o apoio da UDN à continuação do que aí está, têm em quem votar. Os que preferirem que a UDN escolha um candidato de aliança democrática, para comandar a grande mudança, chefiando um govêrno de transformação do país. Também

têm em quem votar. Enquanto essa decisão não é tomada, quero manter-me à margem, para que não se diga que pretendo impor qualquer decisão a homens livres e conscientes de sua responsabilidade. Mas igualmente, ninguém me poderia impor a aceitação de manobras que considero nocivas ao nosso partido e aos interesses do povo. (...) (TRIBUNA DA IMPRENSA, 17 de outubro de 1959)

Mais que um pedido concreto sua atitude foi estratégica, diante da urgência provocada pela articulação uma resposta imediata foi demandada ao partido. Em sua carta se apresenta a retórica de dissociação entre “povo”, cujo a representação era devida a Jânio Quadros, e “corrupção” o grande mal que caracterizava o governo. Através de seu gesto impelia seus correligionários a tomar partido pelo “povo” ou abandoná-lo em favor da continuidade de um projeto que ia de encontro aos “valores” defendidos pela União Democrática Nacional.

A medida teve sucesso e sua renúncia foi rejeitada, como resultado Lacerda promoveu a reunião dos convencionais da capital em torno de Jânio Quadros, os quais em nota se solidarizaram com seu líder e se assumiram contra “*entendimentos e acordos com o atual govêrno e com as forças da corrupção*” (TRIBUNA DA IMPRENSA, 20 de outubro de 1959). Após a rejeição de sua renúncia o jornalista disse que o gesto “*ficava como uma indireta aos que precisavam ter menos apego aos cargos e mais amor a UDN e aos seus ideais.*” (TRIBUNA DA IMPRENSA, 20 de outubro de 1959).

Não só o presidente da UDN fluminense se manifestou, partidários da candidatura Quadros se uniram em torno de uma denúncia: a “união” não era um gesto verdadeiro, mas uma manobra cujo único propósito era retirar Jânio Quadros das eleições, já que o “homem da vassoura” e sua “cruzada contra a corrupção” era uma “ameaça” a suas ambições escusas. Por outro lado, os entusiastas da proposta reafirmavam suas intenções em “prol da nação” e pressionavam o ex-governador de São Paulo a abandonar sua candidatura em “benefício do povo brasileiro”. No centro das tratativas o Marechal Lott que até então era o provável candidato da situação, decidiu manifestar-se em carta pública:

Tornei-me candidato sob um dever cívico a que não poderia fugir. Tentei antes e por longo espaço de tempo a manutenção do sistema de forças situacionistas e outros nomes. Baldados os meus esforços nesse sentido que são do conhecimento das organizações partidárias que me apoiam, tive que ceder aos apelos que insistentemente me faziam no sentido de admitir a minha candidatura. Não procurei os partidos eles que vieram no meu encontro. E as reiteradas demonstrações de apoio popular que venho recebendo de todo o país obrigam-me a honrar a posição a que fui conduzido. Devo aduzir, porém, que não sou nem seria obstáculo a um entendimento patriótico entre as forças políticas nacionais para escolha de qualquer brasileiro digno que as pudesse somar.

É óbvio que não aglutinaria nenhuma das candidaturas já apresentadas, inclusive a minha própria, postos que foram em termos de luta.

Ao que observo encontra ressoamento o nome do ilustre governador da Bahia indistintamente em todas as agremiações partidárias. Uma vez colocada a sua candidatura em termos de entendimento. Isto é acima dos partidos, com a anuência dos demais candidatos posso assegurar de minha parte que não constituiria embaraço aqui é assim eu considerasse as forças políticas que me honram com o seu apoio. Até porque seria sensível a justa homenagem que reclama Nordeste, cujos problemas de cunho eminentemente nacional ficarão entregues as mãos seguras experimentadas de ilustre filho da região. (ÚLTIMA HORA, 21 de outubro de 1959)

A “união nacional” tomava concretude através da concessão de Lott que assim como Jânio Quadros, fez questão de afirmar que sua candidatura não partiu de sua ambição, pelo contrário, como “militar” foi “convocado” e atendia a um dever, mas ao contrário do primeiro não foi “eleito” por forças “superiores”. Mas pelos partidos e o “apoio popular” que certamente obteve tendo em vista sua projeção naquele contexto. Fiel ao papel que lhe foi atribuído, mas isento de pretensões maiores estava pronto para abrir mão de sua candidatura e apoiar a candidatura de Juraci Magalhães³⁴.

Para o candidato que havia expressado seu “contragosto” com o pleito, “arrepentimentos” e falta de “ambição”, a “união nacional” deveria ser um “presente dos céus”. Já que poderia finalmente voltar a ser o homem que era antes da política e abandonar sua candidatura sem remorsos sabendo que um “companheiro udenista”, proveniente da região nordeste a qual tanto considerava em seus discursos, ocuparia sob comum acordo a presidência do país. A despeito da premissa de indicar a impessoalidade a sua candidatura, Jânio Quadros recorreu a correlata posição como “representante do povo” e o “compromisso” a mesma adjetivada para justificar sua posição, contestando asperamente a proposta sob a premissa de defender a democracia. Conforme exprime na resposta que segue, não poderia deixar que seus adversários furtassem da população o direito democrático de escolher seu representante:

Não vejo no gesto do meu ilustre opositor Ministro candidato qualquer traço de desprendimento.

Foi e só manobra política comum e surrada, cujo propósito era dividir a UDN enfraquecendo-a para sua posterior destruição.

³⁴“Apoio popular” que no âmbito dos discursos, como visto no caso do “candidato popular”, visa ser uno, integralizante e homogeneizante, o “apoio do povo”, mas que logicamente representa parcelas das mais diferentes opiniões públicas que circulam a sociedade. Não só Jânio Quadros buscava se beneficiar da questão, como os apoiadores de Lott, em termos de outro discurso vinculado a seu já referido feito, em associação ao escopo “nacionalista”, buscavam adjetivá-lo em termos similares, destaca-se em meio ao debate tratado uma alcunha utilizada pelo jornal “Última Hora” para nomeá-lo: “O marechal do povo”.

Não há qualquer dúvida de que a tentativa hoje desmoralizada perante a opinião pública nem é de autoria do marechal, que tirou da manga o doloroso passe de mágica um coelho que outros nela tenham posto, embora a seu contragosto.

As demais considerações nem sequer comento, mas observo que uma candidatura de União nacional para manter o estado de coisas contra o qual povo e eu nos insurgimos corresponde a um logro senão a uma farsa incompatível com o processo democrático.

Porque não prorrogar, neste caso, o Mandato do Senhor Juscelino?

Então dá-lhe mais cinco anos para que conserte comodamente os problemas da sua Brasília? Ameaçados nas suas posições de gozo, os políticos profissionais que usufruem dessa República, tomados de pânico, não fazem senão maquinar meios e modos pelos quais me afastem do pleito. Buscam salvar a pele o ventre. não me intimidarão. Vou as urnas, sim, traduzindo a rebeldia de toda a nação.

O Juízo Final aproxima-se para eles. (TRIBUNA DA IMPRENSA 21 de outubro de 1959)

Desde seu retorno Jânio Quadros não foi mais enfático, elevou o tom e se aproximou da postura já exercida por Lacerda, seu pronunciamento se eximiu da meticulosidade até então observada e se constituiu como uma bravata que haveria forte repercussão no meio político elevando o ímpeto de seus opositores. Mais aberto e sem as habituais cordialidades partiu para a ofensiva contra os entraves impostos a suas pretensões, qualificando como “políticos profissionais”, que não serviam ao “povo”, mas aos próprios “bolsos”, os envolvidos na proposta de união, trecho mais comentado e criticado de seu pronunciamento. Sem censura se referiu diretamente a Kubitschek e Lott desqualificando a posição do marechal, ao inferir que o próprio haveria servido a “*contragosto*” aos interesses escusos dos “espoliadores da pátria”, questionou seus valores, sua liderança e o caracterizou como uma figura “subalterna” e “manipulável”.

Deixou claro que ceder a “união” nunca foi nem seria uma opção, já que a mesma servia a um único propósito: abalar a UDN e retirá-lo das eleições. Uma proposta formulada pelos “afanadores do bem público” que temiam perder suas posições privilegiadas em virtude de sua iminente eleição. Ao mesmo tempo que desqualificou a proposta, reafirmou seu compromisso com o povo e sua imagem como “paladino da anticorrupção”. Como o “messias bíblico” que era, fatalmente traria o “juízo final” para os “ímpios” que se opunham à sua justa batalha contra a corrupção.

Como resposta imediata os políticos vinculados ao projeto, se uniram para criticá-lo, entre os quais se destacam Juraci Magalhães que classificou como “*desastrada e sumamente infeliz*” as declarações “*que causaram alarma em toda nação*” e defendeu a classe política afirmando que “*O fato de exercer um posto público não significa tornar-se incompatível com os postulados da moral*” (TRIBUNA DA IMPRENSA, 22 de outubro de 1959). E o mais atingido, Marechal Teixeira Lott, teceu uma “réplica” ao pronunciamento em questão:

Por temperamento e por formação, sou um homem que jamais admite participar de uma farsa, seja ela qual for. Sobretudo num problema da magnitude do que focalizamos, a pretexto algum permitiria fosse o meu nome envolvido numa manobra de finalidade subalterna.

(..) A ideia está de pé mantenho integralmente o que disse. Não me considerando um predestinado, acredito que outros brasileiros, não apenas eu, estejam em perfeitas condições para ser presidente da república.

É de estranhar a investida do sr. Jânio Quadros sobre os políticos que taxa de profissionais de gozo. Em primeiro lugar cabe lembrar que o próprio acusador é político foi através da política que logrou ascendência na vida pública brasileira. Depois, se maus políticos porventura há, a verdade é que a grande maioria, dentro de todos os partidos, trabalha e luta em prol dos interesses da coletividade.

Ora Juízo final, sabem todos, é o fim definitivo é hora de expiação irrecorrível. É para conduzir o Brasil nesses rumos que o senhor Jânio Quadros se candidata à presidência? (...)

O povo brasileiro não admite a conduta baseada no sentimento da vingança e no espírito de perseguição. Quem faltar aos deveres da conciliação e da conduta nega a alma da nação.

Na verdade, quem pretender disputar a presidência da república precisa demonstrar um requisito fundamental: a serenidade. Um candidato a chefe de estado não pode ser um homem capaz de romper o próprio equilíbrio e descontrolar-se até a ira. A segunda declaração do sr. Jânio Quadros deixa claro que S. Exa. perde com extrema facilidade o controle emocional quando enfrenta uma situação que não lhe é cômoda.

É lamentável constatar-se o fato, pois sucessão presidencial é assunto sério. (TRIBUNA DA IMPRENSA, 22 de outubro de 1959)

Uma resposta ainda mais dura, pela qual Lott, apesar da circunstância, entra em definitivo no confronto pela presidência. Em sua argumentação defendeu a classe política, sua própria imagem e “autoridade” que foi questionada, além de destrinchar e rebater, ponto a ponto, o pronunciamento referenciado. Vale destacar sua argumentação sobre a denúncia efetuada por Quadros contra os “políticos profissionais” — generalizada como uma crítica a toda a classe pelo marechal e seus apoiadores — avaliada como “contraditória” e “sem fundamentos”, já que o mesmo a atacar os políticos, era político e ascendeu publicamente por via da política, partindo de seus pressupostos, era também corrupto? Em menção ao discurso proferido por seu adversário durante a convenção do PDC, atingiu também a premissa “messiânica” evocada pelo candidato em torno de sua campanha, ao dizer “não sou um predestinado” desvelando a arrogância envolvida a proposição ao mesmo tempo que se despiu da mesma.

Dessa forma não só se defendeu como retribuiu o ataque fazendo uso de uma desqualificação que seria comum aos discursos contrários a Jânio Quadros, o político sofria de um terrível mau: o “desequilíbrio”, era “incontrolável” e “imprevisível”. Enquanto o Brasil precisava de

“serenidade”, o oposicionista movido por sentimentos “odiosos” clamava por um conflito que arrastava a população para rumos desconhecidos.

Resoluto, embora menos proativo, Jânio Quadros diante dos reveses de sua expressão não se calou e teceu uma “treplica” a Lott³⁵:

Estou certo de que a nação e a imprensa particularmente a carioca, registram, com euforia, a última nota do Marechal Lott na qual, sr. Exa. fala em “serenidade”, “equilíbrio” e “controle emocional”, do que já deu bastas provas. Não vou examinar esse documento singular em seus vários aspectos, que deformam as minhas declarações, nem parecendo do meu destino não poder, nunca, aderir sua excelentíssima a cujo alto beneplácito não submeto, tampouco, minha candidatura. Vou além: não vou mais responder o ministro enquanto este for candidato, e o candidato enquanto este for Ministro” (TRIBUNA DA IMPRENSA, 22 de outubro de 1959)

Uma resposta curta que sem muito vigor contrapôs a investida do marechal além de provocá-lo quanto a tomada de uma decisão, será candidato ou continuará como ministro? Frente ao engrandecimento de seu opositor, Jânio Quadros perdia os motivos para continuar o debate e em observância aos efeitos negativos asseverados pelo primeiro pronunciamento o encerrou externando suas palavras finais quanto ao assunto.

Dias após o ocorrido não mais se referiu ao pronunciamento polêmico, mas continuou firme em suas críticas, reforçando a integralidade de suas intenções e seu papel como opositor diante do projeto declarou: “*Sei dos erros, sei da crise que vai pelo Brasil e sou candidato de oposição a tudo que está aí*” e de forma mais combativa retrucou a empreitada: “*Lott queria retirar de sua parte o que não existe e que eu, da minha, eu retirasse o que existe: a candidatura.*”, além disso demonstrou confiança sob seu futuro de campanha a despeito do conflito “*Ninguém divide a UDN, onde ganharei por maioria esmagadora*” (TRIBUNA DA IMPRENSA, 25 de outubro de 1959).

Sem se tornar um consenso a proposta de união perdeu a solidez que parecia conquistar e foi se esvaindo, sendo inclusive categorizada como uma manobra política pelo governador petebista Leonel Brizola (O GLOBO, 28 de outubro de 1959), até que se dissolveu com a atitude de Lott que recuou e assumiu sua candidatura, manifestando os motivos de sua decisão.

Sentindo meu dever de soldado e de cidadão que deveria fazer uma tentativa para evitar o que as Cassandras anteviam. Daí, a minha atitude propondo uma fórmula alta que toda

³⁵Se demonstrou firme, no entanto circulou na imprensa que um pedido de desculpas havia sido entregue a Lott e Kubitscheck frente a repercussão negativa de seu pronunciamento. Quanto ao caso foi inquirido pelo jornalista Pedro Gomes durante o programa “Noite de Gala” da TV Tupi, sem desmenti-lo esclareceu e enfatizou que “(...) *Redigi a nota em termos ásperos que são os meus do meu temperamento e mantenho-os. Não é exato que tenha pedido a quem quer que seja explicar a quem quer que seja o que afirmei. Se alguém o fêz, excedeu-se no seu zelo. Louvo-lhe a intenção mas não o ato*” (O GLOBO, 10 de novembro de 1959).

nação conhece. Mas o candidato do PTN PDC, ao invés de receber com serenidade minha sugestão, veio a público para responder com irritação não apenas contra mim, mas principalmente contra os políticos em geral, e declarar que sua candidatura era inarredável, minha proposição deixou de atingir os objetivos elevados que aqui visava.

Desde que os dirigentes dos partidos políticos que lançaram o meu nome continuem dispostos a me apoiar me julguem digno para dirigir os destinos do país. Estou disposto a cumprir o meu dever de candidato até o fim. (...) que nossa decisão seja em benefício do povo brasileiro. (TRIBUNA DA IMPRENSA, 25 de outubro de 1959)

A expressão “inarredável”, utilizada pelo mato-grossense logo após sua chegada ao país, se confirmou frente a demonstração de resiliência e convicção da sua candidatura para o pleito. Lott reiterou suas declarações e como resposta ao fracasso da “união” bem como as provocações de Quadros, assumiu sua candidatura. Todavia, o maior derrotado foi Juraci Magalhães que infeliz em sua proposta passou a se arremeter contra seu adversário e como previamente mencionado denunciou o risco do agravamento de uma crise militar e política caso o “desequilibrado” fosse escolhido pela maioria dos convencionais de seu próprio partido (TRIBUNA DA IMPRENSA, 28 de outubro de 1959).

O mês de outubro finalmente se encerrava, após intensas articulações políticas a convenção da UDN se aproximava, Jânio e Juraci enfim veriam o resultado de seus esforços, mas apenas um se consagraria como o candidato nomeado pela oposição. Em novembro o que era previsto se tornaria realidade, mas o destaque ficou para o surpreendente e imprevisível.

2.3 Renúncia: ascensão e desistência

O que é reitero, nesta ocasião, é que minha candidatura irretroatável e irreversível. Continuarei, com serenidade, a estudar os problemas da nossa terra, de maneira a poder iniciar a campanha sucessória na altura dos meados do mês, pelas regiões que já indiquei. Não há quem me demova dessa posição e tão pouco adiarei, outra vez, o início da jornada. Repito o que já afirmei em ocasiões anteriores: devo vou sair da convenção, marcado para os dias 07 e 08, com mais de dois terços dos votos e convencido de que a totalidade dos convencionais ou sua quase totalidade, ainda no recinto adotará, com entusiasmo, a candidatura preferida pela esmagadora maioria. Não há clima, na UDN, para qualquer cisão ou dissidência. E aquele que tentar promovê-la ficará só. Não se trata de conjectura minha, de fato que resulta do conhecimento que tenho do espírito reinante na representação desse partido.

Sou um homem tranquilo e certo da Vitória. (O GLOBO, 3 de novembro de 1959)

Afirmando estar “sereno”, qualidade a qual Lott o disse faltar, Jânio Quadros visou demonstrar confiança e compromisso diante do pleito, durante a mesma ocasião negou desavenças

com militares e afastou boatos que previam sua derrota. Brevemente o debate político, então em polvorosa, se acalmou, os atores que se digladiavam esperavam ansiosamente pelo 08 de novembro data em que o maior partido de oposição indicaria seu candidato ao vindouro pleito.

Chegado o dia, os convencionais de todos os estados se reuniram na capital e antes da votação, a convenção se abriu para a consideração dos expoentes do partido entre os quais o próprio candidato Juraci Magalhães que contestou o excesso de confiança de Jânio Quadros, avaliou o direito de disputar a preferência do partido até que finalmente proferiu suas últimas palavras que já anteviam o resultado: *“Alertei, mas não serei atendido”* e pediu a seus companheiros de partido que votassem *“pensando na UDN e no Brasil”*.

Em sequência Carlos Lacerda em defesa de Jânio Quadros confrontou Magalhães, *“O governador baiano tinha o direito de ser candidato, mas nunca o de tomar das mãos da maioria da UDN, a sua bandeira, para torná-la o galardão da aliança com a corrupção!”* advertiu *“Aqui decidiremos se o nosso partido vai com o povo para vitória, ou se suicida com o Catete”* sendo que *“Jânio Quadros traz consigo a bagagem positiva de um governo de excelente! A recuperação econômica do Estado de São Paulo assim como o soerguimento moral, social e político são lastro de Jânio Quadros! Haverá algo mais o udenista que isso?”* e finalizou *“União nacional com quem? Para quem? Entre o que rouba e o que é roubado?”*. Outras figuras de expressão do partido se manifestaram, até que finalmente ocorreu a votação. Entre uma aliança com o “povo” ou a “corrupção” interpostos pelo discurso de Lacerda os convencionais manifestaram sua escolha, e Jânio Quadros venceu Juraci Magalhães por 205 contra 83 votos.

Junto ao resultado, Jânio Quadros finalmente poderia ser proclamar o verdadeiro e único candidato pela oposição, vitorioso dirigiu suas palavras ao partido:

(...) Nunca presumi, se quer nos arroubos de moço, que me coubessem, um dia, a honra e a responsabilidade de deter a confiança desta legenda, e conduzir-lhe a bandeira! Pois bem. Neste passo, afirmo, solenemente, que não a deixarei cair. (...) Em muitos instantes, e por muitas vozes, acusaram-me de perseguir, atropeladamente, os postos eletivos, em delírio ascensional. Repilo a increpação. Companheiros sabem que somente o peso das circunstâncias, em alguns casos, e até ao revés da minha vontade expressa, lançou-me aos pleitos. Ainda há pouco imaginava, isento dos maiores encargos, que já me fizeram quite com a nação, e podia restituir me a família, a profissão, as obrigações menores. Cumprira o dever como Deus e a consciência me indicaram. (...) Quis, porém, a providência, cujos caminhos surpreendem, que um mato-grossense, criado no Paraná e ex-governador dos paulistas, viesse apontado pelo clamor telúrico da nossa gente e pela generosidade dos dirigentes políticos, para disputar a chefia da nação. Como contrapor, então, o meu interesse ao da comunidade, quando a aceitação é, também a

de um desafio, para que se negue, por último, ou se comprove finalmente, a própria vivência da nossa democracia?(...)

Cumpra saber de fato, se é ou não possível entre nós o governo nascido nas urnas e, a um tempo, austero, rigoroso e justo.

Para mim, não tenho dúvidas. Não creio nas concessões demagógicas. (...) Não creio na incontinência orçamentária. Não creio na desordem administrativa. (...) Não creio nas ditaduras de qualquer tendência. Não creio nos sindicatos violentados. Não creio na previdência das espórtulas constrangedoras. Não creio no latifúndio antissocial. Não creio no tráfico de influências. Não creio nos privilégios ao arrepio da lei. Não creio na festa da intervenção nos preços, com o desprezo da produção agônica.(...) Não creio, enfim, o que se ver ao nosso alcance e a nossa roda, como se fôra democracia, quando é a sua caricatura, a sua cárie! Creio, sim no ímpeto da Constituição.(...) Creio na autenticidade das casas legislativas. Creio na eficiência e na moralidade burocrática. Creio na moeda sadia, com a qual se pague a despesa corrente e se amealhe o pecúlio do Amanhã. Creio no proletariado consciente.(...)Creio na pátria que se desenvolva harmonicamente, fraternalmente (...) Creio na agricultura e na indústria, que se justapõem e se completam no progresso coincidente, permissivo dos mercados interno e externo. Creio na livre empresa, embora circunscrita pela vantagem da comunhão. Creio na nossa maturidade, que nos impõe caminhar pelo mundo sem tutelas ou temores. Creio na defesa do nosso solo e, por isso, na Petrobras, que é a sua melhor expressão, na do nosso acervo espiritual e da nossa soberania. Creio nos cuidados do homem do campo, e na integração das suas virtudes de operosidade e inteireza, à família nacional. (...) Creio na força incoercível do povo, manifestação da onipotência Divina! Aí tem no que eu creio e no que descreio.

Detenho-me. Asseguro senhores convencionais que a única inspiração a impetir-me é a de, no embate sucessório, examinar todos os aspectos básicos da realidade pátria, o que farei na permanente auscultação das populações por todo nosso território.

Não tenho inimigos nessa lide nesse propósito que não sejam os inimigos da própria República. Eis o plano em que pretendo conduzir meio único em que a opinião deseja a campanha, por que a esclarece, por que a educa.

Já me chegam, vindas da sarjeta, as primeiras injúrias. Concito os que imenso a que se detenham na meditação do desserviço, que a ninguém dá rendimento, mas abre feridas que, mesmo cicatrizadas, marcam indelevelmente, com prejuízo para concordância nos esforços, que cumpre ser de todos, de construção do país.(...)

Comecemos, pois, nossa jornada. Pressão das instituições do sufrágio universal, representante das camadas mais humildes, mais sofridas e, por consequência, as mais legítimas do nosso povo, juro aqui senhores convencionais, empenhar-me na preservação desses valores, protegendo-os e servindo os com lealdade e dedicação integrais. Sem ódio, nem tibieza, mas, com devotamento firme, estendo as mãos ao Brasil eterno, envaidecido de tê-lo como terra. A de permitir o Senhor altíssimo que, os nossos sacrifícios, o nosso entusiasmo, seja ele uma nação melhor, mais generoso

para aqueles que o receberam por berço o que escolheram para a vida e para a morte. Edifiquemos, assim, a República dos Anelos dos seus formadores, cristã, indivisível, equânime, próspera e democrática! (O GLOBO, 08 de novembro de 1959)

Em seu discurso, que estruturalmente se comporta como uma “profissão de fé” aos moldes cristãos. Jânio Quadros visa atingir o partido e o povo brasileiro, destaca as intempéries que se propõe em “combater” ou “renunciar”, sob a forma de “*não creio*”, e assume responsabilidades, ideais e compromissos, sob a forma do “*creio*”, um pronunciamento ainda muito marcado pela religiosidade, mas que relativiza e íntegra ao povo as premissas “divinas”.

Assim como em outros discursos a construção do *ethos* se vale pela premissa do educador, mas principalmente pelo paradigma do “escolhido”. Como um “messias” afirma agir em detrimento dos desejos humanos, diz ser sobrepujado pelo dever e apesar de ter feito “tanto” (exalta implicitamente as contribuições realizadas em cargos anteriores) avalia que ainda tinha muitas obrigações com seu país. Destaca que sua “responsabilidade cívica” estava acima de qualquer pretensão, sua determinação a serviço do partido e do “povo” que “clamava” por sua atuação. De maneira a se qualificar como um político indiscutivelmente “virtuoso”, confessava um único “vício” “se envaidecia de ser brasileiro”.

Sobre “vícios” e “virtudes” professa suas crenças, transparece suas posições e projeta medidas que poderão ser tomadas em um possível governo. Defende a ordem prescrita pela constituição na mesma medida em que é contra qualquer abuso de autoridade que aflija os princípios democráticos. Sobre a democracia, como em discursos anteriores, a qualifica como mera “caricatura”, posição remete a conceituação do sistema político nacional em seus discursos marcado pela mácula da corrupção. Sobre o latifúndio, indica ser favorável a reforma agrária. Sobre a economia afirma prezar por um programa austero pelos brasileiros do presente e do futuro. Sobre a posição internacional do país se porta como “patriota” e “nacionalista”, defende a Petrobras e indica a proposição de uma política externa independente. Por fim, exalta o “trabalhador”, o “jovem” e os mais “humildes”, que unidos como um só povo possuem a “*força*” como expressão da “*onipotência divina*”, nesse sentido o popular e o divino se confundem, como bases e motivos de sua atuação política.

A convenção da UDN marcou a união dos partidos para a candidatura presidencial, mas promoveu a cisão das candidaturas a vice-presidência da república, já que a despeito de Fernando Ferrari, indicado pelo PDC, o partido escolheu Leandro Maciel para a disputa. A situação que Jânio Quadros delegou as lideranças partidárias e durante as vezes que foi questionado não emitiu nenhum posicionamento mais incisivo, senão demonstrar esperança de que houvesse uma chapa única, haveria uma forte consequência.

Antes de chocar o país com uma atitude inesperada, Jânio Quadros, firmado como candidato da oposição, participou do programa “Noite de Gala” da TV Tupi e foi questionado por celebridades como a cantora Máisa que perguntou sobre sua posição quanto aos jogos de azar, mérito que prontamente se demonstrou contrário; o humorista Grande Otelo que em gesto de apoio disse ser um *“homem do povo e como tal não fazia as perguntas mas sim fazia votos para que no futuro não tivesse mais que gemer em filas ou pagar cinco cruzeiros por um ovo.”*(O GLOBO, 10 de novembro de 1959); O artista plástico Carybé que o questionou sobre o modernismo de Brasília, sendo prontamente respondido: *“Não entendo de Arte Moderna mas gosto muito da arquitetura de Oscar Niemeyer.”*(O GLOBO, 10 de novembro de 1959), era opositor, mas como já avaliado não se sentia impelido em ser um crítico ferrenho da obra de Kubitschek.

Entre outras figuras em voga como o boxeador Eder Jofre e a atriz Tônia Carrero que representaram suas áreas de atuação, fizeram convites e ouviram promessas do candidato. Obter visibilidade, ou mesmo o apoio de pessoas estimadas pela sociedade é sem dúvidas benéfico, fato este que não deve ser subestimado, no entanto além das estrelas o programa contou com a presença de jornalistas, cujo questionamentos tocaram em pontos mais sensíveis³⁶.

O primeiro a indagá-lo foi o jornalista Castelo Branco, ao pedir que o candidato esclarecesse a expressão de seu discurso de que não *“largaria a bandeira da UDN”*, em seguida questionou, estava pronto para ingressar no partido? Corrigindo-o, Jânio Quadros respondeu: *“Disse que não a deixaria cair. E tal Bandeira não é somente a da UDN, é de confiança de todos os partidos que em mim depositaram para que faça um governo honesto.”* (O GLOBO, 10 de novembro de 1959). A “bandeira”, como se sabe, é uma forma figurativa de se referir a “ideias” e “premissas” defendidas por um partido, estes foram amplamente mencionados e utilizados por Lacerda ao defender sua indicação. A expressão em seu discurso a UDN serviu para remeter a estes esforços e demonstrar compromisso com o partido, nesta resposta os reafirmou, expandiu os votos para os outros partidos que o apoiavam e os sintetizou a uma única virtude: A honestidade, um dos pilares da imagem política que buscava apresentar a sociedade.

O candidato foi questionado sobre o cenário internacional por Joel Silveira, diante da posição que o Brasil tomaria em conferência da Organização das Nações Unidas (ONU) no dia posterior sobre os conflitos no continente africano, ao comentar sobre a questão foi coerente a pronunciamentos anteriores³⁷:

³⁶Além do apoio dessas personalidades, Jânio Quadros contou com declarações públicas de Gilberto Freyre (CORREIO DA MANHÃ, 18 de maio de 1960), Pelé (TRIBUNA DA IMPRENSA, 15 de junho de 1960) e um manifesto de expoentes do teatro de São Paulo (O GLOBO, 17 de setembro de 1960)

³⁷Durante a assembleia o país se posicionou contra o racismo através da seguinte nota sobre o regime instaurado na África do Sul: *“Somos, como ela é, uma nação de muitas raças. A semelhança, no entanto, termina infelizmente, aí. E, porque somos uma comunidade feliz, onde todas as raças têm iguais direitos e iguais oportunidades, porque sabemos que povos de cor diferente, e de diferentes antecedentes culturais, podem todos trabalhar juntos para o bem-estar*

Se o nosso governo votar com a França na próxima discussão do assunto na ONU, o Brasil estará perdendo uma posição que não será recuperada nem um quarto de século. Atualmente, na África, há um desabrochar de consciência nacionalista, o surgir de novas nações ao qual não podemos permanecer indiferentes. Insisto em que não podemos fazer política internacional sem que estejamos sintonizados com a realidade dos fatos. Nossa política para com a África deve ter este sentido, e devemos também ser corajosos o bastante para denunciar ao mundo que está acontecendo na África do Sul. O que lá existe não é um estado político, mas sim um crime monstruoso, organizado politicamente. Nossa política internacional, se coerente, deve procurar reconhecer e incentivar os novos países da África, condenando aqueles que cometem o crime do colonialismo e da discriminação racial. (O GLOBO, 10 de novembro de 1959)

Em relação ao tópico expressou sua concepção sobre a política externa que defendia para o Brasil. Caracterizado pelo protagonismo “*sem tutelas ou temores*” como havia dito durante discurso abordado, o país deveria ter coragem e estar disposto a tomar partido por ideais justos, com isso, rememorou o *apartheid* sul-africano e se portou como adepto das premissas incutidas a política “*nacionalista*” conforme significada no âmbito internacional. Vale salientar que a noção não se restringia a sua expressão brasileira, o conceito, então em voga, se constituiu como uma afirmação de independência e soberania comum a atores emergentes ou novas nações que surgiam com o fim do neocolonialismo, dessa maneira se debatia sobre nacionalismos “cubano”, “africano” e “árabe”, e figuras internacionais utilizavam do termo para se referirem a políticas dessa gradação pelo mundo.

Finalmente respondeu a uma última pergunta, externada por Araújo Neto, sobre sua situação com o PTB partido pelo qual era deputado no estado do Paraná, seria expulso ou se desligaria do partido?

Não me desligarei do PTB, e não o faria com elegância. Em que condições sou deputado do PTB? Estava eu no meu gabinete de trabalho quando recebi a notícia de que, a minha revelia, os convencionais da seção regional do PTB paranaense, tinham me escolhido por aclamação, para candidato a uma cadeira no Congresso. Disputei a eleição, fui eleito, não pelo quociente eleitoral, mas com meus próprios votos e as minhas sobras elegeram outro deputado e quase um terceiro. Essa cadeira, portanto, é minha; inteiramente minha e como estou assumindo posições que são coerentes com as do meu passado, cabe ao PTB resolver sobre o meu destino. Pelo que ouço, entretanto, do deputado Fernando Ferrari se o senhor Getúlio Vargas fosse vivo hoje estaria correndo seriamente o risco de ser expulso do partido. (O GLOBO, 10 de novembro de 1959)

comum, por isso nos aproximamos cada ano, deste debate na Assembleia Geral sobre discriminações raciais com tristeza e desânimo”. (O GLOBO, 11 de novembro de 1959)

Jânio Quadros, curiosamente, ocupava o cargo de deputado federal pelo mesmo partido de Leonel Brizola, João Goulart, dos “nacionalistas” herdeiros do trabalhismo varguista que apoiavam Juscelino Kubitschek e formavam a base do governo. Estava em uma posição contraditória, já que para as eleições presidenciais se juntou a oposição ao lado dos adversários históricos do partido. Em resposta à pergunta, fez questão de exaltar seu mérito durante o pleito, a situação pela qual foi indicado e destacar a coerência de seus ideais, como artifício sobre uma eventual expulsão recorreu a figura do fundador Getúlio Vargas para aludir a uma suposta mudança de paradigmas no interior do partido.

Semelhante a Vargas, estaria à mercê da decisão de um partido plural que contava também com seu companheiro de chapa Fernando Ferrari, integrante de uma ala dissidente, que durante o mês corrente apoiou com sucesso um candidato udenista contrário ao governador Brizola para a prefeitura de Porto Alegre. Um vice compromissado, que em sintonia a Jânio Quadros partilhava das mesmas premissas quanto a sua candidatura, em sessão na câmara afirmou “*minha candidatura à vice-presidência registrado pelo PDC é definitiva inarredável por isso que ela não mais me pertence*” “*minha candidatura pertence ao povo pertence ao nobre partido Democrata Cristão cujos dirigentes Mais uma vez agradeço a confiança que me depositaram*” (O GLOBO, 13 de novembro de 1959). “Inarredável”, e “investido da vontade popular” Ferrari se furtava dos mesmos argumentos de Jânio Quadros para caracterizar e respaldar sua candidatura. Durante o dia posterior a entrevista, o PTB afirmou em nota que não expulsaria o deputado, que então junto a Ferrari entrou na disputa pela indicação do partido, porém desta vez os pleiteantes não saíram vitoriosos.

Ao final do mês durante a noite de 23 de novembro, Jânio Quadros foi cumprir um compromisso suspenso desde o mês de abril, em convenção estadual discursou ao primeiro partido a indicá-lo como candidato à presidência, o PTN:

(...)Meus senhores:

Pudesse eu, tivesse eu o direito da opção, e talvez não fosse candidato à presidência da república. Compreendamos que me ouvem, sintam-se no meu lugar. Chega me sobre os ombros o cansaço das longas caminhadas. Já servi como vereador, já servi como deputado, já servi como prefeito, já servi como governador. O poder não mais me fascina, não mais me engana, não mais me tenta. (...) Ah! Se eu pudesse voltar a minha profissão, a minha família, a minha existência, se eu pudesse ser, e só, o chefe de uma casa, o marido e o pai. Sem desdouro, sem arranhão, inteiro, intacto, íntegro, não hesitaria. Sobretudo quando a sina dessa presidência me chega no drama deste instante. O que oferecer ao povo brasileiro? Que prometer a gente da minha terra? Como alimentar lhes as esperanças, como sustentar lhes a fé na negra noite em que nos encontramos, todos, inquietos, temerosos, amargurados na incerteza do presente, na incerteza do amanhã, sentindo o solo da República tremer sobre os nossos pés e perguntando a nós próprios, no recesso do lar, o que nos espera, não

no futuro longínquo, mas no futuro iminente, no futuro que chega quando vencemos apenas uma noite.

Eu não tenho meios nem modos para termos ou promessas aos meus patrícios. Prometer como, quando o dinheiro aí está dissolvendo se, derretendo se na inflação galopante e vergonhosa, que empobrece o pobre, fazendo o resvalar para miséria, enquanto enriquece os ricos, nos escândalos que possibilita? Prometer o quê, com a agricultura sucumbida, (...) Prometer o quê quando está na chamada previdência social dos arranha-céus de condomínios, das imoralidades no fundo sindical, das filas as portas dos institutos, que concedem esmolas? (...) Prometer o quê, quando nordeste mais e mais se avita, depauperado, exangue, como senão pertencesse ao mesmo Brasil? E já com os primeiros sinais da revolta cuja consequência nenhum de nós é dado prever. É a unidade do patrimônio comum, é a própria unidade da herança comum que se encontra em jogo. (...) Prometer o que quando, no resumo, acena se, para todos vós, para mim, marido e pai, para os que aqui se encontram, maridos e pais, com a república do porvir, com a república que virá, abundante, generosa e sobre o peso da desordem que aí está, como se formássemos gerações amaldiçoadas e proscritas?

Mas quem de nós tem dúvida quanto o Brasil de amanhã? O Brasil do amanhã será potente, sim, terá fortuna, sim, ainda que seus filhos não desejem. O que a nacionalidade quer é o Brasil de hoje que nos falta. E esse Brasil é que nos está sendo subtraído, esse Brasil é que nos está sendo desviado, esse Brasil é que nos está sendo furtado. É isso, Brasil, que exigimos, na nossa condição de filhos desta terra, pelo direito sagrado uma pátria melhor, pelo direito sagrado uma pátria mais humana, pelo direito sagrado a uma pátria mais cristã, pelo direito sagrado a uma pátria mais equânime, pelo direito sagrado há uma Pátria mais democrática; eu não sei, convencionais o que prometer. Ah! Se eu pudesse, tirar dos meus ombros o fardo. Por duas ou três vezes afirmo-lhes, empenhado a minha palavra, estive para renunciar a minha candidatura, para voltar para minha casa, para pegar a mulher em uma das mãos, a filha que cresce longe de mim por outra e dizer que vou fugir, enquanto Deus me permite dizer: é com a consciência em paz que o dever foi cumprido. Mas (...) como? Alguém precisa realizar a obra, alguém precisa carregar a cruz, porque o governo não é nada mais, governo da nação dolorida, o governo da nação amargurada, governo da nação entristecida, o governo da nação tenebrosa. Senão uma cruz, uma pesada cruz. Alguém deve transportá-la e eu quero terminar aqui, dizendo a vocês, petenistas da convenção, o que eu disse a Florianópolis delirante: apanho a, tomo a as costas e, arranco com ela, sim confesso, tropeçar ponto, confesso, hei de cair, porque ele o salvador, tropeçou e caiu. E vou cômico do que me aguarda; vou ciente da minha agonia; vou convencido do meu martírio pessoal; vou sabendo que posso até pagar com o máximo preço, por tela posto nos meus ombros já cansados. Mas vou com um conforto, ou com uma alegria, vou com uma festa na alma, vou com sinos bimbando no coração, porque se é verdade que lá em cima me crucificam, também é verdade que lá em cima está a nossa salvação. (O GLOBO, 23 de novembro de 1959)

Em seu esperado discurso ao PTN Jânio Quadros manteve sua posição como “mártir” e se serviu das mesmas prerrogativas expressadas em ocasiões anteriores. Um discurso fortemente vinculado a estratégias patêmicas, certamente o mais emocional desta etapa de sua escalada a presidência. Sua prerrogativa mais contrastante foi a descrição do momento intempestivo que afligia o país, do trabalhador ao patrão, do jovem ao aposentado, os brasileiros vivenciavam as consequências de uma gestão que os “abandonou” pelo alcance de um “futuro” que certamente seria alcançado no longo prazo, pois da mesma maneira em que foi “predestinado” a liderá-lo, o Brasil estava fadado a grandeza. À geração presente, “sem esperanças” que via em seu horizonte uma “*negra noite*” (um entre outros efeitos de dramatização), assim como às próximas que ainda estariam encarregadas de liquidar os custos provenientes das despesas vinculadas ao “desenvolvimentismo”, foi negado o “Brasil” reservado a uma “utopia do porvir”. Devolver aos brasileiros um governo preocupado com as questões relativas à realidade presente era sua “única” promessa. Através de sua “eleição”, configurada em seu discurso de forma análoga ao relato bíblico, como uma “crucificação”, em referência aos ataques de seus adversários, se “elevaria” e caso fosse necessário se “sacrificaria” pela “salvação” da nação.

É importante destacar que ao longo do período circulava um boato sobre a previsão de uma cigana que viu sua ascensão às funções de prefeito, governador e presidente cargo em que seria assassinado. Não é possível afirmar com convicção que o candidato se aproveitou dessa situação para solidificar o conteúdo dos trechos dessa gradação, mas diante da publicidade do relato pode ser apontada a possibilidade sendo que o “sacrifício” se tornava mais verossímil para o público (O GLOBO, 23 de setembro de 1959).

O apoio dos partidos foi enfim conquistado e Jânio Quadros formou sua base, neste sentido o candidato e seus correligionários não haviam mais de esperar e assim organizavam o primeiro comício de sua campanha, a ocorrer no estado do Acre. No entanto, a questão da vice-presidência a qual havia terceirizado e não tomou posições concretas na premissa de permanecer isento, voltou para assombrá-lo. Quem se apresentaria ao seu lado Fernando Ferrari, seu primeiro companheiro de chapa, ou Leandro Maciel, candidato indicado pelo partido de maior influência a apoiá-lo, ao que tudo indicava apenas o segundo compareceria, já que o evento foi organizado pelas forças udenistas, sendo por esse motivo Ferrari dispensado de suas obrigações pelo PDC.

Todavia, a despeito da posição tomada pelo partido, o petebista não só manifestou seu interesse em comparecer como garantiu sua participação no comício, deixando Jânio Quadros em um dilema, como apresentar ao público dois candidatos a vice-presidência? Ao longo de toda a sua trajetória política se esforçou para se demonstrar livre de compromissos partidários, mas para a continuidade de sua campanha haveria de se impor a favor de um candidato, qual fosse sua escolha era certo que perderia parte do apoio que havia conquistado. Diante das alternativas e seus reveses,

no dia 26 de novembro optou por uma terceira via e renunciou a sua candidatura por meio de uma carta enviada a Magalhães Pinto:

Senhor presidente.

Nesta data, renuncio a minha candidatura à presidência da república. Não consegui, como é do conhecimento de vossa excelência e da opinião pública, reunir, em torno do meu nome, nas diversas legendas e correntes políticas que procuram novos rumos para o país, com a unidade e harmonia indispensáveis ao êxito de nossa jornada. Quero agradecer a vossa excelência, e à UDN o apoio que recebi em memorável convenção, e êste agradecimento é extensivo ao PL, ao PTN, e ao PDC, que também adotaram meu nome.

Se nesta fase, é difícil, assim, coordenar os esforços e somar os anseios dos homens de bem que militamos vários partidos, impossível será governar no atendimento das reivindicações do povo e das necessidades brasileiras. Receba, Presidente, as expressões do meu respeito.
(O GLOBO, 26 de novembro de 1959)

Não era o líder que acreditava ser, já que fracassou em unir os partidos de forma harmoniosa. Sua ação pode ser interpretada como estratégica, assim como fez Lacerda, devolveu aos partidos a questão para que chegassem em acordo. É lógico inferir que seus aliados e opositores questionaram a natureza de sua renúncia. Enquanto uma parcela dos críticos não censurou sua interpretação e qualificou o fato como uma “*estratégia surrada*”, posição dos integralistas que através da charge apresentada pela figura 5 denunciaram o espetáculo orquestrado pela oposição em torno de um candidato desarticulado, para chamar a atenção do público. Outra acompanhou os fatos, a medida em que a ação política nem sempre se vale ser guiada conforme a “verdade”, mas segundo as narrativas e discursos que são colocados em circulação. Os aliados de Jânio Quadros não poderiam externar a confiança em seu retorno de forma a desmerecer a ombridade do candidato que construíam nos discursos, pelo contrário para o bem da imagem configurada corroboraram com a veracidade dos sentimentos de sua carta, e sem deixar de transparecer esperança em seu retorno realizaram esforços para apontar os culpados e se eximirem da culpa. O mesmo valia a maioria de seus opositores que viram uma oportunidade favorável, entraram no jogo e utilizaram o fato para qualificar Jânio Quadros como expressor da “*instabilidade, insegurança, a personificação do homem em que não se pode confiar*” (O GLOBO, 30 de novembro de 1959).

2.4 Retorno: o paradoxal fortalecimento e enfraquecimento de Jânio Quadros



Figura 4: Enquanto brigam pela vassoura, Jânio Quadros sai de cena (O GLOBO, 30 de novembro de 1959)



Figura 5 O circo está armado: ao respeitável público o palhaço sem máscara (A MARCHA, apud, CHRISTOFOLETTI, p. 151, 2021)

A renúncia precedeu um momento de inquietação correlato ao silêncio de Jânio Quadros que só se manifestou novamente dois dias após, através de novas cartas endereçadas ao presidente do PDC, Queiroz Filho:

Prezado amigo professor Queiroz Filho. Abraços. Ao renunciar a minha candidatura entendo que não reúno, na harmonia e compreensão indispensáveis, as forças políticas que me sustentam. Desejo agradecer ao presidente e amigos as atenções recebidas do PDC. Tenha o presidente a certeza de que consultei a minha consciência, atendendo-a, e formulo votos no sentido de que outro nome, à escolha superior daquelas mesmas forças tenha o êxito que não logrei, dadas as minhas deficiências pessoais. Receba as expressões da minha estima e do meu respeito. (O GLOBO, 28 de novembro de 1959)

E Carlos Lacerda: “Nisto tudo, creio que foi uma grande honra conhecê-lo melhor. Não esquecerei nosso convívio. Com a consciência em paz, pela atitude irretroatável, sei que, mais adiante, saberá entender. Felicidades” (O GLOBO, 28 de novembro de 1959). Haveria a personalidade humana vencido? Jânio Quadros se rendeu aos seus desejos e renunciou a sua tarefa? Se arrependeu e desistiu de prestar o “sacrifício” que havia prometido ao povo brasileiro? O fato era, que apesar dos pedidos, reuniões e manifestações por sua volta, permaneceu firme em sua decisão e não demonstrou sinais de que retomaria sua campanha. Se suas intenções eram verdadeiras, estava convicto em desistir das eleições, se foi estratégica não podia demonstrar. Ao fim tudo explicitava a encenação de seus discursos anteriores, “humano”, “messias”, “servo do povo”, sua disposição em “sacrificar-se” todas as empreitadas acerca de sua “posição” e “missão” estavam sob o risco de serem desacreditadas pela população.

O último mês do ano chegou e durante o dia 02 de dezembro o governador udenista Carvalho Pinto se reuniu com o “ex-candidato”, mas não quis dar detalhes a imprensa, apenas afirmou ter esperanças por seu retorno. Um indício tardio que não impediu a instauração de uma revolta no município goiano de Aragarças, promovida por militares da aeronáutica, entre os quais integrantes anistiados de outra insurreição contra o governo em 1956 na cidade de Jacareacanga, e civis descontentes com a “renúncia”, em oposição a um suposto “golpe” das esquerdas que havia sendo articulado.

Os efeitos da desistência saíram do controle, Jânio Quadros não poderia se sustentar como um democrata e apoiar tal manifestação, muito menos manter o afastamento por mais tempo, um dia após o acontecimento ser amplamente divulgado pela imprensa emitiu uma nota de repúdio:

Tive conhecimento, nesta tarde, de que um grupo de militares se declarou em insurreição. Nem a coragem maior nem os mais puros ideais poderiam justificar a atitude. Não sei de país que tenha aperfeiçoado as próprias instituições democráticas sem os erros, as falhas e até os vícios que marcam os nossos, e ninguém, ignora que é lento esse processo de elaboração.

Além do tempo, são também de sua essência, a disciplina, o respeito a lei e o acatamento a autoridade erigida pela vontade popular.

Formulo, como brasileiro, um veemente apelo a todos os meus patrícios no sentido de que reiterem confiança nos destinos do regime, obedecendo aos poderes constitucionais e procurando num clima de ordem, através do voto livre, os dias melhores que todos desejamos para a República. (TRIBUNA DA IMPRENSA, 04 de dezembro de 1959)

Se demonstrou contrário ao ocorrido, mas interveio em juízo positivo sobre as intenções dos revoltosos, fazendo uso da questão para pressionar seus correligionários, Carlos Lacerda que havia dito ser necessário “*implorá-lo de joelhos*” por sua volta (O GLOBO, 28 de novembro de 1959), respondeu a emissão de forma inquisitiva:

Lemos, com emoção, o apelo do sr. Jânio Quadros para que se tenha confiança nos destinos do regime, no voto livre, Mas, para ser patriótica para ter autoridade, a sua declaração está incompleta.

Os bravos que se dispuseram ao sacrifício, neste país de egoístas e de acomodados, e erradamente e inoportunamente, desafiaram o comodismo e o egoísmo para dar um exemplo que deve servir de alerta a todos, fizeram, ao menos, alguma coisa.

Falta ao sr. Jânio Quadros, para dar sentido às suas palavras de hoje, completá-las com a retomada de sua candidatura. Este é o mínimo sacrifício a fazer, para ser digno de si mesmo. Para estar à altura em que se colocam os idealistas, que dão ao país. neste momento, o exemplo do protesto e a lição de sua coragem.

(...) Enquanto ele não disser essa palavra de confiança na democracia, e não se resignar a novo sacrifício, o de lutar para conquistar para o povo o poder que os desonestos e os incompetentes fruem em vão, o que ele diz é bem pouco.

O sangue que vai correr cairá sobre a sua cabeça, se ele se omitir. O sangue dos que erradamente, mas impetuosamente procuram dar ao país o testemunho de quem nem tudo capitulou, nem tudo desistiu, nem tudo renunciou, nem tudo se entregou. (...)

Sim. confiança nos destinos do regime, voto livre dias melhores, mas, falta o candidato. Falta você. Jânio Quadros. (TRIBUNA DA IMPRENSA, 04 de dezembro de 1959)

Lacerda em seu comentário corroborou, com a “messianização” empreendida por Quadros e conclamou-o para fazer o “sacrifício” pelo país, sob a dura pena do sangue de seus “desacertados” apoiadores ser derramado em seu nome. Durante o dia seguinte os partidos se organizaram e levaram ao político o entendimento por seu retorno, Leandro Maciel seria seu vice e Fernando Ferrari, apesar de continuar na disputa o faria autonomamente, desvinculado da chapa.

O atrito responsável pela atitude que surpreendeu os brasileiros havia sido solucionado, os partidos entraram em consenso e Jânio Quadros não tinha mais motivos para permanecer apático a situação, pelo contrário, diante do “ultimato” de Lacerda e das possíveis consequências da revolta que se instaurou só tinha a perder se adiasse o “inevitável”. Assim, no dia 07 de dezembro empunhou a “vassoura” mais uma vez e se reintegrou a candidatura por meio de nova carta a Carvalho Pinto, com quem havia discutido dias atrás.

Manifestou a autenticidade das intenções que o levaram ao desligamento e disse voltar pela “esperança” que o povo manifestava em sua candidatura (O GLOBO, 07 de dezembro de 1959), tomando a posse como o candidato da “*angústia popular*” (TRIBUNA DA IMPRENSA, 11 de dezembro de 1959). Retornava fortalecido em suas relações partidárias, já que todos seus aliados, sem cogitar qualquer alternativa viável para o pleito, se submeteram em torno da necessidade de tê-lo como representante, sendo assim tomou o controle da situação. Por outro lado, foi de encontro a ideias-chave fundamentais a seu discurso, não estava comprometido integralmente a sua candidatura que não era tão “inarredável” quanto tentava demonstrar, abrindo espaço para que as críticas formuladas pela situação, quanto a “instabilidade” e “imprevisibilidade” de suas ações encontrassem respaldo real.

Todas as articulações realizadas ao fim daquele ano serviram para reestabelecer a abalada confiança da população. Em meados daquele mês críticos se aproveitariam para disseminar o boato de uma nova “renúncia” pelo candidato. Os partidos que o reenquadraram tiveram que lidar com o trabalho de demonstrar a coesão, e o próprio teve que afastar o ocorrido além de levantar novos temas para o debate público. Ocorreria ainda pela ação de componentes situacionistas e Ademar de Barros a ressuscitação do projeto de “soma de legendas”, de autoria do udenista Afonso Arinos, para formar uma chapa única entre o referido candidato e o Marechal Lott, no entanto, a proposta

não teve o mesmo folego que “União nacional” sendo descartada e exercendo pouco impacto no andamento das eleições.

Encerrando esta etapa, Quadros se empenhou no “hasteamento” de suas bandeiras contra a corrupção e moralização da máquina pública, bem como enfatizou sua imagem como candidato popular, todas as medidas deveriam então ser reforçadas pelos discursos no início do próximo ano rumo as eleições. Por, fim, após esse período de incertezas, somente se manifestaria com maior expressão durante o primeiro dia do ano eleitoral:

“Sejam as minhas primeiras palavras de candidato à presidência da república neste limiar de 1960 de saudação à família brasileira. (...)

Ao Brasil corresponde em nome das suas mais caras tradições garantir as liberdades democráticas aos seus filhos e através de uma política exterior independente, autêntica serena, porém firme e desassombrada desdobrar-se para que viva o mundo em paz, liberto das influências imperialistas de qualquer tendência e das manipulações colonialistas e neofascistas. (...)

Sou por índole, contra o obscurantismo, contra o reacionarismo negativista, contra os pregoeiros do pessimismo, contra a inércia e a estagnação, contra os que duvidam do futuro do país e da capacidade de superação de seu povo.

Represento nessa porfia, o compromisso de uma geração a que um passado sombrio e recente procurou frustrar a sua oportunidade de conduzir os seus destinos. (...)

Os próximos tempos serão ainda ásperos, mas estou certo de que desencadeada uma política econômico-financeira que consulte exclusivamente aos interesses do país, sem vacilações ou temores diante de influências estranhas e alienígenas lograremos conter o ritmo inflacionário em termos harmônicos com o desenvolvimento e os investimentos públicos produtivos. (...)

Estou persuadido de que a um programa dessa natureza não recusarão solidariedade e compreensão os homens de boa vontade deste país os patriotas, os estudantes e o proletariado as classes produtoras o homem do campo, a grande corrente do pensamento nacionalista a que estou ligado desde os tempos das bancas acadêmicas.

A este povo estendo a mão e dirijo o pensamento e envio os melhores votos aos primeiros instantes de 1960. (TRIBUNA DA IMPRENSA, 4 de janeiro de 1960)

Diante da expectativa que a virada do ano promove, intensificada pela estrutura mental daquele contexto, Jânio Quadros, através de premissas já externadas, propôs a construção de um novo Brasil, paradoxalmente estruturado em valores tradicionais como a fidelidade as suas origens cultura e religião, pronto para cumprir seu destino. Se contrapôs aos augúrios que caracterizavam o contexto nacional e internacional. Destacou medidas socioeconômicas e convocou a população, trazendo um conjunto de identidades inseridas no território nacional para sensibilizá-los a sua causa. Inauguraria um momento nunca visto na história política do país, que ainda “adolescente” sob o seu

comando assumiria a “maturidade”, indicando ser algo que o governo almejou sem sucesso, mas pelo contrário quase o levou a “desintegração”. Enfim, ofereceu aos brasileiros a resposta firme e confiante que necessitava externar pelo bem de sua imagem e pelo fortalecimento da fé do eleitorado em um Brasil que somente poderia nascer sob a sua liderança.

3. A VASSOURA CONTRA A ESPADA: A CORRIDA PRESIDENCIAL DE 1960



Figura 6 A vassoura e a espada: Dois éthé e duas retóricas em confronto (O GLOBO, 18 de fevereiro de 1960)



Figura 7 A vassoura e a espada: Dois éthé e duas retóricas em confronto (O GLOBO, 18 de fevereiro de 1960)



Figura 8 Nas mãos do povo: A popularidade da vassoura (Fonte: acervo.oglobo.globo.com/fotogalerias/janio-da-eleicao-renuncia-9631249)

No centro das campanhas que disputaram as eleições presidenciais de 1960 se encontravam dois símbolos. Cada qual responsável pela coesão dos significados interpostos no debate político pelo partido que representava. Instrumentais popularizantes de discursos distintos acerca do projeto de nação a ser apresentado ao país, a identidade que buscava ser fundamentada sobre os candidatos e as narrativas defendidas que buscavam influir sob a escolha do eleitorado.

De um lado a espada, empunhada pelo candidato governista o marechal Henrique Teixeira Lott, um instrumento cavalheiresco cujos sentidos expressados se encontravam virtudes como a “honra”, a “seriedade” o “serviço a pátria” e expressão última do compromisso as premissas

nacionalistas. Em entrevista ao jornal “Ultima Hora”, Lott atribuiu a população a escolha do objeto para representar a sua campanha à medida que expressava, segundo o próprio, aos olhos do povo a “*garantia da justiça*” e “*manutenção da ordem e respeito aos postulados constitucionais*”. Significação que deixava de apresentar a função bélica e se caracterizaria como “*símbolo civil*” (ULTIMA HORA, 20 de janeiro de 1960). Mesma espada que desembainhada pelo militar, segundo o próprio e apoiadores, defendeu a manutenção do regime democrático durante o comemorado dia 11 de novembro (ULTIMA HORA, 27 de junho de 1960). Sendo o histórico 7 de setembro, dia em que, pela representação de Américo, Dom Pedro I levantando o mesmo sabre declarou a independência do Brasil as margens do Ipiranga, associado por correligionário a possível vitória de Lott que ergueria a espada novamente pela “*ordem*”, “*prosperidade*”, “*felicidade*” e “*independência econômica*” do povo brasileiro (ULTIMA HORA, 30 de setembro de 1960). Um símbolo que, segundo as significações atribuídas pelo discurso lottista, reunia os clamores da população em favor da independência do país e defesa da democracia.

Do outro, a vassoura de Jânio Quadros, um instrumento comum de uso doméstico pelo qual se caracterizou a manifestação de uma campanha referente a limpeza do Estado, moralização da máquina pública e serviria como arma para uma possível cruzada contra a corrupção. Um objeto pelo qual se materializava um sentimento e uma promessa relacionada ao contexto político vigente. Segundo Jânio Quadros a vassoura era temida e seria avassaladora, pois atingiria a todos que se opusessem a correção e conseqüente renovação dos métodos políticos a nível nacional (CORREIO DA MANHÃ 13 de janeiro de 1960). Segundo colunista, Quadros renovava o sentido histórico do mesmo instrumento utilizado pela guarda do czar russo Ivan IV, o “Terrível”, que carregava vassouras nos arreios da montaria para limpar os traços de “*traição e corrupção*” (CORREIO DA MANHÃ, 15 de maio de 1960). Um símbolo que, segundo as significações atribuídas pelo discurso janista, reunia os sentimentos de transformação de uma sociedade que clamava por mudanças contra os desvios da política.

Meios de catalisação dos discursos que foram amplamente acolhidos pela população, como manifestado pelas figuras 7 e 8 que abordam respectivamente, um comício de Lott em Minas Gerais, circunstância em que um apoiador segura uma vassoura quebrada por uma espada. E um compromisso eleitoral de Jânio Quadros em Madureira que, entre tantos outros, se fizeram presentes eleitores apegados a vassouras manifestando apoio. Exitosos na conquista de ramificações do imaginário popular congruente a política, ambos foram notadamente explorados pelos candidatos, correligionários e opositores, por conseqüência entraram em combate.

Durante um comício em São Paulo Jânio Quadros afirmou: “*a vassoura é a espada do povo*” (CORREIO DA MANHÃ, 6 de março de 1960), a frase surgiu mais tarde em uma faixa popular que de encontro a campanha do Marechal provocou-o a questioná-la. Segundo o representante das

forças situacionistas, a associação era uma “*deformação*”, fruto de uma “*mente anormal*”, na realidade a “*espada*” como símbolo do “*poder emanado pelo povo*” incidiria no ato do “*voto*”. A vassoura, continuou, era a “*cavalgadura das bruxas*”, e naquele momento como expressão do opositor traduzia uma forma pouco convincente de resolver os problemas nacionais (ULTIMA HORA, 30 de abril de 1960).

Havia ainda um terceiro candidato, Ademar de Barros, embora sem nenhum motor simbólico expressivo, durante a campanha contestou firmemente a emergência dos objetos utilizados por seus concorrentes segundo a moldagem de um projeto político verdadeiramente “*nacionalista*” e atribuiu aos mesmos significados negativos, como a “*violência*” e a “*humilhação*”. Afinal, argumentava, o Brasil não precisava de outro símbolo senão a “*cruz de Cristo*” que inspirou Cabral a tomar rumos que possibilitariam o nascimento do Brasil (ULTIMA HORA, 27 de setembro de 1960). Um discurso que abordava e conferia uma terceira via para o país e reclamava dois parâmetros importantes para o contexto, a religião e o “*nacionalismo*”. Amparado por retóricas de tom mais grave acusava o “*homem da vassoura*” por transformar escolas em cadeias e tirar mamadeiras de bebês durante seu governo em São Paulo, e fazia pouco do militar ao julgar sua falta de preparo político (CORREIO DA MANHÃ, 26 de junho de 1960). Embora pertinente, não foi sobre Barros que as eleições se desenharam. Mas, sobre a “*vassoura*” e a “*espada*”, artifícios que unificaram as premissas defendidas pelos candidatos e se transmutavam em conceitos na elaboração e pronúncia de discursos. Sobre os significados atinentes ao discurso lottista e janista, e seus caminhos rumo ao dia 3 de outubro se voltaram a atenção do país, da imprensa, do debate político e por consequência se aterá o capítulo final deste trabalho³⁸.

³⁸Infelizmente, devido às restrições impostas a um trabalho desta natureza, optou-se por um recorte caracterizado pela abordagem da polarização das eleições entre Quadros e Lott, com uma incidência maior sobre o primeiro. Uma necessidade que, no entanto, não deixa de abordar significações compreendidas em pronunciamentos de terceiros que incidiram nos discursos de campanha. Ou deixa de reconhecer a importância desse ator ou outros a exemplo de Carlos Lacerda, o presidente Juscelino Kubitschek ou mesmo os candidatos a vice-presidência.

3.1 PELA “HUMANIZAÇÃO” DA POLÍTICA NACIONAL: O INÍCIO DA CAMINHADA DE JÂNIO QUADROS



Figura 9: Tão longe e tão perto: A paz escapa pelos dedos. (CORREIO DA MANHÃ, 5 de janeiro de 1960)

Um novo ano começou e algumas questões permaneciam, o candidato situacionista ainda não havia sido selecionado, Lott? Ademar? Ambos? A chapa oposicionista com todas as reviravoltas ainda expressava desconfiança quanto a sua formação, em particular quanto a solidez do candidato à vice-presidência. No cenário internacional, Caryl Chessman continuava em San Quentin esperando sua sentença. A Cuba revolucionária de Fidel Castro reforçava sua soberania através de uma política particularmente “nacionalista”, ou seria “comunista”? O conflito entre França e Argélia se adensava, com notícias de que o país europeu desenvolvia uma poderosa bomba cujo potencial só poderia ser imaginado (ULTIMA HORA, 11 de janeiro de 1960)³⁹. A África do Sul continuaria sua política segregacionista e racista a despeito da denúncia brasileira a ONU e da posição contrária ao regime firmada por expoentes mundiais em abril daquele ano (O GLOBO, 12 de abril de 1960). Simultaneamente os Estados Unidos também testemunhavam movimentos odiosos com a Ku klux klan em plena atividade (O GLOBO, 14 de abril de 1960). Partindo desta situação o racismo se tornava um tema cada vez mais sensível ao debate político contemporâneo.

³⁹Condenado a câmara de gás sob a acusação de ser o “Red light bandit”, “bandido da luz vermelha” em tradução literal, um criminoso não identificado responsável por cometer uma série de estupros e assaltos em Hollywood, Chessman jamais reconheceu a autoria dos crimes. O caso teve relevância mundial frente a notoriedade acumulada pelo réu que durante os 12 anos de prisão se tornou escritor, além de indícios quanto a sua possível inocência, preso pelo testemunho de duas vítimas. O caso suscitou debates sobre os direitos humanos e a eficácia da pena de morte, sentença em que a plural imprensa brasileira se uniu em contrariedade. O jornal Última Hora (18 de fevereiro de 1960), a meses da sentença, realizou uma entrevista com o célebre presidiário durante a qual o mesmo manifestou interesse de vir ao Brasil, já que em seu país a “justiça não funcionava”. Apesar dos apelos de autoridades mundiais, incluindo o papa João XXIII, Chessman esgotou seu último pedido de clemência, perdendo em uma votação acirrada de 4 a 3 que o condenou a câmara de gás. Mártir ou assassino, sua morte tomou conta dos noticiários que se lamentaram pelo ocorrido.

Outras conjunturas continuavam a exercer o mesmo domínio na vida cotidiana dos estados e municípios brasileiros, mas sobre novos contornos, a crise da carne parecia não ter acompanhado a passagem do ano, todavia o cenário de escassez e as consequências do surto inflacionário continuavam a se arremeter ativamente não só nas relações sociais como no cenário de disputa mantenedor dos discursos políticos. Como Jânio previu, mas por outro motivo, se inaugurava em menor expressão uma “crise do feijão”, decorrente do superfaturamento de uma remessa importada dos Estados Unidos (O GLOBO, 6 de janeiro de 1960). A população riograndense se alarmava quanto a uma possível falta de pão diante de uma crise na produção de trigo no estado (CORREIO DA MANHÃ, 13 de março de 1960). Em São Paulo o aumento abrupto no preço da proteína gerava desconforto (CORREIO DA MANHÃ, 3 de janeiro de 1960). A imanência de novas crises, restritas ou abrangentes, pareciam inevitáveis.

Ao mesmo passo, em todo o país, se manifestavam ameaças e greves efetivas, por meio de reivindicações de professores (CORREIO DA MANHÃ, 28 de janeiro de 1960) passando pelo setor de transportes como os ferroviários (CORREIO DA MANHÃ, 3 de janeiro de 1960) e marítimos (CORREIO DA MANHÃ, 21 de janeiro de 1960), até o funcionalismo público (CORREIO DA MANHÃ, 31 de janeiro de 1960). A demonstração de contrariedade ao contexto vigente abria uma oportunidade singular para a ação da oposição.

O que mudou? Ou então mudaria? No vindouro ano de 1960, Brasília, a nova capital seria finalmente inaugurada, para a velha cabia ceder o título e iniciar as discussões sobre o seu futuro, o presidente americano Dwight Eisenhower, popularmente Ike, iniciaria diálogos diplomáticos com o globo através de viagens que abordariam os vizinhos americanos até o oriente em países soviéticos, sua medida sinalizava, ou pelo menos, fortalecia a crença de que a disputa entre as potências poderia chegar ao fim através de um acordo pacífico (O GLOBO, 6 de janeiro de 1960). Do outro lado os esforços pareciam ser correspondidos, o primeiro-ministro russo Nikita Krushev, apesar da antagonização realizada pela imprensa observada na figura 9, emitia sentimentos positivos quanto a visita do presidente americano e garantia que a União soviética não tinha interesse em um confronto aberto e estava disposta a reduzir seu efetivo militar (O GLOBO, 3 de janeiro de 1960). Apesar dos bons presságios o mundo só saberia se um entendimento seria alcançado após a “Conferência do Cume”, reunião entre as potências mundiais que ocorreria no mês de maio daquele ano.

Um momento auspicioso que não impediu as especulações da imprensa mundial quanto ao desenvolvimento de novos potenciais bélicos como a realização de testes nucleares no espaço, “a bomba cósmica soviética” (O GLOBO, 15 de janeiro de 1960), nem trouxe um entendimento entre as culturas separadas pela “cortina de ferro”, sendo a religião protagonista, “antagonista”, de uma nota de ampla repercussão, respondida até mesmo pelo papa João XXIII (O GLOBO, 7 de janeiro de 1960). Veiculada por meios de transmissão oficiais do partido comunista, a mensagem negava a

existência de Cristo e inferia que sua figura servia apenas como um “*estímulo das relações capitalistas*” a ser utilizado durante as festas de fim de ano (O GLOBO, 5 de janeiro de 1960).

Em território nacional a Igreja permanecia ativa politicamente se posicionando sobre o destaque de Cuba no âmbito internacional, projetos políticos como a implementação do divórcio e questões sociais. Sendo este último destaque da atuação de Dom Hélder Câmara que além de exercer atividades junto à população carente da capital, durante o ano anterior, inaugurou o “Banco da Providência”, uma instituição responsável por captar doações monetárias e materiais no intuito de destiná-las a pessoas necessitadas. Figura de destaque especulava-se que o clérigo poderia ser convidado a fazer parte da chapa de Ademar de Barros presidência (ULTIMA HORA, 18 de fevereiro de 1960), expectativa que não vingou. No âmbito internacional é digna de nota a nomeação histórica de Laurean Ruganbwa o primeiro cardeal negro pela igreja católica (ULTIMA HORA, 29 de março de 1960)

O contexto se indexava a discussão de valores e questões humanas, que por sua vez, se aglutinavam a parâmetros previamente observados como o desenvolvimento material e o papel dos países a nível internacional. Unidos esses fatores se associavam a moldagem de um futuro imprevisível, mas emergente a concepção das políticas do presente.

Muito ocorreria ao longo do ano, todavia, os acontecimentos transcorridos no capítulo anterior continuariam a exercer fortes influências sobre as campanhas que se realizariam e conseqüentemente os discursos que iriam ser tecidos. Enfim para além de fatores passados ou futuros, a passagem para 1960 correspondia a um importante e único componente: Após idas e vindas Jânio Quadros era candidato à presidência e passaria a agir como tal.

Como pleiteante a indicação dos partidos seus discursos eram articulados junto a um propósito, demonstrar aos partidos, como também a população em geral, o porquê de ser candidato, para isso lançou mão de uma argumentação que foi amplamente abordada e avaliada. Convenceu seus interlocutores políticos e sua candidatura apesar das controvérsias se firmou, cabia agora responder a novas questões, desta vez ao eleitorado: por que deveria ser eleito a presidência? O que oferecia ao Brasil? Em que se diferenciava dos demais?

Como candidato desfrutou um momento ímpar durante o primeiro mês do ano, não tinha opositores em campanha era o único político em caravana pelo país. Não se adiantou tendo em vista todas as reviravoltas abordadas, mas saiu em vantagem na corrida para convencer o eleitorado brasileiro, uma circunstância que apesar de proficua não lhe isentou de críticas ou suprimiu o embate político.

Enfim, se iniciava uma nova página de histórias em permanente construção, mais uma vez o horizonte se abria para esperanças e promessas que não de almejar a superação de uma conjuntura ultrapassada, um momento propício para o estabelecimento de metas que vislumbram o potencial de

novas jornadas e conquistas. Todavia, o ano de 1959 havia sido amargo para muitos brasileiros que devido à crise econômica, não poderiam internalizar outros sentimentos senão uma esperança tímida alinhada ao pessimismo sob a continuidade dos infortúnios que se asseveravam. A descrença e o negativismo era uma temática presente em colunas jornalísticas (O GLOBO, 21 de março de 1960), e discursos políticos.

A campanha oposicionista tinha ciência de que para o êxito de suas ambições era necessário tomar termos a exemplo de “esperança”, “humanidade” e “otimismo” como atributos identitários do candidato apoiado, na medida em que seus discursos deveriam converter toda a negatividade imanente ao contexto em seu oposto, e aflorar no eleitorado a positividade de um Brasil a ser regido por suas bandeiras.

Assim Jânio Quadros procedeu ao longo de sua pré-campanha e significou sua “*Mensagem em tempos ásperos e em fé*” (título da mensagem de ano novo apresentada), como também Lott o faria quando oficializasse sua candidatura, mas por imposição do lugar que ocupava não pôde admitir a negatividade proveniente da crise. Mesmo o presidente da república Juscelino Kubitschek, que tão logo encerraria sua permanência sob o comando do país, buscou afixar as expectativas geradas pelo momento e contabilizar os feitos de seu cargo, através de um discurso que refletiria um argumento de fundamental importância concernente aos debates instituídos pela campanha oposicionista.

O início de um novo ano me dá ensejo de mais uma conversa franca e direta com o povo brasileiro. (...) Não é com alívio por já ter escoado que contemplo o ano que passou; muito ao contrário, vejo-o desaparecer, certo de que não o perdemos para o Brasil.(...)

Contradigam-me os negadores profissionais; recusem-se a ver os cegos da pior cegueira, que é a voluntária, a cegueira como disposição de alma; obstinem-se no pessimismo catastrófico os que só podem oferecer essa atitude como colaboração ao esforço incansável de construir o país; persistam em suas campanhas de descrédito — a verdade é que o Brasil ganhou em significação. O Brasil de Brasília, o Brasil de Três Marias, com o Rio São Francisco plenamente utilizável, o Brasil de Furnas, o Brasil dos reservatórios de Araras e de Orós --- há cem anos reclamado pelo Ceará — o Brasil da USIMINAS e da COSIPA, o Brasil articulado por estradas de penetração, o Brasil da automobilística, o Brasil da indústria naval, o Brasil da SUDENE, Brasil que multiplica as suas indústrias de base --- esse Brasil já não é o Brasil de quatro anos atrás, graças aos esforços dos homens de boa vontade, dos que amam o trabalho e também me ajudaram.(...) as realizações materiais que me propus levar avante estão em via de conclusão. Impõe-se agora uma outra tarefa: a de reagir com mais intensidade em favor da ordem, da defesa da autoridade, a preservação das instituições.

O povo testemunha a constante provação porque passei nesses 4 anos entregando-me, sem desfalecimento, em apagar incêndios, em retribuir o mal com o bem, em pessoalmente ocupar-me de greves. Muitas delas sem razão, em suportar provocações, sem jamais exercer qualquer espécie de represália.

Entretanto, chegou a hora em que não mais se justifica a tolerância para com os promotores da desordem, enquanto se limitavam a atacar-me a mim o governo em si, podiam ser tolerados; mas depois se transformar em inimigos do próprio país, seria crime deixá-los entregues a sua sanha de estraçalhamento. Considero Inimigo do país todos os que incitam a desordem, fomentadores das greves de efeitos maléficis, que recaem, de preferência sobre os mais humildes, sobre os que acabam pagando as manobras dos aproveitadores de ocasião com sacrifícios ainda maiores que os decorrentes da condição modesta em que vivem. (...) (CORREIO DA MANHÃ, 1 de janeiro de 1960)

Um discurso longo que prosseguiu pontuando sobre o que destacava como o “*papel político*” das greves instituídas durante o ano pretérito, vinculadas ao propósito de desarticular as estruturas de seu governo (que pela significação conferida se confunde com o Estado-nação brasileiro), sobre as mesmas qualificou reivindicações “*incabíveis*” e as classificou como formas de “*desordem*” e “*agitação*”. Para contribuir com sua argumentação situou como exemplo a greve dos ferroviários em São Paulo agradecendo a ação do exército e do governador daquele estado para contê-la. Em seguida instruiu a “*verdadeira*” população trabalhadora a desconfiar dos “*instigadores*” que planejavam manifestações nos próximos meses bem como advertiu a estes últimos dizendo que o governo estava informado e preparado para “*desarticulá-los*”.

Este foi um tópico marcante de um discurso que abordou as relações internacionais brasileiras, neste viés Kubitschek prezou pela política pan-americana até então defendida pelo governo, como também a crise econômica afirmando que: “*O ano que inicia será dedicado em recuperar o valor da moeda, a deter a inflação e equilibrar as contas públicas sem prejuízo das medidas necessária ao desenvolvimento nacional.*”, repetiu o pedido pela cooperação do povo brasileiro para que não se deixasse influir na lábia de “*mazorqueiros*” que “*choram sobre ruínas que só existem na imaginação doentia desses anunciadores de desgraças.*” Até que finalizou de forma a enfatizar os feitos do desenvolvimentismo, sendo que em 1960 marcava não só a abertura de um “*novo ano*”, mas também a inauguração de um “*novo Brasil*”.

Os partidários endossaram sua fala principalmente sobre o tópico da inflação, já os opositores criticaram um ponto contundente pelo qual se estruturariam as bases do discurso eleitoral de Jânio Quadros. Segundo a oposição, o presidente abordou as obras de seu governo, grevistas, relações internacionais, porém, se calou sobre os problemas mais básicos que afligiam os brasileiros (O GLOBO, 2 de janeiro de 1960). Faltou “*humanidade*” em seu discurso, esta foi a posição

externada por adversários entre os quais José Sarney (TRIBUNA DA IMPRENSA, 2 de fevereiro de 1960) que a época articulava a consolidação de uma nova vertente política no interior da UDN.

Seu discurso não serviu para que as greves fossem abortadas, pelo contrário ainda haveria muitas reivindicações laborais ao longo do ano, mas como indicativo e expressão dos parâmetros que permeavam sua governança se valeu por uma “ausência” que não é própria de sua oração, mas obra de uma imputação de seus adversários a ideologia desenvolvimentista: o fator humano e social estava a parte das ações governamentais. O tema “ausente” nos pronunciamentos situacionistas passaria a ser explorado com maior ímpeto pelas forças janistas em seus discursos.

O levantamento do debate acerca de questões essencialmente humanas não encontrava resguardo nacionalmente ou internacionalmente somente pela superação do período entreguerras e divulgação de suas atrocidades, mas também por seus resquícios e atritos contemporâneos que agrediam os direitos humanos. Além das expressões de racismo mencionadas, junto ao mês de janeiro o fantasma do antissemitismo nazista retornou para assombrar o mundo. No primeiro dia do ano sinagogas localizadas na Alemanha ocidental amanheceram pichadas com suásticas (O GLOBO 2 de janeiro de 1960), um movimento viral que se alastrou no mundo inteiro inclusive no Brasil que via os mesmos símbolos espalhados em templos localizados na Bahia e em São Paulo (O GLOBO 7 de janeiro de 1960). A ocorrência provocou a indignação de autoridades religiosas e políticas como o próprio presidente Kubitschek e o candidato Jânio Quadros que em carta endereçada ao vereador e escritor judeu Isaac Izecksohn, afirmou:

Não podemos silenciar frente a êsse retrocesso nas conquistas da civilização; frente a êsse atentado contra os direitos humanos; frente a êsse crime contra a família universal! Conservemo-nos vigilantes, pois. O sangue e os crimes da última guerra são terrível advertência, impondo-nos dever de denunciar e condenar, com o máximo vigor, qualquer tentativa naquele sentido repugnante. (O GLOBO, 1 de fevereiro de 1960)

A instrumentalização de ideais humanísticos empreendidos pelo discurso janista, no entanto, não incidiu centralmente sobre conflitos identitários, mas em relações objetivas e materiais vinculadas a sociedade brasileira. Sobre a perpetuação da crise econômica e a ausência de legislações de amparo social, a campanha de Jânio Quadros configurou um discurso capaz de se diferenciar e investir contra governo, além de caracterizá-lo negativamente. Fomentar as bases de uma narrativa e um arcabouço ideológico que se fundamentaria nos pronunciamentos do político como promessas de campanha e um plano de governo.

Dito isso, vale comentar que as primeiras movimentações da campanha oposicionista, ainda em caráter não oficial, ocorreram no estado de Minas Gerais. Durante as primeiras semanas

do ano Quadros percorreu os principais municípios mineiros entre os quais Belo Horizonte, ocasião em que visitou o cardeal Dom João Resende arcebispo coadjutor da capital, ato que como mencionado se repetiria a cada visita do candidato a zonas arquidiocesanas do país, bem como o então presidente da união democrática nacional Magalhães Pinto que seria candidato a governança daquele estado.

Na residência de seu aliado recebeu jornalistas e respondeu a questionamentos, entre os quais abordou a desistência de sua candidatura sendo enfático de forma a passar segurança e otimismo: *“Asseguro a Minas e ao Brasil que renunciar à candidatura não é meu hábito tampouco o será no futuro. O meu firme e inabalável propósito, agora, é deixar de ser candidato, mas em 3 de outubro a meia-noite”*. O episódio da renúncia não seria facilmente esquecido, sendo novamente questionado teve de adensar sobre o ocorrido e se justificar pela escolha lograda, segundo o próprio fruto de *“aborrecimentos”* que culminariam, a seu entender, na prerrogativa de encontrar um novo nome, mas que diante da falta de um substituto retornou mesmo que isso demandasse *“sacrifícios”*. Disse ainda que em sua jornada encontraria *“violência, fraude mentira e provocação”*, enfatizou que não era candidato por vontade ou ambição e agradecia a Deus por ser um homem *“inteiramente realizado”*, cujo exercício público foi realizado *“sem promessas, acenos, afagos, ilusões e fraudes”*. Concluiu dizendo que a alguém devia o papel de *“moralizar a república”* e se voluntariava para o serviço mesmo que tivesse que incorrer ao *“sacrifício supremo”*⁴⁰. Uma resposta que remontou a todas as configurações já suscitadas durante sua pré-candidatura e seriam longamente repetidas em campanha, mas em virtude da renúncia certamente perderam substância e tiveram a factibilidade prejudicada diante da população durante o início daquele ano.

Ao decorrer da entrevista comentou sobre a circulação de rumores acerca de articulações antidemocráticas e o andamento de manobras políticas que poderiam inviabilizar o pleito:

Não acredito em violência contra as instituições. Tenho acompanhado com atenção os movimentos de que o govêrno participou, por ação ou omissão, capazes de perturbar o processo eleitoral, através de projetos reformistas como o que estabelece o mandato-tampão, a soma das legendas, e vários outros. Encontro, por todo o País, firme disposição popular de comparecer às urnas, e tenho a mais absoluta confiança nas Fôrças Armadas. (O GLOBO, 4 de fevereiro de 1960)

Ao responder à questão fez uma ofensiva já abordada que seria repetida diversas vezes ao longo da campanha, a imputação de um temor aos políticos vinculados a situação, inferindo que assim como o próprio, estes tinham certeza de sua vitória nas urnas. Sendo assim qualificava, como

⁴⁰Apesar de a referência ser clara, Jânio Quadros após muitas menções em pré-campanha só usaria o termo “morte” de forma direta em discurso posterior pronunciado no dia 18 de fevereiro em Ubá, dizendo: *“Ou ponho a casa em ordem ou morrerei em meio a tarefa”* (O GLOBO, 18 de fevereiro de 1960)

nesta ocasião, formas de enfrentamento a sua escalada ao poder, medidas que em seus discursos prezavam pelo “*continuismo*” como a “*união nacional*”, discussões sobre a pertinência de um “*mandato tampão*”, medida que instituiria um governo transitório ou ampliaria o mandato vigente mediante a mudança para a nova capital e a já mencionada “*soma das legendas*” articulada ao final do ano anterior. Em resumo, emitia que todos estavam contra sua vitória e a “vassoura” contra todos.

Diante de questionamentos finais afirmou oficialmente ter desistido da indicação pelo partido trabalhista, qualificou o regime previdenciário do país como “*farsa, mentira e lógro*” e se disse favorável a investimentos internacionais desde que desvinculados a áreas essenciais para a soberania do país. Em meio a estes posicionamentos, externou o claro compromisso as premissas “nacionalistas” e sobre a previdência social teceu uma crítica medular sobre o combate a corrupção e limpeza da administração pública, que por sua vez se ligava a retórica de uma política “humana”.

Sobre a previdência social vale destacar que a instituição materializava a corrupção denunciada pelos discursos oposicionistas. Grande parte em razão de seu papel político sendo que seus recursos poderiam ser utilizados pelo Estado de forma a prover e fomentar obras públicas. Fator somado a ocorrência de denúncias corriqueiras quanto a fraudes veiculadas pela imprensa e a fraqueza da legislação previdenciária que deixava a margem parte da população entre os quais os trabalhadores rurais.

O entendimento de que eram necessárias mudanças era reconhecido pelos apoiadores do governo, sendo pauta da futura campanha de Lott e reivindicação do partido comunista brasileiro que em carta ao presidente da república durante o início do ano anterior apontava a necessidade de moralização dos institutos (TRIBUNA DA IMPRENSA, 30 de janeiro de 1959)⁴¹.

Captadas pelo governo, as finanças da previdência foram um importante combustível para a execução das obras de Brasília, sendo que ao decorrer de 1959 a oposição acusou a manipulação dos institutos, em vista a indicação de partidários do PTB a chefia destes, conjuntura que emitia, segundo os mesmos, sua “degradação” e “submissão” aos interesses do partido. Acusações a parte, o fato era que a União devia uma quantia bilionária a previdência que tinha sua função social prejudicada (TRIBUNA DA IMPRENSA, 28 de janeiro de 1959)⁴². Em virtude de críticas, as

⁴¹Em seu primeiro discurso como candidato Lott fez questão de tocar no tema: “No que se refere à previdência social, temos que confessar, com constrangimento, que ela praticamente não existe. Por esta razão ela merecerá do meu governo cuidados especialíssimos. O que se sabe, e é triste constatar, é que órgãos da previdência social falham precisamente no momento em que os trabalhadores deles mais necessitam. Cumpre entender que a finalidade precípua desses organismos deveria ser a de prestar assistência efetiva ao seu contribuinte. O trabalhador possui problemas e dificuldades que reclamam soluções imediatas, muitas vezes na hora mesmo da solicitação feita, dada a urgência que o caso requer, tal assistência presentemente, lhe é difícil nas grandes cidades e, absolutamente inexistente no interior do país. A grande massa dos trabalhadores, principalmente os que labutam fora os grandes centros, não conhece os benefícios da previdência. Acabar de vez com o tratamento que é atualmente algumas vezes dado aos trabalhadores quando recorrem aos centros da previdência social também é necessário.” (O GLOBO, 19 de fevereiro de 1960)

⁴²Em resposta a uma crítica de João Goulart que questionou sua autoridade para falar sobre o tema e o acusou de não pagar as cotas previdenciárias enquanto prefeito (ULTIMA HORA, 21 de março de 1960), Jânio Quadros afirmou “Eu me preocupo com a gestão da previdência social por alguns eleitos do falso trabalhismo, o que se verifica

vésperas da formação da candidatura situacionista, foi noticiado que o governo se propôs a pagar as dívidas ao órgão, segundo uma fonte anônima do ministério do trabalho, para impedir que a oposição pudesse atacar sua gestão associando-a ao futuro candidato governista (CORREIRO DA MANHÃ, 30 de janeiro de 1960), medida que não ocorreu.

Em Minas, Jânio Quadros visitou também Juiz de Fora, município em que proferiu um discurso em que além de tocar no tema da previdência, segundo suas palavras “*dirigida por falsos defensores do operariado*”, exerceu críticas a crise econômica ao denunciar (sob a forma de “inimigos” que não são nomináveis, mas cumprem um propósito narrativo) a existência de interesses financeiros por trás da situação do país, “*Há os que lucram num processo inflacionário. São uns espertalhões, uns negociastas, uns usurários, uns açambarcadores que vivem de golpes. Enquanto esses ficam cada vez mais ricos o povo se torna pobre.*”. Criticou também o sistema de saúde “*o Brasil pode gabar-se de constar a seu favor com os mais elevados índices de mortalidade infantil*” e a educação “*uma verdadeira farsa, mantendo mais da metade da população analfabeta.*” (CORREIO DA MANHÃ, 05 de janeiro de 1960). E avaliou a necessidade de as relações de reatar relações comerciais com o bloco soviético:

Eis um país tímido. Estávamos com medo até de vender um cafezinho à união soviética. Um país que tem medo de dizer ao mundo: sou livre. Luto pelos seus interesses, pelo bem da humanidade. Não tenho amigos inseparáveis nem inimigos irreconciliáveis. Acabou-se o colonialismo na África e na Ásia. Sou contra todas as manifestações imperialistas, porque a terra é muito pequena para que não nos demos as mãos, nós todos, brancos, negros ou amarelos. Acreditamos em nós próprios, no nosso passado e no nosso presente cristãos. Geralmente podemos e devemos todos firmar a nossa personalidade nas relações internacionais. (CORREIO DA MANHÃ, 05 de janeiro de 1960)

Como longamente repetido Jânio Quadros defendia em seus discursos, não só por ordem do contexto mas por uma perspectiva fortemente atrelada a preceitos religiosos, uma política internacional ancorada no protagonismo brasileiro, a presença e atividade do país no cenário global sob dois aspectos principais: o apoio e prerrogativa de união entre os países emergentes em favor de uma cooperação com benefícios mútuos, juntamente a oposição qualificada como sem “temores” a práticas que se mostrassem contrárias aos valores humanos, declaradamente cristãos de sua ideologia política.

Finalizou o discurso na cidade mineira com uma defesa e um compromisso:

ininterruptamente em nossos dias. (...) Os males da previdência social residem na sua estrutura e no seu desvirtuamento para servir a interesses pessoais ou de grupos.” (CORREIO DA MANHÃ, 23 de março de 1960)

Como o atual governo sabe que posso chegar ao poder sem compromissos, sem dolo ele inventa mil artimanhas: o mandato tampão, prorrogação de mandatos, soma de legendas. Mas um dia uma bomba explodirá nas próprias mãos encarvoadas daqueles que procuram obstar minha subida ao poder.

Dizem mais que represento apenas a vila maria, que sou contra a Petrobras. Mas a verdade é que defendi esta empresa no tempo em que os comícios em seu favor eram dissolvidos a patas de cavalo e com bombas lacrimogênicas. Eles inventam tudo contra a minha reputação porque sabem que seu eu chegar ao palácio presidencial hei de varrê-los todos, de ponta a ponta. (CORREIO DA MANHÃ, 5 de janeiro de 1960)

Através de suas últimas colocações, criticou novamente as assim caracterizadas “manobras” do governo contra a sua eleição e se defendeu sobre a acusação de ser “entreguista”, utilizando argumento supracitado. Na disputa pela primazia da posição como “nacionalista” Jânio Quadros diria que “*O nacionalismo atual é vesgo e, pior do que isto desonesto. O verdadeiro nacionalismo é trabalhar pelo engrandecimento da nação*” (O GLOBO DIA 13 de janeiro de 1960), exercendo a discutida significação patriótica do conceito. Como também ajuizaria novos valores frente a ocorrências do contexto, entre as quais o qualificaria em sua expressão situacionista como “*xenófobo*”, em função de uma ofensa dirigida a Fernando Ferrari qualificado como “*napolitano frescamente abasileirado*” por uma figura de viés governista que teve a identidade suprimida do noticiário, nomeado como “*mercenário a serviço do situacionismo*” em coluna do “Correio da Manhã” (CORREIO DA MANHÃ, 25 de fevereiro de 1960).

Junto ao fim de sua excursão pelo estado, se iniciaria a campanha presidencial em termos oficiais, o Acre como havia longamente planejado seria o primeiro estado a ser contemplado por sua visita. No entanto, a UDN mato-grossense organizou um evento que atraiu um número expressivo de pessoas para recebê-lo em Cuiabá antes de sua viagem ao extremo do país, tal fato alterou os planos iniciais e sua campanha teve início em seu estado natal e seguiria um roteiro inicial que atravessaria o Acre, Rondônia, Amazonas, estados do nordeste até retornar a Minas Gerais.

O “expresso da vitória”, assim nomeada a caravana da campanha de forma a expressar a confiança integrada a sua candidatura, levaria a mensagem de uma forma “*humana*” de fazer política a todo o país corroborada mais tarde publicamente pela “ala moça”, “movimento renovador” ou “bossa-nova udenista”.

Durante o início do mês de fevereiro, José Sarney acompanhado por Edílson Távora e Ferro costa, representantes da “renovação” udenista entregariam a Jânio Quadros e a Magalhães

Pinto uma carta manifesto contendo um conjunto de assertivas intimamente relacionadas a posição assumida pelo aspirante a presidência no início daquele ano⁴³.

Redigida sob a forma de uma lista incluindo treze fundamentos, entre os quais o combate ao “*subdesenvolvimento*”, uma política internacional “*corajosa*”, defesa da reforma agrária, “*Humanização do capital*” e moralização da previdência, a missiva defendia pontos centrais que deveriam ser objeto de ação do partido para o futuro e naquele momento serviriam com alicerces da campanha presidencial, a carta foi precedida por um texto cujo o trecho a seguir exprime sinteticamente ideias-chave que fundamentariam os discursos da campanha de Jânio Quadros:

O homem é a meta inexistente. Agricultura, educação e saúde não tiveram lugar no planejamento improvisado. O desenvolvimento amoral, desordenado, sem atender aos anseios de justiça social, sem assegurar ao homem a liberdade contra a fome e contra as doenças, aumentou as áreas onde sobrevivem as multidões abandonadas, marginais do processo de enriquecimento nacional. O desenvolvimento, se é uma realidade, mantém e agrava as injustiças e os desníveis sociais. Não podemos ignorá-lo, e é nosso dever lutar por dirigi-lo, dando-lhe o sentido adequado. (CORREIO DA MANHÃ, 10 de fevereiro de 1960)

Através da mesma lógica empregada neste texto se organizaria a representação sobre a realidade brasileira que seria colocada em circulação pela oposição. O governo desenvolvimentista cumpriria o papel de “antagonista” e seria responsabilizado por “infortúnios” e mais gravemente pelo “abandono dos brasileiros”, suas práticas seriam apontadas como a causa da situação “lastimável” pela qual o país se encontrava. Jânio Quadros se enquadrava como a “solução”, o “protagonista” de uma transformação política vinculada as premissas de um Brasil “acolhedor” e “fraterno” que se dedicaria a reger o desenvolvimento do país guiado pelas necessidades primordiais do ser humano.

A prerrogativa de trazer o “homem” para o centro das ações políticas se tornou o corpo do discurso janista, bem como o apontamento de problemas básicos cujo a resolução estaria circunscrita a seu plano de governo, que entre outras medidas defendia a reforma agrária e a entrega da administração previdenciária aos trabalhadores através da criação de um “ministério da previdência social” (TRIBUNA DA IMPRENSA, 4 de janeiro de 1960)⁴⁴. Em últimas palavras se

⁴³Ao receber a carta o candidato se manifestou a imprensa: “*Recebi com grande alegria, repito, e com verdadeiro entusiasmo pois aquele documento é um retrato fiel das reivindicações e anseios do povo. Vejo entre êle e a orientação que tracei nesta batalha uma concordância que me lisonjeia sobremodo*” (O GLOBO, 12 de fevereiro de 1960)

⁴⁴Em discurso: “*Sou um dos que defendem, com convicção, (...) a imperiosa necessidade de reforma agrária prudente e cristã, que ponha a bem do homem e da sociedade os vastos domínios inaproveitados, que alguns egoístas subtraem. A terra é o mais caro dos patrimônios de um povo e os títulos e domínios não prevalecem sobre o interesse coletivo. Quem a possui deve usa lá para si e para os outros, e se não o faz, por incapacidade comprovada ou por dolo, sujeita-se a receber o preço justo para que o Estado coloque a serviço de outro. Não sei o que espera o Governo Federal para*

tratava de explorar os sentidos de uma sentença já proferida: “*devolver o Brasil aos brasileiros*”, já que este havia, mediante suas colocações, sido “sequestrado” pela situação se tornando um privilégio de poucos e um grande encargo para o povo trabalhador.

O Brasil não pode continuar assim: rico o Sul e pobres o norte e nordeste. Metade feliz e metade desgraçado. É fundamental para a própria indústria do centro-sul a integração dessas áreas subdesenvolvidas à economia brasileira, criando-se, assim, um mercado consumidor dessa indústria, caminhando para a plenitude de seu desenvolvimento e, conseqüentemente, produzindo o próprio desenvolvimento do país.

Um país sem unidade nacional nunca poderá ser feliz! Nossos propósitos e preocupação são integrar o Norte e o Nordeste na família brasileira. Por isto, escolhi para meu companheiro de chapa um homem que conhece a fundo o problema dessas duas regiões: Leandro Maciel, ex-governador de Sergipe. Será ele, que foi o grande governador do menor estado da federação, o meu orientador, o meu conselheiro, o meu guia no que se retira aos graves problemas destas vastas e abandonadas regiões. (O GLOBO, 26 de janeiro 1960)

Em virtude desse aspecto, se enquadrava sua escolha pelo norte e nordeste do país como pontos iniciais de campanha, regiões vulneráveis em que seu discurso encontraria maior capilaridade, tendo em vista ser essencial para a efetividade de suas acusações a identificação do eleitor com o brasileiro inserido em sua narrativa, “maltratado” e “vitimizado” pelo projeto desenvolvimentista⁴⁵. De forma mais específica se dirigiu para o trabalhador rural incitando: “*Completamente desassistido, escravo da nação. Sem nada, sem dinheiro, sem prerrogativas, sem médico, sem assistência social, sem escolas e sem ferramentas, sente o drama na própria carne.*” e prometendo “*Chegando à presidência da República, como tenho certeza de que chegarei, hei de propiciar ao trabalhador do campo as faculdades a que tem direito para escoar sua produção e viver com dignidade*” (O GLOBO, 26 de janeiro de 1960).

A retórica estava construída, se almejava fazer crer que de um lado se encontrava um projeto que “visava” a “submissão do material ao bem-estar do ser humano” e do outro o “sacrifício deste para um desenvolvimento a beneficiar poucos”, para isso o discurso exposto foi proferido em cada destino definido de maneira a integrar questões verossímeis a realidade de cada estado e proposições dedicadas a saná-las, como realizado em São Luís do Maranhão:

encetar, nesse ponto, a efetiva defesa de nossa gente, sobretudo ao longo dos vales úmidos e ao redor das represas e açudes nordestinos” (O GLOBO, 9 de janeiro de 1960).

⁴⁵Vale comentar a exaltação das qualidades de Leandro Maciel no trecho exposto, utilizada como um argumento de autoridade, serviu ainda para a cumprimento de dois objetivos. O primeiro, demonstrar a superação da crise com a escolha de seu companheiro de chapa além de coesão junto ao mesmo, e o segundo, mais claro, para angariar votos para o vice.

A meu ver, o grande erro de nossos governos, erro produzido por má-fé e desídia é o de ter abandonado por completo o maior patrimônio nacional que é o homem. O homem é o grande abandonado, o homem é o grande esquecido, o homem é o grande explorado. Encontramo-no-lo por toda parte sobretudo nos campos entregue a lavoura ou a pecuária sem nenhuma atenção ou cuidado sem nenhuma atuação da autoridade federal que de quando em quando vem falar do aumento da produção. Mas aumento da produção sem escolas, escolas de iniciação agrícola para as crianças, escolas artesanais, escolas que ensinam a plantar, escolas que formam marceneiros, eletricitas, carpinteiros técnicos enfim, sem médicos que combatam a malária médicos que combatam a moléstia de chagas, médicos que combatam o tifo ou a verminose e outros tantos males que dizimam nossa população interiorana, sem consultório, sem estradas de rodagem dignas desse nome, como as estradas de ferro constituindo-se em verdadeira vergonha, abandonando os próprios ferroviários sem portos.

Num estado como o Maranhão que produz 7 milhões de sacas de arroz e não tem um porto para exportá-lo esse arroz que poderia comparecer a cada mesa da família brasileira, sem ferramenta, sem sementes, sem mecanização, sem armazéns, sem crédito, como realizar?

O crédito não existe exceto para aqueles que dele não precisam porque são poderosos ou ricos. Ai do produtor humilde. Ai do silante. Ai do meeiro. Ai do lavrador anônimo que bate às portas do estabelecimento de crédito oficial e solicita um empréstimo. É tão difícil consegui-lo e é tão caro que eu conheço casos em que boa parte do dinheiro que o lavrador desejava teria de ser gasto somente para provar sua condição de lavrador!

Como aumentar a produção, sobretudo quando sabemos que não há também preços mínimos? Observe o Maranhão o que acontece: quando o governo federal garante os preços, as safras já saíram das mãos dos intermediários, dos produtores e já estão nas mãos os intermediários, dos açambarcadores que se locupletam em ganhar gigantescas fortunas.

Outra tragédia do homem do interior, outra tragédia do lavrador, outra tragédia do caboclo: não há energia elétrica que serve o Maranhão e a Amazônia toda; mas tão somente um motorzinho diesel fornecendo a luz precária sem nenhuma possibilidade para pequena oficina sem nenhuma possibilidade para pequenas indústrias, quando tão fácil seria ao governo dispor fartos recursos para isso especialmente as construções de termoelétricas ou usinas. Não o fazendo aí está o povo cada vez mais pobre, cada vez mais esquecido, cada vez mais revoltado.

E eu desejaria continuar para dizer a São Luís, que ouve as minhas palavras e procura nelas um lenitivo que como que se isso não bastasse, o homem do interior é completamente abandonado pela lei. Não tem nenhum direito, não o protege a legislação social, essa legislação social que é um escândalo, legislação social dos

institutos vergonhosos, essa legislação social que ainda não chegou no caboclo, ao sitiante humilde, ao homem da pecuária e ao pequeno lavrador.

Asseguro a São Luís e ao Maranhão que uma vez na presidência da República, eu me volto para a produção brasileira e para aqueles que vivem no interior. Eu vou dar-lhes os cinco anos de “bom tempinho”. (TRIBUNA DA IMPRENSA, 19 de janeiro de 1960)

Se integrava ao debate a “tragédia nacional” em suas vertentes econômica, legal e social, o brasileiro mas em especial o nordestino, conforme defendia seu discurso, estava “abandonado” pelo governo que não só lhe negava prerrogativas básicas a subsistência como o “explorava” para o suposto crescimento econômico do país a financiar um desenvolvimento que não chegava a sua região, “*pária nacional*” como havia caracterizado em discurso anterior, estava largado a própria sorte sem qualquer amparo do governo e da legislação sobre a produtividade, educação ou a vida.

Em sua trajetória Jânio Quadros se incumbiu de convencer o eleitorado que as eleições ocorreriam sob o eixo de uma dicotomia responsável por abrigar um projeto “humano” dedicado a enfrentar os problemas sociais que assolavam o país, principalmente sobre os estados do Norte e Nordeste, e outro de ordem “materialista” que visava o desenvolvimento de grandes obras em benefício das elites sob o julgo do “sofrido” povo brasileiro, uma disputa movida por valores inversos, que invocava uma terceirização, ao entorno dos brasileiros, sobre o slogan de sua campanha à prefeitura de São Paulo, “o tostão contra o milhão, isto é, acusava-se que o governo se guiava por uma política de “Robin Hood às avessas”.



Figura 10 Jânio e Guri, o cão abandonado (O GLOBO, 28 de janeiro de 1960)



Figura 11 Jânio abraça o futuro do Brasil (O GLOBO, 12 de fevereiro de 1960)



Figura 12 Jânio o padrinho de Jânio (O GLOBO, 3 de março de 1960)

Autointitulado como o “candidato popular” trazia o homem para o centro das discussões políticas, para corroborar com esta perspectiva era imperativo transparecer humanidade em suas ações. Em meio a campanha além dos comícios e compromissos partidários, o candidato encontrou tempo para adotar um cão, que segundo noticiado por “O GLOBO”, sofria maus tratos de seu antigo dono. Foi padrinho de uma criança que recebera seu nome, ocasião, que segundo o mesmo jornal, desejou-lhe um futuro isento do “*cálice de amargura preenchido pelo ofício político*”. Enfim, demonstrou afeto e o recebeu de crianças e populares. Jânio Quadros não era o “Presidente bossanova” de Juca Chaves, mas também estava presente no cenário musical. Além de professor e advogado era também poeta, sabia expressar sentimentos em palavras, naquele ano o jornalista e cantor Rossini Pinto cantaria “Convite ao amor” uma poesia de sua autoria, fator que somado a outros contribuía para a sua popularidade e rompimento das barreiras políticas para aproximação do público (CORREIO DA MANHÃ, 12 de maio de 1960)⁴⁶⁴⁷⁴⁸.

Sua campanha seguia o curso almejado expondo ideias e colocando estratégias em prática para a conquista do eleitorado. A medida em que disseminava uma realidade social caracterizada pelo estigma do “abandono”, foi alvo de críticas e acusações. Algumas de menor ímpeto como um comentário da esposa do Marechal Lott sobre sua “*aparência desleixada*” (TRIBUNA DA IMPRENSA, 06 de janeiro de 1960) mas que contribuam ativamente para a caricaturização de sua imagem pública. Outras mais severas como o suposto suporte do grupo norte-americano Rockefeller no financiamento de sua campanha, cujo indicativo de desistência havia causado a crise que culminaria na renúncia (TRIBUNA DA IMPRENSA, 08 de janeiro de 1960).

Apesar do discurso defendido, Quadros era acusado por seus adversários pela via oposta, era financiado por elites econômicas internacionais, suas sentenças eram demagógicas e sua política que almejava inspirar ambições nacionalistas enrustia confabulações antinacionais. Muito havia de ser feito para contestar o “entreguismo” vinculado a sua campanha pelos opositores.

Em contrapartida as denúncias, uma investida do Movimento Popular Jânio Quadros (MPJQ) corroborava pelo contrário. Ao início do ano seus apoiadores instalaram na cidade de São Paulo cofres enfeitados por vassouras nomeados como “garrafões da esperança”, na prerrogativa de captar donativos para a campanha do candidato à presidência (O GLOBO, 23 de janeiro de 1960), iniciativa que seria também tomada em centros de todo o país. A medida levantava a questão, se era financiado pela elite, por que necessitava de doações? O projeto foi bem-sucedido, angariou fundos, chamou atenção da população e da classe política, sendo Ademar de Barros responsável por

⁴⁶Pode ser acessada através do link https://www.youtube.com/watch?v=MYGBVF_qm8Q

⁴⁷Por sua vez Lott também posou com crianças (ULTIMA HORA, 7 de setembro de 1960) e foi homenageado no meio musical através da canção “O homem da espada” de Ari Cordovil (ULTIMA HORA, 1 de fevereiro de 1960).

⁴⁸Durante o mesmo ano foi lançado um LP humorístico sobre os famosos bilhetinhos, narrado por Manoel de Nóbrega e estrelado por Ronald Golias interpretando Jânio Quadros (CORREIO DA MANHÃ, 7 de fevereiro de 1960)

confiscar 14 garrações situados na capital paulista (TRIBUNA DA IMPRENSA, 31 de março de 1960).

Como será abordado, a um mês das eleições serviu de escudo contra novas acusações e contribuiu para que o candidato pudesse afirmar que sua campanha foi financiada pelo “*sacrifício do povo*” (O GLOBO, 20 de agosto de 1960). Mas logo que foram implementados os garrações seriam utilizados para fins humanitários, através da doação de parte do efetivo coletado a vítimas de uma tragédia sem precedentes.

Em fase de finalização a estrutura de uma barragem localizada na cidade de Orós, Ceará, apresentou falhas até que se rompeu entre os dias 26 e 27 de março deixando quatro municípios em situação de calamidade. A oposição classificou o ocorrido como omissão do governo, já que este havia privilegiado a construção de Brasília com recursos que poderiam ser destinados a barragem do nordeste (TRIBUNA DA IMPRENSA, 28 de março de 1960) que sofria pela falta de verbas desde o mês de setembro de 1959 (TRIBUNA DA IMPRENSA, 26 de março de 1960).

O acontecimento lastimável, corroborou com a solidificação do discurso de Jânio Quadros que em carta aberta emitiu condolências ao povo cearense, enfatizando o “abandono do presente” e a esperança em um país sob seu governo:

(...) um abraço de solidariedade à nobre gente cearense e nordestina alcançada agora por verdadeira catástrofe. Já assegurei o meu apoio e o de meus amigos a tôdas as iniciativas oficiais ou particulares, com o propósito de socorrer as vítimas da tragédia que comove a Nação e de possibilitar a obra de construção e recuperação de zonas atingidas. Estejam êstes brasileiros certos de minha estima e de minha ajuda, sobretudo, quando, levado pelo povo humilde e sofredor à presidência da república. Os flagelos extremos que arruinam a economia e trabalho dos cearenses e nordestinos podem e devem ser evitados ou atenuados.

Apenas o abandono do presente é o que explica com a violência. Os danos, luto e as lágrimas, dos seus efeitos atuais. Tenham meus bravos patrícios confiança no futuro e fé no dia de amanhã. (TRIBUNA DA IMPRENSA, 29 de março de 1959)

O Nordeste estava submerso e houve uma comoção nacional, acerca da tragédia que não foi maior porque a população foi alertada sobre o risco de desabamento dias antes do ocorrido. Junto a situação dramática Jânio Quadros encerrava a primeira etapa de sua campanha e fazia uma viagem internacional controversa, mas sintomática a política externa que seria empregada em seu governo.

3.2 A candidatura Lott e o contexto internacional: aspectos imperativos a campanha oposicionista

Ganharei as eleições, três de outubro vem aí! Deixem-me repetir: Três de outubro vem aí! Vale por um slogan em cartaz. Não é bem o candidato que vem aí! É três de outubro. Os votos terão que ser computados. Há quem os some e há quem os declare. Mas esses sufrágios poderão ser manipulados. Não serão, não! Uma colossal organização do povo não permitirá a manipulação de sufrágios. Os que supõem que escamotearão a vontade popular, comecem a pensar outra vez. Haverá vigias por toda a parte. E ai daquele que fôr apanhando com a mão na cumbuca, na ratoeira!

A borracha acaba de sofrer rudíssimo golpe. E conto o golpe; o Banco da Amazonia, que é o antigo Banco da borracha, tinha o monopólio da importação dessa matéria-prima do estrangeiro, para suprir as nossas necessidades. Vejamos: produzimos qualquer coisa à roda de 23, 25 e 28 mil toneladas. Estamos consumindo qualquer coisa como 50 ou 60 mil toneladas. Então o Brasil, o Brasil dos grandes governos, essa soberba República, que já foi dona da borracha do mundo, compra, hoje, borracha da Malásia. E era o Banco da Borracha, atualmente Banco da Amazônia, que comprava a diferença entre a produção e o consumo, para atender às indústrias do Centro-sul. Sei que contrário muita gente. Que fêz o Governo Federal, o patriótico Governo Federal, o nacionalista Governo Federal? (Porque entreguista sou eu, que lutei pela Petrobras, ao tempo em que a polícia dissolvia os comícios com patas de cavalo e bombas de efeito moral? Não agora, quando alguns gozadores a defendem. Porque ela é realidade, e realidade próspera e rica. Porque eu vou querer ver essa Petrobras não por fora, apenas, mas por dentro, a partir de 3 de outubro. Vou examinar-lhes as entranhas.).

Pois bem: o governo federal decidiu que a borracha poderia ser importada diretamente pelas indústrias. E, em consequência, o Banco da Borracha, que é o Banco da Amazônia, perdeu entre 400 e 500 milhões de cruzeiros por ano. Serve-lhes? Estão os nacionalistas entre as pessoas me ouvindo. Gostam disso? Querem a manutenção desta situação? Querem perpetuá-la? Façam-no, porquê os peço pelas orelhas. Não os receio, não! E se chego a Presidência da República, e chegarei, essas coisas acabam rapidamente. Não sou nenhum xenófobo, mas um brasileiro disposto a defender os interesses de minha pátria. (O GLOBO, 27 de janeiro de 1960)

“Confiança” e “fé” ou “petulância” e “arrogância”, são termos opostos que caberiam a campanha de Jânio Quadros, o “expresso da vitória” nome que carregava a mesma ambiguidade interpretativa, encaminhava ao público a existência de uma mera formalidade, a campanha presidencial só serviria para constatar o que se confirmava a cada viagem o povo já havia escolhido

seu candidato⁴⁹. Esse era o argumento da comitiva a cada estado e cidade visitada. Para o eleitorado, a resposta visava a conquista de sua confiança na caracterização de um candidato advindo e eleito pelo povo, para isso era necessário desfazer argumentos contrários que o associavam as elites internacionais.

Pelo status de “patriota”, durante a entrevista relacionada Jânio Quadros lançou mão de argumentos contrários a factibilidade da política nacionalista, caracterizando-a como uma imposição meramente discursiva, sem efeitos palpáveis que diante da execução prática se consumava pelo oposto, o “entreguismo” que era associado a oposição.

Conforme longamente reforçado, para as forças contrárias ao governo era essencial se desvincular do “*entreguismo*”, para a situação se manter firme junto aos benefícios da posição nacionalista pela qual se ancoravam no debate público. Em corroboração ou dissociação a estes conceitos outros se colocaram em pauta, como a já mencionada “humanidade” ou o “comunismo” que faria uma presença importante na disputa.

Sobre o sistema político do oriente se estruturaria um paradoxo na América latina. Um país que se desprende de um regime ilegítimo através de uma revolução popular, e cedeu espaço para uma política um tanto nebulosa aos olhares exteriores. Altiva e independente se impunha aos Estados Unidos e demonstrava a cada passo se aproximar dos ideais defendidos pela potência soviética. Cuba de Fidel Castro era uma incógnita que se destacava na dinâmica internacional demandando atitudes de seu vizinho.

Porém, antes do abordar a interferência do “comunismo?” cubano sobre a disputa presidencial vale se ater as influências de sua expressão brasileira, bem como sua associação ao “nacionalismo” que durante o dia 18 de fevereiro encontrou seus representantes para o pleito, o Marechal Henrique Duffles Teixeira Lott acompanhado por João Goulart a reeleição como vice-presidente⁵⁰.

Henrique Lott deixou o exército durante o dia 10 de fevereiro e imediatamente no dia seguinte assumiu uma postura combativa a seus adversários políticos. Em excursão a paraíba externou suas primeiras considerações no contexto eleitoral durante aquele ano, indagando a posição do movimento renovador da UDN⁵¹.

⁴⁹A campanha situacionista em menor grau também partilhava essa convicção, ou pelo buscava demonstrá-la a seu favor (ULTIMA HORA, 19 de agosto de 1960)

⁵⁰Oswaldo Aranha era cotado para assumir a posição como vice, todavia o diplomata faleceu dias antes da convenção (O GLOBO, 28 de janeiro de 1960)

⁵¹Durante uma cerimônia em que externou as seguintes colocações: *O Brasil pode confiar em seu exército. Jamais os seus chefes tiraram vantagens pessoais dos postos que ocuparam ou das armas que tiveram sob seu controle. Somos exemplo de uma nação livre e democrática. É comovido que deixo esse Exército que abracei desde os meus dez anos por inclinação irresistível. Mas é necessário deixar entregue a outros, igualmente capazes, as responsabilidades que assumi durante quase cinquenta anos, e aceitar, talvez, uma responsabilidade muito maior – a de chefiar o país.* (O GLOBO, 10 de fevereiro de 1960)

Hoje a UDN, para seu desprazer, está sendo obrigada a constatar que o Brasil progride. Então, só tem um caminho: aceitar a verdade: O Brasil não precisa de esmolas para reerguer a sua estrutura econômica e construir as bases da nacionalidade. Nosso povo prefere o sacrifício a gozar de favores que possam denegrir o trabalho construtivo de cada brasileiro. Êste povo generoso e católico, não aceita ideologias que visem à destruição da família.

Eu aconselho a êsses nossos concidadãos que quando encararem a verdade, a encarem de frente e não fiquem dizendo que esse progresso poderia ser conseguido com menos sacrifício. (O GLOBO, 11 de fevereiro de 1960)

Por meio desse pronunciamento, questionou não só a viabilidade, mas a responsabilidade do discurso janista que prometia a “humanização do desenvolvimento”, acusando-o como um conjunto de palavras vazias que visavam apenas seduzir o eleitorado sem qualquer compromisso com a realidade material do país. Nessa lógica invocou o “entreguismo”, ao incitar que o projeto opositor para tirar o país da crise recorrerá a recursos internacionais. Exaltou o povo brasileiro, que em seu discurso não é caracterizado como “vítima”, mas exaltado por sua “*resiliência*”, a medida em que impõe “desejo” e “determinação” a vontade da população, que em suas palavras se “sacrifica” sabendo que há de construir uma nação independente e orgulhosa como herança para as próximas gerações, desta forma recorre a exaltação do trabalho em expressão do “trabalhismo” varguista.

Um discurso que se contrapõe e fornece uma nova ótica ao contexto e assim como o opositivo depende que o eleitorado se identifique com a imagem que lhe é atribuída. Mas ao contrário das premissas impostas as orações de Jânio Quadros que se sobrepõem somente ao fazer crer, as interjeições de Lott pressupõem a aceitação de um fator negativo, o sacrifício tangível e vivenciado, e necessitam convertê-lo persuasivamente em algo positivo, “por um bem maior”. Uma tarefa, argumentavelmente, mais árdua e complexa.

Célere e sem atritos o então ex-militar renunciou ao ministério da guerra durante o dia 16 proferindo um novo discurso:

Bem avaliando os sacrifícios impostos por tão pesada missão e na impossibilidade de ser encontrada pelo agrupamento majoritário outra solução que porfiei em procurar, decidi acudir ao chamamento, certo de que à Pátria não poderia recusar quaisquer serviços, ainda mais quando minha tarefa à frente do Ministério da Guerra, poderia ser considerada encerrada, através da definitiva consolidação do regime democrático em nossa terra.

Absolutamente coerente com o meu conhecido ponto de vista, de que o militar no exercício de suas funções castrenses, não pode e não deve imiscuir-se na política, não esperei o prazo total para desincompatibilizar-me.

Com o tácito pronunciamento das principais organizações partidárias que apoiam meu nome, é chegado o momento de lançar-me à liça. Sem pretender privilégios ou prioridades, verdadeiramente como civil, em pé de igualdade com os demais candidatos, irei pleitear o voto dos meus concidadãos para a futura governança da Nação.

Não receio a luta nesse novo terreno. Minha candidatura não é do Exército, nem por este foi imposta. Ela é, apenas, a de um intransigente defensor da lei e da política desenvolvimentista nacional, que pretende dirigir os destinos da Pátria sem quaisquer compromissos subalternos ou com grupos econômicos, que possam comprometer o futuro do Brasil" (ULTIMA HORA, 16 de fevereiro de 1960)

Durante a ocasião Lott deixava claro de que se tornava um civil, não mais representava o exército e seus interesses, buscava o apoio da sociedade para representá-la como um “homem comum” sem privilégios ou compromissos. Em concordância com a ressignificação dos sentidos atribuídos a espada, declarava ser um cidadão exercendo seus direitos democráticos e não um militar se imiscuindo da política, neste ponto deixou claras as suas posições quanto a instituição e a democracia brasileira. Semelhante a Jânio Quadros, como já havia expressado em ocasião anterior, não se tornaria candidato por opção ou mesmo ambição respondia a um “*chamamento da Pátria*” e se comprometia a dar continuidade ao projeto desenvolvimentista.

Já nos dias seguintes se consagraria como a resposta da situação para as eleições presidenciais com o resultado da convenção do PTB, ocorrida entre os dias 17 e 18 de fevereiro. Como é de praxe agradeceu e pronunciou-se para os correligionários quanto a suas posições sobre o presente e futuro da nação.

Antes de outros lineamentos cumpre dizer-vos que sou nacionalista. Como soldado sempre assimilei as duas noções, a de patriotismo e a de nacionalismo. O nacionalismo está para o patriotismo na mesma relação que a caridade está para a fé, o nacionalismo é uma encarnação do patriotismo. Acredito na capacidade dos brasileiros. Eles souberam criar um verdadeiro império — o mais numeroso e vasto do chamado grupos das nações latinas — na zona tropical.

Sei que existira, entre os chamados representantes das elites, núcleos de opinião francamente pessimistas. Baseados, esses cosmopolitas nas superioridades eventuais da fortuna das eminências sociais, ou das lantejoulas de sabor exótico, pretendem o papel de tutores da nação e se fazem crer os ungidos os senhores, os donos da terra. De mim sei dizer que me considero o candidato de todos os brasileiros, principalmente dos homens comuns, o representativo dos que trabalharam com dintorno esforço para viver, no mesmo compasso do progresso material, intelectual e moral de tóda a Nação.

Por íntima e indestrutível convicção, quero ser, em primeiro lugar, candidato dos homens trabalhadores de qualquer condição – de qualquer côr, de qualquer credo, de todos os quadrantes-sertanejos de todos os nossos sertões, filhos de imigrantes de todos os continentes-dessa massa prodigiosa que superou os preconceitos arraigados noutros povos e, instintiva, mais que discursivamente alimenta a democracia social e política.

Do choque das grandes forças internacionais, umas e outras movidas na defesa dos superiores interesses de seus respectivos povos. Independentemente dos regimes adotados, resultou para nós, membros das comunidades das nações subdesenvolvida, o nacionalismo, como única posição compatível com a dignidade e como arma de emancipação do país.

Somente através dêle, independentemente de filosofias, doutrinas, regimes e sistemas de govêrno, poderemos resguardar, nesta hora, os superiores interesses do povo brasileiro.” (ULTIMA HORA, 19 de fevereiro de 1960)

O discurso esperado para o representante da situação, neste trecho inicial em associação a parâmetros trabalhistas o nacionalismo é o destaque, o ponto gestacional da defesa que integra a política atual e aquela que vislumbra em seu possível governo. Já nestas primeiras palavras como candidato oficial, Lott influenciou na batalha dos conceitos apresentando significações sobre os então em curso “nacionalismo” e “patriotismo”. Ao “patriotismo”, escudo da oposição, avaliou um significado que lhe é próprio no dicionário bem como encontra sustentação em pronunciamento anterior de seu adversário. É um sentimento que agrega orgulho e ímpeto de se trabalhar pelo país, mas adiciona uma relação que serve para exaltar sua posição. Como sentimento o “patriotismo” é comum aos brasileiros que amam sua nação, mas como a fé, avalia em sua analogia, não se realiza sem se constituir em obras. Sobre essa transmutação do sentimento patriótico para a ação política surge o “*nacionalismo*”, não basta amar a pátria é necessário retribuí-la e agir em função de sua elevação, este seria o significado da orientação política situacionista. Mais que um mero sinônimo do “patriotismo” como contestava a oposição, se constituía pela conversão de anseios louváveis em práticas exemplares.

Sobre o nome de Lott e Jango se formava a verdadeira “chapa popular” conforme qualificavam os correligionários (ULTIMA HORA, 19 de fevereiro de 1960) entre os quais o PCB que se manifestou fervorosamente em seu favor pela voz de Luís Carlos Prestes responsável por tecer um manifesto sob o título “*Por que os comunistas apoiam Lott e Jango*” durante o ano anterior, além de expressar por diversas vezes ao início da campanha e mais ativamente ao final desta, a correspondência com os ideais nacionalistas: “*Camaradas comunistas! Devemos mobilizar e esclarecer os homens do campo para que unidos possamos eleger o Marechal Henrique Teixeira Lott Presidente da República, em 3 de outubro próximo. Êste é o nosso lema e a nossa luta nacionalista*” (O GLOBO, 5 de fevereiro de 1960). E contrariedade ao entreguismo da chapa

opositiva: *“É indispensável intensificar o fogo sobre o grupo entreguista do govêrno. A pressão das massas deve exercer-se no sentido de conduzir o presidente da república a constituir imediatamente um ministério que seja verdadeiro apoio para a campanha do Marechal Lott”* (O GLOBO, 17 de março de 1960).

Suas declarações apesar de abrirem brechas para Lott ser taxado como o “candidato dos comunistas” (O GLOBO, 5 de fevereiro de 1960) não tiveram repercussão imediata, sendo o próprio passivo a um primeiro momento, no entanto, haveria impactos futuros e a campanha situacionista teria que adotar um novo tom.

Dias após a oficialização da candidatura situacionista, Jânio Quadros em campanha pelas cidades compreendidas pela região paulista de sorocabana, teceu discursos críticos a imagem de Lott atribuindo a sua persona descompromisso com os interesses agrícolas inferindo que certa vez impediu a “marcha da produção”, em referência a convocação do exército pelo presidente Kubitschek para conter o avanço do movimento no ano de 1957⁵².

Destacou que o marechal era *“filho do pai da situação”* de *“sofrimento encontrada pelo povo brasileiro”* e desqualificou suas posições e capacidades ao apontar: *“estranho a facilidade que da noite para o dia, neste país, uma pessoa vira sábio, culto, generoso, nacionalista”* sendo que *“há cinco anos ninguém sabia o que o cavalheiro era ...”* (O GLOBO, 26 de fevereiro de 1960)

Jânio Quadros que já havia questionado a subserviência e a capacidade intelectual de Lott o fez novamente, e ainda o fazia através de novas orações, mesmo Carlos Lacerda recorreria a tal em coluna ao jornal Tribuna da Imprensa, ato que teve resposta do Marechal:

⁵²A resposta a esta crítica seria tardia, mas viria: *“Nunca imaginei que ainda existissem certos processos eleitorais, capazes de alterar o sentido de episódios comuns e rotineiros na vida de uma comunidade. Parece-me impossível que alguém dotado de boas intenções, possa usar a arma da astúcia para tirar efeitos e vantagens eleitorais.*

E é isso precisamente o que está acontecendo com a chamada “Marcha da Produção”, arquitetada há algum tempo por reduzido número de pessoas interessadas em buscar maior proveito nas costas dos autênticos cafeicultores do Paraná e de outros estados brasileiros.

Todavia, o que mais alarma e admira, num embate que sempre esperei fôsse leal, bem a feição do meu modo de agir e da minha maneira de proceder durante tôda a vida, é que o meu contendor. Sr Jânio Quadros, co-responsável pela adoção de medidas legais e acauteladoras na ordem pública naquele episódio, procure esconder sua participação nas providências das quais não me arrependo nem tenho motivo para ocultar da opinião pública do meu País. Sômente o voto, a perseguição ambiciosa de um objetivo, pode levar os homens a modificar uma posição, adulterar fatos e obliterar a verdade. Com isto coloco um ponto final na mesquinha exploração das providências tomadas em relação a chamada Marcha da Produção.

Prossegurei com todo entusiasmo em minha campanha, pelos ideais nacionalistas, pelo aprimoramento dos métodos cívicos, pela defesa do povo, pela preparação das riquezas do Brasil. Despreocupado com o trabalho desapa dos demolidores, meu desejo é construir para o povo e para o Brasil, dentro da legalidade democrática.” (ULTIMA HORA, 31 de maio de 1960).

Por certo houve também uma tréplica de Jânio Quadros que negou as acusações *“A declaração segundo a qual pedi forças do exército para impedir a marcha da produção seja de quem for é leviana e inexata. Jamais o fiz e invoco o testemunho do próprio presidente Juscelino Kubitschek. Alias, pedidos dessa natureza, constam sempre de documento. Desafio a quem quer que seja a exibi-lo. Na verdade estive solidário com aquele movimento e continuo solidário”* (O GLOBO, 30 de maio de 1960)

Esse patriota está habituado a denegrir e a infamar. Não sabe fazer outra coisa na vida. E se ele próprio proclamando que eu fui o primeiro de minha turma no colégio militar na escola militar na escola de aperfeiçoamento e na escola estado maior ainda me chama de burro, está atingindo todos os meus camaradas que passaram abaixo de mim. Entretanto eu já mostrei a êsse “patriota” e aos seus companheiros golpistas no 11 de novembro com fatos e não com palavras levianas que êles sim é que são burros. (ULTIMA HORA, 30 de maio de 1960)

Em resposta a provocação, Lott relatou seu histórico como primeiro da turma e tratou com ironia a qualificação “*patriota*” empreendida pela oposição, além de trazer à tona o 11 de novembro, data em que interveio politicamente para a posse do então candidato eleito Juscelino Kubitschek, para sugerir que havia sido vitorioso contra as prerrogativas “golpistas” do “corvo” e por este motivo estava patamares acima de seus adversários⁵³.

Apesar de parecer irrelevante, o apontamento de um candidato em termos comuns como “burro”, “feio” ou “desleixado” como foram empreendidos em campanha, podem ocasionar a banalização de seus argumentos. Sua imagem pode vir a tomar, através da superficialidade das acusações, ares cômicos e deslegitimá-la frente a população. Tendo em vista este fator, há certa pertinência a desqualificação de Lott que fundamentava sua credibilidade e identidade sob noções relativas ao “*ethos de sério*”. Quanto a Jânio Quadros a questão era mais clara e apesar de não surtir os efeitos almejados durante a eleição, o segue até os dias atuais. Enfim a disputa não seria cortês ou amigável, a “espada” e a “vassoura” estavam aptas a travar um duelo por corações e mentes, em um contexto regrado pelo paradoxo do desenvolvimento cujas faces foram amplamente exploradas.

Paralelamente aos acontecimentos nacionais, o contexto internacional se provou um forte tema ao longo das campanhas, para além da insurgência de Cuba e seus reflexos, o país receberia a visita de dois líderes internacionais o primeiro o presidente mexicano Álvaro Juarez da Cunha, cuja a passagem não gerou forte repercussão, mas deixou palavras de admiração pelo presidente Kubitschek, em especial quanto a vultuosa obra de Brasília “*O marco de um país moderno*” (ULTIMA HORA, 25 de janeiro de 1960). E o segundo, o representante máximo do capitalismo Dwight Eisenhower, ou simplesmente Ike como comumente era apelidado.

A visita do presidente dos Estados Unidos mobilizou o país, mas não foi capaz de parar a campanha de Jânio Quadros a presidência. O candidato que era tido pela oposição como servil a potência norte-americana não se prestou a receber ou cumprimentar pessoalmente o importante líder

⁵³Sem contestar suas capacidades de concorrer a função é válido apontar para a inexperiência de Lott no âmbito político, sendo que essa provocação, apesar dos possíveis efeitos, poderia ter sido ignorada pelo situacionista no intuito de impedir sua reverberação.

internacional. Mesmo após um pedido do embaixador americano⁵⁴, o candidato opositor não fez nada além de prestar palavras afáveis sobre a visita do presidente norte-americano:

Considero a presença do presidente dos Estados Unidos, entre nós, de grande utilidade para o estreitamento das relações interamericanas e para o nosso desenvolvimento e progresso. Sem dúvida, o chefe da poderosa nação do norte sentirá a crescente importância político econômica de nosso país e, assim, a necessidade de uma atenção maior para os problemas latino americanos, que mais e mais se agravam, e de cujos países é o Brasil o vanguardeiro incontestado.

As visitas dessa natureza concorrem, ainda para o melhor entendimento entre os povos e conseqüentemente, para a consolidação da paz. A tradição pacifista de nossa terra, que no império, que na república, o seu propósito de coexistir, fraternalmente com todas as nações, e o seu desejo de ver generalizados os benefícios da civilização levam-nos a aplaudir a vinda do presidente Eisenhower, desejando-lhe feliz permanência em nosso solo, a bem dos interesses superiores dos dois países e da própria humanidade. (O GLOBO, 22 de fevereiro de 1960)

Devido a compromissos de campanha não foi recebê-lo, um motivo incompatível ao peso da situação histórica que ocorria. Sobre a atitude podem ser compreendidos dois efeitos correlatos, a contestação das denúncias de sua submissão ao imperialismo internacional como também a desarticulação preventiva de críticas futuras. Uma decisão que pode ser avaliada como política, tendo em vista que Jânio Quadros aceitou outro convite.

Como dito até aqui, com a revolução Cuba ganhou protagonismo no âmbito internacional faria uma conferência para os países subdesenvolvidos durante a metade do ano, a qual o governo brasileiro parecia pouco interessado em participar (O GLOBO, 26 de janeiro de 1960). E se arriscava a contestar a política internacional norte-americana, atitude que durante o período se reforçou pela ocorrência de um “acidente”, como indicavam as autoridades americanas, ou “ataque”, como acusava Fidel Castro. A queda de um avião carregado de munições pilotado por mercenários estadunidenses, em território cubano (ULTIMA HORA, 20 de fevereiro de 1960). Marcada por este fato, intencional ou acidental, juntamente as provocações de Castro, a relação entre os dois países se degradava diariamente, ao passo de Kubitschek oferecer-se como mediador de um diálogo entre os países, oportunidade rejeitada pelo ministro das relações exteriores americano (O GLOBO, 24 de março de 1960).

⁵⁴ Em resposta ao embaixador emitiu: *“Agradecendo seu honroso convite, lamento que compromissos eleitorais previamente assumidos impeçam minha presença no Rio, na data da recepção ao presidente Eisenhower. Solicito ao ilustre embaixador apresente meus cumprimentos ao primeiro magistrado da grande nação norte americana”* (CORREIO DA MANHÃ, 23 de fevereiro de 1960)

Na prerrogativa de reforçar os laços com o Brasil, Fidel Castro convidou ambos os candidatos à presidência para fazer uma visita ao país e demonstrar o que vinha sendo feito pela revolução. Lott rejeitou o convite e Jânio Quadros o aceitou. Não pausou a campanha para encontrar Eisenhower, mas a interromperia para visitar outro país, dificilmente a atitude poderia ser avaliada como arbitrária.

Às vésperas da viagem, o jornal “O Globo” realizou uma entrevista com o líder cubano e teceu questionamentos pertinentes que repercutiriam no cenário político nacional. Vale destacar duas questões, a primeira sobre os objetivos da revolução:

Exatamente os mesmos objetivos que animaram tôdas as grandes revoluções do passado: a saída dos judeus do Egito, a revolta de Espártaco e seus escravos, a rebeldia de Caio Graco, a Revolução Francesa, a Revolução Soviética. A finalidade é acabar com a exploração do homem pelo homem. Revolução política, econômica e social. Independência nacional apoiada na justiça social. (O GLOBO, 24 de março de 1960)

A segunda de maior repercussão sobre a posição internacional de Cuba e porque após a revolução, segundo as palavras do entrevistador, não se instituíram eleições para que se formasse “*um movimento de transformação sob a manifestação da vontade popular*”.

A posição de Cuba é e será sempre a de paz e de amizade com todos os povos.(...) Eleições, na América Latina, são um mito. Democracia, na América Latina, nunca funcionou. (...) Precisamos dar uma nova estrutura social e econômica ao país. Depois, só depois, teremos tempo para resolver o problema político. O nosso sistema é que é a verdadeira democracia. (O GLOBO, 24 de março de 1960)

Ao final da entrevista o chanceler foi questionado se era comunista e respondeu negativamente, no entanto, o correspondente através de suas considerações finais situou que o regime cubano abrigava traços do comunismo e avaliou a questão como complexa. Lembrando que Cuba só se assumiria durante o próximo ano, após o curto governo Jânio Quadros. Com base na entrevista não é de se estranhar a curiosidade em torno do regime daquele país e a ideologia de seu líder, que falava da luta contra a “exploração do homem sobre o homem” e situava a revolução russa no panteão dos grandes movimentos libertadores da história, no entanto não se classificava como comunista.

Sua interpretação sobre as sociedades latinas e apontamentos quanto ao “mito da democracia” e das “eleições” no continente atçou os atores políticos nacionais que se manifestaram atrozmente em defesa do regime brasileiro. Lott que já havia negado o convite e efetuado críticas ao

governo cubano emitiu: *O sr. Fidel Castro pode dizer isto. ele fala de cadeira pois realizou uma revolução em Cuba para libertar o povo cubano e até agora não permitiu que se realizassem eleições livres naquele país* (O GLOBO, 25 de março de 1960). Outros políticos foram mais adversos como o Senador udenista João Vilasboas que em referência aos acontecimentos do país externou: *“Substituíram um governo sanguinário por outro ainda mais sanguinário.”* (O GLOBO, 25 de março de 1960) e o também udenista Euripedes Cardoso sobre a declaração *“pelas suas próprias palavras se condena o novo ditador”* (O GLOBO, 26 de março de 1960)

Jânio Quadros foi amplamente questionado sobre seu posicionamento quanto ao regime cubano, mas disse que só o tornaria público quando regressasse (O GLOBO, 14 de março de 1960), mas um dia antes da viagem comentou a entrevista concedida por Castro e afirmou que as eleições *“são um mito lá para ele! No Brasil, pelo menos já agora existe inteira liberdade democrática, que, de forma alguma, será conspurcada por qualquer candidato fracassado.”* (O GLOBO, 29 de março de 1960). Dessa forma expressou o otimismo com a sua vitória e realizou uma mudança no discurso. Destoou-se das críticas que havia firmado sobre o estado da democracia brasileira durante o período pré-eleitoral e ao contrário da *“caricatura”* como o caracterizava anteriormente, reconhecia alguma solidez, pelo menos na questão eleitoral. Afinal, a democracia que o elegeria não poderia ser uma fraude.

Antes de comentar a entrevista do líder cubano, Jânio Quadros chegou a tecer outros comentários abordando a polêmica relativa à orientação política daquele país:

Sou um democrata com tal formação que, combatido pelos comunistas, durante quatro anos nos campos elísios, nunca fiz prender um dêles sequer. Por quê? Porque, de início, entendo que exercem um direito sagrado e, depois, eu não os temo, nem vejo motivo para temê-los.

Vou a Cuba porque é o meu dever. Ninguém duvida de minha fidelidade democrática. Ninguém aqui dúvida dos meus sentimentos católicos. Ninguém aqui duvida que eu entenda e proclame que êsse é o regime de que carece a nação brasileira.

Entre isso e não acompanhar êsse fenômeno, que é Cuba, há um abismo, que só a covardia abriu. E eu não sou covarde. (O GLOBO, 8 de março de 1960)

Estava ciente dos pontos negativos que poderiam incidir em sua campanha, declarou ainda que havia sido advertido sobre a perda de votos que a viagem acarretaria, mas foi enfático ao tomar a posição de que a observação do *“fenômeno”* surgido na América latina, por meio de convite direto de seu líder estava acima de pretensões eleitoreiras. (CORREIO DA MANHÃ, 24 de março de 1960). Sob o risco da classificação como comunista, a campanha de Jânio Quadros manifestou a prerrogativa de levar um padre em sua comitiva, porém não teve sucesso (CORREIO DA MANHÃ,

11 de março de 1960). Ciente da situação desfavorável a imagem do pleiteante, o presidente do PDC Queirós Filho inverteu a situação quando entrevistado e afirmou que “*Farisaísmo era rejeitar o convite e aceitar os votos dos comunistas brasileiros*” (O GLOBO, 26 de março de 1960). Apesar das tentativas de mitigação dos efeitos adversos da viagem, era impossível esperar que os detratores perdoassem o episódio, como nota-se na charge de cunho integralista a seguir que destaca a barragem que se rompera em Orós e acusa Jânio de ter colocado seu compromisso com o chanceler cubano acima da crise humanitária.



Figura 13 O louco e o ditador (A MARCHA, 8 de abril de 1960, apud, CHRISTOFOLETTI, p.159, 2021)

Em Cuba, foi recebido pessoalmente por Fidel Castro ao desembarcar, tocou maracas, observou o país e se atentou a assuntos de seu interesse como a reforma agrária que se executava pelos revolucionários. Em meio a viagem os jornais noticiaram que o candidato não havia gostado do país e partiria antecipadamente (CORREIO DA MANHÃ, 3 de abril de 1960), um fato impropriedade que demonstrava o incomodo externado pelos apoiadores de sua campanha⁵⁵. Noticiou-se também, em via oposta, que Quadros havia manifestado insatisfações sobre as relações comerciais entre o Brasil e os Estados Unidos (TRIBUNA DA IMPRENSA, 3 de abril de 1960), fato igualmente desmentido, era notável o mesmo empenho para desqualificá-lo e integrá-lo ao comunismo. Durante a estadia disse ser necessário para o “*mundo respeitar a revolução*”, evitou taxá-la como comunista e a qualificou como fundamentada entre “*independência econômica*” e “*justiça social*”. Comentou também sobre a mencionada conferência que o país realizaria prestando entusiasmo, porém disse que não interferiria na posição contrária manifestada pelo governo brasileiro (O GLOBO, 30 de março de 1960). Ficou alguns dias no país e logo emendou uma outra

⁵⁵ Sua chegada ao país foi filmada e pode ser vista através do link <https://www.youtube.com/watch?v=TJ2HDt0jsrc>

viagem desta vez para a Venezuela a convite do presidente Rômulo Betancourt. O Brasil tinha de esperar.

3.3 Propostas, interpretações e acusações: o andamento da disputa

Enquanto Quadros visitava os países vizinhos Lott trilhava o Brasil em campanha, embora não tenha ocorrido neste período vale destacar o discurso inaugural da mesma, proferido durante o dia 3 de março em sua cidade natal Antônio Carlos.

Nostálgico rememorou sua infância, amigos e familiares, exaltou sua terra e fez uma referência notável sobre suas origens:

Nós vivemos em outra época e dando graças a Deus pelo ato heroico de Tiradentes, lutaremos pela conquista total de nossa emancipação econômica

Aqui, como em todo o mundo, têm aparecido pretensos salvadores. Mas sem o ideal de servir. E a única coisa que realmente enobrece e dignifica o homem é a luta por ideais puros, como bem mostraram Tiradentes e Felipe dos Santos, que em nenhum momento deixaram de pensar nos interesses da Pátria e do povo brasileiro.

Passa o Brasil, no momento por uma fase de transformação rápida que nos faz confiar em melhores dias. Como criança que se desenvolveu muito rapidamente, nosso País tem de sofrer algum sacrifício. Mas esse sacrifício será compensado. Foi com sangue brasileiro derramado no Apeninos que ficou decidido que no mundo não mais deveria haver tiranos e escravos. É obrigação nossa sermos mais úteis à coletividade esquecendo nossos interesses pessoais.

Quem confunde nacionalismo com comunismo pretende apenas provocar confusão e ao mesmo tempo proteger os interesses dos capitais estrangeiros que sugam a nossa economia e a de outros países subdesenvolvidos. Não sou xenófobo, pois tenho nas minhas veias sangue inglês e holandês.

E esse sangue combinado com o brasileiro me fêz compreender melhor que em nosso país não deve haver preconceito de cor, de raça ou de crença, pois todos temos os mesmos direitos e deveres. Em nossa pátria todos têm as mesmas possibilidades. O presidente Juscelino Kubitschek era telegrafista. Eu mesmo, filho mais velho de uma família numerosa, pobre, atingi na carreira militar o mais alto posto e, hoje apoiado pela confiança do povo disputo a mais alta magistratura do país. (ULTIMA HORA, 5 de março de 1960)

Apesar de ter deixado o exército e se impor nas eleições como cidadão, Lott traçou seu discurso em termos muito marcados pelo arcabouço militar, tudo isso em paralelo a ideias vinculadas ao substrato patriótico, exercendo a exaltação de figuras e momentos históricos. Recorreu a heróis nacionais como Tiradentes e os soldados brasileiros que serviram durante a

segunda grande guerra, sendo que ambos os exemplos remetem a narrativas de “*abnegação*” em prol do “bem maior” pela nação. Aos brasileiros, segundo o ímpeto de seu discurso, caberia honrar seu passado de lutas e integrar pela coletividade, a batalha do presente partilhando durante a trajetória o trabalho e o “*sacrifício*” pela independência da pátria. Se Jânio Quadros se portava a exemplo de Jesus Cristo, tomando todos os “*sacrifícios*” para si pela redenção dos brasileiros, Lott reportava que o povo haveria de senti-lo na própria pele e enfatizava que não existiam salvadores, apenas falsos profetas.

Ao final pregou pela igualdade étnica, fator pertinente aos debates, e desenhou a imagem de um Brasil pautado em valores meritocráticos. Uma oração que investe valores ao nacionalismo tido como oposto a xenofobia (em referência a desqualificação previamente mencionada), em defesa do acolhimento e resguardo a oportunidades para qualquer um que busque o merecimento. Em suas últimas palavras afirmou que esperava servir bem aos brasileiros externando uma posição militar que, todavia, conferia humildade e despretensão a sua figura.

Lott ao longo de sua campanha lapidava, uma imagem contrastante a de Jânio Quadros, como já mencionado, mas não explorado, baseada nas virtudes relativas ao “*Ethos de sério*” (CHARAUDEAU, 2018, p.120) que como o próprio nome já invoca se configura através de falas, atitudes e posturas corporais firmes, uma compostura inabalável frente a provocações que raramente comporta sorrisos. Uma imagem que segundo o linguista Patrick Charaudeau tende a se solidificar também pelas atitudes tomadas tanto na vida privada, familiar, quanto em público, seus espaços ocupados, como também pela forma de proferir discursos, caracterizada pela simplicidade na articulação das palavras, livre de frases de efeito, adotando um tom sereno do início ao fim. Sendo os apoiadores de Lott responsáveis por destacar este detalhe como contraponto a seu opositor. Argumentavam, enquanto Jânio Quadros, um “excelente artista”, organizava seus discursos em uma linguagem rebuscada e eloquente o outro em sua simplicidade falava pela “língua do povo” transbordando sinceridade através de cada letra no calor do momento (TRIBUNA DA IMPRENSA, 22 de fevereiro de 1960).

Declarações sobre si como a presenciada neste discurso também auxiliam na construção dessa imagem bem como uma orientação realista que não cede nem ao negativismo ou ao idealismo, neste espaço se enquadra sua visão quanto ao “sacrifício” demandado pelo desenvolvimentismo.

Toda a configuração pode gerar admiração, mas também a repulsa do público ao adotar um tom excessivamente austero o político corre o risco de passar uma imagem de frieza e perder a simpatia do público. Estruturada pela simplicidade sua imagem dificilmente se homogeneizaria em direção a outras configurações, senão a perspectivas no âmbito da competência que se refere a exaltação de sua trajetória militar ou da virtude que vêm a corroborar com a imagem de seriedade, responsabilidade e honradez expressa por esse *ethos*.

Para evidenciar os contrastes presentes nos discursos em confronto vale avaliar as mensagens destinadas aos trabalhadores brasileiros, enviadas pelos candidatos durante o dia 1º de maio, a começar pelo representante opositorista.

Quero dirigir, neste 1º de maio, a manifestação de minha solidariedade aos operários do Brasil, trabalhadores da cidade e do campo.

A eles, cujos ombros suportam o peso do desenvolvimento nacional, a eles, que produzem a riqueza do país, e dela muito pouco se beneficiam, a eles os meus melhores amigos, devo toda a minha carreira política, a inspiração, o ânimo e a força de continuar na luta, contra as injustiças sociais. Estamos numa nação onde somente não sofrem os poderosos, mas sim, os que vivem do trabalho, do salário, os que carregam a sua cruz, buscando o cada vez mais difícil pão de todo o dia.

O 1º de maio é a data do protesto. O proletariado universal lembra as gloriosas jornadas pelo reconhecimento dos seus direitos, pela conquista de um lugar ao sol.

Em vão não morreram os heróis de Chicago, há mais de meio século.

O 1º de maio está bem vivo nos nossos corações. Aqui, aos operários do Brasil reitero o meu apoio, às suas mais imediatas reivindicações. Direito de greve. Contenção da alta do custo de vida. Corajosa política de desenvolvimento econômico, realizada com a indispensável probidade. Reforma da Previdência Social. Liberdade e autonomia sindicais. Medidas que acudam e solvam os problemas da educação e da saúde. Amparo ao trabalhador do campo. Relações com todos os países, no exercício pleno e marcado da soberania nacional. Repúdio às ditaduras continentais.

Combate ao colonialismo e ao racismo.

Que este 1º de maio se transforme em mais um passo para as vitórias do proletariado.
(CORREIO DA MANHÃ, 1 maio de 1960)

Durante a emissão aos trabalhadores Jânio Quadros se furtou da narrativa que encabeçava sua campanha, o brasileiro estava abandonado – noção presente inclusive em seu jingle de campanha que resume as principais ideias repercutidas em seus discursos “Jânio Quadros a esperança de um povo abandonado” – subjugado a uma política que o “esfolava” a favor de um desenvolvimento material restrito as elites. Para mudar o “*estado atual das coisas*” defendia um conjunto de medidas, resumidas no discurso, aos trabalhadores prometia uma renovação política.

Lott estava em campanha na cidade de Volta Redonda durante a data e em comício dirigiu suas palavras aos presentes:

Baldado teria sido o esforço que transformou o panorama social brasileiro, garantindo era de paz e atendendo nos justos anseios dos trabalhadores, se a

legislação social, hoje vitoriosa, viesse acabar sendo instrumento de especulação do trabalhador contra a empresa ou de cruel opressão dos fortes contra os pequeninos.

Cheguei a Volta Redonda, depois de ter estado em São Borja, em visita ao túmulo de Getúlio Vargas. Lá meditei sobre sua morte: mas aqui me alegro com a vida que teve o saudoso patricio. Vida que logrou, com sacrificio, construir esta forte de riqueza e de emancipação econômica do Brasil. Bem haja quem pôde sacrificar-se por uma conquista de tal magnitude.

Encerro esta mensagem trabalhadores de Volta Redonda, homens laboriosos do Brasil, com a promessa de que no governo tudo farei para que o nosso povo não mais seja escravo e os brasileiros possam viver num ambiente de liberdade, paz social e trabalho realizador, com a imprensa livre e os cidadãos com os direitos assegurados. (ULTIMA HORA, 2 de maio de 1960)

O marechal através de suas sentenças⁵⁶ defendia o conformismo e compreensão sobre a situação que continuaria a vigorar no Brasil, como não era possível contestar a crise econômica sua resposta decorreu da exaltação do “sacrifício”, o nacionalismo em perspectiva da independência e conquista da nação necessitava a doação dos brasileiros. Para auxiliá-lo neste argumento invocou um novo herói Getúlio Vargas o pai do trabalhismo e fundador de seu partido que através de seu ato final se sacrificou pela independência da Pátria. No ex-presidente se encontrava uma figura de autoridade cujo a memória recente ainda havia de desempenhar influência sobre a população

Segundo estas duas posições se compreende as tarefas impostas as candidaturas quanto a moldagem da percepção do eleitorado sobre sua própria realidade e os projetos que se digladiavam para alterá-la ou conservá-la.

A vertente oposicionista cabia fazer o eleitorado acreditar no “futuro”, nessa prerrogativa se pautava a invocação da “*esperança*” e do “*otimismo*” pela crença em uma “*alternativa*”, o amanhã que tomava cores pelas promessas de Jânio Quadros. Para isso era necessário ser convincente, demonstrar a capacidade de realizá-lo, neste sentido o discurso remete aos feitos de Quadros e suas administrações anteriores. E concomitantemente promover a descrença sobre o presente, mal administrado pela situação para isso era realizada a desqualificação dos feitos anteriores e apontados os problemas relativos à conjuntura nacional. Mais que isso, entre os argumentos auxiliares nota-se também uma narrativa com ares conspiratórios, por trás da má gestão do governo, responsável pelo sofrimento da população, havia interesses escusos, a “*corrupção*”. Noção que visava deslegitimar o próximo discurso.

⁵⁶Sobre este discurso vale destacar também a posição manifestada pelo Marechal sobre o direito de greve, clarificada em pronunciamento posterior: “*o direito de greve se assemelha a uma arma de fogo, que somente deve ser usada para defesa pessoal e nunca para ataque à coletividade, privando-a de suas legítimas prerrogativas ao bem-estar. Por isso a greve deve ser o último recurso de defesa do trabalhador e não o seu primeiro elemento de ataque ao patrão*” (O GLOBO, 26 de julho de 1960)

A situação cabia passar confiança sobre o presente e futuro da maneira como gerido pelo governo, sendo que o primeiro deveria ser interpretado e aceito pela população como um estado provisório caracterizado por uma relação entre sacrifício e conquistas que a curto prazo demonstrava progresso e ao longo do tempo beneficiaria a todos. Para isso era necessário exaltar os feitos promovidos pelo desenvolvimentismo no intento de fazer crer na vigência da transformação do país. Como também se buscou em figuras históricas meios de facilitar a identificação do eleitorado com o discurso e o sacrifício demandado. Paralelamente, era primordial promover a descrença sobre o futuro prometido pelo opositor, neste viés se levantava dúvidas quanto a objetividade e veracidade de suas colocações. Ao fim se invocava outra eminência parda, os “trustes” e “monopólios” internacionais e seus interesses desproporcionais a soberania nacional, o “entreguismo”.

Trajetórias distintas que encontraram percalços e alavancas provenientes do contexto e seus acontecimentos, sendo legitimadas e contrariadas em função da ação de terceiros. Jânio Quadros, como visto, observou seu discurso tomar materialidade junto a tragédia de Orós, uma situação infeliz que trouxe fundamentação as suas críticas. E tão logo se beneficiaria de uma denúncia, ocorrida logo após seu retorno ao país para validar virtudes evocadas por seu discurso, como a “honestidade” e a “moralidade”. Em carta enviada ao presidente da câmara dos deputados o candidato opositor anexou um ofício autorizando a quebra de sigilos bancários que poderia ter na Suíça, em contraofensiva a uma acusação do então deputado petebista Salvador Romano Lossaco:

Tomei conhecimento hoje, através da leitura dos jornais, das acusações infamantes à minha honra produzidas ontem, da tribuna da câmara, pelo deputado Salvador Romano Lossaco. Segundo elas, teria eu, na conta 211, um depósito de cinco milhões de dólares no banco de Zurique, Suíça, correspondente a pagamento efetuado pela firma ou as firmas Swisspar, Shell e Vickers Armstrong. Acabo de outorgar ao 6º Tabelião de São Paulo procuração conferindo poderes especiais a V. Exa para o levantamento daquele enunciado depósito, abrindo quaisquer cofres ou caixas de valores em que depare o meu nome, seja no aludido estabelecimento, seja em qualquer outro banco daquele país. Tais poderes, inclusive os de subestabelecer, facultarão ao ilustre presidente ação rápida e enérgica no sentido de preservar a dignidade do Congresso, resguardando o decôro da representação popular. A calúnia não me surpreende, emergindo da vaza que a expeliu. Não tenho depósitos em bancos no estrangeiro. Nem temo insídias e vilanias de qualquer ordem. Creio na força da verdade. Minha mediania honrada não se conspurcou nem se conspurca no amealhamento de milhões. A V. Exa, meu adversário político, mas presidente da Câmara, exorto a que, com os poderes que lhe confio, verrume o requisitório nauseante, escalpelando quem mal agiu. Candidato à primeira magistratura da nação, de tudo devo contas ao povo. Devo-as por igual à esposa, à filha, de cujos olhos

limpos até hoje não precisei desfitar. Temo, porém, que aquela condição, bem como o mandato de que me acho investido, me autorizam a confiar na pronta e rigorosa intervenção de V. Exa. Se lossacos há muitos, e os que há para os mais tristes misteres, a de um deputado, com se fossê a sua própria honra.

Ciente, de outro lado, que os nobres Deputados Aurélio Viana e Anísio Rocha manifestaram a intenção de requerer uma sessão secreta para o debate do assunto, impetro a V. Exa, no uso de suas atribuições, para interceder junto aos aludidos parlamentares a que emprestem caráter público aos debates. Queira receber os respeitos de Jânio Quadros.

Para que êste o doe à direção do partido comunista brasileiro ou dêle faça melhor proveito. (O GLOBO, 19 de abril de 1960)

Diante da investida, Jânio Quadros não rebateu ou intimou seu opositor a provar suas denúncias, pelo contrário, as eliminou prontamente. Usou o ocorrido para demonstrar que estava de acordo com o quê pregava, não tinha nada a esconder, nem dinheiro nem “remorsos” era um homem “íntegro” e “transparente”. A resposta certamente potencializou os efeitos de sua defesa a moralização da máquina pública, bem como inspirou confiança em sua moral. Uma provocação convertida em efeitos benéficos a sua imagem, todavia outro acontecimento se instaurava, não com seu retorno, mas pela volta de Carlos Lacerda que havia deixado o país em dezembro do ano passado.

Em seu regresso Lacerda seguiu o ímpeto de participar da campanha presidencial (CORREIO DA MANHÃ, 31 de março de 1960) e criticou asperamente a forma como seu partido a estava conduzindo, em suas palavras a UDN havia abandonado seu candidato (O GLOBO, 9 de abril de 1960), seja na presença em comícios, investimentos financeiros, apoio no âmbito do discurso ou certamente pela indiferença ou suporte de determinados grupos a viagem realizada. Enfim o insurgimento de orientações contraditórias no âmbito do partido instaurou uma forte crise cujo motivo principal era a discordância quanto ao caminho a ser traçado por Jânio Quadros, deixá-lo livre ou guiá-lo? ⁵⁷.

O cenário de discórdia tomou conta dos noticiários daquele mês, entre fatos e especulações se falava em um “*sindicato da mentira*” que espalhava “*calúnias*” no intuito de dividir a UDN. Independente dos entendimentos internos e efeitos que as discussões gerariam sobre o presente e futuro da campanha de Jânio Quadros, uma consequência do conflito era explícita ao público,

⁵⁷É digno de nota que ao início do ano o jornal “Correio da manhã” através de coluna já havia reclamado da falta de proatividade e emoção na campanha de Jânio Quadros e denunciava a imposição da democracia liberal aos modos como o candidato vinha se comportando publicamente (CORREIO DA MANHÃ, 10 de fevereiro de 1960).

Leandro Maciel decidiu deixar o pleito⁵⁸. Em carta pública o político nordestino disse que deixava a campanha, não pela contestação lançada por Lacerda, mas pela inação e indiferença que o próprio havia anunciado em seu retorno (O GLOBO, 26 de abril de 1960), ao contrário das “renúncias” abordadas no ano anterior, Maciel não almejava o retorno, estava resoluto pela desistência.

Quando questionado sobre sua posição e os reflexos da crise sobre a campanha que encabeçava, Jânio Quadros assim como se portou em ocasião anterior, terceirizou a questão para o partido e disse ser independente de qualquer compromisso, em outras palavras, afirmava que os problemas partidários não lhe condiziam, portanto não afetariam sua campanha (O GLOBO, 26 de abril de 1960).

Em seus desdobramentos a crise evidenciou um novo nome para a vice-presidência, Milton Campos (TRIBUNA DE MINAS, 29 de abril de 1960), e seguramente trouxe um consenso quanto aos rumos da campanha presidencial através das reuniões ocorridas cujo teor, logicamente, não foi divulgado a imprensa. Após o conflito Lacerda foi escolhido pelo partido como candidato ao que seria o estado da Guanabara, seguindo a própria campanha não acompanhou a comitiva de Jânio Quadros⁵⁹.

A chapa governista, por outro lado, testemunhava um momento favorável a seus discursos: a inauguração de Brasília. Junto a nova capital se materializava um sinal de sucesso da política desenvolvimentista e um grande passo rumo o “Brasil do futuro”, a efetivação de um progresso maior que a missão russa Sputnik segundo o jornal “Ultima Hora” (ULTIMA HORA, 22 de abril de 1960). Um acontecimento de repercussão mundial que destacou o país nos noticiários internacionais.

Ao ensejo da inauguração da nova Capital do Brasil, desejo testemunhar ao preclaro Presidente a minha entusiástica admiração pela obra ciclópica que realizou com idealismo, com tenacidade e sem medir sacrifícios, até mesmo de ordem pessoal.

A nação brasileira há de reconhecer em Brasília a capacidade e energia de um governante que se projetou na sua história e no sentimento de seu povo.

Aos aplausos do povo brasileiro a essa magnífica realização quero juntar os meus aplausos ao eminente presidente, a quem saúdo com emoção e profundo respeito

(a) Marechal Henrique Lott (ULTIMA HORA, 21 de abril de 1960)

Lott que se ausentou das comemorações (que contaram com a presença de um cardeal português enviado pelo papa no intuito de abençoar a nova capital), devido a um problema de saúde, enviou votos ao presidente, qualificou-o como mais um exemplo de sacrifício a ser tomado pelo

⁵⁸Durante o mês anterior já havia especulações quanto a uma possível renúncia do candidato à vice-presidência, o próprio se manifestou publicamente atribuindo as informações ao “*sindicato da mentira*” (O GLOBO, 14 de março de 1960).

⁵⁹O mesmo, em certo teor, ocorreu com o jornal “Tribuna da Imprensa”, que passou a priorizar o acompanhamento da campanha de seu fundador pela governança do referido estado.

povo brasileiro e valorizou o feito considerado como “milagroso” pelos partidários do desenvolvimentismo. A finalização da capital propiciava legitimidade aos argumentos do discurso situacionista em sua defesa da política desenvolvimentista.

O presidente retribuiu as cordialidades meses depois no intuito de fortalecer a candidatura do sucessor:

O marechal tem grande responsabilidade na obra de desenvolvimento de meu govêrno. Primeiro, porque ninguém deve se esquecer do 11 de novembro, que foi a porta aberta para garantir as leis e assegurar o funcionamento da democracia. Depois, porque, como ministro da guerra, durante 4 anos desempenhou importantíssimo papel em todos os momentos delicados porque passaram a administração e o regime, assegurando o clima propício ao nosso atual desenvolvimento. Estamos na decisão irrevogável de caminharmos para a vitória de 3 de outubro. (...) começamos na marcha que não pode ser interrompida a não ser com o sacrifício do Brasil. (O GLOBO, 8 de junho de 1960)

As luzes deste cenário as campanhas seguiram sua marcha. A oposição pela voz de Jânio Quadros permaneceu firme em suas críticas a previdência social “*Se me perguntarem quanto deve a união aos institutos, eu, candidato à presidência, não sei dizer: 70 bilhões, 75 bilhões, 80 bilhões, e há quem fale em 90 bilhões. Mas, não concorrendo para os institutos e autarquias, ela repartiu a previdência como se fôsse um bôlo e deu a cada um dos seus apaniguados uma fatia.*” (O GLOBO, 6 de maio de 1960). Como também quanto ao peleguismo sindical” *se chego à presidência, e chegarei, nunca mais haverá intervenção em um sindicato sequer. O sindicato é a casa sagrada do trabalhador. Portas adentro, mesmo o presidente da república não pode entrar. Quanto ao famoso e imoralissimo fundo sindical, extingui-lo-ei no dia seguinte ao de minha posse.*” (O GLOBO, 6 de maio de 1960). Apontamentos que abrangeram também setores básicos como o sistema educacional do país:

O ensino secundário está convertido em privilégio dos ricos. Nem a classe média pode mais custeá-lo. O ensino superior não existe, sobretudo nos ramos de maior interesse para o desenvolvimento. Mesmo em São Paulo a famosa Politécnica só conseguiu desdobrar o seu primeiro ano no meu Govêrno e ainda assim as suas turmas devem ser de 60 a 80 rapazes cada ano. Que significa isso para uma nação que está implantando as suas indústrias de base? Como manter essa máquina fabulosa, a começar pela Petrobras? (O GLOBO, 9 de maio de 1960)

E as condições do sistema de saúde nacional: “*Em Volta Redonda, onde a criança é atendida, morrem 56 em 1000, onde ela não é atendida, fora da usina, morrem 129 por 1000. Estamos num*

pais em que as verbas hospitalares estão congeladas ou incluídas no Plano de Economia, assombre-se Deus, naquela economia que não se fez para os mármore de Brasília”. (O GLOBO, 9 de maio de 1960)

Críticas, denúncias e acusações que serviam para a necessária desqualificação da administração do governo e conseqüente afloramento do sentimento de mudança no eleitorado. Uma via combativa, que foi enfrentada por Lott, que ao prosseguir das eleições foi tomando uma postura cada vez mais adversa a imagem de Jânio Quadros, entre suas declarações afirmou que opositor era demagógico e racista:

Vetou um projeto de construir no Largo do Paissandu, um monumento a mãe preta, os vereadores, todavia, rejeitaram o veto e a justa homenagem foi prestada. Agora, entretanto, pensando nos votos dos homens de côr o candidato da UDN apareceu numa revista abraçando um crioulinho, com a mesma naturalidade com que se fêz fotografar ao lado do papa, em atitude contrita com um rosário na mão. (ULTIMA HORA, 30 de maio de 1960)

Uma mudança de atitude que foi justificada pelo situacionista que em nova forma de desqualificar o concorrente, destacou:

Não é do meu feitio atacar ninguém. Pretendia fazer uma campanha elevada, porque considero muito sério o pleito presidencial. Entretanto, isso não foi possível porque o candidato do lado de lá, além de ataques pessoais contra mim, tudo tem feito para desmoralizar-me perante a opinião pública o governo do presidente Juscelino Kubitschek, do qual fiz parte até há bem pouco tempo, e diminuir a importância das realizações de vulto aos olhos do povo. Diante dessa situação eu não poderia fugir ao método adotado pelo candidato da oposição, que, todos nós sabemos é dos mais vulneráveis.

Jânio representa um perigo as instituições democráticas e um risco sério ao futuro do Brasil como candidato pela sua conhecida instabilidade emocional. E só por isso eu resolvi aceitar a indicação do meu nome para disputar o pleito, pois do contrário estaria gozando uma inatividade a que tenho direito depois de quase meio século de serviços prestados ao exército e à minha Pátria. (ULTIMA HORA, 3 de junho de 1960)

Neste pronunciamento Lott definiu a causa de sua entrada no pleito. O “*dever cívico*” ao qual se referiu durante o início da campanha tomou corpo: enfrentar a “ameaça” Jânio Quadros que em sua “instabilidade” e “imprevisibilidade” levaria o país a desintegração, um indivíduo que representava gravidade máxima a vivência nacional. Um argumento que se tornou central ao

discurso situacionista, segundo o qual Lott representava a garantia de estabilidade das instituições, contrariamente ao “louco” que levaria o país a desordem.

Jânio Quadros não cedeu a polêmica e se manifestou:

Nessa responsabilidade de candidato e absolutamente convencido de nossa vitória espetacular, sem temer as provocações, as injúrias e as ameaças, que não me assustam ou impressionam, e sem me vender aos insultos, às mentiras e às infâmias, o que não convêm a alguém que disputa a suprema chefia de nossa pátria, só quero examinar os problemas que afligem a nação. (O GLOBO, 1 de junho de 1960)

Apesar de ter tecido críticas a imagem de Lott em momentos anteriores da campanha, Jânio Quadros continuou defendendo a perspectiva de que traçava uma campanha limpa, em alto nível como disse quando chegou ao país. Evitou discussões, deixou seu adversário sob a posição de “difamador”, “caluniador” e se voltou para o eleitorado indicando que estava preocupado com os problemas nacionais. O adensamento da ofensividade de Lott se contextualiza em meios as consequências nacionais de um acontecimento internacional que gerou reflexos sobre os rumos da campanha presidencial.

Agendada para o mês de maio daquele ano, aconteceu a “Conferência de Cume” que reuniu as principais potências mundiais, um momento longamente esperado que, no entanto, não correspondeu às expectativas, pelo contrário. Durante a reunião, a União Soviética inesperadamente se insurgiu contra os Estados Unidos, sob a acusação de espionagem pela potência capitalista que enviou uma aeronave ao espaço aéreo russo (TRIBUNA DA IMPRENSA, 12 de maio de 1960)⁶⁰. Sobre a denúncia e destruição do avião, os ânimos se exaltaram, ocorreram trocas de acusações entre os líderes e o clima de paz que o começo do ano anunciava se provou demasiadamente otimista. Eisenhower não iria mais a Rússia e a potência comunista engrossaria o tom quanto as concessões anunciadas logo no início do ano.

Pelas páginas da imprensa brasileira, toda a culpa pelo fracasso da reunião e aquecimento da guerra fria recaiu sobre Nikita Krushev. O comunismo poderia a qualquer momento irromper uma temível guerra. No cenário eleitoral a foice e o martelo foram evidenciadas ao lado da espada contra a vassoura, alterando a dinâmica eleitoral.

⁶⁰O incidente com o avião espião Lockheed U-2 pilotado pelo americano Francis Gary Powers em espaço aéreo soviético provocou o fracasso da reunião e o aquecimento da guerra fria em decorrência do acirramento dos ânimos entre as potências. Apesar da destruição do avião, o piloto sobreviveu, sendo preso e condenado pelo regime comunista durante o mês de agosto daquele ano. Dois anos após o incidente seria trocado pelo espião russo Rudolf Abel. O incidente e as tratativas que levaram a permuta foram retratados pelo filme “Ponte dos Espiões” de Steven Spielberg.

3.4 A infiltração comunista e a memória de Getúlio Vargas: discurso e controvérsias que marcaram o desfecho das eleições de 1960



Figura 14 A divisão do mundo se escancara: a OTAN e Kruschev (O GLOBO, 3 de junho de 1960)

Enquanto o mundo se unia para buscar soluções, o comunismo “assassinava” a esperança de que a humanidade um dia pudesse caminhar de mão dadas. Este foi o discurso firmado após o final da cúpula das potências, que precedeu um momento de acirramento dos ânimos entre os dois grandes líderes mundiais. O “insidioso” Kruschev atacaria o “portador da esperança” Eisenhower e se dissociaria do comprometimento que este último visava firmar através de suas viagens: “O governo Eisenhower é para os Estados Unidos e o resto do mundo como o governo de uma idade obscura do passado”, disse o estadista russo que além disso qualificou o presidente norte-americano como “irresponsável”, “inepto” e “perigoso” (ULTIMA HORA, 4 de junho de 1960).

Um confronto que a imprensa brasileira, em especial pelas páginas de “O GLOBO”, fazia crer entre forças maniqueístas, cujo resultado poderia implodir a construção da ponte rumo a convivência pacífica que mundo ocidental buscava erigir e trazer o “juízo final” para a humanidade.

O “inimigo comunista” além de ateu se mostrava um risco a sobrevivência, ao progresso e as expectativas em torno de qualquer horizonte. Frente a decorrência internacional, Luís Carlos Prestes que surgia de forma pontual nas páginas de jornal se tornou destaque, bem como o regime cubano, este embora já em evidência, seria acompanhado e acusado por se aproximar dos planos bélicos da União Soviética. Antagonistas pela narrativa dos jornais seriam caracterizados respectivamente como “inimigos” nacionais e internacionais em forte expressão de um pungente anticomunismo.

Ambos os candidatos haviam constituído relações junto a estes atores, Quadros em viagem para Cuba e Lott pelo apoio do partido comunista brasileiro. No entanto, ao candidato governista recairia em maior grau a negatividade relativa à vigência dos acontecimentos. Marechal Lott era o candidato escolhido pelos comunistas esse era o fato incontestável pelo qual Prestes em todas as declarações públicas em reverberação pela imprensa alinhada a oposição confirmava (O GLOBO, 13 de julho de 1960).

Em virtude dos parâmetros internacionais, se construiu um clima de emergência em que choviam acusações sobre a infiltração comunista em sindicatos (O GLOBO, 1 de agosto de 1960) órgãos de governo e a campanha situacionista (O GLOBO, 9 de julho de 1960). O fato que já era abordado corriqueiramente tomou gravidade e interveio sobre o andamento das eleições. Os próprios representantes do partido “nacionalista” denunciaram por meio de pronunciamento oficial que uma manifestação pública convocada por uma vertente inserida na campanha Lott era de essência destoante da que defendiam, composta por “comunistas” imputados a “ludibriar” o povo e servir aos interesses soviéticos, através de um “*entreguismo serviçal a Rússia*” (O GLOBO, 22 de junho de 1960).

Ao final do mês de junho houve um marco importante sobre este tópico, através da realização de uma conferência do clero para discutir a política nacional e o iminente pleito, ocasião pela qual emergiram as palavras do padre fluminense Álvaro Negromonte que instruiu abertamente os católicos a não votarem em Lott, o “*candidato dos comunistas*” sob a “*pena do pecado*”:

Votar bem quer dizer votar em bons candidatos. E o que é um bom candidato? É o candidato que além de católico é capaz (ininteligível) interessado no bem comum honesto e realizador. Por isso não podemos escolher os nossos candidatos por interesse, por amizade ou simpatia.

Os católicos não podem votar nos maus candidatos sob a pena de pecado. E o que é um mau candidato? É o incapaz, o desonesto, o que nada fez pelo bem público e tudo faz pelo seu próprio bem e, sobretudo para o católico, o mau candidato é o anticatólico, o divorcista, o que atenta contra a liberdade do ensino, o comunista. Sobretudo o comunista. Quando o Sr. Luís Carlos Prestes aparece ao lado de um dos candidatos e o aponta como seu, está trabalhando pelos comunistas, pelo interesse dos comunistas. Os católicos então já sabem em quem votar, principalmente quando se tem notícia de que o candidato apoiado pelos comunistas nomeou diversos comunistas para os postos-chave da alta administração militar. (O GLOBO, 27 de junho de 1960)

Vale destacar que o representante da Igreja, não apenas impeliu os católicos em tomar posição contrária a candidatura situacionista, como usou qualidades associadas ao discurso janista para caracterizar aquilo que seria um bom “candidato”. Era comum Lott sofrer tais acusações por

opositores, mas desta vez foi uma figura de autoridade social quem o acusava. Um duro golpe a campanha situacionista, tendo em vista a expressividade do catolicismo e sua influência sob a sociedade daquela época. O comunismo e seus efeitos revestiram a Henrique Lott e seus correligionários mais uma árdua tarefa para a conquista da confiança do eleitorado. Sobre a declaração de Negromonte, o candidato emitiu uma resposta:

Provem que solicitei ou mandei solicitar o apoio do Sr. Luís Carlos Prestes e de seus correligionários e que o chefe comunista ou algum dos seus lugar-tenentes participou de comícios ao meu lado!

Sempre fui dos homens públicos que mais combateram, por palavras e, sobretudo, por atos, o comunismo (O GLOBO, 1 de julho de 1960)

Um problema que afligia também o candidato à vice-presidência que respondeu ao padre devolvendo as críticas ao adversário Jânio Quadros, relatando sua viagem a Cuba, suas declarações em que se manifestava pela livre expressão dos comunistas além da prerrogativa de reestabelecer as relações diplomáticas do Brasil junto à União Soviética. Destacou também que o Marechal era católico praticante utilizando a própria fé para repelir qualquer característica comunista em sua campanha (O GLOBO, 30 de junho de 1960). Acontecesse o que fosse o comunismo naquele contexto se portava como um fardo cujo peso nenhuma das campanhas queria arcar, mas pelo contrário descarregar sobre a outra.



Figura 15 Entre a loucura e a degeneração: uma dança perigosa (CHRISTOFOLLETTI, 2021, no prelo)



Figura 16 Lott o candidato de gregos e troianos (O GLOBO, 27 de junho de 1960)

Apesar das tentativas de atribuir o comunismo ao outro lado, as ações de Prestes destacadas pela imprensa não deixaram Lott livre. Enquanto Jânio Quadros continuava sua campanha tecendo críticas, propondo soluções e lapidava sua imagem. O marechal teve que fornecer explicações e tentar se desvincular da posição de “candidato dos comunistas”. O contexto não lhe era favorável, até mesmo o PRP, fundado pelo integralista Plínio Salgado, discutiu a possibilidade de retirar o apoio a sua campanha e tomar partido por Jânio Quadros (O GLOBO, 30 de julho de 1960), prerrogativa que não vingou e permitiu a inusitada aliança satirizada pela figura 16.

Diante da crise não intencional provocada pelos apoiadores, Lott precisou de apoio para reestruturar sua imagem, neste sentido foram proferidos novos discursos por Juscelino Kubitschek, bem como foi redigido um manifesto pelos governadores do PSD e PTB a seu favor (ULTIMA HORA, 4 de julho de 1960).

A conjuntura demandou que o Marechal se tornasse um “anticomunista” ferrenho, bem como influenciou a tomada de uma atitude mais combativa em seus discursos, conforme mencionado. Durante uma entrevista declarou que era um inimigo de longa data dos “vermelhos” e lembrou que puniu oficiais comunistas quando era comandante de guarnição em São Paulo. Reclamou e criticou o tratamento de Negromonte apontando que Jânio foi a “*Cuba e recebe apoio de um homem de batina que não é padre*”. (O GLOBO, 11 de julho de 1960). Manifestou em outra ocasião, logicamente sem fazer a comparação, que era como Jânio Quadros, nem de esquerda nem de direita (O GLOBO, 18 de julho de 1960). Em ofensiva de maior repercussão disse que se Jânio Quadros fosse eleito haveria uma “*guerra civil*”, neste sentido contestou e atribuiu “ineptidão” a administração do opositor sob o governo paulista e destacou o desequilíbrio emocional que mesmo manifestava diante das adversidades (O GLOBO, 19 de julho de 1960). Denunciou, mais tarde, que figuras obscuras estavam financiando a campanha oposicionista através da compra dos melhores horários no rádio e na televisão (O GLOBO, 18 de agosto de 1960). Enfim, além do desequilíbrio e da desconfiança quanto aos feitos do adversário levantava os riscos de sua eleição para a ordem, estabilidade e soberania do país.

Jânio Quadros, ciente das intempéries que afligiam a chapa situacionista e notadamente inteirado do teor de um comício que se realizaria durante o início de agosto não respondeu a Lott e emitiu “*Meus amigos que me acompanham nesta campanha se encarregarão de responder as acusações do Marechal Lott*” (O GLOBO, 27 de julho de 1960). O MPJQ, os vice-candidatos e correligionários passaram, conforme indicou, a defendê-lo e contestar as acusações de Lott, porém logo uma forte investida ocorreu.

Em comício, Lourival Fontes, ex-chefe do gabinete civil durante o governo de Getúlio Vargas e então senador pelo PTB declarou que Lott era um “inimigo” do “mártir” que havia utilizado como exemplo em seu discurso durante o dia do trabalho. E trouxe à tona o “Manifesto

dos generais” em suas palavras um ultimato dos militares para que Vargas renunciasse, documento assinado pelo marechal e emitido dois dias antes do suicídio do ex-presidente. Continuou:

Este homem renegou a sua tradição militar, desrespeitou, assim, o chefe constitucional das Forças Armadas. A êste homem, como eu podia responder agora, senão com o veto e o repúdio? Aos que servem a memória de Getúlio Vargas e , principalmente, aos que o servem depois da morte, só resta um caminho, não pode haver entre êles uma segunda opinião ou uma outra atitude. Em primeiro lugar, voto no Sr. Jânio Quadros porque êle é membro do meu partido. Não estou escolhendo, um candidato estranho às fileiras do P.T.B., como é o Marechal Lott. Voto nêle, também, devido à sua probidade, ao seu senso de responsabilidade e à sua capacidade administrativa, provados no exercício da governança paulista. Espero que Êle faça no Brasil o que fêz em São Paulo, e nós deveremos a êle a restauração de nossa grandeza.(O GLOBO, 4 de agosto de 1960)

Além de comunista e subserviente ao “*entreguismo vermelho*” (O GLOBO, 21 de agosto de 1960), Henrique Lott era também acusado como “assassino” de Getúlio Vargas, segundo a declaração de Fontes, não coincidentemente próxima ao aniversário de morte do ex-presidente. O “Correio da Manhã” noticiou durante a referida data que os irmãos Vargas estavam dispostos a conceder uma declaração pública para o jornal em repúdio a candidatura Lott e apoio a Jânio Quadros (CORREIO DA MANHÃ, 24 de agosto de 1960), no entanto durante o dia seguinte recuaram e não se pronunciaram mais sobre o assunto (CORREIO DA MANHÃ, 25 de agosto de 1960). O gesto reforçaria o impacto da prerrogativa lançada pelos opositoristas que em sequência a “revelação” contou com a intervenção de Jânio Quadros⁶¹:

O nosso país está precisando de uma reforma fundamental e sem propósitos demagógicos. Houve um homem que desejou fazer esta reforma: Getúlio Vargas. Era um grande patriota, mas cercado de exploradores, mentirosos e vadios. Um grande presidente precisou oferecer-se, no derradeiro sacrifício. Há muita gente que diz que foram os seus inimigos que o levaram ao suicídio. Costumo afirmar que isto não é verdade, pois quem o levou àquele gesto extremo foram os seus falsos amigos. Os inimigos nunca nos levam ao desespero, que só conseguem levar os falsos amigos. (CORREIO DA MANHÃ, 13 de agosto de 1960)

Lott como Brutus apunhalou Cesar, levou Vargas a descrença e ao suicídio, segundo Jânio Quadros que apesar de se alinhar ao inimigo, Carlos Lacerda, não ficou contrário ou apático ao

⁶¹Vale a menção que mesmo Ademar de Barros se pronunciou sobre o tema reclamando seu direito em ser o indicado pelo PTB ao contrário do Marechal que segundo as suas palavras: ajudou a depor Getúlio e quando seu corpo ainda estava quente assumia o ministério da Guerra. Vejam vocês que incoerência!. (CORREIO DA MANHÃ, 24 de agosto de 1960) GETÚLIO E CUSTO DE VIDA: ARMAS ELEITORAIS DE ADEMAR DE BARROS.

legado varguista, pelo contrário o tomou para si. Reclamou a responsabilidade de concluir aquilo que o “*grande patriota*” foi impedido, afinal como colocado por Fontes exercia um mandato pelo PTB e com isto possuía a autoridade para invocar as aspirações que permearam a fundação daquele partido.

Os discursos apresentados fortaleceram uma dissidência do partido trabalhista que apoiava uma chapa mista formada por Jânio Quadros e João Goulart, conhecida como JAN-JAN, neste sentido foram tecidos e erguidos em faixas slogans com os dizeres “*getulistas verdadeiros votam em Jânio e Jango*”(CORREIO DA MANHÃ, 6 de setembro de 1960) no município de Santos, e cartazes “Lott matou Getúlio. Operários querem Jânio e Jango” (CORREIO DA MANHÃ, 27 de agosto de 1960) em Aracaju. Jango chegou a ser intimado pelo partido a declarar-se contrário ao movimento, sob críticas de agir em benefício próprio através do prejuízo de seu companheiro de chapa (O GLOBO, 9 de setembro de 1960).

Após a repercussão e os efeitos deste elemento lançado no debate político, Jânio retomou a proatividade habitual e realizou novas declarações acerca de Lott e os comunistas. Sobre as críticas e acusações do opositor, se defendeu:

Caluniam-me dizendo que sou fomentador da guerra civil, que estou subordinado a grupos financeiros nacionais e internacionais, fatos que, segundo os meus detratores, deslocariam o país do campo ocidental. Ora, o homem que acusam de estar começando a guerra civil é apenas um bacharel, sem qualquer fôrça ou autoridade militar, sem qualquer posição partidária de relêvo. Não dispõe de qualquer máquina político-administrativa para fazer a sua pregação como candidato.

É um homem que respeita a autoridade constituída, que, na sua campanha, faz apenas o exame dos problemas que preocupam o povo. (O GLOBO, 30 de agosto de 1960)

Ao prosseguir, remeteu ao histórico militar do adversário como indicativo do risco potencial que este havia apontado, isto é, se haveria uma insurreição quando eleito seria pela violência da “espada”, não pela limpeza da “vassoura”. Neste sentido se portou como um indivíduo sem prerrogativas ou poderes políticos, militares ou econômicos, qualidade que reverberava em sua campanha financiada, como adiantado, pelo “sacrifício” do povo através de doações nos “garrafões da esperança”. Disse ainda, que acataria uma possível legalização do partido comunista caso o parlamento assim entendesse (O GLOBO, 30 de agosto de 1960), todavia não visava o apoio do comunismo brasileiro ou demonstrou simpatia por suas posições, conforme indicou no trecho que segue externado durante um programa de televisão:

Os comunistas são irrecuperáveis para a democracia. Só se movimentam sob a orientação recebida do exterior. Os ataques que me lançam, na realidade me envaidecem, porque constituem prova de que estou certo. Eles nunca deixaram, no Brasil, de atender a direttriz segundo a qual quanto pior fôr o governo que se instalar no país, melhor será para a execução dos seus planos. Não os consultei para formular a declaração favorável ao comércio com todos os países do mundo e não os consultarei no momento em que julgar oportuna essa revisão da nossa política externa. (O GLOBO, 9 de setembro de 1960)

Desvinculou qualquer compromisso de suas posições, questionadas quanto a um possível alinhamento as prerrogativas do comunismo internacional, bem como destacou o partido tomado por sua expressão brasileira se furtando dos efeitos que o mesmo revestia sobre o contexto.

Lott só se manifestou sobre o ocorrido em meados de setembro durante uma entrevista, dias após o comício destacado e o aniversário da partida de Vargas, data que não rememorou em discursos. Não contestou ter assinado o documento, a prerrogativa contrária seria adversa tendo em vista que “O Globo” traria cópia do mesmo em manchete ao final do mês (O GLOBO, 28 de setembro de 1960), no entanto, afirmou que acreditava se tratar de um afastamento temporário e somente depois foi informado de sua real dimensão, momento em que sentiu haver “*traído as próprias convicções*”. Não se eximiu da culpa, mas trouxe à tona o argumento de não intencionalidade. Disse também que caso o presidente não tivesse tomado atitude e o golpe fosse instaurado agiria como no dia 11 de novembro e defenderia a manutenção do regime democrático de direito, ou então acataria a punição caso Vargas tivesse ordenado a prisão dos signatários conforme orientou o então ministro da justiça Tancredo Neves.

Sobre os efeitos eleitorais, tratou com ironia a ascensão da chapa JAN-JAN, a seu ver demonstração de uma forte contradição ao discurso janista que defendia o candidato como “invencível”, já que não lhe bastavam dois candidatos a vice, mas um terceiro para combater a fraqueza que interiorizava sobre a própria candidatura. Ao final culpou um único indivíduo pelo fatídico ato final de Getúlio Vargas, Carlos Lacerda e conferiu cinismo ao fato do candidato apoiado pelo próprio buscar João Goulart, o legítimo herdeiro do varguismo, como candidato à vice-presidência (ULTIMA HORA, 13 de setembro de 1960).

Chegando ao fim, as campanhas realizaram os últimos esforços havendo a manifestação recíproca das acusações abordadas paralela a defesa de projetos para o Brasil. Ao lado da espada se argumentava pela independência econômica do Brasil, já que Jânio Quadros além de “louco” (ULTIMA HORA, 22 de setembro de 1960) era submisso a representantes da elite capitalista internacional e entregaria a riqueza nacional em especial a Petrobras para o estrangeiro. Pela vassoura se tratava de travar uma luta pela transformação nacional, moralizar a administração pública restaurar o compromisso do governo para com a população, na mesma medida em que se

fundamentava como uma perspectiva de voto contra o “comunismo” (O GLOBO, 24 de setembro de 1960), fundamentação corroborada por pronunciamentos externados por representantes da Igreja⁶² (O GLOBO, 5 de setembro de 1960) (O GLOBO, 10 de setembro de 1960).

Em direção ao fim os candidatos se manifestaram pela última vez na prerrogativa de sustentar o motivo pelo qual deveriam ser eleitos à presidência da república, através de discursos que sintetizaram a premissas desenvolvidas ao longo do ano eleitoral.

Brasileiros:

Quando esta última mensagem da campanha eleitoral para a presidência da república chegar aos vossos olhos, meus concidadãos, será, também, o momento de vos dirigirdes à cabina secreta: fazei o sinal da cruz, no primeiro lugar diante do meu nome, o nome que encabeça a lista dos candidatos. Fazei-o confiantes: sei que não desmerecerei da esperança de melhores dias, de que meu nome se tornou, por um conjunto de circunstâncias, símbolo popular.

Neste início Jânio Quadros emitiu que ao votar em sua chapa o brasileiro presta um ato de fé, que não é somente religioso diante da menção ao símbolo da cruz, como também espelha o sentido “esperançoso” que sua campanha visou atrelar a sua candidatura, trazendo à tona o significado transformativo integrado ao seu projeto de governo. Afinal estava ao lado do povo, prometia uma política “humana” sendo o autêntico “candidato popular” segundo as premissas de seu discurso.

Em tôda esta campanha não prometi milagres, de que não sou capaz. Analisei os problemas da Nação, os gerais e os particulares, os regionais e os locais. Dei grandes linhas em que pretendo assentar a minha administração. E principalmente, prometi honestidade de propósitos, seriedade e empenho no trabalho, defesa da economia pública, severidade para com os desidiosos e malversadores.

Em continuidade, o opositor trouxe a experiência como forma de corroborar pela confiança do eleitorado no projeto que prometia, contestando o discurso adversário que entre outros pontos abordados colocava dúvidas quanto a suas propostas, tidas como ilusórias. Neste mesmo objetivo enfatizou que estava atento aos problemas de cada região que visitou e adquiriu o conhecimento necessário para elaborar soluções factíveis a realidade nacional.

Por isto respondo. Não sou um revolucionário desabrido. Mas nada tenho de conservador emperrado. Em dia com as ideias do meu tempo, sei que as sociedades evoluem e que a nossa se encontra em rápido processo de transformação. Pretendo

⁶²Plural, também houve manifestações a favor de Lott por padres e arcebispos conforme a apresentada ao início do segundo capítulo.

dar alicerces sólidos a esse processo, a fim de que ele se faça convenientemente, para o benefício, nunca para o sacrifício das grandes camadas populares. Não permitirei o menor risco à nossa Pátria, pelo apêgo a uma ideologia rígida. Nenhum preconceito me impedirá, no entanto, de responder pelas mais sérias decisões, desde que envolvam evidentemente interesse para o país.

Em sequência relatou o programa em benefício e não “sacrifício” dos brasileiros em referência direta a prerrogativa de humanização da política nacional e detrimento ao “materialismo” desenvolvimentista defendido por seu opositor. Realçou que era independente, nunca havia tomado ou tomaria partido por ideologias, sendo a escolha mais sensata para a época de extremos vislumbrada naquele período. Estava isento de qualquer compromisso ideológico e não serviria a outro ideal senão servir ao povo brasileiro.

Minha primeira preocupação será deter a marcha da inflação, que a todos nós levará ao desespero, se prosseguir no ritmo desabalado dos últimos anos; eis que, sendo da ordem de 17% no quinquênio 1951-1955, saltou para 22% no quadriênio 1956-1959. Esse despojamento do desvalorizado dinheiro do trabalhador, tirado acintosamente dos seus bolsos, vem sendo desculpado em nome de um desenvolvimento de resultados duvidosos. O que as estatísticas revelem é precisamente o contrário: a parcela reservada aos investimentos expressa em percentagem sobre o produto nacional bruto e que havia atingido quase 18% no quinquênio anterior, declinou, agora, para cerca de 14% ao ano. De modo que se acelerou o processo de extorsão do ganho suado do pobre e o produto desse autêntico furto desapareceu na evasão de divisas para o exterior, em lucros individuais, que não beneficiaram a Nação.

Forneceu dados — que não podem ser conferidos pela maioria do eleitorado, mas não deixam de exercer sua função no discurso — corroborando pela farsa entorno do desenvolvimentismo. Alertou, enquanto o custo de vida aumentava e o trabalhador rendia seu suor pela pátria, os frutos de seu trabalho estavam sendo extraviados para fora do país em benefício de corruptores.

Cifras igualmente espantosas atestam o decréscimo do valor de nossas exportações, o qual caiu de US\$,5 bilhões para US\$ 1,3 bilhões, ao mesmo passo em que o nosso endividamento externo passou de US\$ 1,7 bilhões para mais de US\$ 2,5 bilhões, ou seja, um aumento de quase cinquenta por cento num só quadriênio. Esses dados selecionados entre um sem-número de outros igualmente edificantes mostram a necessidade urgente de uma radical reforma na política monetária e na mentalidade administrativa. O que precisamos fazer não é embair a boa-fé dos cidadãos com obras mirabolantes, mas atender às necessidades fundamentais do organismo

nacional. É preciso substituir as paralelas que não se encontram jamais por um verdadeiro plano global de desenvolvimento, numa operação pan-brasileira em que as prioridades estejam devidamente estabelecidas, em que haja uma séria previsão financeira e que seja coordenada em seu conjunto, atenta aos requerimentos regionais e gerais.

O Brasil precisava se unir, argumentava, não em torno de obras cujo sentido “embusteiro” fizesse a população crer no futuro do país, pelo contrário, toda a política econômico administrativa precisava ser revista em direção ao nivelamento da balança comercial do país, juntamente as necessidades de cada região.

Precisamos sustar o declínio da taxa de crescimento para de novo elevar ao nível máximo antes atingido de 18% ao ano. A inflação deve ser detida mediante maior austeridade nos gastos do Governo, dirigidos estes para as obras reprodutivas. Urge emprestar socorro imediato aos estados e municípios desassistidos pelo governo federal em suas necessidades mais prementes. Impõe-se a aplicação de uma desassomburada política de incentivo à agricultura, que não somente garanta a nossa subsistência, e dê à indústria os elementos básicos de que necessita, como permita o aumento de nossas exportações, de modo a refazer o nosso desmoralizado crédito no exterior. Chegamos, hoje, a um ponto em que a amortização das dívidas está consumindo mais de 1/3 de nossa receita em divisas, que assim inexistem para atender às importações essenciais ao nosso dinamismo econômico. E, com urgência, iremos impulsionar as obras destinadas a diminuir os desequilíbrios regionais para que não nos arrisquemos a perder este precioso patrimônio da unidade nacional.

Em função do tópico anterior era necessário investir na agricultura do país, a qual afirmava ser tratada com desdém pelas políticas do governo desenvolvimentista. Através de suas colocações visava o atingir o eleitor rural desta forma exaltou o trabalhador dos campos como provedor do sustento nacional, sendo o investimento em suas atividades parte fundamental do programa humano articulado para vencer a crise.

Havendo debatido a fundo todos os nossos problemas, quis, apenas, nesta fase da campanha, chamar a atenção de meus compatriotas para a questão básica a que vão responder. Peço licença para falar claro e francamente: não devem ser dados a mim, mas a quem se apresenta como continuador desse estado de coisas, os votos daqueles que entendem deva prosseguir a atual irresponsabilidade administrativa. Não pretendo cultivar esse estado de coisas, mas detê-lo; não pretendo incentivar a inflação e estou decidido a pôr um paradeiro à desídia governamental; não pretendo contemporizar com o analfabetismo e o pauperismo, antes pretendo colocar o ser humano como preocupação central do meu programa de governo; não pretendo

incentivar o desperdício de dinheiro destinado a previdência social, nem acobertar os falcatureiros ou apadrinhar os negócios escusos; pretendo jogar todo o pêso do aparelho estatal na reestruturação da nossa economia, no seu desenvolvimento sadio e harmonioso; não pretendo continuar desenvolvendo uma política internacional em que nossos representantes falam como ventríloquos ou são mudos: sob minha presidência, o Brasil terá voz serena, mas firme, em matéria de política externa, e a nossa posição será determinada em função da nossa mais estrita soberania.

Enfatizou que sua campanha representava a chance de transformação do país para isso pedia a colaboração dos indignados e aflitos que partilhavam entre si o sentimento de “abandono” e a ciência dos desmandos do governo. E Concluiu, se sua campanha não serviu para demonstrar os equívocos da administração atual, não merecia os votos da população.

Sabeis todos o que penso. Sabeis o que fiz até hoje. Sabeis o que de mim podeis esperar. Jamais enganei a ninguém, nem mentiria para ganhar votos. Quero o voto dos meus compatriotas, mas os quero comprometidos com o programa que represento. Êle vai ser julgado. Pedi êsse julgamento. Aqui estou para recebê-lo. Recebê-lo-ei contente. Tenho a consciência de haver feito parte que me competia. Concidadãos, votai! Fazei, agora, o sinal da cruz! (O GLOBO, 3 de outubro de 1960)

Ao finalizar destacou a honestidade de sua campanha e indicou ao povo não a posição de meros votantes, ou seguidores, mas a função de aliados, compatriotas cientes da escolha que fariam. Reconhecia, enfim o término de seus esforços, se foi feliz ou não no esclarecimento da população as urnas diriam, afinal dependia que o “conhecimento” concedido fosse bem utilizado para decidir o caminho a ser tomado pelo país.

Do outro lado do *front*, o situacionista, reforçou os recursos que utilizou ao final da campanha pelo convencimento do eleitorado em sua capacidade de gerir o país, mas em especial pela ineficiência e perigo demonstrado por seu opositor.

Ao povo brasileiro!

Os que acompanham com isenção os acontecimentos políticos, a partir dos últimos cinco anos, conhecem a coerência de meus princípios e de minha conduta de militar e cidadão. Será, portanto, ocioso que eu afirme, meu respeito ao pronunciamento das urnas, acatando a livre manifestação da vontade popular.

Foi em obediência a tal propósito que em novembro de 1955 tomei a decisão de resguardar a integridade de nossas instituições democráticas, contra êsses mesmos que, dispostos ontem, a aplaudir atos que eu praticasse contra a manifestação das urnas, passaram, hoje, com a mesma desfaçatez, a atribuir-me intuítos e tentativas de subversão da ordem legal, com vistas ao resultado do pleito.

Iniciando a missiva ao povo brasileiro, Lott se manifestou em função de enaltecer e transmitir confiança quanto a sua imagem, firmada sob a seriedade e o compromisso com a democracia, sentido em que destacou a atitude que o evidenciou nacionalmente. Data invocada não só para a exaltação de seu feito e demonstração de sua concordância com a autoridade da escolha popular, como também para rememorar as posições golpistas da UDN e neste sentido atingir seus opositores.

Os pseudo-democratas que assim procedem, oferecem um desedificante exemplo de menosprêzo à opinião esclarecida do país e, particularmente, ao sentimento de nossas forças armadas. Sabem eles que essas gloriosas forças se estão comportando de modo exemplar, como se comportaram no passado. Admitem, porém, que elas se possam dividir para justificar suas fantasias condenáveis.

Minha disposição de ir às urnas com toda a confiança na soberania da vontade popular, se reforça ante a certeza absoluta da vitória.

Conto com o apoio maciço de importantes forças políticas, de movimentos extrapartidários e tendências genuinamente nacionais, que se têm avolumado surpreendentemente neste último mês da campanha.

Diferentemente do início de campanha, não destacou sua posição como cidadão isento e apesar de não mais integrar o exército militar, ainda em referência ao 11 de novembro, destacou a honradez das forças armadas em seu compromisso com a democracia. Como o opositor demonstrou fé na vitória de maneira a passar confiança ao eleitorado, agradeceu e reforçou o apoio de setores de viés nacionalista a sua candidatura.

O povo, na expressão autêntica de todas as suas classes, desiludido de promessas demagógicas, certo da sinceridade de quem nunca explorou as massas sofredoras, ansiosas de justiça social e de uma pátria livre de monopólios parasitários – o povo brasileiro tem consciência da escolha que vai fazer. Ninguém o enganará. Resta-me aguardar, tranquilo, a honra desta preferência.

Reclamando os sentimentos populares, correlatamente exaltou qualidades como sinceridade e honestidade conferidas a sua imagem pública, destacou seu projeto de governo pautado em perspectivas realistas e nacionalistas e desqualificou o opositor e seu projeto, permeado pela demagogia e o entreguismo.

A atitude discreta e elevada, do presidente Juscelino Kubitschek robustece minhas possibilidades neste pleito.

Compreende S. Exa. que o nome de seu ex-ministro da guerra constitui uma garantia continuidade dos grandes empreendimentos por êle projetados para a redenção econômica do país.

Revelando às forças políticas e ao povo suas tendências, o chefe do executivo federal, que é um grande líder do partido social democrático, não se envolveu em exibições nem apelou para métodos condenáveis, ao revés de governadores ligados ao meu opositor.

Entre os escândalos desta jornada figura, em culminância, o desafio à sensibilidade democrática do eleitorado brasileiro, lançado pelo poder econômico que sustenta a candidatura Jânio Quadros.

Espantam o vulto da propaganda, os meios materiais mobilizados, a frequência da publicidade impressa, irradiada e televisionada.

Dessa opulência faustosa, traduzida em “trens de alegria” e demonstrações berrantes, flagrante é o contraste com a modéstia de nossos recursos, que apenas permitem atender às necessidades mínimas da campanha.

Recorreu e exaltou a imagem de Kubitschek de formar a associá-lo a sua identidade política e elevar seu moral, tomando a mesma medida em efeitos adversos sobre os apoiadores de seu opositor. Denunciou a presença de forças por trás da campanha de Jânio Quadros, associadas aos interesses entreguistas que provocavam um descompasso nas possibilidades de campanha. De forma a sensibilizar o eleitorado identificou a disputa como um confronto entre “Davi e Golias” elencando a disparidade dos aportes disponíveis a cada campanha.

Nessa ordem de considerações, vale observar a distância que separa o nacionalismo de nosso movimento, daquela posição assumida, secretamente, pelos que tramam contra a Petrobras e o monopólio estatal do petróleo e denominam o nacionalismo de “uma grande farsa e uma grande chantagem”. Aparentam um nacionalismo de pantomima, visando efeitos eleitorais, com a mesma versatilidade com que sucedem visitas a SS o Papa e a Krushev, com se houvesse o propósito de deixar as portas abertas a todos os créditos e a tôdas as aventuras. No delírio de alcançar o poder, nada repugna aos que substituem a sinceridade pela ambição e os que fazem da fala de lealdade a arma suprema de sua campanha.

No delírio de alcançar o poder, nada lhes repugna.

Ao continuar sua ofensiva indicou que o candidato de mil faces não poderia ser outro senão o demagógico, defensor de todos não era menos que um interesseiro que escondia as próprias ambições e aquelas de seus patrocinadores. Seus apontamentos visavam convencer o eleitorado que Jânio Quadros era uma “fraude”, um “serviçal ardiloso” sob o comando de forças antinacionais que furtariam as riquezas nacionais.

Não foi o candidato situacionista, e sim o sr. Jânio Quadros, quem pleiteou o apoio dos comunistas, segundo confessou há pouco um seu lugar-tenente. Houve promessas do candidato udenista, através de emissários, ao sr. Luiz Carlos Prestes, quando à legalidade do partido comunista e ao reestabelecimento de relações diplomáticas com a União soviética. Declarações que sucederam a essas promessas. Também foi do meu opositor, a iniciativa de procurar o sr. Plínio Salgado, oferecendo-lhe uma carta na qual o pretendente cancelava as promessas feitas aos comunistas.

Na premissa de destacar o caráter demagógico da campanha oposicionista, trouxe à tona declarações de Jânio Quadros sobre os comunistas e a premissa de aproximação do bloco soviético. Esclareceu que não buscou o apoio dos representantes do comunismo brasileiro, posição imbuída ao seu opositor, acusando a falta de compromisso a ideais e a ambição de seu adversário que segundo sua narrativa sobre os fatos, cogitou desfazer seus acenos em troca do apoio dos integralistas⁶³.

Como, pois, temer um candidato assim? Como pode ser julgado um candidato, cuja palavra muda de tom e côr, de sentido e conteúdo conforme o ambiente, de acôrdo com o rendimento de votações pretendidas, marcando sua opiniões pelo meridiano geográfico de um ou de outro hemisfério, despreocupado dos reflexos dessa ambivalência interesseira, no espírito esclarecido de um povo politizado?

Uma acusação que questiona a premissa de independência política firmada por Jânio Quadros e o qualifica como servil a própria ambição, um candidato que sem pudor se vende por apoio em detrimento de qualquer ideal.

Estranham que se fale, em termos severos, da administração do sr. Jânio Quadros em São Paulo. Mas essas críticas se apoiam em fatos concretos, em provas que desafiam qualquer contestação, como atentados a direitos adquiridos, aumento de impostos e déficits orçamentários, obras contratadas sem concorrência pública, tomadas medidas extraordinárias, despesas consideráveis realizadas sem autorização legislativa. Sem falar na administração municipal, em que milhares de demissões se invalidaram no poder judiciário, onerando os cofres públicos com as reparações impostas pela justiça, e as contas da prefeitura acabaram sendo objeto de denúncia pública, por iniciativa dos próprios partidos que hoje o apoiam na sucessão presidencial.

⁶³Afirmção corroborada por Prestes em entrevista coletiva: “Fui procurado duas vezes por emissário de Jânio, e em ambas neguei o apoio dos comunistas”, dizendo ainda que nunca foi procurado por representantes de Lott (CORREIO DA MANHÃ, 23 de setembro de 1960)

O final das eleições se tornou um momento de desconstrução dos elementos lançados entre as partes, Lott não só questionou a integridade moral de Jânio Quadros como suas faculdades como administrador, neste sentido teceu críticas e levantou fatores no intuito de desmerecer seu currículo e gestão no estado de São Paulo.

Tudo isso faz parte da série de expediente reveladores do desespero que os aflige, ante a certeza da derrota. Apela para o uso de prévias eleitorais fantasiosas a fim de impressionar o público, que ignora que essas prévias são pagas pelas forças a que procuram satisfazer com os resultados apresentados, às vésperas do pleito. Insinua que haverá fraude nas eleições, manhoso argumento antecipadamente armado em justificativa a seu irremediável fracasso nas urnas.

Mais uma vez, afirmou a certeza em sua vitória, desqualificou as pesquisas de opinião que demonstravam o contrário, associando-as a narrativa do entreguismo e converteu a confiança externada por Quadros em desespero.

Brasileiros:

Habituei-me ao clima desta luta. Há muito conheço com quem lido. Nada surpreende em antagonistas que aparentando ardente devoção às liberdades constitucionais, se negam a publicar em sua imprensa, declarações do candidato apoiado pelas forças situacionistas e populares, dando assim um texto esclarecedor do estilo de governo que fariam, se um lamentável equívoco os levasse ao poder.

Podem tentar o que quiserem. Podem fazer de sua propaganda um espetáculo de sugestões e atrativos, de promessas vazias, na escala e na medida de suas ambições insatisfeitas. Nada me deterá. Nada impedirá que o povo consagre nas urnas do dia 3 de outubro, a minha candidatura.

Estou seguro desta vitória, porque ela significará o afastamento de um grave perigo a ação.

Ao concluir se portou como o representante das classes populares, que impelido pelo destempero das estratégias adversárias, tomou a posição ofensiva que se intensificou ao final das eleições. Reforçou as acusações e imprimiu os riscos que o país sofria caso Jânio Quadros e seu projeto “vazio” chegasse ao poder.

Confio nos partidos que me apoiam, porque sem essas organizações, intervindo em bom estilo nas campanhas políticas, a democracia perde uma de suas características fundamentais. Confio nos ideais das massas populares. Porque a nação percebe na posição por mim sustentada a que convém a seus interesses, a que responde às esperanças de sua independência econômica e cultural, a que preenche seus

propósitos de convívio democrático, a que satisfaz às suas aspirações de uma vida social mais justa e mais humana.

Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1960

(a) Henrique Lott (CORREIO DA MANHÃ, 1 de outubro de 1960)

Conclui externando uma posição oposta à de seu adversário quanto aos partidos políticos se colocou junto a população e neste último trecho fez desaparecer o “sacrifício” que pregou em sua campanha trazendo a “humanidade” identificada a seu opositor como qualidade de sua proposta política.

O período de campanha terminava restava aos candidatos esperarem confirmação da escolha dos brasileiros, confiaram na vassoura como o instrumento de renovação que era exibido, mas não só, em seu detentor, era mesmo honesto, independente um “representante do povo” capaz de administrar o país com eficiência e humanidade como nenhum havia feito antes? Realmente se sacrificaria, era abnegado, ou apenas um demagogo buscando por votos? Ou na espada como a garantia de independência e defesa da nação, como também em seu representante, era um homem sério fiel aos seus deveres, ou um traidor confesso e reincidente? Lideraria o país em benefício da maioria ou apenas a base de seu sacrifício? Essas eram algumas das questões pelas quais os discursos se esforçaram para responder, convincentes ou não corroboraram para a definição de um resultado.

3.5 Um olhar retrospectivo: o governo e a renúncia

As urnas falaram, Jânio Quadros ascendeu e Lott aceitou a derrota, segundo a argumentação do colunista uberabense João Edison de Mello, sua eleição demonstrava a vocação civilista do povo brasileiro que não aceitou ou aceitaria os militares no poder (O REPÓRTER, 21 de outubro de 1960). Em vista aos rumos completamente opostos que a política nacional tomou, sua interpretação seria cômica se não fosse trágica⁶⁴. Em virtude de um governo efêmero e conturbado, Jânio Quadros deixou a presidência e forneceu a seus detratores a oportunidade de reclamarem o direito a razão. Após a renúncia tentou voltar a governança de São Paulo, sendo derrotado por seu maior adversário, experimentando a primeira derrota eleitoral de sua carreira. Sua atuação não provocou uma guerra civil como preanunciava Lott, mas segundo seus opositores deixou o país mais frágil e suscetível ao golpe de 64:

⁶⁴Apesar do otimismo, não faltava ao jornalista a consciência da possibilidade do equívoco, conforme declarou ao final de seu texto: “*Estaria certo o raciocínio, segundo o desenvolvimento aqui exposto? A resposta pertence ao futuro*”

Pois sim, sempre sou o responsável. Não sei por que não me culpam também das caravelas portuguesas! Já e já vão me ver à beira do Ipiranga sendo o culpado da independência deste país. Ou então culpado pelo 15 de novembro de Deodoro, ou do movimento de 30. Sempre, sempre sou culpado, e nem respondo mais a essas críticas. (O PASQUIM, 1977, p.22)

Em pleno regime militar com seus direitos políticos cassados o ex-presidente externou sua indignação quanto a acusação através de uma entrevista ao Pasquim. Dirigida por um tom muito aquém do modus operandi atual que preza pelo enfrentamento e confronto dos fatos através de uma pungente impessoalidade, a entrevista que comemorava o aniversário de oito anos daquele jornal foi marcada pela informalidade e mesmo reverência ao político que os jornalistas confessaram ter votado em 60 (O PASQUIM, 1977, p.30)⁶⁵.

Recebidos por Jânio Quadros em sua residência, a equipe do semanário observou fotografias expostas de personalidades como Juscelino Kubitschek, Fidel Castro, Afonso Arinos, Abraham Lincoln, bem como de acontecimentos como a sua posse a presidência e a condecoração de Ernesto Che Guevara.(O PASQUIM, 1977, p.1). A entrevista abordou desde os primeiros passos de Jânio Quadros, suas relações familiares os colégios que estudou até sua primeira disputa eleitoral (O PASQUIM, 1977, p.4), perpassando pela aparição de um disco voador no quarto de Dona Elóia (O PASQUIM, 1977, p.41), até questões mais sérias como a renúncia e situação pela qual se encontrava o Brasil.

Amparado pela ausência de compromissos e prerrogativas políticas proporcionadas por aquele momento, Jânio Quadros deixou transparecer noções que não poderiam se apresentar nos discursos eleitorais abordados, como também se demonstrou firme a ideais que defendera durante o período.

Ao longo de sua trajetória política afirmava não ceder a direita ou a esquerda, uma postura política que poderia ser classificada como demagógica, porém correspondia a outro fator. Influenciada por valores cristãos de percepção do mundo, sua posição se vinculava a premissas que não correspondem a pressupostos ideológicos desenvolvidos por pares ou intelectuais, mas a uma doutrina que detém a verdade, universal e incontestável aos olhos de quem a segue, fornecendo concepções sobre aquilo que é correto, justo ou natural. Embora defendesse ser livre e independente, suas lentes políticas eram submissas a perspectiva religiosa, marcada pelas palavras de um certo padre jesuíta, conforme relatou:

⁶⁵Vale destacar a justificativa do jornalista Ziraldo sobre o voto “*Meu fascínio pelas coisas novas me levou a ser seu eleitor.*”. Neste sentido se compreende que o sentido renovador e transformativo de seus discursos surtiu efeitos ao sobre seu processo de escolha.

Certa vez saí de São Paulo e fui ao Chile, presidido por Eduardo Frei, um homem magnífico. Lá estava um jesuíta holandês chamado Veekmanns que me fez uma observação guardada por mim para sempre. Veekmanns dizia que na América Latina - do México para cá inexistia uma sociedade. Toda sociedade – disse ele — lembra uma pirâmide cuja base se apóia na grande massa. A seguir vem o corpo médio e depois vem a cumeada, a elite da pirâmide. Essa pirâmide deve caracterizar-se também pela unidade solidariedade e pela permeabilidade, de modo que quem esteja cá embaixo pode ascender e chegar à classe média, quem esteja no corpo médio pode ir à cumeada, e quem esteja na cumeada pode resvalar para o corpo médio ou mesmo para a base. Ora — diz ele — se alija o analfabeto da sociedade latino-americana, constituindo 1/3 ou 1/2 da população, como pretender edificar uma pirâmide? Como pretender construir um corpo social? Examinando o argumento não encontrei nenhuma brecha e até hoje parece perfeito. Enquanto não construirmos a nossa pirâmide não teremos nenhuma possibilidade de estado democrático nem possibilidade de justiça social. Esse não é um pensamento esquerdista, mas legitimamente democrático. E cristão. (O PASQUIM, 1977, p.8)

Baseado em posições cristãs e sobrepujado pela idealização de Veekmanns sobre o corpo social, Jânio Quadros apesar de pender a valores conservadores e tradicionais defendeu medidas que poderiam ser consideradas esquerdistas como a reforma agrária, o direito de greve, o fortalecimento e independência dos sindicatos ou mesmo a universalização da previdência social. Porém sua fidelidade a igreja firmemente defendida durante as eleições não parecia manter a consistência mais de uma década depois. O mesmo homem que visitava cada arcebispo, posava junto a entidades religiosas, sem censuras declarou: *“Sou católico apostólico romano. embora muito por hereditariedade. Não sou praticante como deveria ser. Eloá me puxa a orelha por entender que eu deveria aproximar-me mais da igreja.”* (O PASQUIM, 1977, p.47)

Neste momento a máscara caiu, não havia mais motivos para mantê-la o mesmo ocorreu sobre sua política econômica, defendida como humana, durante o breve governo se mostrou o contrário, caráter que comentou durante a entrevista:

Minha política econômica necessariamente me alijaria boa parte da popularidade. Era uma política de sacrifícios. A 204 caiu como um gravame nos ombros do povo, mas ou eu a adotava ou íamos para a insolvência. O processo inflacionário infrene era o preço que pagávamos por Brasília, preço que ainda estamos pagando. (O PASQUIM, 1977, p.14).

Talvez a maior promessa do discurso oposicionista, o fator que lhe diferenciava da situação, se convertia em seu oposto durante o governo. O discurso foi capaz de convencer o eleitorado sobre as capacidades administrativas do candidato e persuadi-lo a ter fé na promessa de superação das

crises, baldadas as esperanças e demandado o sacrifício popular, perdeu a legitimidade de seus fundamentos que se tornaram logro, diluindo o apoio a uma administração não realizada que sobreviveu apenas sob a imaginação nostálgica de Jânio Quadros⁶⁶:

Eu penso que tivesse contado com o apoio do Congresso, se o Congresso fosse eleito junto comigo, teria deixado uma bela lei de Reforma Agrária mais ou menos nos termos da Venezuela. Ainda ontem eu conversava com o Consûl-Geral da Venezuela e eu disse a ele que essa reforma agrária estava caminhando muito bem. (pausa) Teria deixado uma lei de Remessas de Lucros, teria promovido uma grande reforma educacional, teria estendido o voto ao analfabeto.

(...) Eu teria dado um grande impulso à tecnologia e à pesquisa no Brasil. Teria apoiado muito a nossa agricultura e nossa pecuária, ou seja, a produção dos campos em geral. Creio que o grande destino do Brasil ainda está na sua produção agrícola e agro-pastoril. O grande destino! Isto não exclui um processo de industrialização prudente, seguro, e quo reclame a proteção da empresa nacional media e de proporções continentais. Em linhas gerais é isso. (O PASQUIM, 1977, p.29)

Jânio Quadros sonhando com seu possível governo, rememorando correligionários e adversários que faleceram através de uma entrevista, como dito, marcada pela informalidade, ocorrida em um contexto de expectativas políticas, apesar da distensão iniciada por Geisel, diminutas, exprimiu sentimentos muito elucidativos sobre suas posições⁶⁷. Sobre Vargas o qualificou como um grande presidente (O PASQUIM, 1977, p.25). Sobre a renúncia expressou seu viés sobre a democracia e o regime político brasileiro:

Naquele quadro eu não voltaria. Como já observei, acredito muito em governos fortes (podem me culpar disso). No mundo em que vivemos não há mais oportunidade para a democracia liberal com a qual sonhava Rui Barbosa, copiando os pais da pátria americana. Essa democracia está extinta, sepulta, como o pássaro Dodô, das Ilhas Mauricio. (O PASQUIM, 1977, p.21).

⁶⁶ A instrução 204 segundo Felipe Loureiro, se tratou de uma reforma cambial que “(...) buscava unificar as diferentes taxas de câmbio existentes. As divisas para a importação de produtos pertencentes à categoria “geral” seriam obtidas no mercado livre. As cambiais, da categoria “especial” – referentes aos bens de luxo e/ou considerados supérfluos pelas autoridades econômicas –, ainda seriam adquiridas em leilões, porém ofertadas em quantidades restritas. Além disso, permitiu-se que os exportadores vendessem suas divisas livremente no mercado, com a exceção daqueles que exportavam café ou cacau. O câmbio de custo, que englobava os produtos cuja importação era subsidiada pelo governo – tais como trigo, petróleo e papel de imprensa –, foi desvalorizado em 100%. Por fim, estipularam-se limitações para a compra de cambiais da categoria “geral”: haveria cotas de divisas semanais por pessoa jurídica (US\$ 20.000), bem como a obrigatoriedade de o importador obter letras do Banco do Brasil no mesmo valor das divisas por ele compradas. Tais letras seriam readquiridas pelo governo em cinco meses, com juros de 6% mensais.” (LOUREIRO, 2010, p.564)

⁶⁷ Sistema ao qual chega a criticar, mas trata como fruto de uma “revolução”.

Se visava uma posição “autoritária” ou “livre” que o afastava de Kubitschek “*Eu discordava muito de Juscelino, tendo em vista o processo pelo qual governava, pois para permanecer em Brasília fez concessões de toda espécie. Não sou capaz dessas coisas, não chego a essas concessões. Em outras palavras: não devo ser muito bom político porque não consigo vergar. Prefiro estalar e quebrar a vergar.* (O PASQUIM, 1977, p.36), reconheceu ambos como parte de sua personalidade política através dos trechos apresentados.

Enfim, se em outras questões mais específicas pudesse demonstrar alternância, Jânio Quadros o homem atrás das palavras e a máscara que trazia em seus discursos eram indissociáveis sob a articulação de um político que sabia se expressar e manipular as regras do jogo: *O que aconteceu a Nixon foi um acidente de trabalho do qual não foi capaz de sair-se airoso. Deveria ter dito ao povo americano: "Mandei fazer sim. E quem não o faz ou não o fez?" Pronto, encerrava-se o Watergate. Mas foi negar uma bobice...* (O PASQUIM, 1977, p.46). Seu conhecimento político o auxiliaria nos próximos passos de sua jornada que ainda reservaria atuações importantes sobre períodos de destaque da história nacional, no entanto, nessa breve abordagem do limiar do último ato de sua vida pública se encerram as páginas desse trabalho, cabendo a novas pesquisas reconstruir e avaliar sua participação política em momentos posteriores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Terminada a redação, vale tomar algumas notas. Mais que um político sem atributos ou a personificação da enganação, conforme adjetivado por opositores e marcado pela memória. Enquanto candidato à presidência, Jânio Quadros propôs e discutiu com o eleitorado e a classe política, questões, inegavelmente, coerentes a realidade política nacional e internacional.

Sem enaltecê-lo, é necessário reconhecer que assim com seus adversários e políticos de seu tempo Jânio Quadros, articulou propostas coesas e como ninguém souber tecer discursos no intuito de prover a identificação daqueles que mais necessitavam da presença do estado. Não escapou do debate de questões importantes como o desenvolvimentismo nacional e a questão agrária, não faltou em imprimir posições quanto aos temas em voga no debate nacional, bem como não se isentou de posicionar-se politicamente em via das articulações internacionais no tempo da guerra fria propondo posições firmes quanto a posição do país quanto a guerra da Argélia, o racismo, independência, contra o imperialismo e cooperação entre os países em desenvolvimento.

Como ator político se integrou as discussões tomou atitudes individuais, como também partilhou de posições e discursos desenvolvidos em conjunto a seus pares. Conforme demonstrado por esse trabalho foi um articulador eficiente de palavras que, no entanto, não se guiou somente por atitudes felizes ao longo da disputa.

A desistência ao início de campanha conforme abordado é um traço marcante, não por desequilíbrio ou pela moral, mas por falta de ponderação ou indiferença sobre os efeitos sobre o eleitorado. Como candidato renunciou à maioria dos esforços efetivados em seus discursos para manter o apoio de ambos os partidos em disputa e se manter independente. Uma medida que apesar dos contrapontos ainda teve eficiência no período eleitoral, no entanto não haveria a mesma capacidade durante o exercício político, já que somadas a incapacidade de converter expectativa em realidade e a postura independente ou autoritária não facilitou a articulação política ou fomentou uma base forte de sustentação. Sem apoio popular ou político “estalou e quebrou”.

Ações que não podem ofuscar a pertinência dos elementos lançados ao longo das eleições, embora incorrespondida no âmbito da ação, a “humanidade” defendida como fator primário a política, no interior de um contexto tomado por crises, era uma prerrogativa sensível aos anseios populares que certamente promoveu identificação a sua campanha não só através do discurso como também pelos meios de potencialização que propagavam a ideia. O mesmo pode ser dito sobre a imagem que sua campanha o concedeu ao longo do período, pautada, não só pela premissa messiânica que marcou o período pré-eleitoral, mas pelo compromisso a população e a capacidade administrativa, qualidades que corroboravam pela crença na mudança.

Somado as crises, o período compreendeu acontecimentos que respaldaram seus discursos, bem como a ação de atores que o favoreceram e prejudicaram a campanha situacionista. A atividade do comunismo, a despeito das intenções, gerou entraves a campanha situacionista que além de defender as políticas desenvolvimentistas que elevaram a inflação e o “sacrifício” da população, teve que contestar os aliados indesejados, reforçando um anticomunismo que Jânio Quadros em suas aproximações não teve que se pautar. O levantamento do “assassinato” de Vargas, apesar de tardio, certamente gerou efeitos, tendo em vista as manifestações mencionadas e o fortalecimento da dissidência no interior do partido. Não só Jânio Quadros foi vitorioso pelas virtudes de sua campanha, como também Lott foi derrotado pelas intempéries que enfrentou.

Enfim, esses são apenas alguns dos fatores evidenciados ao longo deste trabalho através do amparo fornecido pelos discursos, capazes de promover uma compreensão diferenciada sobre o andamento das eleições de 1960. Ao contrário de estar aquém ou aparte dos debates contemporâneos e estruturar uma campanha caracterizada por artifícios embusteiros, Jânio Quadros esteve imerso as questões que competiam aquele contexto histórico, providenciou não somente uma imagem atraente para o eleitorado como também respostas verossímeis para um possível governo. Manipulou com destreza conceitos, emitiu narrativas e se furtou de elementos facilitadores da identificação com eleitorado. Seu discurso a despeito de prover sua eleição autonomamente, forneceu em sua complexidade a estrutura lógica dos artifícios que permearam a sua campanha, sendo que negar seus efeitos e sua incidência sobre o momento histórico pressupõe rejeitar todo o processo político que se desenvolveu ao longo do período eleitoral. Finalmente, espera-se que este trabalho tenha esclarecido a natureza de posições, ideias, qualificações e desqualificações e pelas luzes da leitura realizada tenha auxiliado na problematização de um recorte que apesar dos avanços ainda há de ser explorado e problematizado com mais afinco.

FONTES

Acervo Hemeroteca Digital Brasileira Tribuna da Imprensa (RJ) Setembro de 1959 até Outubro de 1960

Acervo Hemeroteca Digital Brasileira Última Hora (RJ) Setembro de 1959 até Outubro de 1960

Acervo Hemeroteca Digital Brasileira Correio da Manhã (RJ) Setembro de 1959 até Outubro de 1960

Acervo Hemeroteca Digital Brasileira O Repórter (MG) Outubro de 1960

Acervo Digital O Globo Setembro de 1959 até Outubro de 1960

Acervo Digital O Globo Arquivo Pasquim

REFERÊNCIAS

- ALVES, Eduardo Silva. Wherefore art thou, Jânio?: percepções de Time Magazine sobre o governo Jânio Quadros 1958-1961. 2013. 242 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994
- BOTELHO, Marcelo de Azevedo. “*Louvemos e aplaudamos a medida presidencial*”: *A censura moral de Jânio Quadros e a imprensa católica da Guanabara (1960-1961)*. Seropédica, RJ. 182 f. Dissertação (Mestrado em História, Relações de Poder, Linguagens e História Intelectual). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2016
- BOURDIEU, Pierre, “O campo político”, Disponível <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522011000100008&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>, acesso 30 Setembro, 2020
- BLOCH, Marc, “Apologia da História ou o Ofício do Historiador”, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2001
- CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988
- CORREIA, Pedro (org.) *Brasiliana IHGB: Instituto Histórico E Geográfico Brasileiro - 175 Anos*
- CHARAUDEAU, Patrick, “Discurso Político”, 2 ed., 4ª reimpressão, São Paulo: Contexto,2018
- CHARAUDEAU, Patrick, “Linguagem e Discurso: modos de organização”, 2ªed., 4ªreimpressão,São Paulo: Contexto, 2019
- CHARAUDEAU, Patrick, MANGUENEAU, Dominique “Dicionário de análise do discurso”, 3.ed.,3ªreimpressão, São Paulo: Contexto, 2018
- CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. *O traço burlesco. Caricaturas integralistas no período da Guerra Fria - (1946- 1961)*. Juiz de Fora, Editora da UFJF. 2021. (No prelo)
- CORREIA, Pedro (org.) *Brasiliana IHGB: Instituto Histórico E Geográfico Brasileiro - 175 Anos*, 1.ed, Capivara editora, 2014
- FICO, Carlos, *O Brasil no contexto da guerra fria: democracia, subdesenvolvimento e ideologia do planejamento (1946-1964)*. In *Viagem incompleta: a experiência brasileira*, organizador Carlos Guilherme Mota, São Paulo, editora SENAC, 2000
- MAGALHÃES, Felipe Santos. (1998), *Varrendo Jânio: trajetória parlamentar (1947-1953)*. Dissertação de mestrado, São Paulo, PUC
- GADET, Françoise, “Prefácio”. In “*Por uma análise automática do discurso: Uma introdução a obra*

de Michel Pecheaux”, organizadores Françoise Gadet, Tony Hak, 3. ed., Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1997

PRESTES, Luiz Carlos. *Por que os comunistas apoiam Lott e Jango*, disponível, <<https://www.marxists.org/portugues/prestes/1959/09/comunistas.htm>> acesso em 2 jul 2018

KOSSELECK, Reinhardt, “O conceito de história”, Belo Horizonte: Autêntica, 2013

KOSSELECK, Reinhardt, “Futuro Passado, São Paulo: Contraponto, 2006

MACHADO, Ida, MENDES, Emilia, “A análise semiolinguística seu percurso e efetiva tropicalização”. Disponível <<https://raled.comunidadeled.org/index.php/raled/article/view/50/52>>, acesso 30 Setembro 2020

MELTON, James “Otto Brunner e as origens ideológicas da Begriffsgeschichte”. In “História dos Conceitos : debates e perspectivas, organizadores Marcelo Gantus Jasmin e João Feres Junior. Rio de Janeiro: Edições Loyola: IUPERJ, 2006

ORLANDI, Eni “Análise do Discurso Princípios e Procedimentos”. São Paulo: Pontes, 2015

POCOCK, John “Conceitos e Discursos: uma diferença cultural? Comentário sobre o paper de Melvin Richter” In “História dos Conceitos : debates e perspectivas, organizadores Marcelo Gantus Jasmin e João Feres Junior. Rio de Janeiro: Edições Loyola: IUPERJ, 2006

POCOCK, John “O conceito de linguagem e o METIER D’ HISTORIEN”. In “Linguagens do Ideário Político”. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003

QUELER, Jefferson Jose. Entre o mito e a propaganda política: Jânio Quadros e sua imagem pública (1959-1961). 2008. 349p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/281044>>. Acesso em: 24 jun. 2021

QUELER, Jefferson Jose. “A roupa nova do presidente: a politização da imagem pública de Jânio Quadros (1947-1961)”. Disponível <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142011000200003>, acesso 30 Setembro 2020

SKINNER, Quentin. "Meaning and Understanding in the History of Ideas.". Disponível <<https://www.jstor.org/stable/2504188>>, acesso 30 Setembro, 2020

SKINNER, Quentin. "Some Problems in the Analysis of Political Thought and Action.". Acesso 30 Setembro, 2020

TOLEDO, Caio. O governo Goulart e o golpe de 64, São Paulo: Editora Brasiliense, 1982

ANEXOS

ANEXO I :discurso ao Partido Democrata Cristão

Sr. presidente da convenção do Partido Democrata Cristão, professor Queiroz Filho. Srs. representantes dos partidos políticos grandes da mesa senhores convencionais.

Quando recuo em uma vida que não se desenrola muito longa, pergunto-me porque, e faço humildemente, o altíssimo em seus desígnios supremos, houve por bem lançar sobre os meus ombros esta tarefa.

Mal acredito que tenha visto a luz da nossa estrela na longínqua e bruxuleante Campo Grande, então num ponto lançado pela aventura, e o pelo pioneirismo no imenso e ignoto Mato Grosso. Dê lá para Curitiba, e para os anos da minha primeira formação e aí a sorte já me reservava cruzar com alguém que posteriormente seria o grande prefeito da capital dos paranaenses e o grande deputado do partido, que é meu dileto amigo Nei Braga.

Afinal, São Paulo e com São Paulo esta carreira nas lides políticas que, ao invés de me envaidecer me põe temeroso, cômico que estou das responsabilidades em que elas implicam.

Mas como supor que afinal para coroamento, se chegasse essa indicação à presidência da república? O simples fato é honra tal, que o recebo, senhores convencionais, esmagado. Eu recebo com a voz embargada pela emoção. Eu recebo nas festas íntimas da consciência cívica, mais do que nunca humilde e jurando não desapontar, a não decepcionar, a não defraudar, as esperanças daqueles que me estendem a mão generosa e me impelem no caminho do dever dos altos encargos da nação.

A alguém precisava caber a tarefa. Ainda ontem o general nordestino, intendente de cabelos brancos cruzou por mim e me fez o aceno para que o seguisse, não hesitei. Representava ele então a mesma inconformidade que o todo-poderoso houve por bem fazer-me encanar.

Não foi a sua pregação não foram os seus sacrifícios perdidos, não foi o seu esforço inútil. Congregou-nos, reuniu-nos, inteirou em nós a determinação de lutar, levou-nos a convicção de que estávamos certos, conquistando novas multidões para nossa causa e seus princípios, tornando mais fácil, embora ainda penosa a caminhada, o mato-grossense de Campo Grande, governador de São Paulo, o deputado pelo Paraná, vende suas mais sentidas homenagens a figura de Juarez do Nascimento Távora.

Tive ocasião, solenemente, ao receber um memorável ofício do Presidente Antônio de Queiroz Filho, de aceitar os pontos programáticos do PDC. Não fiz com nenhuma dificuldade ou transigência. Fi-lo e só porque estou convencido de que eles traduzem as mais sentidas aspirações da gente brasileira.

Ainda agora, quando eu ouvia com essas lágrimas que me revelaram por insopitáveis, o deputado Nei Braga discorreu sobre a integração econômica, social e política da América latina, sobre a reforma agrária, sobre a reforma de estrutura da empresa, sobre a descentralização e o planejamento da administração, a Petrobras e o nacionalismo, eu procurava rever em mim mesmo, recolhido sobre o meu eu, os conceitos que já firmei em várias oportunidades e encontrei afinidade absoluta. Quero declarar com esses e que chegando à presidência da república, intérprete da insatisfação e da angústia que se apossaram do nosso povo, reproduzir o máximo que em mim esteja, para que este programa do PDC se concretize plenamente.

Haveremos de repor na ordem esta nação. Haveremos de provar ao mundo que a nossa democracia não é o governo da irresponsabilidade. Iremos ater-nos a rigorosas normas de moral administrativa. Queremos deitar a mão no processo inflacionário antes que ele destrua a nação. Iremos encorajar o trabalho nos campos e nas fábricas e nos campos para o homem que cumpre valorizar. Não o faremos com acenos para a Pátria do futuro, mas comovidos pela tragédia que alcança a pátria no presente.

Iremos desenvolver as nossas riquezas e pô-las ao serviço dos brasileiros, que assim agindo estaremos apostando a causa democrática na América e no mundo um dos maiores serviços. Iremos cogitar do que reputo uma das nossas mais graves deficiências no despreparo que pode conduzir-nos a penas terríveis; a inadequação das condições que se registram na educação da juventude da nossa terra.

Iremos escravizar-nos a lei, como a lei está escrita, e a constituição, como a expressão soberana da nacionalidade. Faremos sem ódios, sem preconceitos, sem prevenções, um governo que nos permita recolhendo o povo o seu apoio e a sua sustentação. Não faremos um governo sectário, de retaliações, de rancores, mas um governo de justiça, disciplina e de trabalho.

E eu não tenho dúvida de que nesse governo o PDC tira o lugar que seus ideais e seu passado autorizam. Receba essa demonstração que alcança ainda outro homem de bem o honrado deputado pelo PTB, Fernando Ferrari.

Recebo essa indicação para dizer aos senhores convencionais que eu não faltarei. Podem estar seguros de que nessa cruzada que é a renovação, com forças ainda maiores, e outra que acabamos de fazer, encontrar-me-ão por toda a vasta nação com todas as minhas energias e toda minha fé, convencido que estou de quê, interpretar e converter em realidade os sentimentos coletivos em favor da democracia que procuramos nas cruces Pistóla e bá converter-se em realidade.

Vamos instaurá-la pela nossa dedicação, pela nossa capacidade de sacrifício, pelo nosso exemplo, edificando a república para os brasileiros de hoje e de amanhã, fortalecendo a e dignificando a na ciência que é nossa, os riscos internos e externos que hora a envolvem, desamparada que a vemos, combalida e indefesa.

Vamos Unidos pela grande pátria. Creiam que no terminar a jornada, conosco estarão as nossas gentes, na Vitória almejada, e conosco abrir-se-á uma nova era, presente no Triunfo aquela mesma Cruz que chegou com os primeiros Navegantes: a cruz dos pedecistas.

Despeço me levando para minha casa o mais raro prêmio que me podem conferir o de tornar alguém um conterrâneo, um irmão de berço candidato a suprema magistratura da nação. Conduza este prêmio para o recesso do meu lar e fico esperando dos nossos primeiros passos; serenos e firmes, quem hão de construir o regime do povo, pelo povo e para o povo, que ainda nos falece: a verdadeira democracia, livre, igualitária e justa e por isso cristã. (O GLOBO, 19 de outubro de 1959)

ANEXO II: discurso a União Democrática Nacional

Senhor presidente Deputado Magalhães Pinto, senhores representantes dos partidos, senhores integrantes da mesa, senhores convencionais.

Justifiquem-me a emoção com a qual me dirijo a esta Assembleia. Sou daqueles que as peijas E os sonhos udenistas beneficiaram de forma direta, ao possibilitarem participação na vida pública.

No meu caso particular, mostro perfeita correspondência entre a pregação partidária e a minha conduta Cívica. Adotei com ufania, nas primeiras jornadas, a figura impoluta e corajosa do Tenente Brigadeiro Eduardo Gomes. Mais adiante, encontramos outra vez, na agremiação e eu, quando me incorporei a campanha desse singular cidadão e soldado que é Juarez do Nascimento Távora. Nunca presumi, se quer nos arroubos de moço, que me coubessem, um dia, a honra e a responsabilidade de deter a confiança desta legenda, e conduzir-lhe a bandeira! Pois bem. Neste passo, afirmo, solenemente, que não a deixarei cair. Hão de socorrer me as forças que o passando glorioso, no qual não se perdeu a honra, e o presente de angústias, no qual se conserva a fé, emprestam aqueles que almejam servir a pátria. Com o auxílio do entusiasmo o concurso dos conselhos da UDN, a que se acrescentam outras legendas de alto valor, afirmação não será havida como temerária. Em muitos instantes, e por muitas vozes, acusaram-me de perseguir, atropeladamente, os postos eletivos, em delírio ascensional. Repilo a increpação. Companheiros sabem que somente o peso das circunstâncias, em alguns casos, e até ao revés da minha vontade expressa, lançou-me aos pleitos. Ainda há pouco imaginava, isento dos maiores encargos, que já me fizeram quite com a nação, e podia restituir me a família, a profissão, as obrigações menores. Cumprira o dever como Deus e a consciência me indicaram. Nem bem, nem mal, que não posso me julgar, eu entendo que esse júzo reclama, pela sua natureza, perspectiva no tempo, mas não inteiro contentamento de quem sabe que esse dever foi esgotado, até onde as energias lhe autorizavam. Quis, porém, a providência, cujos caminhos surpreendem, que um mato-grossense, criado no Paraná

e ex-governador dos paulistas, viesse apontado pelo clamor telúrico da nossa gente e pela generosidade dos dirigentes políticos, para disputar a chefia da nação. Como contrapor, então, o meu interesse ao da comunidade, quando a aceitação é, também a de um desafio, para que se negue, por último, ou se comprove finalmente, a própria vivência da nossa democracia? Eis, no que implica a convocação popular, retificando pelas várias facções e, entre elas, pela dos udenistas.

Cumpra saber de fato, se é ou não possível entre nós o governo nascido nas urnas e, a um tempo, austero, rigoroso e justo.

Para mim, não tenho dúvidas. Não creio nas concessões demagógicas. Não creio nos sufrágios da fraude. Não creio nos desmaios da autoridade. Não creio no pensamento coartado. Não creio na incontinência orçamentária. Não creio na desordem administrativa. Não creio nas soluções centralizadoras. Não creio na intolerância das filosofias e das confissões. Não creio nas ditaduras de qualquer tendência. Não creio nos sindicatos violentados. Não creio na previdência das espórtulas constrangedoras. Não creio no latifúndio antissocial. Não creio no tráfico de influências. Não creio nos privilégios ao arpejo da lei. Não creio na festa da intervenção nos preços, com o desprezo da produção agônica. Não creio na disciplina que desmancha a hierarquia e ofende estabilidade dos governos. Não creio na distorção da liberdade, que se demuda em licença. Não creio, enfim, o que se ver ao nosso alcance e a nossa roda, como se fôra democracia, quando é a sua caricatura, a sua cárie! Creio, sim no ímpeto da Constituição. Creio na nobreza da magistratura suprema. Creio na sentença dos tribunais. Creio na autenticidade das casas legislativas. Creio na eficiência e na moralidade burocrática. Creio na moeda sadia, com a qual se pague a despesa corrente e se amealhe o pecúlio do Amanhã. Creio no proletariado consciente. Creio na opinião garantida pelas franquias e limitada pelos códigos. Creio na pátria que se desenvolva harmonicamente, fraternalmente, sem atitude bifronte do pai, do padrasto. Creio na agricultura e na indústria, que se justapõem e se completam no progresso coincidente, permissivo dos mercados interno e externo. Creio na livre empresa, embora circunscrita pela vantagem da comunhão. Creio na nossa maturidade, que nos impõe caminhar pelo mundo sem tutelas ou temores. Creio na defesa do nosso solo e, por isso, na Petrobras, que é a sua melhor expressão, na do nosso acervo espiritual e da nossa soberania. Creio nos cuidados do homem do campo, e na integração das suas virtudes de operosidade e inteireza, à família nacional. Creio na infância e na juventude, que a técnica e a ciência protegeram e formaram para nossa perpetuidade. Creio na força incoercível do povo, manifestação da onipotência Divina! Aí tem no que eu creio e no que descreio.

Detenho-me. Asseguro senhores convencionais que a única inspiração a impetir-me é a de, no embate sucessório, examinar todos os aspectos básicos da realidade pátria, o que farei na permanente auscultação das populações por todo nosso território.

Não tenho inimigos nessa lide nesse propósito que não sejam os inimigos da própria República. Eis o plano em que pretendo conduzir meio único em que a opinião deseja a campanha, por que a esclarece, por que a educa.

Já me chegam, vindas da sarjeta, as primeiras injúrias. Concito os que imenso a que se detenham na meditação do desserviço, que a ninguém dá rendimento, mas abre feridas que, mesmo cicatrizadas, marcam indelevelmente, com prejuízo para concordância nos esforços, que cumpre ser de todos, de construção do país.

Exprimo aqui, minha profunda gratidão aqueles que me tem encorajado, em princípio pela minha mãe, pela minha esposa, pela minha filha, a prosseguir na tarefa a que, agora, ainda mais me comprometo. Esse agradecimento vai também aqueles que de mim discordam me censuram, desde que com a indicação de novos rumos. Curso com o mesmo zelo que empresta os que me proporcionam seu apoio, na minha concordância.

Comecemos, pois, nossa jornada. Pressão das instituições do sufrágio universal, representante das camadas mais humildes, mais sofridas e, por consequência, as mais legítimas do nosso povo, juro aqui senhores convencionais, empenhar-me na preservação desses valores, protegendo-os e servindo os com lealdade e dedicação integrais. Sem ódio, nem tibieza, mas, com devotamento firme, estendo as mãos ao Brasil eterno, envaidecido de tê-lo como terra. A de permitir o Senhor altíssimo que, os nossos sacrifícios, o nosso entusiasmo, seja ele uma nação melhor, mais generoso para aqueles que o receberam por berço o que escolheram para a vida e para a morte. Edifiquemos, assim, a República dos Anelos dos seus formadores, cristã, indivisível, equânime, próspera e democrática! (O GLOBO, 08 de novembro de 1959)

ANEXO III: discurso ao Partido Trabalhista Nacional

Este partido e eu temos tido existências paralelas. Caminhamos lado a lado, por longos anos, entendendo nós mesmos a distância, de forma fraternal e completa. Posso asseverar, aqueles que me ouvem, presentes a este soberbo espetáculo cívico ou no recesso dos seus lares, através do rádio, que em nenhum instante no passado os trabalhistas nacionais me constrangeram com pedidos ou exigências que eu não pudesse atender. Em outras palavras: deram sempre, a minha presença, o testemunho do seu desejo de colaborar para quê estes ideais que perseguimos, para que estes sonhos que acalentamos se corporificassem em esplendida realidade. Nunca me faltou o PTN este testemunho desejava oferecer aqui, solenemente, quando ele se reúne na sua convenção. Que devo acrescentar, quando me encontro neste teatro, tomado pelo povo simples, pelo povo laborioso e bom, em um ato de consagração da legenda e daqueles que a conduzem? Nada, exceto umas poucas palavras, no que respeita à minha candidatura.

Meus senhores:

Pudesse eu, tivesse eu o direito da opção, e talvez não fosse candidato à presidência da república. Compreendamos que me ouvem, sintam-se no meu lugar. Chega me sobre os ombros o cansaço das longas caminhadas. Já servi como vereador, já servir como deputado, já servi como prefeito, já servi como governador. O poder não mais me fascina, não mais me engana, não mais me tenta. Eu sei o que ele custa. Conheço-lhe os sofrimentos, experimentei-lhe as angústias e estou marcado pela tragédia dos governos, quer na direção cidade, quer a frente deste estado. Ah! Se eu pudesse voltar a minha profissão, a minha família, a minha existência, se eu pudesse ser, e só, o chefe de uma casa, o marido e o pai. Sem desdouro, sem arranhão, inteiro, intacto, íntegro, não hesitaria. Sobretudo quando a sina dessa presidência me chega no drama deste instante. O que oferecer ao povo brasileiro? Que prometer a gente da minha terra? Como alimentar lhes as esperanças, como sustentar lhes a fé na negra noite em que nos encontramos, todos, inquietos, temerosos, amargurados na incerteza do presente, na incerteza do amanhã, sentindo o solo da República tremer sobre os nossos pés e perguntando a nós próprios, no recesso do lar, o que nos espera, não no futuro longínquo, mas no futuro iminente, no futuro que chega quando vencemos apenas uma noite.

Eu não tenho meios nem modos para termos ou promessas aos meus patrícios. Prometer como, quando o dinheiro aí está dissolvendo se, derretendo se na inflação galopante e vergonhosa, que empobrece o pobre, fazendo o resvalar para miséria, enquanto enriquece os ricos, nos escândalos que possibilita? Prometer o quê, com a agricultura sucumbida, De Joelhos, no café, no algodão, nos cereais, na produção do cacau, na extração da borracha? Prometer o quê, quando, se não bastará o abandono daquele que é dono da Gleba, daquele que planta, e por isso deseja colher, abandonados estão também os que trabalham para o agricultor verdadeiros parias a margem da sociedade, os desgraçados colonos subnutridos analfabetos, doentes, injustiçados? Prometer o quê quando está na chamada previdência social dos arranha-céus de condomínios, das imoralidades no fundo sindical, das filas as portas dos institutos, que concedem esmolas? Prometer o quê, no caos dos transportes, o sistema ferroviário em deliquescência, em pedaços, no sistema portuário, que já não tem onde um navio atraque, da navegação marítima, costeira ou fluvial, que é um arremedo, nas estradas intransitáveis, como a rio-bahia, fundamental para a nação? Prometer o quê, quando nordeste mais e mais se avita, depauperado, exangue, como senão pertencesse ao mesmo Brasil? E já com os primeiros sinais da revolta cuja consequência nenhum de nós é dado prever. É a unidade do patrimônio comum, é a própria unidade da herança comum que se encontra em jogo. Prometer o quê quando a infância morre como morrem os pássaros, no mais inteiro abandono, mais completo esquecimento, o mais total olvido? Prometer o quê, quando a infância e a juventude não têm escolas, não tem cursos de preparação técnico-científica, em um país que pretende construir o seu arcabouço industrial? Prometer o que quando, no resumo, acena se, para todos vós, para mim, marido e pai,

para os que aqui se encontram, maridos e pais, com a república do porvir, com a república que virá, abundante, generosa e sobre o peso da desordem que aí está, como se formássemos gerações amaldiçoadas e proscritas?

Mas quem de nós tem dúvida quanto o Brasil de amanhã? O Brasil do amanhã será potente, sim, terá fortuna, sim, ainda que seus filhos não desejem. O que a nacionalidade quer é o Brasil de hoje que nos falta. E esse Brasil é que nos está sendo subtraído, esse Brasil é que nos está sendo desviado, esse Brasil é que nos está sendo furtado. É isso, Brasil, que exigimos, na nossa condição de filhos desta terra, pelo direito sagrado uma pátria melhor, pelo direito sagrado uma pátria mais humana, pelo direito sagrado á uma pátria mais cristã, pelo direito sagrado a uma pátria mais equânime, pelo direito sagrado há uma Pátria mais democrática; eu não sei, convencionais o que prometer. Ah! Se eu pudesse, tirar dos meus ombros o fardo. Por duas ou três vezes afirmo-lhes, empenhado a minha palavra, estive para renunciar a minha candidatura, para voltar para minha casa, para pegar a mulher em uma das mãos, a filha que cresce longe de mim por outra e dizer que vou fugir, enquanto Deus me permite dizer: é com a consciência em paz que o dever foi cumprido. Mas como, quando ando pelo Paraná e os operários suarentos largam o prédio em construção, caminham para mim e me abraçam, ou através de Santa Catarina, ao longo das estradas, reúnem pequenas multidões, erguendo a vassoura? Como quando sei que esse é o sentimento do Amazonas, que esse o sentimento em Campina Grande, que esse e o sentimento em Cuiabá que esse é o sentimento em Juiz de Fora, que este e o sentimento em Porto Alegre? Como? Alguém precisa realizar a obra, alguém precisa carregar a cruz, porque o governo não é nada mais, governo da nação dolorida, o governo da nação amargurada, governo da nação entristecida, o governo da nação tenebrosa. Senão uma cruz, uma pesada cruz. Alguém deve transportá-la e eu quero terminar aqui, dizendo a vocês, petenistas da convenção, o que eu disse a Florianópolis delirante: apanho a, tomo a as costas e, arranco com ela, sim confesso, tropeçar ponto, confesso, hei de cair, porque ele o salvador, tropeçou e caiu. E vou cômscio do que me aguarda; vou ciente da minha agonia; vou convencido do meu martírio pessoal; vou sabendo que posso até pagar com o máximo preço, por tela posto nos meus ombros já cansados. Mas vou com um conforto, ou com uma alegria, vou com uma festa na alma, vou com sinos bimbalhando no coração, porque se é verdade que lá em cima me crucificam, também é verdade que lá em cima está a nossa salvação. (O GLOBO, 23 de novembro de 1959)

ANEXO IV: mensagem de ano novo

Sejam as minhas primeiras palavras de candidato a presidência da república neste limiar de 1960 de saudação à família brasileira.

Estou entre os que consideram que iniciamos neste ano de 1960, já não só no Brasil particularmente, mas no mundo inteiro, uma década gloriosa em que a humanidade acima das divergências ideológicas e de mil disputas estéreis encontrará o caminho da convivência pacífica em que os esforços se conjugarão com vistas a atenuar os desníveis sociais entre os homens e as disparidades entre as nações.

Iniciamos uma época em que os povos subdesenvolvidos ou em estágio colonial tomarão consciência de suas realidades e ocuparão seu espaço entre as nações livres e autodeterminantes.

Ao Brasil corresponde em nome das suas mais caras tradições garantir as liberdades democráticas aos seus filhos e através de uma política exterior independente, autêntica serena, porém firme e desassombrada desdobrar-se para que viva o mundo em paz, liberto das influências imperialistas de qualquer tendência e das manipulações colonialistas e neofascistas.

Este é o exemplo que o Brasil pode e têm por dever oferecer ao mundo.

Nós que amalgamos a nacionalidade como bloco monolítico fiel às suas origens latinas, lusitana e cristã, que asseguramos pacificamente a integridade da língua dos costumes das instituições para o destino comum nós que assimilamos todas as raças que abolimos por força de lei os preconceitos, que superamos as mais graves contradições internas sem recurso à violência sem nos expormos a fragmentação que pulverizasse o Brasil que recebemos nós que em meio a adolescência já figuramos entre as grandes nações do mundo e nos constituímos em herdeiros da latinidade nós podemos oferecer um exemplo. Nisto se alimenta a nossa luta, ai redobramos forças e nos inspiramos para renovar as energias para o bom combate democrático.

Sou por índole, contra o obscurantismo, contra o reacionarismo negativista, contra os pregoeiros do pessimismo, contra a inércia e a estagnação, contra os que duvidam do futuro do país e da capacidade de superação de seu povo.

Represento nessa porfia, o compromisso de uma geração a que um passado sombrio e recente procurou frustrar a sua oportunidade de conduzir os seus destinos.

Pretendo se para tanto tiver apoio desta grande coletividade em ascensão de moços em corpo e alma, encerrar um ciclo fecundo de ensinamentos políticos, sem dúvida, mas que levou o país às portas da desintegração e das incompatibilidades irremediáveis.

Se há um compromisso irrecusável a que me submeto até a medida extrema das minhas forças é de que o Brasil não faltará no encontro de seu destino histórico.

Os próximos tempos serão ainda ásperos mas estou certo de que desencadeada uma política econômico-financeira que consulte exclusivamente aos interesses do país, sem vacilações ou temores diante de influências estranhas e alienígenas lograremos conter o ritmo inflacionário em termos harmônicos com o desenvolvimento e os investimentos públicos produtivos.

A melhor distribuição da renda nacional. A reforma agrária que impeça a sobrevivência e a permanência da propriedade estéril e malbaratada e crie condições que imensa população de párias e marginais se tornem fatores de produção e consumo: a diversificação dos produtos exportáveis e a criação de mercados importadores em todos os países do mundo sem atentar para as condições internas de cada um e uma política inflexível de apoio ao empreendimento nacional contra o capital internacional colonizador que muitas das vezes à falta de um controle racional, científico e sobretudo patriótico que parte de nossas autoridades descapitalizaram o Brasil ao exportar para o país de origem o capital investido e sucessiva e indevidamente a própria riqueza nacional.

Estou persuadido de que a um programa dessa natureza não recusarão solidariedade e compreensão os homens de boa vontade deste país os patriotas, os estudantes e o proletariado as classes produtoras o homem do campo, a grande corrente do pensamento nacionalista a que estou ligado desde os tempos das bancas acadêmicas.

A este povo estendo a mão e dirijo o pensamento e envio os melhores votos aos primeiros instantes de 1960. (TRIBUNA DA IMPRENSA, 4 de janeiro de 1960)

CONTRA FATOS NÃO HÁ ARGUMENTOS!



4 anos em que governou São Paulo, JÂNIO construiu:
251 novos Grupos Escolares, Ginásios e Escolas Normais. Ampliação e reforma de 81 Estabelecimentos de Ensino. Construção em fase final, de 269 novas Escolas de vários graus de ensino.



**ESTE O SALDO DO GOVERNO
JÂNIO EM SÃO PAULO**

NA PRESIDÊNCIA DA
REPÚBLICA, O MATOGOS-
SENSE JÂNIO, DARÁ AO
BRASIL MILHARES DE NOVOS
ESTABELECIMENTOS DE
ENSINO.

PARA O BRASIL – O JEITO É JÂNIO!

CONTRA FATOS NÃO HÁ ARGUMENTOS!

JÂNIO

EO CUSTO DE VIDA



POR QUE
TUDO SOBE E
NADA SE FAZ
PARA BARATEAR O
CUSTO DE VIDA ?

- Falta disciplina nos gastos do Governo..
- Falta incrementar a Produção...
- Falta moralização administrativa...
- Falta... **JÂNIO!**

Porisso, todos repetem,
porque **SABEM** que
para o **BRASIL**

— O JEITO É **JÂNIO!**

CONTRA FATOS NÃO HÁ ARGUMENTOS!



JÂNIO

E A PETROBRÁS



- Como vereador, foi dos primeiros a defender o Monopólio Estatal do Petróleo!
- Como Deputado, preferiu discursos que mobilizaram a opinião pública, em favor da Petrobrás!

NA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, O MATOGROSSENSE JÂNIO, DARÁ À PETROBRÁS, RECURSOS TÉCNICOS E FINANCEIROS QUE NOS LIVRARÃO LE VE DA DE, DA IMPORTAÇÃO DE PETRÓLEO E SEUS DERIVADOS!



PARA O BRASIL - O JEITO É JÂNIO!



a ordem é: **CALUNIAR!**

JÂNIO

inaugurou um novo estilo de governo, honesto, dinâmico e eficiente!

JÂNIO

moralizou o serviço público!

JÂNIO

reconquistou para o governo a confiança popular!

JÂNIO

concretizou o mais gigantesco plano de realizações que se conheça!

Para "eles" nada disso importa. O que importa para "ELES" é
CALUNIAR, DIFAMAR, AMEAÇAR

Porém, "ELES" não impedirão que Você dê ao BRASIL o que São Paulo já teve

elegendo **JÂNIO**

ANEXO IX: O Brasil não pode parar: Às professoras (ULTIMA HORA. 9 de setembro de 1960)

Professoras!

e a todos os que ensinam, da escola primária às universidades.



Tenho a mais profunda admiração por todos os que ensinam e, sentimentalmente, por todas as Professoras. Minha Mãe era Professora.

Desde pequeno comeci a admirar e a sentir toda a grandeza do apostolado de ensinar e mais tarde essa admiração se tornou maior, pelo conhecimento que tive e tenho dos sacrifícios que envolvem Professoras e Professores, de todos os graus de ensino. A constância, o esforço, a paciência e a ternura sempre renovada, incansavelmente, espargindo a luz sobre a inteligência das crianças, amando-as e ensinando-as a amar tudo o que é bom e é nobre e, acima de tudo, a este Brasil que é nosso e que tanto precisa das Professoras.

Porque minha Mãe foi Professora e minhas filhas o são, tenho ciência de quantas renúncias é tecida a sublime profissão de ensinar. Por isso posso afirmar que, em meu governo, minha principal Meta será a da EDUCAÇÃO, em todos os seus aspectos e mais aqueles que se referem às condições de vida, direitos e ordenados de todos os que lecionam e formam na primeira linha da batalha que travamos para tornar o Brasil mais rico e feliz para todos os seus filhos.



O Brasil precisa de mais professoras e mais bem pagas

Creio em Deus que o Povo me elegará Presidente da República. E, na Presidência da República, terei sempre presente, que sou filho de uma Professora.

O BRASIL NÃO PODE PARAR!

Para
PRESIDENTE
DA REPÚBLICA

Vote em

LOTT

ANEXO X: O Brasil não pode parar: aos funcionários públicos (ULTIMA HORA, 6 de setembro de 1960)

Funcionários PÚBLICOS!

Sois os únicos trabalhadores que não têm o direito de greve. Não me cabe discutir o assunto, mas posso, para mim, ter uma opinião a respeito, que vos é inteiramente favorável. Sei, também, quanto vos caluniam, numa generalização que engloba alguns faltosos e a maioria esmagadora de homens que se dedicam a um trabalho tenaz, diário, contínuo, anônimo. Porque, todas as organizações que trabalham, produzem e dinamizam esta Nação, passaram primeiro pelo vosso cuidado, para as habilitações legais, os meios e os recursos de como funcionarem, entrosando-as na coletividade e com o Estado. Cada pessoa que vos procura, pensa exclusivamente no seu caso pessoal, no seu desejo de realizar imediatamente o que pretende, esquecida de que o mesmo pretendem milhares, em outros ramos e setores, e que vós atendeis com a mesma paciência e boa vontade. Mas cada um só vê os próprios interesses, querendo passar por cima, despachar logo, irritando-se com as formalidades de leis que não foram criadas por vós. E vêm as calúnias, o desaprêço, o mau juízo, as injúrias. Compreendo tudo isso e vos faço justiça, afirmando-vos que não me servirei da publicidade barata de perseguir funcionários públicos, com vassouradas publicitárias de demissões em massa, lançando ao desespêro milhares de pais de família, para obter efeitos demagógicos de uma honestidade somente apreçada, que soa no bronze das consciências no tom inconfundivelmente falso dos falsários. Depois, em vosso lugar, nomeiam a enxurrada dos amigos e dos spaniguados e, para cobertura de seus desmandos, dirigem o Povo contra vossa classe, para assim se justificarem. Cuidarei de vossos direitos e de vossas aspirações coletivas por que serei no governo, apenas um vosso colega, o primeiro funcionário público do Brasil, para o servir e ao seu Povo.

Para
PRESIDENTE
DA REPÚBLICA

Vote em
LOTT

O BRASIL NÃO PODE PARAR!

Donas de casa!

Sou um velho soldado e vos parecerá estranho que vos admire tanto. E é simples: minha mãe era dona de casa e eu assisti à sua luta e a ajudei. Pelo exemplo de minha Mãe e de minha própria Espôsa e de tantas donas de casa que conheço, sei avaliar a tarefa sublime que cumpris. É um trabalho silencioso e contínuo que raros sabem apreciar em toda a sua grandeza. Um trabalho que aparentemente não se vê, esmagado, humilde, diário, exaustivo, sempre o mesmo, mas, que se falta, todos logo sentem e se lastimam. Os homens chegam à noite e mal o percebem em todas as suas minúcias, em todas as suas renúncias. Tudo o que eles fazem, logo aparece. O que as donas de casa fazem, é muito mais, encoberto sempre no véu discreto do cotidiano que, se nos falta, avulta logo em toda a sua grandeza, transformando tudo numa balbúrdia onde os nervos mais sólidos, muitas vezes, sucumbem e se descontrolam. A vida nos é calma e feliz, à custa da calma e, às vezes, da própria felicidade das donas de casa. Em meu governo, podeis ter a certeza de que farei tudo para tornar a vossa tarefa mais fácil e agradável, porque tenho a preocupação do humano e sei que, governar, é realizar, com todos os meios ao nosso alcance, as aspirações da maioria maciça do Povo, criando condições de riqueza e bem estar para todos, melhores ordenados, assistência social, escolas, vida mais barata, pois assim conseguirei tornar mais felizes milhões de criaturas. E esta é uma tarefa que me alegria o coração e me dá forças para vencer todos os obstáculos, podeis ter a certeza.

**Para
PRESIDENTE
DA REPÚBLICA**

Votem em

LOTT

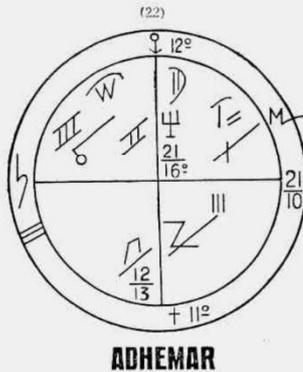
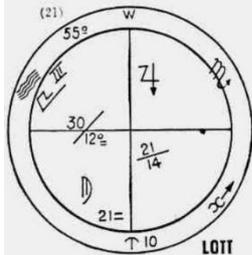
BRASIL NÃO PODE PARAR!



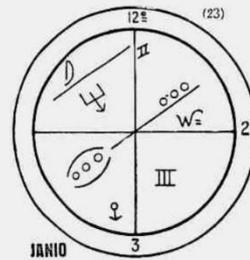
Em análise astrológica científica realizada pelo Professor Cabalis em 20 de Agosto de 1960, às 22 horas - ano de Capricórnio - relativa à posição dos 3 Candidatos à Presidência da República, concluiu o famoso astrólogo pela vitória de Adhemar de Barros e a sua posse em seguida ao pleito "ao mais alto Cargo da Nação."

FAMOSO PROFESSOR CABALIS PREDIZ VITÓRIA DE ADHEMAR

Análise Astrológica científica, realizada pelo Prof. Cabalis, em 20 de Agosto de 1960, às 22 horas, ano de Capricórnio, relativa à posição dos três candidatos disputantes à Presidência da República a 3 de Outubro próximo futuro. Iniciando pela fig.



21 do Marechal Lott, verifica-se das observações astrológicas a posição desse candidato, consiste de uma luta quase vitoriosa, não fora a magnificência da situação astral privilegiada em que se encontra o seu mais oponente adversário nesse pleito.



Deixamos propositalmente de estabelecer-mos de início o paralelo com o Sr. Janio da Silva Quadros em virtude da disputa renhida entre os candidatos Lott e Adhemar, se constituir no principal tópico desta análise. Não deixarei, no entanto, também, de apresentar no epílogo, a análise astral negativa do ex-governador de São Paulo, no perigo negro que o mesmo atravessa perante as posições em que se encontram os astros favoráveis e desfavoráveis por mim observados. Para maiores esclarecimentos, transcrevo o que diz o horóscopo de cada candidato.

O signo regente retrógrado na décima casa, em oposição - com o Sol e a Caída do Dragão, indica que Lott atravessa a fase sem evolução. Sagitário, cujo regente ocupa Escorpião, denota os inúteis esforços do candidato nesse pleito. Trata-se de um tema que neste ano, afirma sua posição como militar. A lua, que dá popularidade, oferece precários rendimentos na campanha eleitoral, confirmados pela quadratura de Marte e Mercúrio, que se acham na terceira casa, mostrando pouca simpatia das massas à causa do Gal. Lott.

Cabalis

O signo regente retrógrado da figura 22: Repare primeiro em Saturno da duodécima casa, assinalando o laborioso esforço espiritual de Adhemar. O Sol da undécima casa dá ajuda de círculos secretos e esclarece a razão da verdade. Marte e Escorpião, na sétima casa, indicam as disputas contra aqueles que deixaram de mostrar o caminho certo, cuja massa popular deve seguir, dando verdadeiro entusiasmo à Adhemar para uma nova guerra contra tudo que vem funcionando erradamente.

Neptuno, em signo Mercúrio na primeira casa, concretiza as inclinações de Adhemar com métodos diferentes para derrotar o inimigo. O regente Venus, na undécima casa, favorece o êxito das aspirações do candidato, através de árduo labor. Nota-se ainda a lua elevada no meio do céu que assinala bastante popularidade de Adhemar, eloquência e força de expressão. Finalmente Marte na sétima casa dá vitória e em seguida posse ao candidato ao mais alto cargo da nação.

O signo regente retrógrado da fig. 23, na primeira casa dá fortes inclinações para a mediunidade e o cristianismo. Neptuno, em trigônio com Marte, retifica que a mediunidade de Janio é negativa, pois ambos os planetas estão em signo diurno. Urano, na oitava casa, predispõe o candidato ao contato com coisas negativas, impossíveis e fabulosas. Ainda por cima, ocupa o signo de pices, consequentemente negativo. O Sol, em aquário, predispõe Janio a métodos de tratamento pouco comuns. Está bem visível Saturno na terceira casa, afligindo Júpiter, Mercúrio e Venus com quadratura na sexta casa, confirmando as disposições do candidato com pouco êxito. Neptuno, na primeira casa, e a lua afastada do meio do céu, indicam que o candidato está predisposto à atividade sem rendimento algum nesse pleito.

ANEXO XIV: Quanto mede o brasileiro (Correio da manhã, 21 de agosto de 1960)

QUANTO MEDE O HOMEM DO BRASIL

A estatura física nada é diante da estatura moral. Mente sã em corpo sã é o objetivo dos povos que atingem as raízes da maioridade política. O homem do Brasil tem sido o abandonado dos governos. Tem sido diminuído, enquanto crescem as cifras negativas que bitolam sua capacidade produtiva. Seu drama é o drama do prato vazio, das doenças endêmicas, da agricultura escravizante, das leis neutralizantes de sua evolução natural, do analfabetismo e da desintegração econômica. Estas têm sido as obras do Governo que o homem elegeu. Esta é a triste medida do homem brasileiro. Esta é a medida que precisamos alçar a um novo estágio. Só assim romperemos com as barreiras do sub-desenvolvimento.

O HOMEM É A MEDIDA DE TÓDAS AS COISAS
A medida do homem não é a sua capacidade de sofrer. A medida do homem é a sua capacidade de produzir, prosperar e ser feliz. E um povo só é de fato grande, quando tem no homem a medida de sua estatura. Esta é a medida da prosperidade da Pátria. Com um Governo nosso abriremos os caminhos da prosperidade do homem e do Brasil.

Com um Governo nosso daremos um passo seguro para a frente e para o alto. Este Governo será o Governo de **ADHEMAR DE BARROS**. Ele fará pelo Brasil o que fez por São Paulo: **ADHEMAR** é a solução. Por isto, estamos certos de que, desta vez, vamos, com o seu voto.

A marcha de mil quilômetros começa por um passo:

Para Presidente da República vote em
ADHEMAR de BARROS